



Abelhas

e

Trovoada

ao Longe

Riku Onda

Mais de 1,5 milhões de exemplares vendidos

VENCEDOR

Prémio Naoki

Prémio dos Livreiros
Japoneses



Riku Onda

**ABELHAS
E TROVOADA
AO LONGE**

Mitsubachi To Enrai

Traduzido do inglês por
Carmo Vasconcelos Romão

Ficha Técnica

Título: Abelhas e Trovoada ao Longe
Título original: Mitsubachi To Enrai
Autor: Riku Onda
Revisão: Helena Gatinho
Capa: Faceout Studio, Spencer Fuller
Adaptação de capa: Fabio Brust / Memento Editorial
Imagens da capa: Shutterstock
ISBN: 9789892359021

LUA DE PAPEL

[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

Copyright © Riku Onda, 2016

Todos os direitos reservados.

Publicado inicialmente com o título Mitsubachi to Enrai por Gentosha Inc. Publishers.

Tradução inglesa ©Philip Gabriel, 2023

Direitos de tradução inglesa acordados entre Gentosha Inc. e Japan UNI Agency Inc. Tóquio.

Publicado com o título Honeybees and Distant Thunder em 2023 por Doubleday, uma chancela de Transworld Publishers Ltd., Penguin Random House Group.

Tradução portuguesa © Lua de Papel, Edições Asa II, 2023

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leya.pt

www.luadepapel.leya.com

www.leya.com



Índice

Capa

Ficha Técnica

Sexto Concurso Internacional de Piano de Yoshigae Lista de Peças Aprovadas

Entrada

Tema

Prelúdio

Noturno

Tremolo

Canção de Embalar

O Rufar do Tambor

Um Dó Li Tá

O Cravo Bem Temperado, Livro 1, Prelúdio N.º 1

O Tema Rocky

Primeira Eliminatória

There's No Business Like Show Business

Balada

Interlúdio

Nasceu uma Estrela

É Apenas Uma Ilusão

Coro de Aleluia

You'd Be So Nice to Come Home To

Romança

Ode à Alegria

Segunda Eliminatória (Primeira Parte)

O Aprendiz de Feiticeiro

Primavera e Asura

Rondo Capriccioso

Uma Imagem Sonora

A Cavalgada das Valquírias

Amor

Segunda Eliminatória (Segunda Parte)

Clair de Lune

Over the Rainbow

Ritual de Primavera

Fogo-Fátuo

Céu e Inferno

Terceira Eliminatória

Intervalo

[Promenade](#)
[Sonata em Si Menor](#)
[Um Baile de Máscaras](#)
[Quero-te](#)
[A Ilha da Alegria](#)
[Batalha sem Honra ou Humanidade](#)

A Final

[Ensaios com Orquestra](#)
[Dias Febris](#)
[Saudação de Amor](#)
[Música](#)

Resultados do Sexto Concurso Internacional de Piano de Yoshigae

Pequeno Glossário

SEXTO CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO DE YOSHIGAE LISTA DE PEÇAS APROVADAS

Primeira Eliminatória

1. Uma seleção de *O Cravo Bem Temperado* de J. S. Bach.
Nota: As fugas têm de incluir três vozes ou mais.
2. O primeiro movimento de uma sonata de Haydn, Mozart ou Beethoven, ou vários movimentos incluindo o primeiro.
3. Uma peça da obra de um compositor romântico.

O tempo de apresentação não deve exceder os vinte minutos.

Segunda Eliminatória

1. Dois estudos dos seguintes compositores: Chopin, Liszt, Debussy, Scriabin, Rachmaninoff, Bartók, Stravinsky. Os estudos devem ser de compositores diferentes.
2. Uma peça ou mais de um dos seguintes compositores: Schubert, Mendelssohn, Chopin, Schumann, Liszt, Brahms, Franck, Fauré, Debussy, Ravel, Stravinsky.
3. A peça *Spring and Ashura* de Tadaaki Hishinuma, encomendada especialmente para o Concurso Internacional de Piano de Yoshigae.

Os candidatos não podem repetir nenhuma das peças apresentadas na primeira eliminatória.

O tempo de apresentação não deve exceder os quarenta minutos.

Terceira Eliminatória

Limite de tempo de sessenta minutos: os candidatos podem criar o seu próprio recital.

Não é permitido repetir nenhuma das peças que tenham tocado na primeira eliminatória ou na segunda.

Final

Orquestra: Shintobu Philharmonic
Maestro: Masayuki Onodera

Os candidatos devem escolher um concerto da seguinte lista, que irão tocar acompanhados pela orquestra Shintobu Philharmonic.

Beethoven:

Concerto N.º 1 em Dó maior, Op. 15
Concerto N.º 2 em Si bemol maior, Op. 19
Concerto N.º 3 em Dó menor, Op. 37
Concerto N.º 4 em Sol maior, Op. 58
Concerto N.º 5 em Mi bemol maior, Op. 73

Chopin:

Concerto N.º 1 em Mi menor, Op. 1
Concerto N.º 2 em Fá menor, Op. 21

Schumann:

Concerto em Lá menor, Op. 54

Liszt:

Concerto N.º 1 em Mi bemol maior
Concerto N.º 2 em Lá maior

Brahms:

Concerto N.º 1 em Ré menor, Op.15
Concerto N.º 2 em Si bemol maior, Op. 83

Saint-Saëns:

Concerto N.º 2 em Sol menor, Op. 22
Concerto N.º 4 em Dó menor, Op. 44
Concerto N.º 5 em Fá maior, Op. 103 (Egípcio)

Tchaikovsky:

Concerto N.º 1 em Si bemol maior, Op. 23

Grieg:

Concerto em Lá menor, Op. 16

Rachmaninoff:

Concerto N.º 1 em Fá sustenido menor, Op.1
Concerto N.º 2 em Dó menor, Op. 18
Concerto N.º 3 em Ré Menor, Op.30
Rapsódia sobre um tema de Paganini, Op. 43

Ravel:

Concerto N.º 1 em Sol maior

Concerto para a mão esquerda

Bartók:

Concerto N.º 2

Concerto N.º 3

Prokofiev:

Concerto N.º 2 em Sol menor, Op. 16

Concerto N.º 3 em Ré Menor, Op. 30

JIN KAZAMA

Eliminatória 1

Bach: O Cravo Bem Temperado, *Prelúdio e Fuga n.º 1*, Volume I, em Dó maior
Mozart: Piano Sonata N.º 12 em Fá maior, K.332, 1.º Mov.
Balakirev: *Ismael – Fantasia Oriental*

Eliminatória 2

Debussy: 12 Estudos, Estudo 1 para os cinco dedos, *Segundo Monsieur Czerny*
Bartók: *Mikrokosmos* Volume 6, *Seis Danças no Ritmo Búlgaro*
Tadaaki Hishinuma: *Primavera e Ashura*
Liszt: *Duas Lendas*, N.º 1, *São Francisco de Assis Pregando aos Pássaros*
Chopin: Scherzo N.º 3 em Dó sustenido menor

Eliminatória 3

Satie: *Je te veux* (Quero-te)
Mendelssohn: *Canções sem Palavras (Lieder ohne Worte)*, *Canção Primavera* em Lá maior, Op. 62, N.º 6
Brahms: Capricho em Si menor, Op. 76, N.º 2
Debussy: *Estampes (Gravuras)*
Ravel: *Espelhos*
Chopin: Improviso N.º 39 em Sol bemol maior, Op. 51
Saint-Saens / Jin Kazama: *Africa: Fantasia para Piano e Orquestra*, Op. 89

Final

Bartók: Concerto para Piano N.º 3

AYA EIDEN

Eliminatória 1

Bach: *O Cravo Bem Temperado*, Volume I, Prelúdio N.º 5 em Ré maior
Beethoven: Sonata para Piano N.º 26, *Les Adieux*, em Mi bemol Maior, 1.º Mov.
Liszt: *Valsa Mefistófeles* N.º 1, *Dança na Estalagem da Aldeia*

Eliminatória 2

Rachmaninoff: Estudos-Quadro Op. 39, N.º 5, Appassionato em Mi bemol menor

Liszt: Estudos Transcendentais N.º 5, *Fogos-Fátuos*

Tadaaki Hishinuma: *Primavera e Ashura*

Ravel: *Sonatina*

Mendelssohn: *Variations Sérieuses*

Eliminatória 3

Chopin: Balada N.º 1 em Sol menor, Op. 23

Schumann: *Novelletten* Op. 21, N.º 2 em Ré maior

Brahms: Sonata para Piano N.º 3 em Fá menor, Op. 5

Debussy: *L'isle Joyeuse (A Ilha Feliz)*

Final

Prokofiev: Concerto para Piano N.º 2

MASARU CARLOS LEVI ANATOLE

Eliminatória 1

Bach: *O Cravo Bem Temperado*, Volume I, Prelúdio N.º 6 em Ré menor

Mozart: Sonata para Piano N.º 13 em Si bemol maior K.333, 1.º Mov.

Liszt: *Valsa Mefistófeles* N.º 1, *Dança na Estalagem da Aldeia*

Eliminatória 2

Tadaaki Hishinuma: *Primavera e Ashura*

Rachmaninoff: *Estudos-Quadro*, Op. 39, N.º 6 Allegro em Lá menor

Debussy: 12 Estudos, Estudo N.º 5, *Para as oitavas*

Brahms: *Variações sobre um Tema de Paganini* Op. 35

Eliminatória 3

Bartók: Sonata para Piano Sz. 80

Sibelius: *Cinco Peças Românticas*

Liszt: Sonata para Piano em Si menor, S.178

Chopin: Valsa N.º 14 em Mi menor

Final

Prokofiev: Concerto para Piano N.º 3

AKASHI TAKASHIMA

Eliminatória 1

Bach: *O Cravo Bem Temperado*, Volume I, Prelúdio N.º 2 em Dó menor

Beethoven: Sonata para Piano N.º 3 em Dó maior, Op. 2–3, 1.º Mov.

Chopin: Balada N.º 2 em Fá maior, Op. 38

Eliminatória 2

Tadaaki Hishinuma: *Primavera e Ashura*

Chopin: Estudo Op. 10, N.º 5, *Teclas Pretas*

Liszt: Grandes Estudos de Paganini, S.141 N.º 6, Variações sobre o tema

Schumann: *Arabesco* em Dó maior, Op. 18

Stravinsky: Três Movimentos *de Petrushka*

Eliminatória 3

Fauré: Valse-Caprice N.º 1 em Lá maior, Op. 30

Ravel: *Jeux d'eau (Jogos de Água)*

Liszt: Balada N.º 2 em Si menor, S.171

Schumann: *Kreisleriana*

Final

Chopin: Concerto para Piano N.º 1



Entrada

Tema

De quando era aquela recordação? Não tenho a certeza.

Tinha aprendido a andar havia pouco, como tal ainda não teria dois anos. Disso estou certo.

Ao longe o sol brilhava cobrindo o mundo com a sua luz – frio, calmo, inextinguível.

Nesse tempo, o mundo parecia-me luminoso, infinito, trémulo e vacilante, um local sublime, porém terrível para se estar.

Havia uma fragrância leve e doce, misturada com o cheiro intenso da folhagem encontrada apenas na natureza.

O vento soprava suave.

O meu corpo envolvia-se num sussurro, ameno e refrescante.

Não sabia ainda que se tratava do murmúrio das folhas das árvores ao roçarem umas nas outras.

Mas havia algo mais.

Via no ar uma forma densa e animada, em constante metamorfose, tornando-se mais pequena e depois maior, sempre a mudar.

Ainda nem sabia dizer *mamã* ou *papá*, contudo procurava já uma maneira de expressar alguma coisa.

As palavras estavam na minha garganta, aí mesmo.

Mas antes outro som começou a surgir e a captar a minha atenção.

Como um súbito aguaceiro.

Poderoso e brilhante.

Algo se agitava – uma onda, uma vibração.

Enquanto escutava, cativado, senti o meu ser imerso e uma calma instalada no meu coração.

Se conseguisse experimentar de novo esse momento, descrevê-lo-ia como o som surpreendente de um enxame de abelhas a zumbir no topo de uma montanha.

Uma música sublime, magistral, que enchia o mundo!

Prelúdio

Sobressaltado, o jovem voltou-se no cruzamento.

Mas não devido ao carro que buzinará.

Estava no centro de uma importante metrópole.

O centro urbano cosmopolita da Europa, o primeiro destino turístico do mundo.

Os transeuntes eram de todas as nacionalidades, formas e tamanhos. Um mosaico de raças diferentes a encher os passeios, uma mistura de línguas a crescer e a desvanecer-se como pequenas ondas.

Este rapaz, que ao parar subitamente, interrompera as ondas de transeuntes que o rodeavam, era de constituição média, mas dava a impressão de que em breve se desenvolveria. Parecia ter catorze anos, talvez quinze, e aparentava a imagem da inocência juvenil.

Usava um boné, calças de algodão, uma t-shirt caqui e também um casaco leve, de cor bege. Trazia a tiracolo um enorme saco de lona. À primeira vista, parecia um típico adolescente, mas havia nele algo de estranhamente livre e simples.

Tinha um atraente rosto asiático debaixo do boné, mas os seus olhos extraordinários e pele branca faziam-no parecer apátrida.

Esquecido do trânsito, erguia os olhos calmos, fixando-os num ponto.

Um rapazito louro, que passava com a mãe, seguiu-lhe o olhar, até a mãe o puxar pela mão para o outro lado da passadeira. O menino olhou ansiosamente para o adolescente de boné castanho, antes de decidir seguir docilmente a mãe.

O jovem que se mantinha imóvel no meio da passadeira, apercebeu-se por fim de que o semáforo mudara e atravessou rapidamente.

Não havia dúvida de que ouvira algo.

Ao ajustar o saco junto ao peito, lembrou-se do som que escutara no cruzamento.

O zumbir de abelhas.

Um som que conhecia desde criança, um som que nunca poderia confundir.

Teriam por acaso voado do Hôtel de Ville?

Olhou em volta, investigando e, quando avistou um grande relógio no canto, apercebeu-se de que era tarde.

Tenho de manter a minha promessa, disse para consigo.

O jovem enterrou o boné na cabeça e partiu apressadamente, com um passo ágil e flexível.

*

Mieko Saga estava habituada a ser paciente, mas apercebeu-se sobressaltada de que estava prestes a adormecer.

Olhou à sua volta, sem saber bem onde se encontrava, mas quando avistou um piano de cauda com uma jovem a tocar, soube que devia estar em Paris.

A experiência ensinara-a a não se endireitar de repente e olhar em volta. Se o fizesse as pessoas sabiam que, de certeza, estivera a dormir. O truque era levar suavemente a mão à têmpora, como se estivesse a escutar atentamente, e ajeitar-se um pouco na cadeira, fingindo estar cansada de manter a posição durante tanto tempo.

Mas não era apenas Mieko que tinha dificuldade em se manter acordada. Tinha a certeza de que os outros professores estariam a sentir exatamente o mesmo. Alan Simon, a seu lado, era um fumador inveterado e, passar tanto tempo sem a nicotina, enquanto escutava desempenhos tão espantosamente entediantes, devia deixá-lo louco. Decerto, muito em breve os seus dedos começariam a tremer.

Do outro lado sabia que Sergei Smirnoff, com ar azedo, teria encostado o seu corpo enorme à mesa, sem mover um músculo mas a pensar quando tudo aquilo terminaria para poder ir até ao bar beber uma vodca.

Mieko acompanhava-os em tudo aquilo. Adorava música, mas também a vida e todos os seus prazeres – cigarros e álcool incluídos. Queria apenas libertar-se daquele doloroso julgamento para juntos poderem ir beber um copo e trocar mexericos.

As audições realizavam-se em cinco cidades à volta do mundo: Moscovo, Paris, Milão, Nova Iorque e na cidade japonesa de Yoshigae.

Exceto em Yoshigae, todas as audições se realizavam nas salas de concerto de famosas escolas de música.

Mieko estava ciente de que haveria queixas por ela e os outros dois membros do júri terem sido selecionados para as audições de Paris e, de facto, todos tinham arranjado estratagemas para garantir que seriam os três a supervisionar as audições. Eram considerados os *bad boys* do grupo de membros dos júris, gostavam de um copo e estavam sempre prontos a fazer uma crítica mordaz.

Porém, todos se orgulhavam do seu ouvido para a música. Talvez o seu comportamento não fosse o melhor, mas tinham criado a reputação de descobrir quem era original. Só eles eram capazes de descobrir um nome brilhante entre os que haviam sido inicialmente recusados. Estavam certos disso.

Mas até eles começavam a perder a concentração.

A princípio houvera dois ou três pianistas que pareciam prometedores, mas os desempenhos seguintes tinham reduzido a nada as esperanças de Mieko.

O que procuravam era uma *estrela*.

Havia ao todo vinte e cinco candidatos. Iam agora no número quinze e faltavam ainda dez. Ela começava a sentir-se um pouco fraca. Foi nesse momento que o mesmo pensamento lhe cruzou a mente: ser membro de um júri era uma nova forma de tortura.

De tanto escutar infundáveis interpretações de Bach, Mozart, Chopin, Bach, Mozart, Beethoven, sentia-se a desfalecer.

Assim que um pianista começava a tocar, ela sabia se ele tinha uma centelha especial. Alguns dos seus colegas gabavam-se do mesmo, mas mal o executante subia ao palco. De facto, havia jovens pianistas que tinham uma aura e, mesmo que não tivessem, era fácil discernir nos primeiros minutos a qualidade do seu desempenho. Dormitar era indelicado e insensível, mas se o executante não era capaz de prender o interesse de um membro do júri que desenvolvera uma capacidade extra de resistência, esse pianista não tinha esperança de alguma vez criar uma ligação com os comuns apreciadores de música.

Afinal, os milagres não acontecem.

Mieko tinha a certeza de que os outros dois pensavam o mesmo.

O Concurso Internacional de Piano de Yoshigae realizava-se de três em três anos e esse ano era a sexta vez que teria lugar. Nos últimos anos, a reputação do Concurso de Yoshigae aumentara. Os vencedores começavam a obter prêmios em concursos mais famosos. Yoshigae rapidamente ganhara fama de ser o evento do talento emergente.

O vencedor do último Yoshigae falhara a primeira triagem das candidaturas. Como tal, havia naturalmente grandes esperanças acerca daquelas audições, pois os participantes estavam cientes da história da Cinderela do concurso anterior.

Mas até esse vencedor viera de uma famosa escola de música e apenas fora inicialmente recusado por ser demasiado jovem para ter adquirido a experiência requerida noutros concursos. Na realidade, raras vezes havia grande diferença entre a triagem das candidaturas e a verdadeira capacidade do pianista. Quem se tivesse distinguido desde uma idade muito jovem devido a prática diligente, e por ter estudado com um professor de nomeada, chegaria à fama. A verdade era que quem não conseguisse lidar com esse tipo de vida nunca viria a ser um pianista famoso. Um desconhecido que aparecesse sem se saber de onde nunca seria uma estrela. De vez em quando surgia um aluno magnífico de um decano da cena musical, mas o tratamento privilegiado apenas dificultava a sua saída do ninho. Um pianista de concerto tinha de ter nervos de aço. A pressão de vários concursos exigia uma enorme força física e mental e, sem essas qualidades, ninguém podia sobreviver às esgotantes digressões de um concertista profissional.

Mesmo assim, dezenas aparentemente intermináveis de jovens esperançados apareciam a tocar piano.

Ter uma boa técnica era o requisito mínimo. Mas isso não oferecia garantias de poderem vir a ser verdadeiros músicos. Nem o tornarem-se profissionais significava que a carreira durasse. Quantas horas infindáveis não tinham passado a mourejar sobre as teclas da boca daquele terrível monstro negro, renunciando aos prazeres da infância, arcando com as esperanças e expectativas dos pais? Sonhando, todos eles, serem um dia agraciados com uma chuva de ensurdecadores aplausos.

“A tua profissão e a minha têm muito em comum”.

Mieko recordou as palavras de Mayumi.

Mayumi Ikai era uma amiga da escola secundária, agora uma popular autora de policiais. Tendo crescido principalmente no estrangeiro, Mieko passara apenas quatro anos da sua infância no Japão e Mayumi era uma das suas poucas amigas. A carreira de diplomata do pai obrigara Mieko a andar entre a Europa e a América do Sul, por isso não se adaptava bem ao Japão, onde a homogeneidade era valorizada acima de tudo. Apenas fizera amizades próximas com outros solitários como Mayumi. Agora ainda se encontravam para tomar um copo de vez em quando e Mayumi fazia sempre a comparação entre os mundos da literatura e da música clássica.

— São tão parecidos, não são? — perguntou uma ocasião. — Tu tens demasiados concursos de piano e há demasiados prémios literários para os novos autores. Vês as mesmas pessoas candidatarem-se sempre aos concursos de piano, para conseguirem prestígio e o mesmo é verdade para todos os prémios literários. Em ambos os campos, apenas uma meia dúzia de indivíduos consegue viver disso. Há milhentos escritores que querem que o público leia os seus livros, milhentos pianistas que querem que o público os oiça, mas ambos os campos estão em declínio, o número de leitores e de frequentadores de concertos encolhe gradualmente.

Mieko forçou um sorriso. Em todo o mundo, os admiradores da música clássica estavam de facto a envelhecer e a tarefa assustadoramente difícil da profissão era atrair o público mais jovem.

Mayumi continuou.

— Há também toda aquela dedicação aos teclados e o facto de ambas as profissões serem aparentemente elegantes. As outras pessoas apenas vêm o produto final, o pianista refinado, mas para lá chegar temos de passar inúmeras horas escondidos e em silêncio.

— É verdade — concordou Mieko. — Ambas passamos horas a bater nos respetivos teclados.

— Por tudo isso — afirmou Mayumi —, ambas as profissões têm de expandir constantemente os seus horizontes e trazer um fluxo firme de sangue novo, ou corremos o risco de ficar sem líderes. O bolo também encolhe. É por isso que todos procuram uma cara nova.

— Mas o custo é diferente — contrapôs Mieko. — Não precisas de capital para escrever romances, mas sabes quanto nós, os músicos, investimos?

Mayumi mostrou-se solidária. Anuiu e começou a eliminar os custos pelos dedos.

– Temos o preço do instrumento, das partituras, das lições. Despesas com os recitais, flores, roupa. Despesas de viagem, se estudares no estrangeiro. E... que mais?

– Em alguns casos é necessário pagar a ocupação da sala de concertos e as despesas da produção. Se por acaso gravarmos um CD, é necessário pagarmos os custos. E há também os dos folhetos e da publicidade.

– Não é uma profissão para gente pobre – Mayumi estremeceu e Mieko sorriu.

– Mas há uma parte importante em que que vocês são melhor do que nós, os autores – disse Mayumi. – A música é entendida em todo o mundo. Não existe a barreira da língua. Todos podem partilhar as mesmas emoções. Nós, autores, temos a barreira da língua e tenho tanta inveja dos músicos e dessa universalidade da língua e da emoção.

– Tens razão – disse Mieko e encolheu os ombros. Não era uma coisa que se pudesse explicar por palavras. Raras vezes se conseguiam lucros do tempo investido, contudo, uma vez que se experimentava esse *momento especial*, sentia-se uma espécie de alegria que apagava todas as dificuldades ultrapassadas para chegar a ele.

Cada um de nós anda em busca do mesmo – a ânsia, a sede do momento mágico.

Faltavam cinco dossiês.

Mais cinco pianistas.

Mieko começara a ter em consideração quais, entre os executantes, ia permitir que fossem admitidos. Baseada no que ouvira, apenas se sentia à vontade para deixar passar um. E havia outro que, se os outros membros do júri recomendassem, poderia também passar. Mais ninguém atingia o nível que ela procurava.

Chegada a esse ponto, a questão da ordem dos candidatos desconcertava-a sempre. A princípio, podia pensar que um pianista fizera um bom trabalho, mas seria de facto verdade? Se ouvisse o mesmo desempenho pela segunda vez, sentiria o mesmo? Nas audições e concursos, a ordem era o destino e tinha uma influência profunda, e embora tentasse fazer uma nítida distinção entre ordem e capacidade, aquilo incomodava-a.

Até ali, tinha havido dois candidatos japoneses, ambos estudantes do Conservatório ali em Paris e ambos com uma excelente técnica. Não se

importaria de passar um deles se os outros dois membros do júri fossem da mesma opinião, mas infelizmente o outro executante não a impressionou. Quando o nível técnico era tão elevado, o que restava para fazer a distinção entre os candidatos era um inefável *não sei quê* que puxava por ela, que a agarrava na forma como tocavam. Os pianistas com uma técnica admirável ou uma individualidade óbvia e atraente eram uma coisa, mas só uma linha muito fina separava os que eram admitidos dos que o não eram. Candidatos em que se fica a pensar, que causam alguma agitação, de quem não é possível desviar o olhar. Quando hesitava, confiava nessas sensações vagas e impossíveis de exprimir. Os critérios de Mieko resumiam-se a isto: queria ou não ouvir aquele pianista?

Ao abrir o dossiê seguinte, o nome chamou-lhe a atenção.

Jin Kazama.

Mieko tinha como regra ignorar o máximo do passado dos executantes antes do concurso.

Mas não pôde deixar de examinar o dossiê.

Os documentos estavam em francês, por isso não fazia ideia dos caracteres usados para escrever o nome dele, mas parecia ser japonês. A fotografia que acompanhava o currículo mostrava um jovem que parecia ao mesmo tempo refinado e um pouco estouvado. Tinha dezasseis anos.

Chamou-lhe a atenção o currículo não ter quase nada. Nem elementos académicos, nem experiência em concursos. Nada. Frequentara a escola primária no Japão, mas depois mudara-se para França. Foi tudo o que pôde recolher do CV.

Não era assim tão invulgar não ter frequentado uma escola superior de música. No mundo da música, onde os meninos-prodígios eram aos montes, muitos dos que começavam em criança não iam para uma escola superior de música; de facto, havia muitos casos em que apenas a frequentavam já adultos para conseguirem as bases teóricas que enriqueceriam o seu desempenho. A própria Mieko seguira este último padrão, obtendo o primeiro e o segundo lugares em dois concursos internacionais enquanto adolescente – fora vista como um génio promissor – e só depois frequentara a escola superior.

Mas, segundo este currículo, não havia qualquer prova de que Jin Kazama tivesse atuado onde quer que fosse. Dizia apenas que atualmente era auditor especial no Conservatoire National Supérieur de Musique et de

Danse em Paris. *Auditor especial ou “aluno ouvinte”*? Existiria mesmo uma coisa dessas?

Mieko dava voltas à cabeça. O rapaz passara de facto a fase escrita da candidatura e faria uma audição no Conservatório. Achava difícil que aquilo fosse inventado.

Porém, quando olhou para o fundo do documento, debaixo da coluna que mostrava sob que orientador estudara, compreendeu a razão de ele ter sido admitido, apesar daquele currículo de anedota.

Subitamente, sentiu um calor enorme invadir-lhe o corpo.

Não pode ser verdade, pensou, abanando a cabeça.

Desde o princípio que vira aquela parte do currículo, mas provavelmente teria fingido deliberadamente não reparar.

Estudou sob orientação de Yuji Von Hoffmann desde os cinco anos.

Sentiu o coração acelerado – e o sangue correr-lhe veloz pelas veias.

Mieko não entendia por que razão aquilo a perturbara tanto e esse facto ainda a perturbava mais.

Aquela frase simples era tão importante que lhe dava a conhecer o porquê de o dossiê não ter sido rejeitado na primeira triagem das candidaturas escritas. Contudo, o rapaz não tinha qualquer experiência de interpretação e não frequentava uma escola de música. Tanto quanto se apercebia, o miúdo não era nem carne nem peixe.

Mieko morria por ir falar com os outros membros do júri, mas conseguiu suprimir o impulso. Se por um lado ela ignorava geralmente qualquer informação acerca do passado dos pianistas, Simon era do tipo dos que davam sempre uma vista de olhos e Smirnoff tinha como regra recolher o máximo possível de informação, de modo que ambos deveriam ter reparado naquilo. A acrescentar à surpresa, a candidatura tinha um carimbo a indicar que havia uma carta de recomendação em anexo.

Uma carta de recomendação de Yuji Von Hoffmann! Os outros membros do júri deviam ter ficado surpreendidos.

Pensando bem, no jantar da noite anterior, Simon parecia estar em pulgas para lhe dizer qualquer coisa. Entre eles haviam imposto a regra de nunca discutir os candidatos. Mieko imaginava ainda a expressão dele enquanto escondia o que sem dúvida desejava ardentemente dizer.

Em determinada ocasião, Simon falara de Yuji Von Hoffmann, que morrera calmamente em fevereiro. O seu nome era lendário – altamente

respeitado por músicos e amantes da música em todo o mundo – mas, a seu pedido, tivera um funeral privado a que apenas tinham assistido parentes próximos.

Mas aquilo não terminou ali. Dois meses depois, para assinalar o seu falecimento, os músicos internacionais realizaram um enorme serviço fúnebre. Mieko tivera um recital e não pudera estar presente, embora mais tarde assistisse a tudo em vídeo.

Hoffmann não deixara testamento. Era próprio dele, pois não era o tipo de pessoa que se ligasse ao que quer que fosse, porém no seu serviço fúnebre o local estava cheio de gente por causa das últimas palavras que, segundo constava, Hoffmann dissera a um seu conhecido.

Deixei uma bomba pronta a explodir.

Uma bomba? perguntou Mieko. Hoffmann fora sempre visto como uma figura misteriosa, muito importante no mundo da música, mas na realidade tinha uma veia irreverente e maliciosa. Mesmo assim, Mieko não conseguia imaginar o que quisera ele dizer com aquelas palavras.

Depois de eu partir, explodirá. Uma bela bomba para o mundo.

A família de Hoffmann pedira-lhe que esclarecesse o significado das suas palavras, mas ele limitara-se a sorrir e nada mais dissera.

Mieko olhava impaciente para os documentos quase em branco.

Simon e Smirnoff teriam provavelmente lido a carta de recomendação de Hoffmann. O que teria ele escrito?

Estava tão enervada que levou algum tempo a aperceber-se da movimentação.

Ergueu os olhos e viu que o placó estava vazio. O pessoal da produção andava de um lado para o outro a limpar tudo.

Afinal Jin Kazama não ia aparecer?

Tinha de ser – havia algo de errado com o dossiê dele. E com a carta de recomendação. Antes de morrer, Hoffmann devia estar já muito fraco. E fora nesse estado debilitado que escrevera a carta.

– Acabámos de receber um telefonema do candidato seguinte, a dizer que ainda vai levar algum tempo e que chegará atrasado – disse um dos elementos da produção que se encontrava nos bastidores. Será o último a atuar hoje e os outros pianistas avançarão por ordem.

O público ficou em silêncio quando a pianista seguinte, uma jovem de vestido vermelho, se dirigiu ao palco, obviamente desconcertada com a

súbita mudança e uma expressão de pânico no olhar.

Caramba.

Mieko sentiu-se desapontada, mas, ao mesmo tempo, aliviada.

Jim Kazama. Que tipo de atuação seria a dele?

*

– Despache-se!

O rapaz chegara por fim à sala de audições, onde um empregado lhe rasgou o bilhete de entrada, e a seguir correu para o palco.

– Eu, bem, gostaria de lavar as mãos – pediu o rapaz a um dos colaboradores, que parecia pronto a agarrá-lo pelo pescoço e a atirá-lo diretamente para o palco, mas que lhe disse apenas:

– Muito bem, mas despache-se, sim? Precisa de mudar de roupa, não é verdade? Os camarins são ali.

– Mudar? – perguntou o rapaz parecendo não perceber. – Quer dizer que tenho de vestir outra coisa?

O homem deu uma olhadela ao rapaz.

Tornou bem claro que nem por sombras aquela roupa era apropriada para o palco. Estaria mesmo a pensar entrar vestido daquela forma? Geralmente os candidatos vestiam uma coisa formal, ou senão, pelo menos um casaco decente.

O rapaz parecia envergonhado.

– Desculpe... estive a ajudar o meu pai no trabalho e vim como estava. De qualquer forma, vou lavar as mãos.

Abriu as mãos e o colaborador olhou-o duas vezes. Tinha as palmas das mãos sujas de terra, como se tivesse andado a cavar no jardim.

– O que é que... – começou, mas o rapaz já seguira apressado em direção à casa de banho e desaparecera da vista.

O homem ficou a olhar para a porta dos lavabos.

Ter-se-ia o rapaz enganado na sala? Nunca tinha visto ninguém prestes a entrar para uma audição com as mãos sujas de terra.

Olhou para o bilhete de entrada, a pensar que seria para qualquer outro tipo de exame de certificação. Mas não havia engano possível. E a cara do rapaz coincidia com a da fotografia da candidatura.

O homem inclinou a cabeça espantado.

*

Quando viram o rapaz aparecer no palco, Mieko e os outros membros do júri foram apanhados de surpresa.

É uma criança.

Foi a palavra que lhe surgiu na mente.

Parecia totalmente deslocado, em parte devido ao cabelo despenteado e à roupa informal, uma t-shirt e calças de algodão, mas também à maneira como olhava fixamente em volta do palco. Havia jovens músicos que adotavam deliberadamente uma expressão punk, como que para provocar o austero mundo da música clássica, porém o jovem que tinha diante de si não era desse tipo. Parecia inteiramente natural e espontâneo.

Era um rapaz encantador. E tratava-se de um encanto completamente inconsciente do seu próprio atrativo, sem o menor vestígio de inibição. E a sua figura jovem e esguia, certa de crescer ainda mais, era também muito bela.

O rapaz estava ali, com uma expressão vaga.

Mieko cruzou o olhar com o dos outros membros do júri – estavam atrapalhados, sem saber o que dizer.

– É o último a tocar. Comece, por favor – disse Smirnoff, impaciente, ao microfone.

Tinham um micro preparado para comunicar com os executantes, mas Mieko apercebeu-se de que fora a primeira vez nesse dia que alguém o usara.

O rapaz endireitou-se.

– Lamento ter chegado tão atrasado. – Falou numa voz mais confiante e encantadora do que seria de esperar.

Baixando a cabeça com uma expressão de quem pede desculpa, voltou-se para enfrentar o piano de cauda. Era como se tivesse reparado nele pela primeira vez.

Um estranho sussurro percorreu a sala. Como um choque elétrico.

Mieko sentiu-o e reparou que os outros elementos do júri tinham tido a mesma sensação.

Os olhos do rapaz pareciam cintilar.

Estendeu a mão e dirigiu-se para o piano, quase como se se aproximasse de uma rapariga por quem se apaixonara à primeira vista.

Instalou-se graciosamente no banco diante do piano.

Os olhos do rapaz pareciam cheios de alegria, com uma expressão diferente da do momento antes, quando ficara ali, parecendo tão perdido.

Mieko sentiu-se como se testemunhasse algo que não devesse ver. Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

De que terei tanto medo? – perguntou a si própria

E esse medo intensificou-se no instante em que os dedos do rapaz tocaram nas primeiras teclas.

Mieko sentiu os cabelos em pé. Os dois membros do júri a seu lado, o pessoal da produção nos bastidores e todos na sala de concerto partilhavam do mesmo medo.

A atmosfera fora frouxa e vaga, mas com aquelas primeiras notas houve um despertar dramático.

O som era ... diferente. Completamente diferente.

Mieko nem reparou que a peça de Mozart que ele começara a tocar era a mesma que ela já tantas vezes ouvira nesse dia. O mesmo piano, a mesma partitura, e, contudo....

Naturalmente tivera antes este tipo de experiência em numerosas ocasiões, em que um pianista excepcional conseguira tocar no mesmo piano que os outros, mas produzir um som que mais ninguém conseguira.

Era verdade, mas aquele jovem...

Aquele som era feroz, assustador.

Confusa e profundamente comovida, Mieko apoderou-se avidamente do tom e do timbre da execução do jovem, inclinando-se inconscientemente para nada perder. Viu, pelo canto do olho, que os dedos de Simon tinham subitamente deixado de tremer.

O palco parecia luminoso.

O local em que o jovem comunicava com o piano (era a única maneira de o dizer) cintilava suavemente, e as cores pareciam ondular e fluir debaixo dos seus dedos.

Quando alguém toca a refinada música de Mozart, tenta o mais possível erguer-se a esse grau de elegância, abrindo muito os olhos, numa tentativa de exprimir pureza e inocência.

Mas este jovem não precisava de encenar qualquer tipo de espetáculo. Limitava-se a extrair a sua essência, mantendo-se relaxado e perfeitamente natural.

Na sua execução havia ao mesmo tempo uma abundância e também uma sugestão de reservas inexploradas. Percebia-se que aquilo não era absolutamente o seu melhor.

Antes que Mieko se apercebesse, já ele passara para Beethoven.

A cor luminosa da peça transformava-se em algo diferente, e o seu impulso e intenção num fluxo e refluxo de maré.

Mieko não conseguia expressá-lo exatamente, mas era como se esse vetor único, encontrado em Beethoven, se lançasse como uma flecha dos próprios dedos do rapaz e o som enchesse a sala de concertos.

E agora tocava Bach.

O que é isto? Pensou Mieko.

O rapaz tinha ligado ininterruptamente as três peças sem fazer uma pausa. Como que incapaz de conter a torrente uma vez libertada, passara para a peça seguinte, tão naturalmente como respirava.

O jovem controlava toda a sala, e a assistência entregava-se às notas que sobre ela se derramavam.

Um som poderoso, pensou Mieko vagamente.

Quem imaginaria que o piano – que resmungara vagamente até àquele momento – podia emitir um som tão admirável?

As enormes mãos do rapaz dançavam sobre as teclas, à vontade, descontraídas.

A música de Bach parecia um edifício sublime a pairar sobre eles.

Aqueles padrões extremamente elaborados e meticulosos, as camadas de linhas melódicas formando um todo arquiteturalmente perfeito, sitiavam a audiência.

É quase diabólico, pensou Mieko.

Aterrorizante. Horroroso.

Mieko estava verdadeiramente abalada, mas, ao mesmo tempo, começou a sentir uma outra coisa a erguer-se dentro de si – fúria.

*

O rapaz fez uma pequena vénia de agradecimento antes de desaparecer nos bastidores e um misterioso silêncio caiu sobre a sala.

Todos voltaram a si no momento seguinte. Explodiram em aplausos com os rostos afogueados.

O palco estava agora vazio.

O público trocou olhares. Teria sido tudo um sonho?

Smirnoff sentou-se e gritou.

– Ei! Chamem-no de volta. Foi tudo um sonho? Quero perguntar-lhe umas coisas.

– Não acredito – Simon deixou-se cair na cadeira.

Havia grande algazarra na sala de concerto.

– Vá lá! Tragam-no de volta! – vociferou Smirnoff.

Havia confusão nos bastidores, mas depois alguém apareceu.

– Foi-se embora. Saiu assim que deixou o palco.

– Como? – Smirnoff puxou os cabelos.

– A carta de recomendação do Hoffmann era certa – disse Simon antes de se voltar para Mieke. – Não a leste, pois não, Mieke? – Morria de vontade de te contar, mas não podia por causa do que tínhamos combinado.

– Isto é *imperdoável* – disse Mieke.

– Como? – Simon pestanejou, olhando para ela.

– Não aceitarei isto. *De modo algum*.

Mieke olhou de novo para Simon.

Este pestanejou mais uma vez.

– Mieke?

A tremer, Mieke pousou as palmas das mãos sobre a mesa.

– Não o permitirei. Esse rapaz é um insulto ao Maestro Hoffmann. Não o seleccionarei.

Noturno

Apresento-vos a todos Jin Kazama.

É uma dádiva. Não há outras palavras que o exprimam.

Uma dádiva do céu.

Mas, por favor, não me interpretem mal.

Não é ele que é testado. Sou eu e também todos vós.

Não é simplesmente uma doce dádiva da graça divina.

É também uma droga poderosa.

Alguns vão detestá-lo, ficarão exasperados e rejeitá-lo-ão. Mas essa é a verdade de quem ele é.

É convosco – é com todos nós – se queremos ver este rapaz como uma verdadeira dádiva, ou como uma desgraça prestes a acontecer.

YUJI VON HOFFMANN

– Que choque, juro – disse Simon. – Respondeste exatamente como o Hoffman disse que farias, Mieko. E não me surpreenderia se aqueles cínicos de Moscovo reagissem do mesmo modo.

Mieko estava sentada ao lado dele, empunhando um copo de vinho, amuada.

Smirnoff bebia silenciosamente do seu copo, olhando fixamente a carta de recomendação de Hoffmann que se encontrava sobre a mesa.

A noite era ainda uma criança. Passavam transeuntes e os carros deslocavam-se numa mancha de faróis vermelhos.

Os três jurados musicais estavam acampados na parte de trás de um *bistrot* nos arredores de Paris.

O dono recordava-se deste terceto e de como algumas vezes por ano apareciam para beber e resmungar durante horas, por isso levava-os para aquela mesa ao fundo.

A refeição parecia quase terminada, pois poucos pratos havia na mesa, embora já tivessem consumido duas garrafas de vinho.

O mau humor de Mieko era, em parte, uma forma de esconder o seu embaraço.

E a fonte desse desconforto estava ali, mesmo à frente dos seus olhos.

Aquela caligrafia fluente que ela já antes vira.

Simon e Smirnoff já haviam trocado olhares perturbados e, a princípio, Mieko achara aquilo estranho. Na sua frustração dissera a Simon *dá-me essa carta*, e arrancara-lha das mãos. Agora, a carta silenciara-a.

Choque. Confusão. Vergonha. Humilhação.

Uma confusão de emoções rodopiava dentro dela.

Os outros dois olhavam-na com ar compreensivo, escondendo os seus sorrisos.

Hoffmann, que partira deste mundo vários meses antes, previra habilmente naquela carta o modo como Mieko reagiria à audição de Jin Kazama.

Deveria Hoffmann ser elogiado pela sua presciência? Ou Mieko ser considerada imatura por reagir de forma tão violenta exatamente como ele soubera que reagiria? Provavelmente, ambas as coisas. Por seu lado, Mieko repreendia-se interiormente por ser tão previsível.

Conseguia imaginar Hoffmann a olhá-la lá de cima e a perguntar, *O que é que eu te disse?*

*

Francamente, tudo aquilo fora um choque completo.

Desde pequena, as pessoas consideravam-na rebelde e pouco sofisticada. Era frequentemente tratada como uma criança problemática. Certamente não era uma aluna modelo.

Então como posso rejeitar a musicalidade deste jovem campónio? Perguntou a si própria. *Antes mesmo de ter começado – e depois do modo como naquela época todos os professores de música no Japão e na Europa me consideraram rústica e desinibida?*

Sentiu um súbito arrepio.

Estarei eu própria a começar a ser uma dessas pessoas teimosas e brancas? Será que à medida que os anos avançam me estou a transformar numa velha rabugenta, e nem sequer reparei? Nunca pensei que tal pudesse acontecer, mas será que eu – Deus me proteja! – estou a tornar-me parte do establishment?

Começou a emborcar o vinho mais rapidamente.

– Muito bem, então o que te perturba tanto, Mieko?

Até aí, Simon estivera a provocá-la de uma forma brincalhona, mas agora tornara-se mais sério.

– Desculpa?

– Nunca te vi reagir assim. Não é teu hábito quando estás zangada. Geralmente és maliciosa ou... talvez não deva dizer isto... um pouco altiva. Por isso, porquê rejeitá-lo assim?

Era certo que agora lhe parecia estranho. Já não se sentia zangada acerca do rapaz e era-lhe até difícil recordar o desempenho que tanto a enfurecera.

O que foi que me irritou tanto?

– Estás a dizer que não sentiste nada? – perguntou ela. – Aquela sensação horrorosa... dolorosa de ser esbofeteada?

Simon inclinou a cabeça.

– Não – respondeu. – Senti um calafrio e uma sensação de exaltação e pensei *Uau, a forma como este miúdo toca é uma perfeita loucura.*

– É isso mesmo que quero dizer – disse Mieke acenando com a cabeça.

– Há uma linha fina a separar essa sensação do desagrado. Não será caso de sentires uma coisa qualquer, mas não consegues decidir se a sensação é boa ou má?

– Bom, admitindo que o prazer e a repulsa são dois lados da mesma moeda.

As audições causavam sensações especiais. Mesmo sendo gravadas, nunca se poderia reproduzir o que se sente no momento.

Não precisas de passar por uma audição.

Uma voz que ouvira algures, atravessou repentinamente a mente de Mieke. Uma voz suave, com uma insinuação de sorriso, contudo severa.

A voz do Maestro Hoffmann.

Sentiu uma dor surda dentro de si, quando deu conta de um sentimento há muito esquecido.

Ah, murmurou Mieke para consigo. Agora percebo.

Talvez eu sentisse apenas ciúmes.

A tal linha do currículo devia tê-los provocado.

Estudou sob orientação de Yuji Von Hoffmann, desde os cinco anos de idade.

Essa única linha, uma linha que sempre quisera ter no seu próprio currículo.

– Gostava de saber... seria assim tão bom? – resmungou Simon, e os três olharam uns para os outros.

Mieke percebeu como ele se sentia.

– Por vezes acontece. Uma pessoa fica tão enervada, mas depois percebe que é uma coisa passageira.

– Bom. Somos apenas humanos – disse Simon.

Por vezes acontece – escutamos um pianista e pensamos, *Uau, esta pessoa é de facto prometedora*, mas depois ouvimo-la de novo e ficamos desiludidos.

– Não é aí que está o problema – disse Smirnoff.

– Problema? – perguntaram simultaneamente Mieke e Simon.

– Está a tornar-se-me evidente o que o Hoffmann queria dizer quando se referia a uma *droga*.

A expressão de Smirnoff era solene. Agoirenta. Inclinou-se para a frente e a cadeira do *bistrot* estalou ameaçadora.

– E queria dizer...? – Simon ergueu uma sobrancelha.

– Enfrentamos um dilema terrível.

Smirnoff terminou o vinho do copo, bebendo-o tão naturalmente como se fosse água. Era conhecido por aguentar bem a bebida e talvez esta lhe parecesse de facto água. Além do mais, sempre que refletia sobre qualquer coisa, parecia acelerar e ficar mais alerta.

– Dilema? – murmurou Mieko, observando-lhe pouco à vontade o rosto, que agora parecia sóbrio.

*

Mieko podia ter ficado indignada, mas depois de Jin Kazama ter saído do edifício, a equipa da produção não se conteve.

O concurso ainda nem começara e já falavam de como talvez tivesse surgido uma nova estrela. Certamente que tivera importância o modo como aparecera, sendo o último pianista, antes de se retirar logo a seguir. Deixara atrás de si uma sala cheia de emoção. O elemento do staff que falara com ele explicava o que se passara.

– Tinha as mãos todas enlameadas e disse que chegara atrasado porque estivera a ajudar o pai no trabalho. Não foi ao camarim, mas apenas à casa de banho lavar as mãos antes de entrar em palco.

– Mas afinal o que é que faz o pai dele? – perguntou Smirnoff, irritado pela organização do concurso ter tão poucas informações sobre o rapaz, tirando o seu currículo.

Normalmente, os membros do júri decidiam rapidamente quem era selecionado nas audições, mas, nesse dia, tinham-se refugiado numa sala à parte a rever os resultados e ainda teriam de sair de lá. De vez em quando, cá fora, os elementos da produção ouviam vozes altas em discussão e trocavam olhares curiosos. Nunca aquilo tivera precedentes.

A razão para a longa discussão era óbvia: Mieko era completamente contra selecionarem Jin Kazama.

Os três jurados estavam basicamente de acordo acerca de quem escolheriam, por isso passaram a maior parte do tempo, senão todo, a

debater os méritos de Jin.

Simon e Smirnoff tinham-lhe dado praticamente a nota máxima no sistema de classificação, por isso, mesmo que Mieko lhe atribuísse um zero, Jin conseguiria passar. Podiam ter ignorado a opinião dela e tê-lo simplesmente selecionado, mas nem Simon nem Smirnoff queriam ir por esse caminho, de modo que a discussão se arrastava interminavelmente.

Mieko sabia perfeitamente que Jin fora efetivamente escolhido, contudo continuava a argumentar, tentando que os outros se retratassem na sua decisão.

Eram estas as linhas gerais do seu argumento:

Se ele não tivesse sido aluno de Hoffmann, ela não teria oferecido resistência. Mas como o rapaz se intitulara protegido de Hoffmann e arranjava uma carta de recomendação verdadeira, ela não aceitava o seu estilo idiota de tocar, que contradizia a própria musicalidade de Hoffmann. Era como se o rapaz estivesse a desafiar o seu professor, provocando de propósito uma discussão com ele. Era uma atitude questionável para um músico. Se, depois de se estabelecer como músico, quisesse adotar um estilo diferente, era algo que Mieko podia entender, mas não reconhecer naquela fase o que o seu professor representava era uma questão séria.

Tanto Simon como Smirnoff mostravam que entendiam a posição de Mieko e tentavam à vez convencê-la.

– Admites que ele tem impacto e capacidades técnicas extraordinárias, não é verdade? Se assim é, quer aproves quer não, a forma de ele tocar fica fora da nossa esfera de ação. Se ele excede um certo nível mínimo, então temos de lhe dar uma oportunidade. Gostemos ou não do estilo de desempenho do candidato, isso é irrelevante nesta conjuntura.

– Em primeiro lugar não dirias que é extraordinário que ele tenha causado tanto debate? O facto de conseguir inspirar reações tão diversas é a prova de que há *algo* nele digno de consideração. Mieko, não és tu que dizes sempre que se tivesses múltiplas opiniões acabarias por escolher executantes pouco interessantes e que isso é pouco inspirador? Talvez seja apenas um feliz acaso, mas o facto é que ele provocou uma reação emocional forte, e não deveremos dar a isso a devida consideração? Já para não falar de que a sua técnica é soberba.

Não havia falhas nos argumentos dos homens e Mieko, sentindo-se ultrapassada em número, remeteu-se ao silêncio.

O que disseram a seguir, encerrou a discussão.

– Não gostarias de o ouvir mais uma vez? Não queres ter a certeza de que ele não é apenas um acidente, uma exceção? Não gostarias que os jurados em Moscovo e em Nova Iorque o ouvissem? Não seria engraçado ver como faz erguer algumas sobrancelhas?

Sabiam os dois quais os botões de Mieko que deviam apertar. As audições tinham lugar simultaneamente em várias cidades e os jurados encarregados de cada uma tinham abordagens subtilmente diferentes. Não que estivessem em completo desacordo, mas Mieko e os seus dois colegas tinham apelidado os jurados de Moscovo e de Nova Iorque de *As Autoridades* e *Os Sensatos*, respetivamente (alcunhas irónicas, sem dúvida).

Mieko imaginava esses estimados colegas a ouvir Jin Kazama e a reagir com desagrado e depois a rodear Mieko e os seus colegas com gritos histéricos. *Como puderam alguma vez aceitar um desempenho tão vulgar?*

Esquecida de que reagira da mesma forma, o facto é que Mieko considerava este cenário muito apelativo. E só isso a levou, embora com relutância, a concordar em seleccionar Jin Kazama.

Então, muito bem – chegou o momento de notificar os afortunados candidatos.

Ainda antes de Mieko poder sequer mostrar a sua concordância com um gesto de cabeça, Simon e Smirnoff levantaram-se simultaneamente e saíram da sala.

Mieko sentiu-se um pouco atordoada. *Enganaram-me, lisonjearam-me para que o fizesse*, refletiu. Mas, nesse momento, já era tarde.

*

Porém, talvez fosse Smirnoff que sentiu mais intensamente que o mal estava feito.

Quando o empregado voltou a encher-lhe o copo a partir da terceira garrafa de vinho, Mieko olhou para o seu colega jurado.

– Aposto que não teve lições de música regularmente – resmungou Smirnoff. – O modo como se comportou em palco, o facto de ter tocado três peças seguidas, sem fazer uma pausa... aposto que nunca tocou em

público. O Hoffmann tinha consciência disso e foi por isso que mandou uma carta de recomendação.

– A carta?

– Para garantir que estava presente na audição e que era selecionado.

– Bom, isso é evidente – declarou Mieko.

Smirnoff encolheu exageradamente os ombros.

– Atenção vocês os dois, não finjam que não compreendem. Percebem muito bem o que estou a tentar dizer. – E emborcou o vinho.

– É como disseste, Mieko. Não podemos negar o legado musical do Maestro Hoffmann. Todos o respeitávamos muito, era um músico espantoso. Além do mais há o facto de já não estar entre nós.

Smirnoff tinha uma expressão sombria.

– Seguimos em frente e seleccionámos o rapaz. Viram como a equipa de produção o adorou, não viram? Os rumores corriam rapidamente. Sobre a carta de recomendação do Hoffmann também, claro.

Mieko estremeceu.

– Então, porquê incluir uma carta de recomendação? Para quase nos impossibilitar de o reprovar. – Smirnoff esboçou um sorriso estranho ao olhar para os outros.

Simon assumiu o controlo.

– Por outras palavras, não há problema em reprovar alguém que não apresente uma carta de recomendação.

Smirnoff assentiu, satisfeito.

– Exatamente. Porque todos nós sobrevivemos com dificuldades depois de uma educação musical estabelecida. Fazer com que os alunos paguem toda a vida lições particulares, frequentem conservatórios e paguem ainda mais propinas. Os nossos alunos, o nosso orgulho e a nossa alegria, passam tanto tempo e despendem tantos esforços para se tornarem grandes e por isso não podemos tratar alguém que venha sabe-se lá de onde, sem *pedigree*... alguém com quem ninguém ganhou dinheiro a ensinar... do mesmo modo. Daí a carta de recomendação.

De súbito Mieko recordou-se de uns mexericos que ouvira.

As entidades do governo local de uma cidade do Japão tinham patrocinado um concurso de piano e um dos candidatos que parecia um verdadeiro génio musical conseguira as notas mais altas, porém não tinha contactos no mundo musical japonês e nunca tivera lições com quem que

fosse ligado ao concurso, muito menos a qualquer dos membros do júri. Apesar das notas altas, os jurados acabaram por implicar com questões sem importância e desqualificaram-no.

– A carta do Hoffmann tinha um duplo objetivo. Em primeiro lugar permitir que este total desconhecido estivesse na audição e fosse selecionado. E o segundo objetivo... – Por um instante, nos olhos de Smirnoff leu-se uma expressão longínqua. – ... Foi garantir que ele não seria ignorado a partir daí. Por isso é que a carta de recomendação foi uma necessidade absoluta. E mandar embora o rapaz equivaleria a rejeitar o próprio Maestro. Mas há algo ainda mais assustador a funcionar aqui.

Simon lançou aos outros dois um olhar grave.

– O facto deste rapaz ter uma técnica superior e de aqueles que o ouvem ficarem instantaneamente extasiados. Embora ele nunca tenha tido um ensino formal.

Mieko e Smirnoff escutaram em silêncio.

Teremos cometido um erro flagrante? Pensou Mieko.

Sentiu uma força invisível em ação, que a deixou desconfortável.

O telemóvel de Smirnoff tocou.

A surpresa fez saltar Mieko e Simon.

– Dêem-me licença – Smirnoff pegou no telefone que, nas suas mãos enormes, parecia minúsculo como um palito de chocolate. – Hmm... sim. Percebo. Ah sim.

Smirnoff murmurou para dentro do telemóvel e desligou.

Mieko e Simon olharam-no com ar interrogativo.

– Era do gabinete. Por fim, conseguiram contactar o Jin Kazama.

– Levaram assim tanto tempo?

Simon olhou para o relógio. Aproximava-se a meia-noite.

– Parece que o pai é apicultor. Tem também um doutoramento em Biologia e dizem que investiga a criação de abelhas nas cidades. Hoje esteve no Hôtel de Ville aqui em Paris, a recolher abelhas.

– Um apicultor...

Mieko e Simon repetiram lentamente a palavra, como se a escutassem pela primeira vez.

– Falámos de um campo diferente – comentou Simon com um sorriso irónico.

É convosco – é com todos nós – se queremos ver este rapaz como uma verdadeiro dádiva, ou uma desgraça prestes a acontecer.

Não havia que enganar – todos três conseguiam ouvir a voz de Hoffmann a soar-lhes nas cabeças.

Tremolo

A chuva caía mais ruidosa. Aya Eiden ergueu os olhos do livro. Era de dia, porém lá fora estava escuro como breu, pois a chuva torrencial esgotara a cor da mata.

Consigo ouvir – cavalos na chuva.

Era aquele o ritmo que escutara uma e outra vez desde pequena, mas, quando tentava descrevê-lo a adultos como cavalos a galopar à chuva, eles reagiam com olhares inexpressivos.

Porém agora era capaz de explicar melhor.

O barracão atrás da casa tinha um telhado de zinco.

Quando chovia normalmente, não ouvia nada de invulgar. Mas quando o aguaceiro era forte, ouvia sempre uma música estranha.

Em ritmo de galope.

Quando era pequena, tocara a peça *La Chevaleresque* de Burgmüller, que incluía um ritmo assim, e a chuva no telhado de zinco tamborilava com o mesmo batimento.

Recentemente aparecera um vídeo no You Tube em que um alarme de incêndio disparava e uma banda tocava ao mesmo ritmo. O vídeo causara bastante sensação.

Aya soltou um pequeno suspiro.

O mundo está tão cheio de música.

Invadiu-a aquele sóbrio pensamento ao olhar para fora para a paisagem sem cor, distorcida pela chuva.

Precisarei mesmo de ser eu a acrescentar-lhe mais?

Aya baixou os olhos para os papéis sobre a secretária.

– Um caso típico de esgotamento.

– Agora tem vinte anos, é uma pessoa vulgar como qualquer outra.

Estava cansada de ouvir aqueles comentários desagradáveis nas suas costas.

Todos os anos, inúmeros pianistas talentosos, rapazes e raparigas, apareciam nos palcos de todo o mundo. Tocariam com uma orquestra, seriam louvados como crianças prodígio e os pais esperariam um futuro dourado para os seus filhos ou filhas.

Mas nem todos conseguiriam. Ao chegar à puberdade, alguns atormentavam-se ao pensar em como o seu mundo era perverso, alienando-os da vida normal para passarem a juventude com outros da sua idade. Entretanto, outros, fartavam-se das intermináveis aulas de piano, perturbados pela falta de progresso e desapareciam simplesmente de cena.

Aya fazia parte destes últimos. Vencera inúmeros concursos juvenis tanto no Japão como no estrangeiro e lançara até um CD de estreia.

Mas, no caso de Aya, a razão pela qual a sua carreira fora interrompida era evidente.

Quando tinha treze anos, a mãe, a sua primeira professora, a pessoa que a protegia, que a encorajava, que cuidava dela, faleceu subitamente.

Se na altura Aya fosse um pouco mais velha, as coisas podiam ter sido diferentes. Se tivesse atingido aquela fase rebelde dos adolescentes – digamos que, pelo menos, os catorze ou quinze anos – e começasse a sentir que a mãe a sufocava, a morte desta poderia ter tido um impacto muito diferente.

Mas nesse tempo, Aya amava profundamente a mãe e tocava piano para a fazer feliz; assim, quando ela desapareceu subitamente da sua vida, a sensação de perda foi avassaladora. Perdeu literalmente a razão para tocar.

Aya era uma pessoa descontraída, com pouca ambição. Dito isto, não era exatamente calma diante de uma multidão e, confrontada pela competitividade ou inveja dos outros, retraía-se timidamente. E assim, a mãe protegia-a, trabalhando habilmente para motivar a sua generosa filha, guiando-a a cada passo do caminho – umas vezes como professora, outras como agente arguta e inteligente.

O seu plano de concertos estava preparado para o ano e meio seguinte, de modo que, quando a mãe morreu, uma pessoa da empresa discográfica apressou-se a fazer as vezes de agente.

Quando a mãe ainda era viva, a avó de Aya encarregava-se de todo o trabalho da casa, o que permitia que a neta não se preocupasse com os

afazeres domésticos e, como tal, a jovem levou algum tempo a aperceber-se do que significava a mãe ter desaparecido.

A primeira vez que teve verdadeira consciência da falta da mãe foi no camarim de uma sala de concertos da província.

A nova agente entregara-a a uma estilista que a aconselhava como vestir-se para as atuações, como pentear-se e a usar um leve toque de maquilhagem. Eram coisas que a mãe sempre fizera. Quando terminava, a estilista saía do camarim, rumo ao trabalho seguinte.

– Mãe – lembrava-se Aya de dizer. – O chá está pronto?

Foi então que se apercebeu de que estava sozinha.

A mãe servia-lhe sempre uma chávena de chá doce e morno que retirava de um termo.

Aya sentiu-se perturbada, assaltada por uma profunda sensação de perda, como se as suas pernas se afundassem no chão.

Parecia-lhe que o teto se afastava dela, e sentia um estranho formigueiro quente de sangue a escorrer do seu corpo.

Estou sozinha.

Foi nesse momento que compreendeu inteiramente.

De súbito, voltou a si.

Que lugar é este? O que faço aqui?

Os seus olhos esvoaçaram, inquietos, pelo quarto.

Paredes brancas. Um relógio redondo por cima do espelho. Um camarim. É um camarim. Numa qualquer sala de concertos. Estou prestes a dar um concerto.

Exato – Ensaiei com a orquestra. O Concerto para Piano N.º 2 de Prokofiev. Correu conforme o planeado.

Recordo-me como o maestro e os membros da orquestra ficaram impressionados. Alguns murmuravam entre si:

– *Que alívio. Estava tão preocupado com ela, mas afinal consegue adaptar-se sozinha.*

– *É admirável. Pensei que fosse um choque maior, mas estava muito calma.*

– *Provavelmente a única maneira de ultrapassar isto, é a tocar.*

Que significava aquilo?

Sentiu o coração gelado.

Esmagava-a de novo a entorpecida realidade de tudo aquilo.

Agora estou completamente só.

O contrarregista veio então buscá-la e enquanto ela e o maestro se dirigiam para o palco, aquelas palavras giravam-lhe na mente. O coração de Aya manteve-se gelado enquanto soavam aplausos expectantes.

Nada mais via do que o piano de cauda, silenciosamente banhado pela luz.

E sabia.

No público, nos bastidores, a mãe já não estava. O piano de cauda costumava brilhar no palco, à espera, como que a explodir com a inundação da música que ela soltaria.

Rápido, pensava. Tenho de me sentar e libertar a música.

Imaginava-a toda contida na grande caixa negra e tinha sempre de evitar o impulso de correr para as teclas.

Agora já não.

Agora o piano era como uma campa abandonada. Uma caixa negra vazia que se rendera ao silêncio.

Já não existia música no seu interior.

Aquela fria certeza transformara-se numa massa pesada e, nesse momento, quando a sentiu cair com um baque dentro de si, deu meia-volta e fugiu.

Vislumbrou por instantes os rostos chocados da orquestra e do contrarregista, mas não olhou para trás. Desceu do palco – rapidamente, depois a correr.

Não ouviu o murmúrio preocupado do público, os gritos.

Limitou-se a fugir.

Abriu a porta de trás da sala e correu lá para fora, para a chuva e para a escuridão.

Foi assim que se transformou na *Jovem Pianista Genial Desaparecida*.

O cancelamento daquele concerto à última hora tornou-se lendário. Principalmente depois da orquestra ter relatado que o ensaio fora perfeito – ainda mais maravilhoso do que quando a mãe estava presente.

Mas houve muitas repercussões que não apenas os prejuízos pela quebra de contrato ou as queixas dirigidas à sua nova agente da parte da empresa discográfica. A menos que o pianista fosse uma figura importante num mundo musical, nunca mais seria convidado para atuar num concerto. Afinal, havia muitos *génios* por esse mundo fora.

Durante algum tempo, o nome dela transformou-se até numa espécie de termo divertido e ridículo entre os estudantes dos departamentos de piano. “Fazer um *Eiden*”, era assim que diziam. Significava cancelar no último momento, e os caracteres usados para escrever o seu último nome – *ei* (glória) e *den* (transmitir) – tornaram-se objetos de desprezo. Jogando com o significado original do seu invulgar apelido, “transmitir glória”, substituíram o caráter *dan* (separar) fazendo surgir “Eidan”, para dar a ideia de um pianista que se afastava de todas as possibilidades de obter a glória.

Surpreendentemente, nada daquilo desencorajou Aya.

Sabia que fazia todo o sentido sair repentinamente.

Se dentro do piano já não havia música para ser libertada, de que serviria manter-se em palco?

Para ela, não tinha qualquer importância ser ridicularizada ou ignorada, e preferia de facto que tal acontecesse, a manter-se sob as luzes da ribalta ou ser objeto de invejas.

Desde que se afastara, os seus seguidores tinham começado a desaparecer um a um, como uma maré que vaza.

De facto, Aya preferia-o assim, aliviada por não ter aqueles parasitas à sua volta.

A partir do momento em que aceitou o desaparecimento da mãe, começou a viver uma vida totalmente nova. Transferiu-se para um curso geral da escola secundária. A maioria dos alunos que tocavam piano e eram excelentes nessa atividade, costumavam ter boas notas. Também as notas de Aya a colocaram à frente da turma. Entrou para uma escola secundária local, cujo objetivo era levar os seus estudantes para a universidade, e conseguiu desfrutar de uma educação secundária “normal”.

Isto não significou que tivesse desistido completamente da música. Continuava a gostar de ouvir e continuava a tocar.

Aya era diferente de muitos considerados *génios*, mas não havia dúvida de que possuía uma abundância de talento musical.

Havia duas pessoas que compreendiam isto e sabiam que, no caso de Aya, seria o que poderia de facto afastá-la do piano: a mãe – e outra pessoa.

Desde o princípio que Aya não necessitava de facto do piano.

Desde a infância, quando ouviu pela primeira vez o som do galope dos cavalos à chuva, enquanto esta batia no telhado de zinco, conseguia escutar – e desfrutar – da música de várias fontes.

A única razão pela qual usava o piano para expressar a música era o facto de a mãe a ter iniciado nesse instrumento e Aya ser dotada de uma técnica admirável. Mas poderia ter sido qualquer outro instrumento ou meio de expressão em vez do piano. Não tinha de executar música, pois o mundo estava a abarrotar de executantes. Também nesse sentido era um *génio* autêntico. Tudo isso explicava por que razão a mãe a supervisionara com tanto rigor, assegurando-se de que Aya se mantinha concentrada e não perdia o interesse.

Ter perdido a supervisora seria benéfico? Aya já não sabia.

Enquanto a mãe ainda era viva, esta abria-se com uma pessoa com quem partilhava as suas preocupações acerca do talento da filha.

E mais ou menos na altura em que Aya estava a pensar na universidade, ele veio ter com ela.

Ele e a mãe tinham sido colegas na escola superior de música e como se aproximava o aniversário do falecimento dela, pediu a Aya que tocasse qualquer coisa.

Aya não tocava para outra pessoa desde o dia em que fugira do concerto. Tocara piano elétrico num grupo rock e numa *fusion band*, mas evitara diligentemente executar peças sérias para piano, diante de quem quer que fosse. E claro que a ajudava o facto de as pessoas agora se manterem à distância.

Como tal, seria de esperar que recusasse o pedido do homem.

Mas, ao ver o Sr. Hamazaki, era esse o seu nome, Aya sentiu-se estranhamente nostálgica.

O homem era atarracado e gorducho, como um daqueles guaxinins de cerâmica demasiado grandes usados em decoração. Tinha olhos estreitos mas simpáticos atrás dos óculos, que lhe faziam lembrar o diretor de uma escola secundária de uma antiga e popular série de televisão.

Além do mais, o seu modo de falar era tão relaxado e sem cerimónia, como se estivesse a pedir um favor natural – como que a prometer-lhe um dinheirinho extra, se ela lhe fosse buscar um gelado à loja da esquina – que Aya aceitou prontamente.

– Que peça gostaria de ouvir? – perguntou.

– Qualquer uma que seja do teu agrado, Aya. Ou então uma de que a tua mãe gostasse especialmente.

Aya refletiu.

– Pode ser uma peça recente?

– Claro – replicou o Sr. Hamazaki.

Depois da mãe ter falecido e de Aya ter deixado de tocar, todo o ambiente da sua sala de piano parecia transformado.

Estava cheio de CDs e livros, de peluches e vasos de plantas. Transformara-se na segunda sala de Aya.

Hamazaki olhou em seu redor.

– Desculpe a desarrumação – pediu Aya.

– Ora essa – disse Hamazaki, sacudindo a cabeça. – É agradável. É como se tu e o piano fossem agora um só.

– Suponho que sim – disse Aya a rir enquanto levantava a tampa do piano.

Sentia-se emocionada, só um pouco. Tinha-se esquecido daquela sensação.

Havia já tanto tempo que não tocava para outras pessoas.

Mergulhou imediatamente na peça – uma sonata de Shostakovich.

Ouvira uma vez um jovem pianista russo tocá-la, achara a peça intrigante e ensaiara-a só pelo gozo. A partitura era cara, de modo que, em vez de a comprar, escutara a gravação uma e outra vez, até conseguir reproduzi-la.

Hamazaki pareceu surpreendido, mas, à medida que Aya tocava, endireitava-se, e a sua expressão enchia-se de alegria.

Quando ela terminou, aplaudiu vivamente.

– Já tocaste isto para algum professor de música? – perguntou.

– Não, nem tenho professor – replicou Aya, com um sorriso forçado. Em vida da mãe, fora ensinada por alguém famoso, mas depois de ter fugido do seu último concerto, ele deixara de a contactar, receando talvez ser criticado pelo modo como a instruíra e querendo possivelmente mostrar que já nada tinha a ver com aquela aluna problemática.

– Quer dizer que a ensaiaste sozinha? – murmurou Hamazaki, quase sem encontrar palavras. – Foi excelente – continuou após uma pausa. – Em que pensavas enquanto tocavas? – Levando a mão à boca, como se refletisse, lançou a Aya um olhar sério.

– Estava a ver melancias a rolar ao longe – respondeu Aya.

– Melancias?

Aya explicou.

– Vi recentemente essa cena divertida num filme coreano – disse. – Um monte de melancias caiu de uma carroça e rolou por uma estrada nas montanhas. Umas abriram-se, outras não. O asfalto ficou vermelho vivo, mas as melancias que não se abriram continuaram a rolar pela estrada. Quando ouvi esta peça, lembrei-me da cena. Não tem essa sensação ao ouvir esta música? Melancias a rolar alegremente por uma encosta? Não consegue imaginar uma cena em que corra atrás delas para apanhar uma? E a parte final é uma cena em que depois limpa todas as melancias partidas?

Hamazaki abriu muito os olhos de surpresa e desatou a rir.

– Estou a ver. Melancias, é?

Quando por fim conteve o seu divertimento, sentou-se muito direito na cadeira.

– Aya Eiden, não gostarias de pensar em te inscreveres na nossa universidade? Adoraria que o fizesses.

– *A nossa universidade...* o que significa isso? – perguntou ela, e Hamazaki estendeu-lhe o cartão.

Era presidente de uma das três mais importantes escolas superiores de música do Japão.

– Deves adorar música, não é verdade? De tal maneira que a compreendes profundamente. É esse o tipo de aluno que quero na nossa escola. Tenho a certeza de que há lá muita coisa que acharias interessante. E devias estudar num conservatório decente. Por isso... que dizes?

Hamazaki falara a toda a pressa e Aya abriu muito os olhos, e ele esperou pacientemente pela resposta.

*

Gostaria de saber o que fez *decidir-me a fazer o exame de admissão de música*, pensou Aya mais tarde.

Até então pensava ir para Ciências.

Mas a verdade é que as palavras do Sr. Hamazaki me tocaram.

Mesmo que não venha a ser concertista de piano, nunca poderei viver sem música.

Mas a música tem sido apenas um passatempo para mim, e talvez sinta que isso não me basta?

*

Recordou nitidamente o momento em que terminou a sua prestação diante dos examinadores, quando todos os outros professores olharam para Hamazaki e aplaudiram e o modo como o Sr. Hamazaki olhara para ela.

Soube que aquele tipo de exame de admissão se afastava da norma. Permitir que um candidato que não tivera professor o fizesse, apenas por recomendação do presidente da escola superior, era um passo altamente invulgar e podia até pôr em perigo a posição dele.

A princípio os colegas do departamento de piano trocaram olhares do tipo *Oh... é ela*, como se tentassem lembrar-se de algo depreciativo a seu respeito, alguns fazendo inclusivamente comentários malévolos nas suas costas.

Mas, à medida que se apercebiam de como Aya era despretensiosa e incomparável na sua técnica, começaram a tratá-la como uma colega excepcional.

E Aya desfrutava plenamente do que a escola tinha para lhe oferecer – as regras, os métodos de composição e a história da música.

Conforme o Sr. Hamazaki previra, estudar num conservatório fazia-a apreciar e desfrutar ainda mais da música.

Mas, nesta altura, nunca esperava vir a participar num concurso.

Aya olhou para a chuva que açoitava a janela, e soltou mais um profundo suspiro.

Nem se lembrava de participar em concursos infantis quando era criança. Nesses tempos, mais lhe parecia estar a fazer um recital. Aquele seria o seu primeiro concurso a nível adulto.

Assim que passar dos vinte anos, será igual a todos – nada de especial.

Fizera vinte anos nessa primavera – a idade em que, no Japão, os jovens se tornam adultos. Havia sete anos que deixara de tocar.

O seu atual mentor – um professor excêntrico, com quem se entendia bem – recomendara-lhe que entrasse no concurso, embora fosse evidente que a influência do presidente do conservatório também estivesse por trás daquilo.

Claro que Aya sentia ter uma dívida de gratidão para com o Sr. Hamazaki.

Sabia que o envergonharia, se recusasse fazer parte do concurso. E como ele dera passos excepcionais para a meter na sua escola, precisava de provar o seu valor.

Mas Professor, murmurou para consigo, *esse tipo de música já não está dentro de mim.*

Adorava já a vida na escola. Experimentava a música fora de si própria, depois tocava piano para a reviver. Era suficiente. Estudando teoria e ouvindo concertos tinha a sensação de explorar a música de uma forma cada vez mais profunda.

Mãe – o que devo fazer?

Aya olhou para os lençóis de chuva que atingiam a janela, agora ainda mais inflexíveis.

Pousou o livro na secretária e bateu-lhe com força.

O ruído regular dos cascos dos cavalos a galope ecoava-lhe na cabeça.

Canção de Embalar

– Não se importa de caminhar mais uma vez com o seu filho na minha direção? Muito bem, pode começar agora... por favor, venha agora até mim.

Encontravam-se junto aos portões de um infantário. Masami ergueu a mão e Machiko, com uma expressão inquieta, começou a caminhar desastradamente em direção a ela, de mão dada com o filho Akihito.

– Caminhe normalmente. Como costuma fazer. Não pense na câmara.

Akashi não pôde deixar de sorrir.

Aquele comentário tornou-o ainda mais consciente, pensou.

Naturalmente, Masami fizera os possíveis para que Machiko se descontraisse, visitando a casa várias vezes e mantendo conversas agradáveis. Mas, na realidade, ser seguido por uma câmara provocava uma tensão especial e as filmagens de hoje, principalmente com as outras mães do infantário a observarem de lado, enervavam até a calma e serena Machiko.

– Muito bem... terminámos – disse Masami, acenando alegremente.

Machiko pareceu aliviada.

– Obrigada, Akihito. Agradeço a tua cooperação – disse Masami.

Akihito não mostrou qualquer expressão, enquanto o pai lhe pegava ao colo.

– *Cu-pe-a-ção aga-de-cida* – repetiu o rapazinho com um sorriso.

Masami baixou a câmara de vídeo e aproximou-se de Akashi.

– Depois disto, vou filmar um pouco mais do ensaio – disse. – E depois no camarim, no dia em que atuares.

– Certo.

– Então, como vão as coisas? Consegues ter tempo para ensaiar?

Com um olho encostado ao visor da câmara, Masami era uma enérgica e ativa repórter de televisão, mas, sem a câmara, voltava imediatamente a ser para Akashi a sua antiga colega da escola secundária.

– Bom, o trabalho tem-me ocupado bastante – respondeu Akashi, hesitante. – Francamente, gostaria de ter tempo para me fechar durante algum tempo e fazer um ensaio final.

Masami soltou uma gargalhada.

– Isso é mesmo teu, Akashi.

– Como assim?

– És tão modesto. Contigo nunca é *Eu, eu, eu*.

– Isso magoa-me

– *O que* te magoa?

– Atingiste o meu ponto fraco como músico.

– É isso?

– Pois é.

Masami via aquela sua natureza modesta como uma virtude, isso era evidente. Porém, para prosperar no mundo dos solistas de piano, não era necessária modéstia, mas um ego intenso e um forte sentido da própria individualidade. Akashi estava mais ciente disso do que qualquer outra pessoa.

– Mas adoro ouvir-te tocar, Akashi-kun. Não sei dizer exatamente porquê, mas há algo na tua execução que me põe à vontade. Há nela uma indiscreta delicadeza.

– Com que então delicadeza... – murmurou Akashi.

Masami olhou para ele com a testa levemente franzida.— As filmagens dos outros pianistas estão a correr bem? — Akashi lançou-lhe um sorriso animador.

Masami suspirou, aliviada.

— Sim, todos têm cooperado. Vou filmar um pianista ucraniano e um russo, que estão em casa de uma família em Yoshigae. Essa família parece sempre acolher pianistas especiais e as pessoas consideram-na uma espécie de feitiço, pois quem lá fica chega sempre às finais. Diz-se por aí que o ucraniano é espetacular.

— A sério...?

Espetacular. Bom, o que seria de esperar? O mundo da música clássica tinha ali uma história brilhante, de modo que, quem quer que enviassem para lá deveria ser espetacular.

Akashi soltou um profundo suspiro.

*

Akashi Takashima, de vinte e oito anos, nascera na cidade de Akashi, na Prefeitura de Hyogo, para onde o pai fora transferido e dela obtivera o seu primeiro nome.

Akashi era o participante mais velho do Concurso Internacional de Piano de Yoshigae, mesmo no limite de idade para não ser excluído. Era vulgar que os participantes nos concursos de piano fossem muito jovens e um pianista com a idade de Akashi era considerado velho.

Quando lhe pediram autorização para ser filmado para um documentário, ficou surpreendido ao saber que a produtora era Masami Nishina, sua antiga colega da escola secundária.

Acontece que fora ela a ter a ideia, e, ao saber que Akashi ia participar, pediu para ser a pessoa encarregada de o filmar.

Yoshigae era uma das cidades mais industrialmente proeminentes do Japão e uma das razões principais para a proposta de Masami ter sido tão prontamente aceite fora o facto de, com tantos patrocinadores dispostos a apoiar a competição, ser fácil garantir o financiamento.

A primeira reação de Akashi fora recusar.

— Eu? Aparecer na televisão? Nem pensar. Nem sei se consigo chegar à segunda eliminatória.

Com a sua idade, um emprego, um filho – francamente, não estava exatamente em posição para entrar num concurso. A palavra *vergonhoso* veio-lhe à mente.

– Não. Serás perfeito – afirmou Masami. – O que as pessoas querem da música é drama. Alguém como tu, com mulher e um filho, a participar num concurso causa certamente muita empatia.

Masami não o dissera exatamente, mas o documentário também queria que o centro das atenções não se limitasse aos candidatos das famílias ricas. Ter alguém como Akashi, aquele que sem dúvida se destacava por ser diferente, tornaria todo o programa mais apelativo.

Era verdade que Akashi pertencia a uma família de vulgares trabalhadores de uma empresa. Casara com a namorada de infância, que era agora professora de Física numa escola secundária, enquanto ele trabalhava numa grande loja de instrumentos musicais. Duas gerações de uma vulgar família de colarinhos brancos.

Um pai normal aparece num concurso internacional! Atualmente, no Japão, onde a tendência era querer que as pessoas se concentrem na família, aquilo podia ser um verdadeiro atrativo comercial.

Assim, o que fez com que finalmente se decidisse a aparecer num programa de televisão foi a ideia de que aquilo poderia ser uma espécie de recordação.

Era evidente que participar naquele concurso marcaria o final da sua carreira como músico profissional, e que depois viveria o resto da sua vida como amador.

Mas também desejava deixar provas para que, quando crescesse, Akihito soubesse que o pai, no seu tempo, mostrara verdadeira ambição musical. Era isso que o levava à decisão final, e o que explicara a Machiko, a Masami e aos pais.

Mas nada disso era verdadeiramente relevante, dizia outra voz dentro dele.

São apenas desculpas, fez-lhe notar o seu segundo eu.

E a raiva e dúvida que tu – modesto e gentil, um homem delicado – tens anulado dentro de ti. Não queres cuspir tudo isso neste concurso?

Exatamente, disse Akashi.

Sempre achei estranho – serão os músicos notáveis, os únicos a fazer tudo bem? As pessoas que só vivem para a música são as únicas que

merecem elogios?

A música de alguém, com uma rotina, uma vida vulgar, será realmente inferior à de uma pessoa que vive dela?

*

A porta compacta estava levemente perra, mas afinal abriu-se lentamente e a luz entrou.

Um quadrado iluminou o chão sujo e projetou nele a sombra da cabeça de Akashi.

Recordava-se tão bem daquele cheiro.

Imaginou-se um rapazinho, sentado ao piano, ainda demasiado pequeno para que os seus pés chegassem aos pedais.

Tinham passado tantos anos, contudo aquele cheiro trazia-lhe de volta recordações da infância.

– Uau! Que teto tão alto. E olha para as traves. Os edifícios antigos eram de facto solidamente construídos, não achas?

A voz de Masami fez com que Akashi voltasse à Terra.

Ela olhava para o teto. A luz estava acesa, mas os olhos de ambos ainda não se tinham adaptado.

– Então? Há um mezanino lá em cima?

– Sim. Com caixas de bichos-da-seda.

– Oh, então era para isso.

Empunhando a câmara, Masami filmava o interior.

O compartimento estava praticamente vazio e o ar surpreendentemente seco.

No meio, encontrava-se um pequeno piano de cauda com uma cobertura.

Masami fez incidir a câmara sobre o piano e ficou imóvel a filmá-lo.

A avó, que lhe comprara o piano, falecera quando Akashi estava no último ano da escola secundária.

Olhou para um banquinho de madeira no canto do armazém. A avó costumava instalar-se nele, com as pernas por baixo do corpo e as costas direitas, a ouvir o neto tocar.

– Tocas de uma forma tão suave, Akashi – dizia. – Os bichos-da-seda também parecem gostar.

– É estranho, mas o piano adapta-se bem a um armazém – afirmou Masami.

– E o armazém em si é uma espécie de sala à prova de som.

– Vens aqui muitas vezes?

Continuava a mandar afinar o piano uma vez por ano, mas depois de ter decidido participar no concurso, afinara-o meticulosamente mais uma vez.

O afinador, o Sr. Hanada, tinha quase a idade do seu pai e conhecia-o há anos. Quando Agashi lhe revelou que participaria no Concurso Internacional de Piano de Yoshigae, ficou surpreendido ao ver como o homem ficara radiante e como se dedicara, com todo o entusiasmo e preceito, a afinar o piano na perfeição.

– Fico tão feliz por saber isso – disse o Sr. Hanada. – Sou fã da tua música, Akashi, desde que eras pequeno. Porque o piano é só para os prodígios.

Claro. Akashi sabia que não era um menino-prodígio. Mesmo assim, magoava-o secretamente saber que também Hanada tinha conhecimento disso. Porém, era um elogio muito justo a um homem que, na sua idade, ia participar num concurso como uma espécie de gesto de despedida.

Akashi consolou-se sabendo que o pensamento de Hanada se alinhava com o seu.

O piano não é apenas para prodígios.

– A tua avó comprou-te este piano, não é verdade? – É um pianinho muito giro. Como se fizesse parte de um quadro. Takashima-kun, não gostarias de tocar qualquer coisa?

Masami era uma pessoa visual, sempre a pensar na cena que ficaria melhor na televisão.

Akashi retirou a capa, levantou a tampa, puxou a cadeira e sentou-se ao piano.

Estava habituado àquela cadeira. Depois de longos anos a servir-lhe de apoio, a almofada do assento estava moldada ao seu corpo.

Era um instrumento pequeno e confortável, nada como os enormes pianos de cauda usados nos concertos. Quando Akashi, agora adulto, o tocava, parecia ainda mais pequeno.

Parecera-lhe sempre tão grande.

Akashi acariciou suavemente as teclas amarelecidas.

Nunca esqueceria a emoção sentida ao sentar-se pela primeira vez àquele piano.

A avó fora a um recital dado por ele e depois, inspirada pela atuação do neto, percorreu o bairro, dizendo a toda a gente que, quando ele crescesse, seria músico profissional. Aparentemente, alguém lhe disse que, se ele ia ser um profissional, precisava de algo mais do que o piano vertical em que praticava.

E era verdade que Akashi tinha mãos grandes para uma criança, conseguia dominar com facilidade as peças tecnicamente mais difíceis e era visto como uma promessa de enorme potencial.

A família do pai era a principal criadora de bichos-da-seda da zona, mas, quando Akashi nasceu, essa indústria estava a desaparecer e o irmão mais velho do pai, que herdara o negócio, trabalhava numa empresa de eletrónica e a criação passara a segunda atividade. Mesmo assim, a avó economizara algum dinheiro, pouco a pouco, e conseguira comprar o piano ao neto.

Fora a primeira vez na vida que chorara de pura felicidade. Para um pianista, ter um piano de cauda era um sonho realizado.

O problema era que o precioso piano de cauda que a avó conseguira comprar-lhe não podia ficar em casa.

O trabalho do pai obrigava-o a mudar muitas vezes de sítio e o piano não cabia num vulgar apartamento japonês. Mesmo que conseguissem enfiá-lo lá dentro, os vizinhos queixar-se-iam e o pai disse-lhe que não poderiam transportá-lo com eles. Akashi chorou lágrimas amargas.

Então o piano foi guardado no armazém e em todas as férias de verão e de Ano Novo, e antes dos recitais, Akashi vinha e tocava o dia inteiro.

Claro que a avó nada entendia de música clássica. Mas tinha bom ouvido e apanhava as coisas escutando o neto tocar. Akashi ficava muitas vezes admirado com o seu sentido de audição, mesmo nos últimos anos da sua vida.

Por exemplo, conseguia aperceber-se do seu estado de saúde e humor ao ouvi-lo tocar. Depois do ensaio, sentavam-se à mesa do jantar e ela dizia coisas como: “Pareces cansado” ou “Tens alguma coisa que te preocupe?” e acertava sempre. Uma vez disse-lhe: “Quando tens a cabeça noutro sítio, as notas parecem amputadas”.

Aquilo apanhou-o de surpresa. Mesmo quando estava numa aula, se algo o incomodava, não conseguia exprimir-se e articular devidamente e, comparando-se com quando estava em boa forma, o seu desempenho a tocar tinha tendência a ser mais brusco, algo que o professor já lhe apontara inúmeras vezes. A maioria das pessoas, ao ouvi-lo, não daria pela diferença, que era mínima, mas a avó sim.

E quando as outras crianças da vizinhança vinham e tocavam à vez, a avó sabia sempre dizer quem estava ao piano, infalível na avaliação das personalidades de cada um.

As ideias de Akashi a respeito da música e os sentimentos de resistência que, de momento, tinha dentro de si, podiam ser todos identificados na influência da avó.

- Aquele tipo cria lagartas no piano dele.

- Ensaia numa sala cheia de lagartas. Que nojo!

O rumor de que ensaiava dentro de um armazém, numa sala que servira para a criação de bichos-da-seda, espalhou-se rapidamente pela escola de piano. Os outros miúdos não desistiam e havia um especialmente persistente. A escola era conhecida, produzia um bom número de pianistas profissionais e esse rapaz não era tão dotado como Akashi, ficando sempre em segundo lugar atrás dele. Akashi apercebeu-se de que o colega devia sentir inveja, pois, para além das suas capacidades de pianista, Akashi era simpático e apreciado. Por fim, limitava-se a rir da persistência do outro em espalhar histórias a seu respeito.

Na faculdade tornara-se amigo de uma jovem que frequentara um dos melhores colégios femininos do Japão. Ficou surpreendido quando ela lhe disse que a combinação mais comum de profissões dos pais das colegas era o pai ser médico e a mãe professora de piano.

Akashi não era um prodígio excecional, mas todos esperavam que tivesse um futuro cheio de coisas boas, por isso passou para a escola superior de música. Contudo, sentia-se pouco à vontade com o elitismo doentio desse mundo e de uma parte das pessoas nele envolvidas.

Havia pessoas que gostavam simplesmente de música e tinham bom ouvido, pessoas que viviam vidas normais, como a avó. Não estaria certo que os músicos vivessem também vidas normais?

Não se tratava de não ter opção para se tornar profissional. Era apenas uma questão de o querer. Adorava o piano, mas no interior de Akashi

havia medo: aquele mundo da música, enorme mas restrito, estava longe de ser *normal*, contudo ele desejava a *normalidade*, num mundo verdadeiro onde viviam pessoas como a avó.

– Conheço esta peça. Recorda-me do nome...

– *Träumerei*, de Schumann – disse Akashi a Masami, percorrendo vagarosamente a peça. – E também conheces esta, não é verdade? – Começou a tocar outra coisa.

– Oh... essa é a música do anúncio do medicamento para o estômago.

– É Chopin.

– Tocas *sempre* de uma forma tão suave.

Sem saber porquê, as palavras dela sobressaltaram-no.

Os bichos-da-seda adoram ouvir-te tocar. Parecia-lhe que a avó falava de novo com ele. Subiu-lhe das entranhas uma sensação de inesperado calor.

– Vou ficar aqui a preparar-me para o concurso.

– Mas não ias alugar um estúdio naquele *resort* das montanhas... Nasu Kogen ou qualquer coisa assim?

– Mudei de ideias. Penso que ficar aqui é o melhor para mim.

– Bem, creio que para mim também será melhor as filmagens serem aqui perto.

Masami parecia um pouco hesitante, o que era compreensivo, dado que poucas horas antes Akashi se queixara de que não tinha tempo nem sítio para ensaiar.

A decisão fez Akashi sentir-se muito mais despreocupado.

Farei aqui os últimos preparativos, disse para consigo. Farei um ensaio final para o concurso nesta sala de bichos-da-seda transformada, no piano que a minha falecida avó me comprou com ela a escutar. Será o melhor para mim.

– Conheces o filme *Nunca ao Domingo*? – Experimentando suavemente as teclas, Akashi olhou para Masami.

– Estás a falar à toa, não? Claro que conheço. Aquele com a Melina Mercuri. – Masami tinha as mãos nas ancas. Filmes eram a sua especialidade.

– Há uma fala que adoro.

– Qual? Mas duvido que me lembre.

Mozart enchia agora a sala dos bichos-da-seda.

De certo modo, Akashi sentia-se feliz.

– O filma passa-se na Grécia, não é verdade? – perguntou. – A Melina Mercuri representava o papel de uma prostituta alegre e cheia de vivacidade, e um professor universitário muito moralista aparece não sei de onde e imediatamente choca com todos os moradores despreocupados daquela terra. Os músicos dali não sabiam ler música e nada sabiam de música clássica. “Consideram-se músicos?” perguntou-lhes irritado. “Pois não são”. Foi um verdadeiro choque para eles e ficaram deprimidos, e disseram que nunca mais tocariam pois não estavam habilitados a fazê-lo. Estou a tentar lembrar-me... não havia uma cena assim?

– Sim. E como também não sou muito entendida em música, fiquei impressionada.

– E depois? O que aconteceu?

– A Melina Mercuri disse-lhes: “De que estão a falar? Os pássaros não sabem ler música, mas isso não os impede de cantar”. Quando ouviram isto, os olhos dos músicos iluminaram-se e voltaram para o café para tocar outra vez.

– Hum.

– Creio que é disso que se trata.

Dentro do armazém, soaram os acordes de Mozart, que se juntaram aos raios do sol da tarde.

O Rufar do Tambor

Um riso alegre saltitava até ao teto levemente abobadado e ecoava até à multidão que se aglomerava cá em baixo no vestíbulo.

Os *flashes* disparavam, homens e mulheres jovens de fatos escuros corriam agarrados aos seus blocos – repórteres das revistas de música ou encarregados das relações-públicas das empresas patrocinadoras. Estavam também presentes repórteres dos jornais nacionais e críticos musicais influentes, prova da reputação cada vez maior que o Concurso Internacional de Piano de Yoshigae obtivera nos últimos anos.

Mieko Saga, copo de champanhe na mão, olhava através do enorme vidro da janela do átrio para a praça redonda, lá fora, envolta na escuridão.

A sala de concertos fazia parte de instalações multiusos, que incluíam escritório e um centro comercial, com o átrio a rodear a praça empedrada. Eram quase dez da noite e esta estava deserta, enquanto lá dentro o átrio fervilhava de atividade. Para Mieko, este forte contraste evocava a própria competição – o alternar entre a alegria e a tristeza que se escondia atrás do deslumbramento do palco. Por um momento sentiu como se o frio do fim do outono tivesse atravessado o vidro e entrado na sua pessoa.

Ficou impressionada pela sua própria imagem refletida no vidro, pela sua expressão inquieta e séria.

Francamente, pensou. Tenho uma cara assustadora. Como se fosse uma aluna de uma escola de música à espera da minha vez de tocar.

Começou a esfregar as faces para soltar a tensão, embora não soubesse se daria resultado.

*

Era a noite da abertura do Concurso de Yoshigae, que deveria durar duas semanas. A primeira eliminatória começaria no dia seguinte.

Realizara-se um concerto de inauguração, um recital pelo vencedor do último concurso. Uma das importantes vantagens obtidas pelo vencedor era uma tournée de concertos por várias cidades do Japão e aquele marcava o seu início.

Este vencedor não tinha passado na fase da inscrição escrita, mas avançara através das audições e conseguira o primeiro lugar. Acabara por se transformar numa estrela mundial, uma presença imponente em palco, e o seu aparecimento em Yoshigae era uma notícia importante.

Uma das recompensas especiais de ser membro do júri era apenas esta: poder desfrutar completamente – agora dos assentos do público – do regresso triunfal de uma estrela que ajudara a descobrir. Mieko sentia-se cheia de energia ao pensar que outra estrela nasceria naquele concurso.

Depois do concerto, o átrio foi usado para uma festa, apenas para convidados. Era a primeira vez que os membros do júri das audições de todo o mundo se juntavam, e também lá estavam alguns pianistas, emprestando ao evento um ambiente decididamente internacional. A festa estava em plena atividade, com dignitários do governo local que apoiavam o concurso, o presidente da câmara de Yoshigae, os VIPs locais e os representantes mais importantes das empresas patrocinadoras. Yoshigae

era uma das cidades industriais mais importantes do Japão, centro industrial de maquinaria de fama mundial e a cidade era abençoada com uma copiosa receita fiscal, apesar da recessão que ia pelo mundo.

– Pareces tão perdida aqui, Mieko. Completamente sozinha.

Mieko continuava a esfregar o rosto para descontraír os músculos tensos, quando alguém lhe bateu no ombro. Era o compositor Tadaaki Hishinuma. Mieko lançou-lhe um sorriso irónico.

– Não é uma maneira muito simpática de o dizer. Devias ter dito que eu parecia estar em profunda contemplação de uma coisa qualquer.

– Não me faças rir. Diz-me lá quem era a jovem que costumava faltar às minhas aulas porque afirmava não suportar pensar muito e odiava estudar solfejo, hum? Parece-me é que estavas a contar todas as rugas que ganhaste no último ano.

– És terrível! – declarou Mieko a rir.

O concurso de piano de Yoshigae encomendava sempre uma nova peça a um compositor japonês e todos os participantes tinham de a tocar. Nesse ano o escolhido para a compor fora Hishinuma. Um dos seus avôs fora um eminente escritor, o outro um político importante. Tinha uma figura bem-parecida com uma aura inegável a envolvê-lo, mas sempre que abria a boca para falar saía de lá uma torrente de dialeto de Tóquio, antiquado e grosseiro, e quem quer que o conhecesse ficava abalado com o contraste.

– Então... que foi isto que ouvi acerca do contingente francês ter descoberto um pianista verdadeiramente admirável? – Hishinuma olhou para Mieko com um brilho no olhar.

– Então também ouviste falar disso, foi? – Mieko não pode deixar de mostrar uma expressão de desagrado.

– Dizem que é filho de um apicultor? Parece que todos lhe chamam o Príncipe das Abelhas.

– O Príncipe das Abelhas... – Mieko ficou sem saber o que dizer. *Jin Kazama*.

O nome pesava sobre ela. Mieko, Simon e Smirnoff tinham-se recentemente encontrado pela primeira vez após as audições de Paris, e era evidente que o rapaz continuava a ser uma pedra no sapato para os três.

Depois da audição tinham estado muito ocupados com os seus próprios afazeres, porém conseguiram entretanto reunir mais algumas informações

acerca de Kazama.

O que em primeiro lugar surpreendera Mieko eram os caracteres usados para escrever o nome do rapaz.

Imaginara que o primeiro nome dele, Jin, fosse escrito com o carater que significava “benevolência”, e ficou admirada ao descobrir que afinal se escrevia com o carater *jin*, que significava “pó”. Simon ficou surpreendido com tal estupefação, mas quando ela lhe explicou o significado do carater, desatou a rir.

Aquele riso desesperou-a. Tinham sido apanhados pelo plano de Hoffmann e, ainda por cima, o nome do rapaz era *pó*? O pai de Jin devia ser um excêntrico. Na opinião de Simon era tudo muito divertido, o que fazia aumentar a ansiedade de Mieko.

O rumor de que um jovem pianista admirável aparecera na audição de Paris espalhara-se rapidamente no mundo musical.

Como sempre, Mieko tentou evitar recolher qualquer informação acerca dos participantes, para não ter preconceitos, mas quando chegou a vez de Jin Kazama esses extravagantes rumores precederam-no e ela ouviu-os, quisesse ou não. Era praticamente um desconhecido, por isso, poucos ou nenhuns pormenores havia sobre o seu passado, mas aquilo apenas serviu para alimentar a antecipação. E se com toda aquela divulgação, a atuação dele não atingisse as expetativas? Mieko sentia-se aterrorizada. Se o público se sentisse defraudado, certamente voltaria a sua irritação contra os membros do júri que tinham permitido que fosse selecionado.

– Porque estás com essa cara?

Hishinuma parecia surpreendido. Devia ter pensado que seria normal Mieko parecer mais entusiasmada.

– Bem, há algumas coisas. Hum... até o Hoffmann podia cometer um erro, não é verdade?

– Ouvi falar numa carta de recomendação.

Mieko não tinha ideia do que Hishinuma pensava – olhava-a agora com uma expressão grave.

– Mas parece ser verdade que o Yuji ensinou este... Príncipe das Abelhas – comentou ele. – Outro dia telefonei à Daphne e ela disse-me que ela e o Yuji tinham ido de viagem para dar aulas a uma criança.

– Como?

Daphne era a mulher de Yuji Von Hoffmann. Hishinuma e a família e os Von Hoffmanns eram amigos e, mesmo após a morte de Yuji, ele mantivera-se em contacto telefónico com a viúva.

– O próprio Maestro foi ensinar o rapaz? Incrível.

Hoffmann era conhecido por aceitar muito poucos alunos, pois raramente ensinava fora da sua própria casa.

– A Daphne fez-lhe perguntas sobre isso, mas parece que o Hoffmann se limitou a sorrir. Era mesmo obstinado. Ela disse-me que ele sorria e dissera: “Faço-o porque ele é um músico itinerante”.

Um músico itinerante. Uma descrição exata, pois Jin era filho de um apicultor que tinha de andar de um lado para o outro em busca das plantas a florir.

Mas como o ensinava? O rapaz não fazia ideia de como se comportar em palco e não havia qualquer prova de ter sido ensinado por um profissional.

– Então quando atua o Príncipe? Tenho a certeza de que não está presente nesta festa, pois não? – Hishinuma olhou em redor do vestíbulo.

– Está marcado para o fim do dia da primeira eliminatória. Parece que vai chegar ao Japão mesmo a tempo.

O concurso durava ao todo duas semanas, com os mais ou menos noventa participantes a tocarem na primeira eliminatória durante cinco dias. Alguns pianistas que se exibiriam no dia seguinte estavam na festa da noite da inauguração, enquanto outros ainda melhoravam furiosamente as peças que iam apresentar.

O Japão fica muito longe da Europa e da América, por isso participar no concurso era certamente dispendioso. Mesmo que os participantes tivessem arranjado alojamento para a estada no país, a carga financeira era considerável. Os que tinham vindo uns dias mais cedo para Yoshigae e ficado num hotel, eram principalmente pianistas de países vizinhos, da China e da Coreia e geralmente oriundos de famílias ricas. O resto não tinha outro remédio senão aparecer o mais tarde possível. Mieko não fazia ideia se Jin Kazama era ou não abastado, embora o mais provável era não o ser.

– Olá! Não olhes agora, mas a Rainha dignou-se a aparecer – resmungou Hishinuma.

– Disseste alguma coisa, Tadaaki? – perguntou uma sonora voz de contralto.

– Sempre teve um ouvido apurado – exclamou Hishinuma para a sua companheira.

Uma atraente russa de cabelo ruivo aproximou-se, alta, com um busto voluptuoso e vestida com um fato azul. Esta presença esplêndida e poderosa não era outra senão Olga Slutskaya, uma famosa pianista e professora de irrefutável reputação. Conhecida japonófila, tornara-se fluente em japonês. Quase com setenta anos, não perdera nem o charme cativante nem a vitalidade. Tinha um largo círculo de contactos no mundo da música, possuía espantosas capacidades executivas e políticas e sabia-se que, no seu papel de presidente do júri, fora crucial para fazer do concurso de Yoshigae um evento verdadeiramente internacional.

– Não estarias agora a dizer mal de mim, pois não? – Olga lançou-lhe um doce sorriso e endireitou os ombros torneados.

– Que disparate – respondeu Hishinuma, com um sorriso insinuante.

Não era muito mais jovem do que Olga, mas este velho era sempre tão modesto e delicado para com mulheres bonitas, pensou Mieko, sorrindo para consigo.

– Estávamos a falar sobre a possibilidade de também vermos nascer uma estrela este ano.

– E seria muito agradável – afirmou Olga com uma gargalhada, e os seus olhos pareceram cintilar por um instante.

Era óbvio que ouvira falar da audição de Paris e não tinha dúvidas, tendo em consideração os gostos e a reputação dos três membros do painel. Olga era uma pessoa extremamente rigorosa e preferia um desempenho ortodoxo que refletisse uma profunda compreensão da peça. Franziria naturalmente a testa a um colorido excêntrico como o Príncipe das Abelhas que surgira em Paris. Porém, sempre pragmática, utilizaria mesmo assim qualquer coisa que provocasse entusiasmo e chamasse a atenção para o concurso – fosse a carta de recomendação de Hoffmann, ou o tal Príncipe das Abelhas ou do Pó.

– Há tanto tempo, não é verdade, Mieko? Por favor, passa depois pelo meu camarim, está bem? – pediu Olga lançando um digno olhar de lado na direção de Mieko, que esta retribuiu com um sorriso reservado à passagem de Olga.

Deus me livre, resmungou Mieko para consigo, olhando à sua volta em busca de outro grupinho extravagante a que se juntar.

Se alguém consideraria inimigo o Príncipe das Abelhas seria *ela*, pensou Mieko .

– Excetuando as audições de Paris, ouvi boatos de que há outra superestrela à espera nos bastidores de Nova Iorque – resmungou Hishinuma, seguindo o olhar de Mieko.

– A sério? – *Este velho está a ficar rápido demais para mim*, praguejou em surdina.

A sua expressão iluminou-se ao ver um homem alto e magro – a sorrir, mas com um brilho astuto no olhar.

Nathaniel Silverberg.

Tinha uma cabeleira rebelde castanho-clara, uma verdadeira juba de leão espetada em todas as direções, apesar dos seus esforços para a domar. Habitualmente uma pessoa simpática, franca e encantadora, conseguia ser por vezes impetuoso e era implacável tanto para consigo próprio como para com outros no que dizia respeito à música. O infeliz que incorresse na sua fúria, nunca poderia depois serenar as coisas. Mieko testemunhara apenas uma vez essa sua faceta, em que ele se transformava numa pessoa completamente diferente, a sua cabeleira, não a juba de um leão, mas uma aura de chamas a rodear-lhe a cabeça de estátua de uma feroz divindade budista.

Tinha mais ou menos a idade de Mieko, quase cinquenta anos, um pianista no seu apogeu, em popularidade e técnica, e trabalhara recentemente como maestro e produtor – mas era também conhecido noutros campos que não a música clássica.

Nathaniel era inglês, mas como professor da Julliard nos últimos anos, os Estados Unidos transformaram-se na sua base de operações.

– Que bela cabeleira... estou cheio de inveja – resmungou Hishinuma, acariciando o alto da cabeça onde o cabelo rareava.

– Bom, digamos que já está muito mais fino do que noutros tempos, sabes. No passado as pessoas diziam com pouca amabilidade que ele podia ser um daqueles participantes da Dança do Leão a agitar uma enorme juba.

Hishinuma soltou uma gargalhada.

– Ouvi dizer que o seu processo de divórcio foi um verdadeiro trauma, mas a pele dele mantém-se bastante jovem.

– Tem a cara um pouco oleosa.

Mieko também ouvira como Nathaniel ficara atolado no divórcio da sua atual mulher.

– No que diz respeito a relações femininas sempre foi muito escorregadio – murmurou ela.

Hishinuma lançou-lhe um olhar interrogativo, mas depois bateu na testa num gesto teatral.

– Credo! É verdade. O fulano foi casado *contigo*, não foi?

A sério? Como é que aquele velho tramposo podia ter esquecido.

– Isso foi há séculos – respondeu.

– Pois... então e como está o teu filho?

– Outro dia mandou-me um email. Este ano tem emprego. Vai trabalhar para o governo. Sai ao pai em tudo... até no aspeto.

Depois de ter dissolvido o casamento com Nathaniel, a pedido dos seus pais, Mieko aceitou um casamento *miai* com um empregado bancário, licenciado pela Universidade de Tóquio. Agora, olhando para trás, percebia que essencialmente perdera a cabeça, mas, nessa altura, estava exausta depois de ter sido dominada por Nathaniel e, francamente, pensava que, se se casasse outra vez, seria melhor que fosse um homem sério e fiável. O filho que tivera com o segundo marido parecia-se com ele como se tivessem sido cortados da mesma peça de tecido, e crescera tão sensato e lúcido que era difícil acreditar que era filho da despreocupada Mieko.

Ela e o marido divorciaram-se antes de Shinya entrar para a escola primária e o pai ficou com a custódia do rapazinho, de modo que ela não sabia bem como o filho fora criado. O ex-marido voltara a casar pouco tempo depois, e as recordações que Mieko tinha de Shinya eram as de quando o filho era pequeno. A sua nova madrasta parecia ser uma pessoa capaz e Mieko sentia-se verdadeiramente grata por ela ter educado Shinya de forma a fazer dele um jovem forte e apumado.

Shinya não tocava piano, mas gostava de música e assistira a alguns concertos de Mieko quando estava na escola secundária. Depois escrevia-lhe cartas a dizer o que pensava. As suas observações eram sempre perspicazes e ela sentia um misto de felicidade e embaraço quando as lia.

Atualmente trocavam emails nos seus telefones com maior frequência e ambos os pais pareciam concordar com isso.

Gostava de saber se a filha do Nathaniel se parece com o pai ou com a mãe, refletiu.

Quando pensou nisto, encontrou os olhos dele, o que a sobressaltou.

Detetou um toque de embaraço na expressão de Nathaniel.

Sabia que, para ele, fora difícil esquecê-la. No momento seguinte o seu rosto endureceu, o que era mau sinal. Teve a certeza de que ele devia estar a lembrar-se de Paris e de todo o incidente do Príncipe das Abelhas.

Ele aproximou-se ainda com uma expressão grave.

Mieko esforçou-se por sorrir.

– Há quanto tempo.

Nathaniel olhou-a com uma expressão dura.

– Estás com bom aspeto – disse ela. Mieko fazia os possíveis por parecer alegre.

– Tu também – respondeu ele.

A expressão de Nathaniel mantinha-se gélida, embora lançasse a Hishinuma um dos seus sorrisos sedutores.

– Professor Hishinuma, há quanto tempo. A peça que compôs é perturbadora. Toquei-a e apreciei-a imensamente.

– Fico contente por saber isso.

Enquanto observava Nathaniel, entusiasmado a discutir a peça com Hishinuma, Mieko apercebia-se do sentimento de reprovação em relação a ela.

Está zangado. Furioso comigo por eu ter passado o rapaz com a carta de recomendação de Hoffmann.

Porquê, Mieko? Devia pensar. Por que raio não o impediste?

Quase imaginava a raiva de Nathaniel quando por fim o ouvisse tocar.

Ficaria com os cabelos em pé, como o tal deus budista cheio de raiva. E a razão era que Nathaniel tinha feito parte do pequeno e muito seletos grupo de alunos de Hoffmann.

Nathaniel vinha de avião de Inglaterra uma vez por semana para ter lições com Hoffmann, mas este nunca *lhe* escrevera uma carta de recomendação.

Àqueles que o adoravam, temiam e até idolatravam, Hoffman lançava um feitiço, destruía-os emocionalmente. *Tal como fez comigo*, pensou

Mieko. *Este rapaz aparece com uma carta de recomendação sem precedentes de um mentor que admiramos acima de todos os outros e que francamente me perturbou – como diabo lido com isto?*

Não podia fazer nada, queria dizer a Nathaniel.

Esta bomba que o Maestro Hoffmann preparou já tinha explodido. O presente do Maestro já fora entregue...

Uma sombra surgiu na sua linha de visão, como se cortasse o ar.

– Professor Silverberg.

A sombra parecia envolta numa luz suave.

Mieko não pôde deixar de pestanejar ao ver o rosto cintilante do rapaz.

– Ah... cá estás tu, Masaru.

Nathaniel convidou o jovem a juntar-se-lhes, já todo sorrisos.

– Masaru? – perguntou Mieko, sem perceber o nome japonês do rapaz.

– Sim – confirmou Nathaniel e olhou para Masaru. – Também tem ascendência japonesa. A mãe é japonesa peruana de terceira geração.

– Japonesa peruana de terceira geração – repetiu Mieko, pousando os olhos no rosto do rapaz. Parecia mais latino-americano; não conseguia detetar nele traços de sangue japonês. Tantas raças diferentes misturadas, pensou, e veio-lhe à mente a palavra *híbrido*.

– Também é... dissera Nathaniel ao apresentá-lo. No fundo da sua mente deveria estar a pensar em Jin Kazama.

Aquele jovem era da altura de Nathaniel e tinha vestido um fato de *tweed* cinzento de bom corte. Viril, mas calmo. Frenético, mas contemplativo. Coexistiam elementos contraditórios, mas não havia uma mistura forçada. Por vezes encontram-se pessoas cujo corpo dá uma visão de *velocidade física*, e Masaru era exatamente isso. Um animal ágil com uma força explosiva abaixo da superfície.

– Espero que sejam especialmente simpáticos para com este jovem – pediu Nathaniel com uma expressão cómica no rosto e inclinando-se profundamente. Passou um braço pelos ombros de Masaru e puxou-o mais para si. – É o tesouro escondido da Julliard. Começou este ano a participar em concursos. O primeiro concurso foi em Osaka, não é verdade? – perguntou a Masaru. – Porquê Osaka?

– Pensei que seria um bom ensaio antes de Yoshigae. Queria habituar-me à atmosfera e à sensação de uma sala de concertos. Mas não estava

familiarizado com as regras e fui desqualificado por causa de uma infração.

O jovem coçou a cabeça embaraçado.

– Ah sim? – perguntou Mieko surpreendida, semicerrando os olhos.

Então era ele – o jovem que tinha de longe as classificações mais altas, mas, sem contactos no mundo da música japonesa para defenderem o seu caso, acabara por ser desqualificado.

– O nome dele, Masaru, significa “vitória” em japonês, não é verdade?

– Nathaniel olhou para Mieko. – Masaru, esta é Mieko Saga, uma velha amiga minha.

– Sim, claro. Que bom conhecê-la por fim. – Os olhos de Masaru brilharam quando lhe estendeu a mão.

Se é vitória versus pó, já é Game Over.

Mieko olhou para a praça lá fora através da enorme janela.

A noite avançava. Em breves horas a cortina subiria para o início do concurso.

Um Dó Li Tá

– Estou cá a pensar, que tal este vermelho para a final?

Kanade parecia tão séria que Aya não pôde deixar de sorrir.

– Mas nem sei se chegarei à final.

Aya queria aligeirar as coisas, fazer com que aquilo parecesse uma piada, mas Kanade voltou-se e lançou-lhe um olhar assustado.

– *Aya-chan*, ainda falas assim? Há montes de jovens neste mundo capazes de morrer para se poderem apresentar num concurso, mas não conseguem. Se vais ver as coisas por esse prisma, o melhor será desistires já. Não precisas de te preocupar com o meu pai.

– Desculpa...

Aya ficou em silêncio e observou os vestidos.

O concurso de Yoshigae começava no dia seguinte e agora que tinham decidido a ordem das participações, Aya voltara rapidamente a Tóquio para lá passar apenas um dia.

Estavam na casa do diretor Hamazaki, perto da faculdade, uma imponente mansão ao estilo japonês, com um magnífico jardim.

Aya e Kanade, a filha mais nova do Sr. Hamazaki, estavam sentadas na enorme sala, agora cheia de vestidos espalhados pelo tatami para serem inspecionados.

Aparecer em palco com um vestido maravilhoso era o sonho de todas as jovens. Muitas começavam a aprender piano só a pensar nisso – usar um belo vestido num recital.

Mas, para as candidatas, os vestidos podiam ser uma preocupação.

Eram volumosos e caros e não os podiam repetir muitas vezes.

Nos concursos, era habitual uma jovem usar um diferente em cada apresentação. Se sobrevivesse até à final do Yoshigae, teria de usar quatro vestidos diferentes.

Claro que se podia sempre alugar um, mas se ele não fosse confortável podia impedir a execução e as pianistas preferiam usar os seus próprios vestidos, a que estavam habituadas.

Havia anos que Aya não tocava em público e não tinha vestidos seus. Até ter treze anos fora a mãe que se encarregara de fazer todos os fatos com que se apresentara em palco. Aya preferia roupas mais grosseiras e arrapazadas e pensava usar um fato de casaco e calças no concurso.

Kanade perguntara por acaso: “Então, o que vais vestir?” e quando ouvira que Aya pensava vestir o tal fato de calças e casaco ficou horrorizada.

– Está absolutamente fora de questão. Um fato de calças e casaco pareceria estranho.

Os Hamazakis tinham duas filhas, a mais velha, Haruka, estudava canto no estrangeiro, em Itália, enquanto Kanade estudava violino na mesma escola do que Aya, mas dois anos mais adiantada. Cada uma das jovens escolhera um campo que tinha muito a ver com os seus nomes – Haruka significa “canção pura” e Kanade “tocar um instrumento”.

Fora o Sr. Hamazaki quem convidara Aya para frequentar a sua escola superior de música, mas assim que ela começou, a filha, Kanade, encarregou-se dela. A princípio devia-lhe ter parecido um dever, mas a disciplinada Kanade e Aya, muito mais calma, deram-se bem e sentiam-se agora como duas irmãs.

As meninas Hamazaki tinham um guarda-roupa cheio de vestidos, de modo que resolveram rapidamente emprestar a Aya aqueles de que ela precisasse.

Como preferia desenhos simples em tons monocromáticos, Aya escolheu apenas vestidos de cores escuras, mas Kanade acautelou-a. O próprio piano era negro e na final, quando tocasse com uma orquestra cujos membros estariam também de preto, ficaria perdida no palco se não se vestisse de outra cor.

E como também era aconselhável que todos os intérpretes, não só as pianistas, não tivessem os ombros apertados, muitas escolhiam vestidos sem mangas. Os vestidos com corpete também eram populares, mas Aya não estava muito entusiasmada. Com os seus ombros descaídos, as alças finas não ficariam bem, pois uma delas podia facilmente deslizar. Depois de muita tentativa e erro, decidiu-se pelos vestidos sem mangas. Ouvira várias histórias de terror: vestidos muito bonitos, mas que dificultavam a interpretação, participantes que pisavam a bainha dos vestidos; alças que escorregavam; raparigas que escolhiam tecidos sintéticos mais baratos e suavam loucamente durante a atuação, e vestidos que ficavam de tal forma amarrotados que faziam as jovens perderem a concentração enquanto tocavam.

Depois de muita indecisão, escolheram quatro vestidos: um era mais ou menos vermelho-vivo, outro azul brilhante, outro verde intenso e o último de lamé prateado. A questão agora era por que ordem devia usá-los.

Kanade apercebeu-se da confusão de Aya. Sabia que ela entrara na escola superior de música por recomendação do pai e que concordara com relutância entrar no concurso devido a um sentido de agradecimento, mas que não tinha qualquer desejo de obter um prémio.

– *Aya-chan?* – disse Kanade. – Sempre pensaste que estava a ajudar-te a pedido do meu pai, não é verdade?

Aya foi apanhada de surpresa. Não imaginara que Kanade referisse tal coisa, ou mesmo que o tivesse notado.

– Era uma grande admiradora tua – declarou Kanade. – Desde pequena que o meu pai me disse que eu tinha um ouvido excelente. Quando ia assistir aos concursos, conseguia sempre perceber quem seria o vencedor e aqueles que atingiriam grandes coisas. Chegámos ao ponto de ele me perguntar: “Então? Qual achas que é?”

Aya tinha perfeita consciência de que Kanade tinha um ouvido fantástico, muito mais do que ouvido absoluto, e incluía uma mistura incrível de intuição e perspicácia crítica. Kanade tocava obras de outros e de muitos géneros e ouvia muita música de bandas independentes. Dizia a Aya que uma determinada banda teria sucesso, e era certo que esta tinha uma estreia fantástica. Aya ficava aturdida com o infalível sentido musical de Kanade. As atuações dela não eram especialmente notáveis, mas o seu som tinha uma maturidade muito superior à sua idade e os conhecedores tinham-na em alta consideração como violinista.

– A primeira vez que te ouvi tocar fiquei surpreendida – disse Kanade.
– Estava habituada a ouvir os alunos que vinham estudar com o meu pai e havia muitos meninos-prodígio entre eles, com uma técnica admirável. Mas tu eras diferente. Senti-me atraída pela tua musicalidade... tão livre e à vontade, tão generosa, contudo com uma visão impressionante.

Aya sentiu-se pouco à vontade. Aquela descrição era mesmo da sua pessoa?

– Nem imaginas como me senti emocionada quando te ouvi tocar. Recordo-me de dizer ao meu pai: “Esta miúda vai ser uma estrela”. Não esperava que o fosses... tinha a *certeza* absoluta.

Aya coçou a cabeça.

– E depois...

Kanade abriu muito os olhos e fitou Aya. Esta deixou de se coçar.

– E depois, de repente, deixaste de tocar. Fiquei chocada. Francamente, senti-me humilhada. É um pouco tarde para te dizer isto, mas senti-me insultada, como se tivesse sido traída.

– Eu... lamento – respondeu Aya.

Kanade soltou uma pequena exclamação raivosa e o seu rosto descontraiu-se.

– E então, anos depois, o meu pai chegou a casa uma noite e disse-me: “Tinhas toda a razão, Kanade. Acertaste”.

– Queres dizer que...

Kanade assentiu.

– O dia em que o meu pai te ouviu tocar a sonata de Shostakovich para piano.

Aya olhou de frente para Kanade.

– Fiquei tão feliz quando ele me disse que ia fazer com que frequentasses a nossa escola. Não disse *quero que ela se inscreva*, mas *vou garantir que ela se inscreve*. Sabes que ele parece ser muito delicado? Pois bem, por vezes pode ser muito firme.

– O Professor Hamazaki? – Aya sentiu-se invadida por uma emoção afetuosa. – Então... creio que é graças a ti que pude estudar aqui.

– Pois... tudo graças a mim! Podes então mostrar alguma gratidão – disse Kanade a rir. – O meu pai não fez o que fez baseado apenas na minha intuição. Há muito, muito tempo que pensava em ti.

Ter-lhe-ia a mãe pedido em vida que olhasse por ela, interrogou-se Aya.

– Terás então de dar o teu melhor no concurso. Está em jogo o meu orgulho e a minha honra, percebes?

Aya assentiu.

– Pois muito bem. Qual será o vestido da vitória?

Voltaram as duas a examinar os quatro vestidos.

– Quero este para a final – disse Aya pouco depois, apontando para o ultrachique vestido prateado.

– Não será de uma cor um pouco suave? – Kanade inclinou a cabeça duvidosa.

Aya abanou a cabeça.

– Não, não é. Este é o meu preferido. O segundo carater do meu nome, Aya, é o carater que representa “noite”. E este dá a sensação de luar. É perfeito.

– Dito dessa forma, suponho que tenhas razão.

– Vou dar o meu melhor para o poder vestir na final. Muito obrigada, Kanade-*chan*.

Aya agradeceu com tanta sinceridade que foi a vez de Kanade se sentir embaraçada e desviar o olhar.

*

Ao sair da casa dos Hamazakis, Aya não pôde deixar de suspirar.

Lá fora a temperatura descera.

Pensou que, de facto, já parecia ser outono. O ar frio nas suas bochechas era tonificante.

Kanade fizera-a muito feliz, comovera-a profundamente, mas agora que estava na rua, sentia que os seus sentimentos negativos voltavam.

O concurso começaria no dia seguinte, mas era-lhe difícil aceitar a ideia.

Sabia que tinha de fazer o que Kanade lhe dissera e que devia recompor-se e concentrar-se.

Mas também, Aya só se apresentaria no último dia da primeira eliminatória, pois era o N.º 88 da lista. Oito era um número de sorte – o modo como o carater chinês se abria significava prosperidade. Mas o que de facto a espantava nesse número era a quantidade de participantes que implicava.

Mas porquê agora, já tão tarde, preciso de ter pessoas a classificarem-me? Pensou Aya refletindo na sua relutância acerca de tudo aquilo. Neste momento, a minha vida musical satisfaz-me. Quero que a música seja a minha vocação... é um dado adquirido..., mas não tenho em mente ser pianista e dar concertos. Uma coisa é ser músico de sessão, outra é tocar diante de outras pessoas e não creio estar preparada para o fazer.

Havia outra questão que a preocupava.

Havia pouco tempo, recebeu na faculdade um pedido de uma estação de televisão para fazerem a cobertura da sua participação no concurso. Queriam fazer um documentário do processo, do princípio ao fim. De todos os alunos que iam concorrer, escolheram Aya. Ela recusou rápida e delicadamente, mas ficou com um amargo de boca.

Era óbvio o que queriam fazer: capturar o drama da *ressurreição da menina-prodígio*.

A menina que voluntariamente desaparecera do palco regressava agora. Imaginem como ficariam exultantes se ela revelasse que dedicava esse regresso à sua falecida mãe. Deprimia-a pensar que era assim que o mundo via a sua participação.

Nunca lamentara ter-se afastado de ser pianista de concertos. Continuava a amar a música com todo o coração e uma vida sem ela era-lhe inimaginável. Mas era difícil suportar a ideia de que as pessoas viam os seus motivos de forma diferente – que pensassem que ela morria por regressar aos palcos, ou que só agora se sentia recuperada para o fazer. Aya era uma pessoa despreocupada e descontraída embora um pouco obstinada e era esse aspeto da sua personalidade que a fazia hesitar submeter-se a essa *ressurreição* que todos pareciam esperar.

Pois bem, pensou, longe de ser uma ressurreição, se eu não passar na primeira eliminatória do concurso, vou acabar por ser um motivo de troça.

Aya soltou um gargalhada irônica para si mesma.

Talvez porque a escola de música fosse ali perto, os seus pés conduziram-na naturalmente nessa direção.

A noite ia avançada, mas os edifícios da escola estavam profusamente iluminados. Geralmente, as salas de ensaio estavam disponíveis vinte e quatro horas por dia. Quando se aproximava um concurso, exames ou um concerto da própria escola, os alunos faziam diretas e ensaiavam ininterruptamente.

Aya não tinha vontade de ir diretamente para casa. Decidiu então dar uma espreitadela às salas de ensaio. As decisões acerca do guarda-roupa também a tinham cansado, de forma que tocar piano talvez a animasse antes de regressar.

Conforme esperara, as salas de ensaio estavam quase todas tomadas. Conseguia entender, através das portas à prova de som, alunos a fazerem repetições frenéticas dos estudos de Chopin e das sonatas de Beethoven. Avistou dois alunos que iam participar no concurso de Yoshigae. Uma palpável tensão de última hora e a exaustão do fim da noite enchiam as salas.

O seu piano favorito estava ocupado, por isso tratou de ir procurar o segundo favorito.

A música que saía de uma das salas de ensaio obrigou-a a deter-se.

Mas que...?

Por um instante não percebeu o que ouvia.

Uma indiscreta massa de sons.

Não conhecia a melodia.

Seria jazz piano?

Ficou à escuta.

Nunca ouvira aquele toque. Conhecia bem o som de cada aluno do departamento de piano. Seria um do departamento de composição? Aya encostou o ouvido à porta.

Sabia que alguns estudantes tinham formado uma banda de jazz e tocavam muitas vezes juntos.

Mas, enquanto escutava percorria-a um arrepio e sentiu a boca ficar seca.

Não, não era um deles. Quem quer que fosse, era excepcional. Verdadeiramente excepcional. Tão bom como um dos alunos do seu próprio departamento. Bom, também não tanto. Não conseguia perceber, mas o som era incrível.

Era, sobretudo, *distinto*.

Era a primeira coisa que a fizera parar para ouvir. Geralmente, o som vindo das portas insonorizadas era abafado e uniforme, sem individualidade ou embelezamento.

Mas aquele som era rico e atravessava a porta.

Nunca um aluno poderia criar tal som num daqueles pianos.

Aya inclinou a cabeça para trás, com o coração a bater acelerado.

Uma passagem espantosa. Embora o pianista estivesse a tocar em oitavas, cada nota era cronometrada com toda a precisão, totalmente limpa. Como poderia alguém tocar de uma forma tão equilibrada?

Aya sentiu-se sem pinga de sangue e o choque aproximava-se do medo.

Estou a ouvir algo admirável, pensou. Estamos praticamente na véspera do concurso, numa sala de ensaio, na escola de música, de noite, e sinto algo que agita todo o meu ser.

O som alterou-se, sobressaltando-a mais uma vez. Aquela velocidade eletrizante abrandou de súbito, substituída por um tom descontraído.

Rumba, pensou. Era um ritmo de rumba. Ao acompanhamento ardente da mão esquerda, a direita acrescentava uma melodia que sabia já ter ouvido.

O que é isto? Eu conheço. Há muita improvisação, mas de certeza que é...

Encostou mais o ouvido à porta.

– Zui zui zukkorobashi! – A tradicional canção infantil *Um, dó, li, tá*. E incrivelmente tocada num ritmo de rumba! Incapaz de se conter, Aya espreitou pela janelinha quadrada da porta.

A primeira coisa que viu foi um boné castanho-escuro. O boné gasto balançava para a frente e para trás, na cabeça de um rapaz, que não estava sentado, mas de pé, e se movimentava de um lado para o outro enquanto tocava. Tal como esperava, Aya nunca o vira. Pôs-se na ponta dos pés tentando ver-lhe o rosto.

Não é aluno da nossa escola. É tão jovem. Talvez... esteja ainda na escola secundária?

Tocava a rumba ao seu próprio estilo, olhando subitamente para o teto e depois para a parede.

Deixou de tocar por um segundo.

Depois, também de repente, começou um estudo de Chopin.

Mas que...?

Aya deu meia-volta por puro reflexo.

Não estava enganada, aquele rapaz estava a tocar a abertura do mesmo Estudo n.º 1 de Chopin que o outro aluno ensaiava tão afincadamente na outra sala, na outra ponta do edifício, acertando a sua interpretação pela do outro.

Impossível! Como poderia ouvir, dentro da sala de ensaio?

Percorreu-a um arrepio. O rapaz tocava em perfeita sincronia com a peça que ela ouvia ao longe. Conseguiu de facto ouvi-la.

O som tornou-se desordenado, estranho, e arranhava-lhe os ouvidos.

Aya estava baralhada. Estaria a armar confusão?

Era a mesma linha melódica. A frase esplêndida que entrava como uma onda para depois recuar.

Aya sentiu-se arrepiada.

Já percebo, está a sobrepor a frase sobre o que os outros alunos tocam, mas exatamente meio-tom acima.

Tocava tão naturalmente, tão à vontade. Uma interpretação suave, calma.

Ainda a balançar-se, o rapaz voltou-se para a porta.

Os seus olhos encontraram os de Aya.

Deteve-se.

Aconteceu tão abruptamente que ela não conseguiu afastar-se. Os seus olhos continuavam fixos nos dele. O rapaz resmungou qualquer coisa como se tivesse sido apanhado a pregar uma partida.

É o bem amado.

Foram estas as palavras de que se lembrou, assim que lhe viu o rosto. Aquele jovem era o bem amado do deus da música.

Não sabia porque tivera aquela ideia. Mas quando o viu, saltou-lhe esse pensamento. *Beatífico, inocente.* Palavras que normalmente não utilizava, porém, ao olhá-lo, teve uma sensação imediata da imagem que evocavam.

O rapaz tirou o boné. Apanhou do chão o seu saco de viagem e apressou-se a sair.

– Desculpa, desculpa – disse-lhe o rapaz, baixando a cabeça.

– Mas porquê? Porque pedes desculpa? – perguntou Aya, mas ele estava pronto a fugir dali.

– Lamento. Sei que não devia, mas quando ia a passar, ouvi o piano e pensei que tinha um som tão bonito, que tive de entrar.

O rapaz continuava a curvar-se enquanto se afastava.

– Eu... eu não toco muitas vezes num piano tão bom. Por isso pensei...

– De que estás a falar? – Aya pestanejou, surpreendida. Teria ele ouvido o piano da rua? O som de um piano numa sala de ensaio insonorizada? – Espera! Quem és tu?

O rapaz enfiou o boné na cabeça e saiu a correr.

– Espera! Diz-me o teu nome!

Aya tentou segui-lo, mas o rapaz já se escapara pela porta e ela viu-o correr não em direção ao portão principal da escola, mas ao muro no fundo do jardim.

– A sério?

Viu-o desaparecer na escuridão.

Sem que ela percebesse como, o rapaz arranjou um apoio para o pé e saltou o muro.

A sério? Invadira a propriedade?

Aya esqueceu-se de tudo – do concurso, dos vestidos, das filmagens – e, da porta, olhou fixamente a noite.

O Cravo Bem Temperado, Livro 1, Prelúdio N.º 1

Masaru Carlos Levi Anatole acordou às seis da manhã no seu quarto de hotel, segundos antes do despertador tocar. Carregou rapidamente no botão para o desligar.

Raramente precisava de despertador. Conseguia quase sempre acordar exatamente à hora que queria, mas ligara-o para maior segurança.

Ultrapassara o jet-lag, depois de passar uns dias no Japão.

Masaru levantou-se da cama, despiu o *yukata* – o roupão maior que tinham, mesmo assim demasiado curto para ele – e abriu as cortinas.

Tinham-lhe dado uma vista maravilhosa da cidade oceânica de Yoshigae, com o Pacífico a formar ao longe um arco enorme. Hoje o céu estava nublado, mas ainda assim luminoso, o oceano um misto brilhante de azul e cinzento. Masaru soltou um pequeno grito de alegria.

Mesmo com a sua cor invulgar, no Japão, o Pacífico parecia uma pintura feita com caneta e tinta. Talvez por ser visto através do ar pesado e húmido. Era difícil acreditar que se tratava do mesmo oceano na Costa Oeste dos Estados Unidos.

Masaru estendeu os braços e fez alguns alongamentos para soltar os membros, depois salpicou o rosto com água fria. Vestiu o fato de treino, apanhou o elevador para o átrio, saiu e deu início a um *jogging* descontraído.

As ruas desertas pareciam limpas e refrescantes ao princípio da manhã e o ar fresco tonificava-lhe as faces.

O som das patas de um cão no passeio, o rugido da motorizada do rapaz que entregava os jornais matutinos.

Eram esses os sons do Japão. Correu durante algum tempo, parou, depois continuou a correr. Alto, com uma passada longa e audaciosa e ombros musculados, quem o visse tomá-lo-ia por um atleta.

E fora de facto um atleta, especializado em salto em altura e, mesmo agora, na Julliard, considerava os músicos como uma espécie de desportistas.

Os pianos que tocara em diferentes locais eram como pistas de corrida, afetadas pelo clima, enquanto a sala de concertos era uma espécie de estádio. Para tornar possíveis pianíssimos e fortíssimos eram imprescindíveis dedos longos e as mãos grandes, mas também ombros e pulsos flexíveis, a capacidade de sustentar a respiração por muito tempo e de respirar fundo, músculos com uma força explosiva, resistência construída sobre um cerne interior diligentemente treinado. Também era necessária a compreensão humilde e profunda da música e a capacidade de tocar com generosidade de espírito. E Masaru possuía cada uma destas qualidades.

Imaginava o oxigénio a encher todo o seu corpo, a par com os seus passos e a sua respiração.

Nunca ouvia música enquanto corria. Contudo, nesse momento, tinha a cabeça cheia da música de Bach. Bach era música matinal. *O Cravo Bem Temperado*, uma das obras atribuída para a primeira eliminatória. Nessa manhã não era a versão de Glenn Gould que tinha na mente, mas a de Gustav Leonhardt.

– *Ohayo, Nippon* – murmurou Masaru em japonês.

Bom dia, Japão.

*

Masaru tinha ido viver para o Japão aos cinco anos, e ali ficara dois anos.

Francamente não se lembrava grande coisa desse tempo. Como sabia falar o japonês vulgar, foi para a escola primária pública mais próxima. Não aguentou três meses.

Com a sua personalidade naturalmente otimista, a experiência não o marcou particularmente, embora ainda se lembre de se sentir um *extraterrestre*.

A mãe, Michiko, sentiu-se mais chocada do que ele.

Era peruano-japonesa de terceira geração, muito trabalhadora e não parecia de forma alguma oriental, embora fosse invulgarmente orgulhosa da sua herança japonesa. Tinha grande orgulho nas regras apreciadas pela sociedade peruano-japonesa: trabalhar afincadamente, cumprir as promessas, ser bondosa para com o próximo, poupar dinheiro, estudar, viver uma vida digna, manter a si mesmos e as suas casas limpas e apresentáveis. Os seus irmãos eram pessoas destacadas nos seus campos profissionais e tinham posições importantes. A mãe de Masaru não era exceção – licenciara-se em Engenharia na Universidade Nacional do Peru e continuou a estudar em França. Depois de obter o doutoramento trabalhou numa central nuclear, casou com um físico francês e teve Masaru. Tudo isso explicava aquele nome longo e complexo.

Com as *joint ventures* da energia nuclear entre a França e o Japão, Michiko e o marido foram colocados em Yokohama. Era a primeira vez que ela ia ao Japão e estava encantada com a mudança. Ouvira dizer que o ensino ali era de boa qualidade, por isso inscreveu Masaru numa escola pública local.

As suas esperanças foram arrasadas.

Masaru foi completamente rejeitado pela pequena *sociedade* que constituía a escola primária japonesa. Quando o rapaz chegava a casa trazia a mochila cheia de restos de comida mal cheirosa. Não só não comia o almoço, como vomitava todo o conteúdo do estômago. Michiko também conseguiu um muro de rejeição por causa da sua aparência sul-americana. Era uma pessoa adorável, alegre e animada e Masaru lembrava-se de como ela parecia infeliz, ainda mais do que ele. O resultado foi a transferência para uma escola internacional durante os dez meses que restavam até regressarem a França.

Para a mãe, a experiência no Japão foi um choque, mas não tanto para Masaru. Ficou aborrecido com a desilusão da mãe, mas também percebeu que tudo aquilo não passava do reverso da medalha que era a atração do Japão.

Embora não se tivesse sentido bem na escola primária, tinha a sensação de que as escolas eram praticamente iguais em toda a parte. Em França também não era assim tão bom. Seria porque os franceses estavam habituados a ver uma variedade de raças e com a sua longa história colonial se mostravam mais à vontade a tratar pessoas de outras terras? Mesmo assim, ainda havia preconceitos como em toda a parte. E onde quer que se fosse, as crianças eram cruéis com as que eram diferentes. O único contraste era que em França, com a multietnicidade da população, Masaru não se destacava muito. Depois de passarem três anos ali, o pai e a mãe mudaram de emprego e, com onze anos, Masaru acompanhou-os na ida para os Estados Unidos.

*

— Ma-kun. Estou aqui. Vamos!

Masaru voltou-se.

Nesse instante conseguiu recordar aquela voz alegre. Havia mais de dez anos que a ouvira pela última vez, contudo mantinha-a distinta na sua memória.

Fora no Japão que Masaru vira pela primeira vez um piano.

*

Voltou a correr para o hotel, tomou duche e dirigiu-se ao restaurante para tomar o pequeno-almoço.

Eram então sete e vinte e a maioria dos presentes na sala eram empresários. Havia também alguns participantes no concurso, mas não muitos.

A primeira eliminatória da competição começava nesse dia e prolongar-se-ia por mais cinco, e como não começava antes da tarde, o mais provável era que os pianistas não tivessem pressa para se levantar da cama. Quem se apresentasse nesse dia, chegaria provavelmente mais tarde, antes do fecho do serviço de pequeno-almoço, e evitaria almoçar. Todos estariam a ensaiar tendo em mente o tempo que lhes era atribuído. Alguns, demasiado nervosos para comer ou dormir, reviam ainda cuidadosamente o programa do seu recital.

Masaru entusiasmava-se com o público e nunca sofrera de medo do palco. Pensava que eram todos como ele, por isso surpreendia-o que houvesse pianistas que perdiam completamente o apetite e que ficassem muito magros à medida que o concurso se aproximava.

Para Masaru, a sua primeira participação em Osaka fora emocionante. Tinha sido semelhante a um acontecimento desportivo, uma sensação intensa de ou tudo ou nada. Sentia-se completamente estimulado.

O que, segundo ele, mais gostava nos concursos era a oportunidade de ouvir todo o tipo de atuações ao vivo executadas por pianistas com toda uma variedade de aptidões.

— Mas em que estás a pensar, Masaru? Não precisas de ouvir este tipo de atuações de forma tão séria.

Recordava-se de que alguém lho dissera — provavelmente outro aluno da Julliard, que também participava. Masaru ouvia todas as prestações a partir do primeiro dia, exceto, claro, aquelas que tinham lugar antes e depois da sua.

— Como? — replicara. — Mas é divertido. Raras vezes temos possibilidade de ouvir tantos pianistas diferentes.

O colega ficou espantado. A sério? Masaru achava tudo aquilo *divertido*?

Provavelmente imaginava que Masaru faria um comentário semelhante ao de Jennifer Chan: “Não oiço más atuações. Magoam-me os ouvidos.”

Naturalmente, algumas atuações eram aborrecidas e outras acabavam por ser um horroroso espetáculo técnico.

Mas Masaru achava interessante analisar o que era fraco e como podia ser melhorado.

– O Masaru está mais bem preparado do que qualquer um de nós para ser professor – comentava muitas vezes o seu mentor, Nathaniel Silverberg.

Nacionalidade, personalidade, excentricidades de professores – tudo isso influenciava o desempenho e Masaru gostaria de saber como era possível que a mesma peça, tocada no mesmo piano, acabasse por soar de maneira tão diferente. Um concurso era um verdadeiro expositor de pianistas e ele nunca se cansava de os ouvir. Quando pensava nos jovens de todo o mundo, enfeitiçados pelo instrumento, dispostos a passar uma incrível quantidade de tempo a praticar, ficava mais uma vez impressionado pela sua magia. Tal como ficara da primeira vez que ouvira um piano.

*

– Ma-kun. Estou aqui. Vamos!

A menina era um ou dois anos mais velha do que ele.

Tinha enormes olhos brilhantes e cabelo liso, comprido e negro.

– Ah... Ok...

Masaru hesitava sempre junto à porta, fingindo que não estava interessado em ir.

Depois ela agarrava-lhe na mão e partiam. Masaru esperava que ela o fizesse. A sensação da mão dela na sua quando iam ambos para a lição de piano.

A menina tinha lições regulares e Masaru era mais um acessório ao acaso. Sabia como a menina e o professor eram generosos ao permitirem que ele se lhes juntasse.

As aulas em si eram pouco convencionais. A casa do professor estava sempre cheia de diferentes tipos de música, tudo, desde o rock ao jazz, às canções japonesas e à *enka*. Nessa altura, Masaru gostava especialmente de duas canções e ainda sabia cantá-las: *Isezakicho Blues* de Mina Aoe e *Funa uta* de Aki Yashiro ou *Sea Shanty*.

– Gostas de vozes roucas, não é verdade, Ma-kun? Os teus gostos são muito discretos. – Recordava-se que tanto o professor como a menina estavam impressionados por isso.

Tocavam vários tipos de música, por vezes improvisando, depois praticavam escalas e a seguir tocavam uma peça a quatro mãos. Envolviam-se cada vez mais e o tempo voava.

Quando a menina tocava, esqueciam-se de como era novinha. Havia algo de muito grande dentro dela, que a fazia parecer desenvolvida e madura. Até mesmo beatífica.

Masaru pensava que qualquer pessoa podia lá chegar se praticasse o suficiente, porém, o nível da menina era tão avançado que já ultrapassara a prática básica. Era um prodígio, o primeiro que ele conhecia. Tinha a certeza de que nos anos futuros viria a ser famosa.

Mas não se lembrava do nome dela, por isso, mais tarde, mesmo quando já era possível usar a internet, nunca a procurou. Tinha um nome difícil e tratavam-se apenas pelos diminutivos – *Ma-kun* para ele e *Aa-chan* para ela. Talvez ela também não se lembrasse do nome dele.

Viviam no mesmo bairro, embora ela frequentasse um colégio, de modo que estavam em escolas diferentes e nunca se encontravam. Mas ele habituou-se ao som do piano filtrado através das janelas sempre que passava por casa dela.

Um dia, por acaso, esbarrou com a menina que saía de casa transportando um saco com uma clave de sol bordada. Pensou que o rosto dela era muito diferente do dos seus colegas. Tinha uma luz interior e uma vivacidade que o impressionou imediatamente.

Perguntou-lhe, quase que sem se aperceber:

– És tu que estás sempre a tocar piano? – A menina olhou para ele e os seus olhos refletiam uma curiosidade imensa.

– Sim, sou. Quem és tu?

– Gosto muito daquele bocado, logo a seguir a abrandar.

Masaru cantou a frase e os olhos da menina abriram-se desmesuradamente.

– Uau! Tens um ouvido ótimo – disse. – Essa parte é difícil de tocar. – A menina fez uma pausa. – Escuta, tens alguma coisa para fazer agora?

– Hã? – Masaru fora apanhado de surpresa.

– Vamos juntos a casa do meu professor. Tenho a certeza de que vais gostar. Pronto... vamos, *Ma-kun*.

Fora a primeira vez que ela lhe dera a mão, e começou imediatamente a andar.

O professor não ficou perturbado ao vê-la aparecer com um rapazinho latino-americano.

– Oh, é teu amigo? – perguntou.

– Chama-se *Ma-kun* e tem um ótimo ouvido para a música.

Em breve também o professor ficou espantado com Masaru. O rapaz tinha um ouvido absoluto e conseguia reproduzir qualquer música que ouvisse. O professor mostrou-lhe aos poucos as bases, embora, sem um piano em casa, Masaru não pudesse ensaiar.

Ele e a menina começaram rapidamente a tocar peças simples a quatro mãos, enquanto cantavam em voz alta.

O professor murmurava a sua aprovação.

– Vocês são tão parecidos – disse. – Como se tivessem dentro de vós um imenso espírito musical, poderoso e brilhante que não pode ficar contido e tem de ser libertado.

– O som do *Ma-kun* é como o oceano, não é verdade? – perguntou a menina.

– O oceano? – perguntaram Masaru e o professor em uníssono.

– Sim, por baixo do céu azul, com as ondas a rebentarem. As gaivotas voam e, de vez em quando, poisam na crista de uma onda, subindo e descendo. Como é o oceano do *Ma-kun* mantêm-se muito calmas.

– Gosto da maneira como o descreves – disse o professor a rir.

Mas Masaru não conseguiu rir. Aquelas palavras, vindas de um prodígio como ela não eram um elogio vazio. A menina acreditava que aquele era *verdadeiramente* o seu som e aquilo enchia-o de alegria.

Quando chegou a altura de Masaru regressar a França, o professor disse:

– *Ma-kun*, o teu som é verdadeiramente maravilhoso. Quero que continues a praticar. Se não te for possível, continua a amar a música da maneira que o fazes. Será o teu tesouro.

A menina fartou-se de chorar.

– Disseste que praticaríamos até conseguirmos tocar Rachmaninoff juntos! – E, frustrada, bateu o pé.

Quando se cansou de chorar, voltou para ele os olhos raiados de sangue.

– Promete-me que continuas a tocar – pediu e entregou-lhe o saco com a clave de sol.

*

Quando voltou para França, disse aos pais que queria estudar piano.

Até ali nunca afirmara claramente os seus desejos acerca do que quer que fosse, por isso aquilo apanhou-os de surpresa, mas concordaram. Masaru teve lições particulares dadas por um aluno de música do mesmo bairro e levou consigo a sua pauta e o saquinho da clave de sol.

Depois de algumas aulas, o professor entrou em contacto com os pais de Masaru.

– Gostaria de apresentar Masaru ao meu próprio professor – disse.

Em breve Masaru destacava-se, e dois anos depois era considerado um menino-prodígio. Como dissera o seu professor no Japão, tinha um som muito especial.

– Escuta-me, Masaru – disse-lhe Nathaniel Silverberg, quando ele resolvera participar no Concurso Internacional de Piano de Yoshigae. – És uma estrela. Iluminas a sala. Tens aura. Tens um sentido inato e espantoso da música. E uma força interior firme e generosa. – Nathaniel lançou-lhe um olhar sério. – Não digo este tipo de coisas a todos os alunos. Causar-lhes-ia demasiada pressão ou torná-los-ia pretensiosos.

Nathaniel tinha uma forma especial de falar, intensa e brusca, e Masaru apreciava-a, pois parecia-lhe ao mesmo tempo inteligente e um pouco desajeitada.

– Digo-te a ti – continuou Nathaniel –, pois acredito no teu talento, mais do que no de qualquer outra pessoa. Traz o prémio para casa. Sê fiel ao teu nome e *vence*.

– Vou tratar disso – murmurou Masaru.

*

Masaru terminou o pequeno-almoço e regressou ao quarto para mudar de roupa.

Tencionava também ouvir todos os participantes no concurso.

Nessa manhã ia ter com um amigo de Nathaniel, professor numa escola superior de música, e pedir-lhe que o deixasse praticar no seu piano, depois à tarde desfrutaria das atuações.

Reparou no saco de pano enrolado que trazia na mala, já escurecido pelos anos.

O saco com a clave de sol bordada que agora guardava como amuleto.

O Oceano Pacífico cintilava em Yoshigae, do outro lado da janela.

– Vim até aqui como uma vasta onda que atravessa o oceano – murmurou para a recordação da menina de olhos vermelhos. – Mas será que esta enorme onda que trago até às costas do Japão se transformará num tsunami?

Endireitou-se e vestiu uma camisa branca.

O Tema *Rocky*

– Então, quando foi a última vez que atuei em público?

Akashi Takashima procurou na memória e concluiu que teria sido dois anos antes, quando tocara a música de fundo no casamento de um amigo.

Era agora um adulto que trabalhava, tinha um emprego numa empresa de serviços, casara, era pai e assentara e, apesar de pensar ser até certo ponto imune ao terror do palco, agora, na manhã do primeiro dia do concurso, sentia-se agitado por lhe parecer estar mais tenso do que esperava.

Não, pensou. É melhor ver isto pelo lado oposto.

Tenho mais coisas a enfrentar agora na vida, mais responsabilidades, e é precisamente por saber mais acerca do mundo que tenho esta nova sensação de medo.

O primeiro dia do concurso. O céu estava limpo e cheio de sol.

Akashi chegara a Yoshigae no dia anterior e dormira num hotel pertencente a uma cadeia no centro da cidade. Era o último a apresentar-se no primeiro dia, de modo que poderia ter chegado nessa manhã ou até depois do meio-dia, mas não queria arriscar qualquer atraso no caminho. Continuou a ensaiar até ao momento em que teve de partir. Um colega da sua loja de música era de Yoshigae e os pais dele tinham-no convidado para ir lá a casa fazer o aquecimento de última hora.

Akashi era o vigésimo segundo. Na primeira eliminatória deveria haver dezoito participantes por dia, por isso pensara que tocaria apenas no segundo dia, mas como vários pianistas se haviam retirado, ele avançara e seria o último a apresentar-se no primeiro.

Não fazia ideia se seria bom ou mau ser o último, embora com longas horas de espera sabia que teria dificuldade em manter a concentração.

Mesmo assim sentia-se satisfeito por ser domingo, pois isso significava que Machiko podia ir ouvi-lo. Tinham pedido aos pais dela que tomassem conta do pequeno Akihito enquanto ela se ausentava. Machiko teria de ir dar aulas na segunda-feira, de modo que, depois de passar a noite no hotel com Akashi apanharia um comboio muito cedo na manhã seguinte, mas, mesmo assim estava encantada por ter a oportunidade de ouvir o marido tocar depois de tanto tempo. A atuação seria gravada e como Masami a filmaria, poderia vê-la depois, porém Machiko insistira em ir ouvi-lo tocar ao vivo. Se não passasse à segunda eliminatória, esta seria a sua primeira e única oportunidade. Cerca de noventa pessoas tocariam na primeira eliminatória, contudo apenas vinte e quatro passariam à segunda. Como tal, sessenta e seis candidatos não avançariam. Depois, apenas metade, doze, passariam à terceira e apenas seis à final.

Para sua surpresa, Akashi dormiu profundamente na noite anterior. Conseguiu descontraí-lo pois não tinha piano nem qualquer outra distração no seu quarto de hotel. Se tivesse ficado em casa, o piano monopolizaria os seus pensamentos.

Tomou vagarosamente o pequeno-almoço e leu o jornal.

Nesse dia tudo se resumiria a como fosse avaliado pelo seu desempenho de vinte minutos. Estaria no mesmo barco que todos os jovens músicos do departamento de música que praticavam o dia inteiro – não, o *ano* inteiro – todos com o professor por perto, preparando estrategicamente a sua abordagem ao concurso.

Era tudo bastante estranho. Não o tipo de experiência que se encontraria no decurso normal da vida.

No ano anterior pedira ao seu antigo professor que criticasse a forma como tocava e dedicara todos os seus momentos livres a praticar, mas era óbvio que, comparativamente, os outros candidatos tinham investido muito mais tempo. E não podia deixar de se sentir impaciente em relação a esta disparidade. Na sua idade, praticar longas horas não era o único caminho a seguir; era uma questão de qualidade, não de quantidade. No que dizia respeito à resistência moral necessária para uma significativa prática de qualidade, sabia que era tão bom como os outros e orgulhava-se de retirar uma alegria mais pura da sua interpretação.

Supusera ser o pianista mais velho, mas ao olhar para o programa vira que havia outros não muito mais novos do que ele e soltou um suspiro de alívio, logo a seguir considerou cómica a sua reação. Havia um participante da Rússia que tinha praticamente a mesma idade que ele e havia mais dois, um da Rússia outro de França, que eram dois anos mais novos. Seriam ainda estudantes ou já estariam a trabalhar como ele. Qualquer que fosse o país era difícil ganhar a vida só com a música. *Mas aposto que não têm filhos*, pensou.

Fora embaraçoso conseguir férias no trabalho para um concurso tão longo, mas os colegas e o patrão tinham sido muito compreensivos. Afinal também eram músicos praticantes. Alguns tinham até vindo para o ouvir tocar na primeira eliminatória. Pelos vistos, todo o pessoal pensava vir se conseguisse chegar à final.

A final. Só a palavra era arrebatadora.

Quando ainda era estudante, chegara à final do mais prestigiado concurso do Japão nesse tempo. Terminara em quinto lugar, o melhor nível que alguma vez conseguira.

O concurso de Yoshigae atraía recentemente mais atenção, com vencedores a atingir grande proeminência. Músicos influentes de todo o mundo competiam ali. Da China, onde pianistas enormemente prometedores apareciam uns atrás dos outros. E da Coreia, onde era política nacional investir muito nas artes. O nível de desempenho em ambos os países subira astronomicamente e havia ali inúmeros participantes dos dois países. Akashi sabia que tinha apenas uma leve esperança de chegar à final, mas, mesmo assim, desejava que tal acontecesse para tocar o Concerto N.º 1 para Piano de Chopin com uma orquestra completa.

Nesse momento, todos os outros participantes deveriam estar a pensar exatamente o mesmo. Teriam esperanças de tocar, acompanhados pela orquestra, o mesmo concerto de Tchaikovsky, ou Rachmaninoff ou Grieg que os apaixonara em crianças.

Sentiu uma força subir nele e soltou um suspiro.

“Relaxa, relaxa”, disse para consigo. “O dia vai ser longo. Perderes agora a confiança não te vai ajudar”.

Ia levantar-se quando reparou que tinha os atacadores de um dos ténis quase desatados.

Baixou-se para os atar, mas descobriu que não era capaz.

“Mas que ...?” Os dedos pairavam rígidos sobre os atacadores.

“Que se passa comigo?”

Quando por fim conseguiu, pareceu-lhe ter sido a primeira vez que o fizera. Tinham passado quase quinze minutos.

Levantou-se.

Medo do palco?

Gotas de transpiração apareceram-lhe na testa.

Lembrou-se de outras atuações em palco – claro que se sentira um pouco nervoso, mas não se lembrava de ficar tão perturbado.

Teve uma visão assustadora da sua pessoa sentada ao piano no palco, com a mente em branco, totalmente incapaz de recordar as notas que deveria tocar.

Não, isso nunca acontecerá. Nunca, depois de ter praticado tanto. Isto é, nunca me aconteceu uma coisa destas.

Mas também nunca me senti tão ansioso que não conseguisse atar os sapatos.

“Já não és um músico”, murmurou-lhe ao ouvido uma voz fria. “Trabalhar numa loja de música, com uma família em casa, fez com que perdesse qualidades. Podes ter falado com confiança acerca de seres um homem vulgar, com um emprego, mas de facto fugiste. Destruíste o teu caminho, com medo de assumir a vida como músico. Não passas de um desistente.”

Akashi ouvira muitas vezes essa voz. Dizia para consigo que a sua música era precisamente o produto de viver uma vida vulgar, mas no fim não passava de dor de cotovelo. Se fosse excecionalmente talentoso, sem dúvida teria escolhido a vida de músico profissional. E se tivesse vindo a ser profissional, ter-se-ia certamente considerado superior àqueles que trabalhavam para viver, tinham família e se gabavam da *música de um homem vulgar*.

Então porque estou aqui? Quem sou eu agora, a fazer tudo isto?

Apoderou-se dele uma terrível solidão, e os seus pés pareceram afundar-se no chão.

Todos os pianistas têm uma sensação de isolamento, mas a solidão que Akashi sentia nesse momento não podia ser partilhada com nenhum que

fosse entrar em palco, nem com a sua família. Era algo muito próximo do desespero extremo.

– Bom dia, Takashima-kun – exclamou uma voz, e ele levou um momento a responder.

Masami chegara finalmente para começar a filmar.

Tinha de aparecer logo neste momento, pensou ele, quase fazendo estalar a língua de frustração, enquanto se esforçava por não mostrar os seus sentimentos.

– Oh, bom dia.

Tinha a voz tensa e no seu rosto era ainda patente a confusão. Masami sobressaltou-se um pouco e desviou o olhar.

Não quero ser filmado. Que direito tem esta mulher de vir aqui apontar-me a câmara de vídeo?

Nos últimos dias fora para ele deprimente e irritante vê-la filmar e apercebera-se de que começara até a detestá-la por ela o fazer. Também Masami devia ter reparado, mas era a sua função, de modo que não podia interromper. Porém, surgira entre eles um certo embaraço.

Mas nesse dia não conseguia lidar com aquilo. De forma alguma. Se ela passasse o dia de câmara na mão, a seguiu-lo como uma sombra, nem imaginava os impropérios que acabaria por lhe gritar. Não confiava em si próprio para não dizer qualquer coisa de que depois se arrependesse.

Akashi respirou fundo.

– Desculpa, mas hoje é um pouco... – atreveu-se, com uma expressão dura e Masami acenou com a cabeça como se quisesse antecipar-se. Ele reparou que, embora ela transportasse como de costume o seu grande saco, nessa manhã não tinha a câmara na mão.

– Não te preocupes... não te vou filmar agora. Vou à sala de concertos para apanhar as pessoas encarregadas de organizar o concurso, e alguns participantes.

– Desculpa – foi tudo o que conseguiu dizer para se desculpar.

– Mas mais tarde quero filmar-te no camarim e enquanto esperas para entrar em palco. Sem isso o documentário não funciona, portanto, espero que compreendas. – Masami falou num tom conciso e categórico para dar a conhecer aquilo de que precisava.

Akashi anuiu.

– Claro que compreendo – concordou.

– *Boa sorte* – disse ela em inglês.

Foi-se embora, e Akashi sentiu-se desanimado.

Masami sabia como ele ficava nervoso antes de tocar. Aliviado por ela ter partido tão rapidamente, lamentava também ter-se comportado como uma criança. *Se estou assim tão nervoso, pensou, não sou melhor do que um candidato estudante.* Quisera tocar de maneira diferente, ter uma prestação mais madura, mais adulta, e sentia-se infeliz ao ver que exatamente naquele momento o seu campo de ação era limitado.

Mesmo assim, falar com Masami acalmara-o um pouco.

Respirou fundo.

Exatamente – vou oferecer-lhes uma atuação madura e adulta. Vou tomar esta complicada sensação de solidão e os meus sentimentos ambivalentes em relação à música e exprimi-los na minha forma de tocar. É a única vantagem que neste campo tem o candidato mais velho.

Sentou-se direito, dobrou o jornal e pediu mais café a uma empregada que passava.

*

Masami deixou rapidamente Akashi, mas não pôde deixar de soltar um profundo suspiro ao afastar-se.

Era-lhe difícil acreditar que até Akashi podia por vezes ser assim.

Nos últimos dias, ao fazer as reportagens sobre outros candidatos, encontrara muitos deles tensos e vários recusaram ser filmados. Outros não se importavam (e ela gostaria de saber porquê), mas muitos candidatos norte-americanos não conseguiam disfarçar os seus sentimentos e algumas das famílias que lhes ofereciam alojamento diziam-lhe à porta com ar conflagrado, “Lamentamos, mas hoje não é um bom dia para filmar.”

Pensara que Akashi se sentiria bem, mas até ele estava a ficar nervoso. A cobertura tão próxima que ela lhe proporcionava, significava terem de passar um tempo excessivo juntos e era inevitável que, de vez em quando, as relações com o sujeito se sentissem um pouco frágeis.

Queria ter deixado Akashi em paz, mas não podia. Era o seu trabalho. Hoje era o primeiro dia do concurso, o dia em que Akashi se apresentaria e queria saber como ele estava, mas a intuição dizia-lhe para manter a câmara dentro do saco. Se tentasse filmá-lo naquele momento, ele negar-

se-ia a deixá-la filmá-lo quando estivesse de facto a atuar e isso era crítico para o sucesso do seu documentário.

Como o mundo era cruel e exigente.

Desde que começara a relatá-lo, sentia-se surpreendida com o quão era de facto severo o mundo da música e dos concursos de piano.

*

Masami sempre imaginara o mundo da música clássica como elegante e sublime, mas a realidade era totalmente diferente. A menos que se fosse filho de pais ricos, era difícil continuar a tocar um instrumento. E a situação habitacional do Japão tornava difícil encontrar um espaço para ensaiar. Por exemplo, uma pessoa podia licenciarse numa escola superior de música, especializando-se num instrumento de sopro, mas não arranjar um espaço para praticar. Podia usar-se uma surdina em alguns instrumentos, mas muitos músicos evitavam-no pois não lhes agradava o que fazia ao som. Depois, havia também o custo da manutenção dos instrumentos.

E agora os concursos de piano tinham-se transformado numa indústria importante.

Com o público e todos os membros da produção a terem de ficar alojados localmente durante a duração do concurso, havia um estímulo económico para a cidade e uma boa oportunidade para esta melhorar o seu perfil. Isto resultava numa onda de concursos, grandes e pequenos a surgir em todo o mundo, com pianistas em busca daqueles que podiam consolidar as suas carreiras e os organizadores à procura de candidatos excepcionais que pudessem levar um maior renome ao concurso. Tão agressivo era agora o negócio, que os concursos se tinham tornado feudos hostis.

Com tanto esforço exigido aos pianistas participantes num concurso, o prémio monetário tinha de valer a pena e tinha de haver a garantia de uma tournée de concertos para o vencedor. Os concursos que garantissem todas estas regalias eram inundados de participantes. Os patrocinadores precisavam de uma estrela prometedora que vencesse, de contrário o investimento não valia a pena. Mas não era fácil pôr de acordo as expectativas de ambos os lados, portanto, embora os concursos pudessem surgir em toda a parte, poucos se mantinham.

Também os fabricantes de piano andavam em feroz competição. Era boa publicidade para uma partilha vital do mercado que os candidatos praticassem nos seus pianos. Nos concursos mais importantes era tradição permitir que os pianistas seleccionassem um entre os múltiplos fabricantes e consultassem os afinadores de pianos. Quando um fabricante de piano acrescentava o seu nome como patrocinador de um concurso, espalhava-se o boato de que quem não escolhesse os seus pianos não venceria e, como tal, a maioria dos pianistas fazia-o. E como esta situação continuou, os outros fabricantes deixaram de fornecer os seus pianos.

Durante um concurso cada fabricante enviava equipas de afinadores para cuidar exclusivamente dos instrumentos. Com o relógio a avançar, pois cada segundo era precioso, afinavam o piano e ajustavam o toque à preferência de cada pianista, o que era um trabalho stressante e fisicamente extenuante. Muitos afinadores diziam não pregar olho durante todo um concurso.

Com todos esses pianistas excepcionais, se já era difícil decidirem um primeiro e um segundo lugar, imagine-se o resto.

Masami sentia uma vaga apreensão ao ver os candidatos ensaiarem até à exaustão.

Para ela, todos pareciam extraordinários, sem que houvesse grande diferença entre eles, e era-lhe difícil acreditar que só meia dúzia entre aquela quase centena de grandes pianistas acabaria por não ser eliminada. Ainda para mais, desde crianças que aqueles indivíduos passavam quase toda a sua vida ao piano, concentrados no único objetivo de se tornarem pianistas profissionais.

Que mundo assustador.

Uma vez, Masami dissera aquilo sem pensar e Akashi concordara.

– Sim, é um mundo assustador. Mas é isso que o torna tão maravilhoso – acrescentara, como se a ideia lhe tivesse de súbito ocorrido.

– Como assim? – perguntara Masami.

Akashi nem se apercebera de que falara em voz alta.

– Bem... – respondeu, com ar embaraçado. – Não é um grande feito ser o número um quando apenas uma centena de pessoas em todo o mundo toca o nosso instrumento, pois não? Mas aqui temos uma base tão alargada que ainda torna mais admiráveis os poucos músicos que chegam

ao topo. Saber quantos músicos desiludidos estão amontoados na sombra torna a música ainda mais bela.

– A sério? – duvidou Masami. E Akashi soltou um riso delicado.

– Afinal são apenas seres humanos que estão a tocar. É assim mesmo.

O sorriso de Akashi trespassou-a.

Oh, pensou, como gostava do sorriso dele.

Era o sorriso que sempre tivera. Não uma gentileza motivada pelo desejo de cair nas boas graças dos outros, tentando não lhes desagradar, nem ser insistente, mas um sorriso que lhe vinha de dentro, refletindo uma bondade genuína. Também se sentira atraída pela exatidão e honestidade que ele mantinha acerca de si próprio. Toda a gente parecia reparar nessas suas qualidades, o que o tornara popular entre as raparigas, e também apreciado pelos rapazes.

Para dizer a verdade, Masami pedira para ser ela a fazer a reportagem de Akashi, exatamente por se tratar dele. Ficava feliz por ver que ele não mudara, como ainda era gentil para com os outros, contudo muito exigente consigo próprio.

Para uma pessoa como Akashi, ficar assim tão nervoso significava que o mundo dos concursos devia ser esmagador.

Masami dirigiu-se à sala de concertos para entrevistar os colaboradores voluntários. Conseguira autorização dos patrocinadores, por isso, estes já deviam ter decidido quem dos voluntários falaria com ela.

Ia finalmente começar.

Masami tremia de emoção, como se fosse ela própria a ter de entrar em palco.

Avistou um pequeno santuário Inari no meio da cidade, onde as pessoas rezavam para ter sorte. Pouca diferença faria rezar à divindade Inari, disse para consigo, mas foi até lá e murmurou uma prece por Akashi.

Rezo para que a atuação de Akashi o faça feliz. E que passe à segunda eliminatória.

De repente ocorreu-lhe uma preocupação mais prática. Se ele não passasse da primeira eliminatória, o documentário dela também não iria a lado nenhum. Apressou-se a ir para a sala de concertos.

As indistintas instalações multiusos erguiam-se no céu ainda claro. Nessa tarde, o concurso há muito esperado começaria enfim.



Primeira Eliminatória

There's No Business Like Show Business

Alexei Zakhaev encontrava-se na escuridão dos bastidores. Soltou um suspiro longo e profundo para acalmar o coração acelerado.

Porque serei eu o primeiro? Porque tive de tirar o lugar de abertura no sorteio?

Suspirou pela milionésima vez.

Tinha a certeza de que nunca seria o primeiro a apresentar-se e apanhou o primeiro papel em que tocou. Assim que o abriu, os seus olhos poisaram sobre o cruel número 1.

Passou o papel ao organizador que lhe enviou um olhar solidário e anunciou: “N.º 1”. Soou uma ruidosa ovação da parte dos candidatos reunidos.

Não havia número que mais afetasse os nervos ou que fosse mais desvantajoso. Fazia incidir temporariamente o foco sobre o candidato, mas era naqueles que vinham *atrás* que toda a gente estava mais interessada. Quando muito, o primeiro participante estabeleceria um certo *nível*. Depois, os candidatos seriam julgados com base no facto de serem melhores ou piores, mas raramente a pessoa que estabelecia essa fasquia ganhava o prémio. Com cerca de noventa candidatos atrás de si, quem se lembraria do primeiro?

Triste sorte.

Alexei telefonara ao seu mentor para lhe dar a novidade e o professor ficou sem palavras. A única coisa que Alexei poderia fazer era ter um desempenho memorável para que as pessoas se lembrassem de como o primeiro pianista fora bom.

No escuro, fez exercícios de aquecimento para as mãos.

Por muitas vezes que já tivesse entrado em palco, nunca se habituava àquela sensação de tensão.

Mas há uma coisa boa, pensou. Terminarei antes de toda a gente e depois posso acalmar-me. Muito melhor do que esperar, com o coração acelerado, que todos os outros pianistas se apresentem.

Alexei reconfortou-se com esta ideia.

Mas, mesmo assim, porquê o N.º 1? Eu? Se ao menos tivesse movimentado mais os dedos e apanhado outro papel...

O contrarregista estava a dizer-lhe qualquer coisa e Alexei conseguiu controlar-se.

A porta do palco abriu-se de par em par.

As luzes do palco.

O piano, negro e imóvel, aguardava-o debaixo das luzes.

A minha vez.

Alexei respirou fundo e preparou-se.

Assim que o concurso começou, passou a rotina. A equipa de produção, os candidatos e os membros do júri, todos numa corrida contra o tempo – para garantir que os acontecimentos se desenrolavam tranquilamente, que as atuações não excediam as unidades de tempo atribuídas, que as pontuações eram determinadas rapidamente. Cada pessoa exercia as suas funções com a respiração suspensa para que o concurso prosseguisse sem impedimentos.

As atuações da primeira eliminatória duravam vinte minutos.

Tinham de incluir uma peça do *Cravo Bem Temperado* de Bach, incluindo uma fuga pelo menos com três vozes; o primeiro andamento de uma sonata de Haydn, Mozart ou Beethoven; e, por fim, uma peça de um compositor romântico.

Tocar as três em vinte minutos poderia parecer simples, mas não o era. Exceder o limite de tempo causava a dedução de pontos. Na primeira eliminatória não havia aplausos entre as peças, para poupar tempo.

A sala de concertos estava a cerca de sessenta por cento. A maior parte do público estava ligada aos candidatos, mas havia também alguns fãs fervorosos de música clássica, sem qualquer relação com os participantes, aficionados que gostavam de descobrir novos favoritos entre os candidatos e de prever quem passaria à segunda eliminatória. Os lugares à esquerda eram preenchidos em primeiro lugar, pois ofereciam uma boa visão das mãos dos pianistas.

Os jurados instalavam-se no primeiro balcão e eram treze, vindos de todo o mundo, todos eles avaliando as atuações. O método de pontuar a primeira eliminatória era simples – O, D ou X. A primeira letra equivalia a três pontos, a segunda a um e a última a zero. Os que tivessem as pontuações mais altas seriam apurados.

O nível de atuação era incrivelmente alto, concluiu para consigo Nathaniel Silverberg depois de ter ouvido os primeiros cinco pianistas.

Geralmente, o objetivo da primeira eliminatória era eliminar qualquer pianista com fraquezas técnicas. Mas, nesses tempos, poucos tinham problemas importantes.

Atualmente, quando há tantas maneiras neste mundo de aceder a atuações, os pianistas podem adequar as suas abordagens aos diferentes concursos e a fasquia técnica eleva-se extraordinariamente.

Até há pouco, recordava, os pianistas escolhiam as peças mais difíceis que conseguiam tocar, mas agora os programas tinham tendência a estar cheios de peças seguras, que os candidatos dominam sem risco, o que é uma coisa positiva.

Contudo, havia diferenças evidentes entre os pianistas.

Uma pessoa que *sabe tocar* e uma pessoa que *toca* parecem ser equivalentes, mas não é assim. Há um enorme abismo entre elas, pensou Nathaniel.

O que tornava as coisas ainda mais complicadas era haver, entre aqueles com as capacidades técnicas necessárias, indivíduos que podiam passar ao nível seguinte, que tinham habilidades inatas, e outros que apenas punham a engrenagem a rodar e acabavam por fazer uma atuação sem verdadeira substância. A diferença entre os dois tipos era enorme, e se um pianista estivesse ciente disso, podia descobrir a centelha necessária para dar o salto de uma coisa para a outra.

No passado, os pianistas importantes não pestanejavam diante de uns toques descuidados, e havia muitos cuja abordagem excêntrica ultrapassava a mera individualidade. Mas desaparecera já essa geração mais descontraída e compreensiva.

Como tal, o nível dos candidatos aqui era muito elevado, porém, nenhum fazia sombra a Masaru.

Nathaniel sorriu ao de leve e fez um gesto afirmativo para consigo próprio.

Masaru estava sentado diretamente por baixo do primeiro balcão onde se encontrava o seu mentor Nathaniel, um dos jurados.

Como ele, Masaru estava impressionado com o nível dos candidatos.

São todos tão bons, pensou. Um concurso de alto nível como este é sem dúvida diferente; atrai os melhores pianistas.

As duas raparigas sentadas à frente dele deviam ser alunas de uma escola superior de música. Pareciam bem informadas e Masaru escutava discretamente a conversa entre elas. Não escrevia bem japonês, mas compreendia bastante bem a língua falada e, em Nova Iorque, contactara com estudantes de intercâmbio japoneses, esforçando-se por manter as suas capacidades de conversação.

Fazia-o na esperança de um dia poder falar outra vez com a sua amiga de infância, Aa-*chan*. Não fazia ideia de quando, ou se alguma vez tal aconteceria, mas, entretanto, as suas capacidades linguísticas davam jeito.

– Hoje a *pièce de resistance* deve ser a Jennifer Chan – disse uma das jovens.

– Chamam-lhe a Lang Lang feminina, não é verdade?

– Já tocou em concertos. A Nakajima, que andava connosco na escola, mas um ano à nossa frente, foi assistir a um em Nova Iorque.

Aquilo passara-se durante um curto intervalo. As duas jovens olhavam para os programas, discutindo os mexericos que tinham ouvido acerca dos pianistas.

Uau, sabem mesmo de tudo, pensou Masaru.

– Também quero ouvir este. Masaru Carlos... toca amanhã.

Aquilo apanhou Masaru de surpresa.

– Ouvi dizer que era espantoso.

– É tão giro. É japonês de terceira ou quarta geração, mas as suas feições não parecem nada japonesas.

Masaru rezou para que não se voltassem para trás.

– O Príncipe das Abelhas toca no último dia.

– Certo.

Príncipe das Abelhas?

Pensando ter percebido mal, Masaru apurou o ouvido.

– É tão queridinho. Dizem que só tem dezasseis anos. Que pena... tem menos cinco anos do que nós.

Masaru procurou no seu programa a página que as raparigas consultavam. Estivera tão ocupado a ouvir toda a gente, que mal verificara o programa oficial.

– Parece que a audição que deu em Paris foi fantástica.

– É uma pena que a sua *homepage* só tenha a foto. Quem me dera que tivessem postado também uns vídeos.

Jin Kazama.

Masaru não lia bem *kanji*, por isso olhou para a versão latinizada do nome.

O rosto inocente de um rapazinho. Não havia um limite mínimo de idade para este concurso. Masaru ouvira dizer que o participante mais jovem tinha quinze anos, por isso este rapaz devia ser o segundo mais jovem. A coluna com a experiência de participações em concursos estava em branco.

O olhar de Masaru foi atraído pela coluna com a lista de professores do rapaz.

Yuji Von Hoffmann.

A sério? Mas alguém podia estudar com Hoffmann?

Masaru abriu muito os olhos. Tratava-se do professor do seu próprio professor. Mas Masaru ouvira dizer que Hoffmann não convidara Silverberg para ser seu aluno, e que este tivera de apanhar o avião em Londres para ir propositadamente a casa de Hoffmann na Alemanha pedir-lhe lições.

O Maestro Silverberg saberia daquilo?

Masaru olhou para o teto.

Masaru gostava de ouvir a atuação das outras pessoas, mas não se interessava pelos mexericos, por isso não ouvira os boatos acerca das audições anteriores ao concurso.

Hmm – então chegou ao concurso através de uma audição?

Agora estava interessado.

Quero mesmo ouvi-lo, pensou. Deve ser uma espécie de tela em branco.

– Dizem que estava a ajudar o pai e que apareceu na audição todo enlameado. Não é estranho?

– O filho de um apicultor teria de mudar de sítio muitas vezes, não é verdade? Como será que consegue ensaiar?

– É tudo muito estranho.

A princípio, Masaru não percebera a palavra *apicultor*, mas recordou-se de ter ouvido anteriormente *Príncipe das Abelhas* e percebeu o que significava.

Jin Kazama. Que tipo de pianista poderia ser?

*

A assistência agitou-se quando a jovem alta apareceu no palco, envergando um vestido vermelho.

O vermelho era intenso e dramático e a jovem entrou no palco com ar determinado, irradiando grande energia.

Pianista n.º 12, dos EUA, Jennifer Chan.

A candidata destacada desse dia.

Mieko Saga olhou atentamente para aquela figura deslumbrante. A jovem era alta, por isso não era imediatamente óbvio, mas tinha ombros largos e uma constituição robusta. Com uma estrutura física assim, a sua atuação seria algo digno de contemplar.

Ainda antes de a ouvir, Mieko calculou que ela fosse da categoria NA.

NA era o termo com que Mieko designava um pianista com capacidades técnicas transcendentais, que tocava tão bem que causava nela aquela sensação de *Não Acredito*.

Também alguns jurados pareciam expectantes.

Jennifer Chan não perdeu tempo e lançou-se na sua primeira peça assim que se sentou.

Um murmúrio de surpresa percorreu a sala.

A qualidade tonal distinta e cristalina e a enorme expansão do seu som foram instantaneamente evidentes.

Um Bach extraordinariamente dinâmico, pensou Mieko. Estava entre o impressionada e o chocada.

A seguir surgiu o primeiro andamento da Sonata para Piano N.º 21 de Beethoven, a *Waldstein*.

As escolhas de Chan eram perfeitas. O andamento desta peça adequava-se à sua destreza e dinamismo.

Vendo bem, o piano era um instrumento admirável, pensou Mieko. Quando Chan tocava, o piano era como um enorme Mercedes-Benz de edição especial. Conduzido na perfeição, a força do carro aumentava,

abraçando a estrada, correndo sempre com uma estabilidade infalível. Dependendo do pianista, o piano de cauda podia comportar-se como a carrinha familiar ou um descapotável elegante, mas pouco manobrável.

Jennifer Chan atravessou com destreza a *Waldstein*. Os seus pianíssimos e fortíssimos alternados mantinham o público prestes a explodir em aplausos, mas controlava-se lembrando-se do que estava estipulado.

Só essa peça durou dez minutos. Seria uma sorte se conseguisse terminar no tempo destinado, por isso lançou-se imediatamente na peça final.

A Polonaise Heroica de Chopin em Lá Maior, Opus 53.

Outra peça perfeita para ela. A mais encantadora de todas as *polonaises* de Chopin, tão conhecida que, se não se tivesse cuidado, poderia parecer banal, contudo, ela tocou-a com energia e com o seu toque especial e vivo. Uma atuação robusta e comovente, concluiu Mieko.

No instante em que Chan terminou, os aplausos explodiram. Foi evidente que o público sentiu uma onda de catarse, completamente encantado com tão estimulante prestação.

Confirmando os rumores, pensou Mieko, a atuação fora boa. *Era* de facto uma espécie de “Lang Lang Feminina”, reputação de que, Mieko tinha a certeza, a própria Chan estava completamente ciente.

Mieko sentiu invadi-la uma onda de apreensão.

O mundo precisava apenas de *um* Lang Lang. Se surgisse um segundo, como reagiriam as pessoas?

*

Um rapaz estava sentado na última fila da sala, com o rosto pálido e os cabelos amassados visíveis sob o boné.

Parecia murmurar qualquer coisa em surdina. Não, não murmurava – estava a *cantar*.

Inclinava a cabeça para um lado e depois sacudia-a suavemente.

– Não, não é isto – disse, tão baixo que ninguém ouviu.

Duas raparigas entraram a toda a pressa na sala de concertos pela porta do auditório.

– Oh... bolas. Não a ouvimos... a Jennifer Chan.

– Queria mesmo ouvi-la.

Eram Kanade Hamazaki e Aya Eiden.

– Sabia que devíamos ter ido ao cabeleireiro ontem – resmungou Aya.

– Faltam só três pianistas.

– Vamos arranjar um CD da atuação da Chan. Creio que nos gravarão um. Se encomendarmos, recebemo-lo amanhã.

As duas jovens tinham parado.

O rapaz estremeceu quando viu o rosto de Aya Eiden.

Era a rapariga da noite anterior.

Aquela que o questionara sobre estar a usar a sala de ensaios da escola de música. Reconhecê-lo-ia?

Puxou furtivamente o boné para os olhos para os ocultar.

– Onde nos vamos sentar?

– Quero ouvir como deve ser, por isso vamo-nos sentar no meio. Nesta sala o equilíbrio sonoro é muito bom.

Seguiram sem reparar nele e sentaram-se no meio. O rapaz soltou um suspiro de alívio.

Ela deveria ser estudante de piano na escola superior de música, por isso fazia sentido que ali estivesse para ouvir. Ou entraria também no concurso?

O rapaz olhou-lhes para as nucas.

Sentiu uma arrebatadora reminiscência do piano na sala de ensaio. O instrumento era maravilhoso. Perfeitamente afinado, mas tal seria de esperar numa escola de música.

Aqueles fulanos tinham a sorte de poderem praticar todos os dias naquele piano ótimo.

Tocava-o na sua mente. Um piano soberbo com um som sublime.

Tocava-o uma e outra vez na sua mente.

Instalou-se no seu lugar para ouvir o pianista seguinte.

A rapariga do vestido vermelho era excelente. Em surdina, começou a cantar a melodia na sua cabeça.

*

Quando anunciaram o intervalo, o rapaz saiu com o restante público.

Decidiu dirigir-se à sala de ensaio. O primeiro dia do concurso estava a terminar. Se houvesse uma sala livre, talvez o deixassem tocar. Sentiu uma onda de excitação ao entrar no elevador.

Gostaria de saber onde está hoje o meu pai. Olhou para o relógio. O pai iria a caminho de um novo local. Sentiu remorosos por não o poder ajudar.

Gostaria de saber se se lembra de que prometeu comprar-me um piano se eu chegasse à final.

O pai era um homem generoso e de grande coração, embora muito severo. Podia ser meticoloso e pormenorizado no que dizia respeito às abelhas, mas não gostava que o incomodassem com outras coisas.

Não havia um piano em casa do rapaz.

E nunca lhe ocorrera que aquilo era muito estranho.

Balada

Machiko Takashima apressou-se a chegar à sala de concertos. Verificou o nome e ia correr para o auditório quando de súbito se deteve para olhar para o céu.

O sol pusera-se havia muito e estava escuro lá fora. Era a primeira vez que estava em Yoshigae, mas a sala de concertos ficava próximo da estação e por todo o lado havia cartazes do concurso e setas a apontar para a sala, de modo que a encontrou sem dificuldade.

A volta que tivera de dar para deixar o filho Akihito em casa dos pais levara tempo e só saiu da estação de Tóquio depois das três da tarde. Se, por acaso, perdesse a participação de Akashi, a palavra *arrasada* não chegaria para a descrever.

Akashi enviara-lhe o horário da sua participação, de modo que sabia que faltava ainda uma hora para ele tocar, porém como a sua vez fora antecipada, Machiko inquietava-se desde manhã com a possibilidade de o voltarem a fazer.

Quando chegou ao lugar certo, apercebeu-se de como estava tensa. A sala de concertos, de dimensões médias, tinha uma receção envidraçada e logo a seguir ficava o auditório propriamente dito, com as portas fechadas. Bastou a visão das portas para lhe apertar o coração.

Machiko respirou fundo, dirigiu-se à sala e mostrou o bilhete.

– A sala está fechada durante as atuações, por isso, por favor, espere um pouco – disseram-lhe.

Ela assentiu.

– Estão a cumprir o horário previsto?

– Sim, estão a cumprir o horário.

Aliviada, Machiko foi dar uma volta pelo átrio.

Havia muitas jovens – alunas de escolas superiores de música, calculou. Conversando umas com as outras com toda a naturalidade, tinham o aspeto de estar habituadas a tudo aquilo. Para Machiko, que raras vezes pisava uma sala de concertos, aquele mundo não lhe era familiar e obrigava-a a olhar inquieta à sua volta. Havia outras pessoas que, como ela, eram membros das famílias, fáceis de identificar pois pareciam não saber bem o que fazer. *Conheço a sensação*, pensou.

Aquela mulher mais velha, de ar circunspecto, deveria ser professora de piano.

Era sempre fácil identificar os professores de piano. Machiko aprendera a tocar quando era pequena, mas por pouco tempo e, sem saber bem porquê, ficara com a impressão de que os professores de piano tinham sempre muito cabelo. As professoras mais velhas pareciam ter carrapitos enormes no alto da cabeça e usar roupa que não combinava – uma blusa e um casaco curto com uma saia comprida e rodada. E decerto que poriam um alfinete de peito que as mulheres da idade de Machiko nunca usariam.

Nunca tive talento para a música, pensou com um suspiro.

O som dos aplausos acordou-a do seu devaneio. Apressou-se a entrar.

Surpreendentemente, o público era muito. No palco, um homem de fato apressava-se a afinar o piano.

Onde deverei sentar-me?

As filas de trás pareciam quase vazias. Depois de se instalar no seu lugar sentiu-se finalmente à vontade.

Po-on, po-on, soavam as cordas do piano.

O afinador parecia abstraído do público enquanto se encontrava diante das teclas, concentrado nas notas.

Havia algo de tranquilizador na sua figura, ali na suave luz do palco.

Por fim conseguiu, disse Machiko para consigo, e soltou um pequeno suspiro.

Desde pequena que lhe diziam para ser fria e não revelar as suas emoções, mas a visão do piano de cauda no palco e a ideia de o marido estar à espera nos bastidores fez com que a expressão *cheia de emoção* lhe viesse à mente.

*

Depois de Akashi ter decidido entrar no concurso, as coisas ficaram difíceis.

Um ditado bem conhecido dizia: “Não ensaies um dia e saberás, não ensaies dois e os críticos saberão, não ensaies três e o público saberá”. Mas depois de Akashi ter começado a trabalhar e de Akihito nascer, passavam vários dias numa semana em que nem tocava no piano e havia apenas um ano que começara a preparar-se seriamente para o concurso. Claro que um homem que trabalhasse, como era o caso de Akashi, só arranjava tempo para ensaiar de manhã cedo, à noite ou durante as férias, e quando por fim construíram a sua própria casa, disse que queria ensaiar o mais possível e, como tal, insonorizaram uma pequena divisão para um piano vertical. Até isso custara-lhes muito dinheiro, já para não mencionar o preço das partituras que Machiko achava surpreendente ou, de poucas em poucas semanas, a despesa do aconselhamento por parte do antigo professor de piano do marido, para que ele pudesse recuperar o jeito.

– Esta é a primeira e a última vez – dissera-lhe Akashi e ela entendera como ele se sentia.

Raramente o marido pedia o que quer que fosse para si, por isso Machiko, sem um queixume, esvaziou as suas contas bancárias para ajudar a pagar a despesa. Sabia, porém, que era mais difícil para ele, pois tinha de cortar no sono para conseguir mais tempo para ensaiar e, quando chegava à exaustão, a sua prática ficava negativamente afetada. Por vezes sentia-se tão frustrado que se atormentava sem saber se não deveria desistir de tudo.

O mais difícil era manter a sua motivação e, mais ou menos de duas em duas semanas, Akashi atravessava um período em que considerava inútil aquele desafio e se desconsiderava a si próprio, resmungando que, se ninguém lhe pedira para fazer aquilo, porque o fizera tão tarde na vida? Machiko encorajava-o, recordando-lhe o muito que tinham pago pela

insonorização do quarto. “Pelo menos precisamos de reaver o nosso dinheiro, não achas?”

Uma das razões para o apoiar tanto era ela própria lamentar não ser profissional na sua própria área.

O pai de Machiko tinha um doutoramento em engenharia espacial e trabalhava como consultor para o governo, e os dois irmãos dela eram investigadores. A própria Machiko tivera esperanças de vir a trabalhar na investigação, mas, enquanto estudante, apercebeu-se de que lhe faltava o potencial necessário e não conseguia encontrar aquilo que procurava. Por fim, escolhera o ensino.

Mas o desejo de ser investigadora como os irmãos ainda ardia dentro dela.

Quando Akashi revelou que queria entrar no concurso, sentiu empatia, sabendo que ele continuava a manter o seu antigo sonho e ainda não desistira de o realizar. Akashi foi apanhado de surpresa pela forma entusiástica como a mulher o incentivou.

Num canto do palco havia um placar branco com o nome e o número do candidato seguinte. O público fez silêncio e uma jovem loura de vestido azul aproximou-se para receber os aplausos.

Machiko consultou o programa. A pianista era russa. Os ocidentais pareciam sempre mais velhos do que a sua verdadeira idade, mas a jovem tinha apenas vinte anos.

Um som gracioso começou a fluir vindo do palco.

Machiko não se lembrava da última vez que ouvira a atuação de um pianista, ao vivo, numa sala de concertos.

Claro que ouvira Akashi ensaiar, mas agora tinham o quarto insonorizado e já não o ouvia.

Uau! Ela é mesmo boa, pensou.

O nervoso antigo voltava a invadi-la.

Creio que não deveria surpreender-me por eles serem tão requintados, pensou, *e capazes de tocar peças tão difíceis, com tanto espírito.* Ouvira dizer como era elevado o nível das atuações neste concurso e que aceitavam candidatos que já atuavam profissionalmente, mas afinal todos eles pareciam profissionais. Quando Akashi dissera que não esperava passar da primeira eliminatória, pensara que era a timidez dele a falar, mas via agora como seria difícil. Como aluno, atingira finais de concursos, por

isso pensava que também desta vez não teria problemas, mas já tinham passado dez anos e era evidente que a idade o punha em desvantagem.

Que lhe direi se ele não for selecionado?

De repente sentiu-se preocupada.

Deste o teu melhor. É melhor aceitar o desafio do que não o fazer e lamentá-lo depois. Também foi uma experiência maravilhosa para mim. Ainda bem que terminou enquanto ainda tens alguns dias de férias pagas.

Porém, apenas conseguia imaginar Akashi de cabeça baixa, numa amarga desilusão, e tinha a sensação de que nada do que dissesse o poderia consolar.

– Ser mulher de músico não deve ser fácil.

Recordou de súbito a voz de uma antiga colega sua da escola secundária.

Tinham-se juntado para organizar um encontro da turma. A outra mulher, que tivera uma paixoneta por Akashi na escola, fizera sempre questão de assistir aos seus recitais quando ele estava na escola de música e de lhe oferecer depois um ramo de flores.

Os rapazes que tocavam instrumentos eram populares entre as raparigas. Para além de ser um excelente pianista, Akashi era naturalmente positivo e bondoso, e as raparigas sempre tinham gostado dele.

Akashi e Machiko eram amigos de infância e tinham começado a reparar um no outro no terceiro ciclo, e quando passaram para a escola secundária começaram a sair. Machiko era do tipo científico, não notoriamente simpática e nem por isso sofisticada, e as outras miúdas não ficaram muito satisfeitas ao saberem que ela namorava Akashi, incluindo a tal colega.

Pelos vistos dissera abertamente a Akashi que Machiko não servia para ele, embora Akashi, naturalmente, não lhe tivesse prestado atenção.

Depois da faculdade, quando atingiram a idade de casar, essas raparigas perderam o interesse pelos rapazes que tocavam piano.

– Como está o Akashi-kun? – perguntavam. – Ainda toca?

– Ainda bem que és funcionária pública, Machiko.

Já não havia olhares de inveja dessas antigas amigas, mas algo mais parecido com pena agora que sabiam que ela casara com Akashi.

Sempre que ela declarava que ele trabalhava numa grande loja de instrumentos, a resposta inevitável era: “Oh, isso é ótimo!”, mas ela

detetava pensamentos implícitos: *Então não conseguiu ganhar a vida como músico, pois não? Ou Não tinha talento suficiente.*

Ser mulher de músico não deve ser fácil.

Aquele comentário aparentemente inocente era muito irritante – da própria mulher que naquele tempo fora dizer a Akashi que seria uma companheira muito melhor para ele do que Machiko e que casara com um homem muito mais velho, dentista, e acabara de dar à luz o primeiro filho – irritante pela nítida nota de piedade na sua voz.

Mete-te na tua vida! Disse Machiko para consigo.

A seguir tocou uma jovem coreana, depois um rapaz chinês, seguido de outro coreano.

Todos eles eram excelentes. Ouvira dizer que os pianistas asiáticos tinham dado grandes passos nos últimos anos e aqueles três eram claramente mais fortes e capacitados do que a jovem russa, que tocara antes deles.

Soberbos todos, reconheceu com um suspiro.

O primeiro dia da primeira eliminatória chegou ao último pianista.

22. AKASHI TAKASHIMA

Tinham colocado no palco uma nova placa com o nome. Com o coração acelerado, Machiko sentou-se muito direita.

Quando foi a última vez que me senti tão nervosa? Perguntou a si própria.

Apertou inconscientemente o estômago, sentindo o coração a latejar nos ouvidos.

Se fosse eu que tivesse de tocar, estaria tão paralisada com medo do palco que não seria capaz de atuar. Não, não estaria tão nervosa, nem que fosse eu a atuar.

Ser capaz de estar ali, sozinho, no palco e tocar. Akashi... és espantoso só por conseguires fazer isso.

A pesada porta abriu-se e a figura alta de Akashi surgiu.

O aplauso foi especialmente caloroso, pois tratava-se de um japonês.

Não era apenas a sua constituição, mas de qualquer forma ele parecia maior no palco.

Machiko sentiu-se tão comovida que se esqueceu da dor de estômago.

Não há dúvida de que há nele algo de estimulante e digno, pensou.

Parecia que o estava a ver pela primeira vez.

Akashi caminhou com passo enérgico e um sorriso e sentou-se ao piano.

Estendeu o braço e ajustou a altura do banco. Teve de o descer pois o candidato anterior era muito mais baixo.

Tirou um lenço do bolso e limpou ao de leve as teclas e depois as mãos.

– É apenas uma pequena cerimónia – explicara. – Não o faço por o afinador ter tocado nas teclas ou porque possa haver nelas restos de transpiração. Pretendo limpá-las, simplesmente para me acalmar.

Machiko ouviu a voz do marido.

Pousou o lenço sobre o piano e olhou para cima. Depois lançou-se de repente na primeira peça.

Oh...

Machiko sentiu que abria muito os olhos.

Não apenas ela, mas o restante público também o sentiu. Aparentemente estavam cansados, pois chegara por fim o último pianista do dia, mas Akashi obrigou-os a sentar.

O som que produzia era – diferente. O mesmo piano, mas um som totalmente distinto do pianista anterior.

Claro, calmo, suave. Com uma vivacidade diferente.

A música, pensou, tem de facto a ver com o carácter. Este som é a expressão perfeita do homem que conheço. Todas as notas, todas as ressonâncias entoam a generosidade de espírito do homem Akashi. Conseguia ver um cenário a abrir-se com ele ali em cima no palco.

O Cravo Bem Temperado, Livro 1, N.º 2.

Durante muito tempo atormentara-se sem saber que peça escolher. Mesmo depois de as reduzir a meia dúzia de possibilidades, tocou-as repetidas vezes, comparando-as, esforçando-se por decidir qual tocar, quase até ao momento do concurso. Sempre que Machiko ouvia Bach, vinha-lhe à mente a palavra *religioso*.

Não sabia muito dessas coisas, porém o seu coração acalmava-se com a música que a fazia entender o significado da *oração*.

Queria ouvi-lo tocar Bach para sempre. O seu coração aquietava-se, tornava-se humilde.

Mas o Bach terminou em pouco tempo.

A peça seguinte era a Sonata Para Piano N.º 3 de Beethoven, o primeiro andamento.

Aprendera que a sonata era uma forma musical crítica, que testava as capacidades do compositor e revelava aquilo de que ele era capaz.

Machiko conhecia a *Sonata ao Luar* e a *Apassionata* de Beethoven, mas, para dizer a verdade, não sabia reconhecer as outras sonatas.

Esta pareceu-lhe uma composição feita só para ser uma composição. Não fora escrita para transmitir o que quer que fosse, fora criada apenas pela própria forma.

Quando ouvira Akashi ensaiar, dera-lhe a conhecer a sua pouco sofisticada opinião.

– É assim que te soa? – perguntara ele com um sorriso irónico.

– Sim. Não é muito estimulante.

– A sério. Se é esse o caso, a culpa é minha.

Continuou a tocar olhando para o teto.

– Mas não será culpa do compositor? – foi a reação de Machiko, enquanto dobrava roupa.

– Não. Há uma inevitabilidade, algo indispensável em todas estas peças que aguentaram o teste do tempo. O pianista que não consegue extrair isso, que não consegue convencer, está errado.

Ela recordou-se de se sentir surpreendida pelo tom implacável do marido.

Machiko sentiu que as lágrimas lhe subiam aos olhos. *Agora compreendo o que Akashi quis dizer.*

Todas as frases de Beethoven que agora emergiam da ponta dos dedos de Akashi estavam organicamente ligadas, atraindo-nos para qualquer coisa.

O modo como Akashi tocava era convincente. Agora, ao ouvi-lo, sinto que até consigo compreender um pouco o que Beethoven tentava transmitir.

Concentrou o olhar, sem querer perder um único som, mas também a sua segunda peça terminou rapidamente.

E chegou a peça final de Akashi: a Balada n.º 2 de Chopin.

– Gostava tanto de tocar a Balada n.º 4 – dissera-lhe. – Mas não haverá tempo suficiente.

A abertura foi calma e suave. Uma melodia simples e requintada, como o murmúrio de alguém. Enquanto escutava, surgiu na sua mente a imagem de Akashi a ler um livro de imagens a Akihito.

Contudo, com uma única frase furiosa, essa serenidade foi quebrada abruptamente.

Estalou então uma melodia dramática, como ondas de uma maré colérica, baixando por momentos, para logo subir ainda mais poderosa, sem nunca desistir.

A própria intensidade e severidade da realidade.

Ninguém do público sabe como ele se esforçou para estar onde está neste momento, para estar ali sentado, de smoking, tocando estas melodias sublimes. Como está atolado em trabalho, simplesmente para ganhar a vida, fazendo esforços infinitos para nos sustentar.

- Esta será a primeira e a última vez, por favor deixa-me tentar.
- Quero poder dizer ao Akihito que o pai é um músico.
- Ninguém me pediu para entrar no concurso, por isso estou a tentar descobrir por que o faço.
- Posso tocar tanta coisa devido ao lugar que ocupo agora como pianista.
- Os meus dedos não acompanham. As minhas emoções continuam a correr à frente e a peça é uma confusão.
- Realmente deveria ter desistido.
- Não há nada pior do que um pianista pouco convincente.
- Os meus colegas disseram-me que virão todos ouvir-me se eu chegar à final.

Camadas de palavras e afirmações de Akashi.

Mesmo com tudo isso, como é bela a sua forma de tocar, e este Chopin.

A Balada N.º 2 de Chopin era a personificação da gentileza e determinação de Akashi.

Quando terminou, um silêncio genuíno encheu a sala por um instante.

Akashi, que olhava para as teclas, ergueu os olhos.

Parecia aliviado.

Levantou-se, todo ele sorrisos, e foi recebido com aplausos e aclamações.

Enquanto a própria Machiko aplaudia ardentemente, murmurava para consigo.

O meu marido é músico. E eu sou mulher de um músico.

Interlúdio

– O último fulano fez com que tudo valesse a pena.

– Completamente. Senti que, por fim, tinha ouvido música a sério.

De volta à sala de espera, os membros do júri, libertos da tensão e do stress do dia, davam largas aos seus verdadeiros sentimentos e também a alguns risos.

Era mesmo bom, aquele último pianista.

Akashi Takashima. Mieke gravou na memória o nome do último candidato.

Nunca até então ouvira aquele nome, nem quaisquer rumores que circulassem a respeito dele.

Tinha vinte e oito anos e era o candidato mais velho.

No mundo dos concursos de música, em que havia a tendência de as pessoas se focarem nos pianistas muito jovens, vinte e oito anos faziam dele um veterano. Uma boa técnica e um bom fraseado eram dados adquiridos. Alguns pianistas entravam no maior número de concursos possível, tornando-se habilidosos, demasiado habituados a ajustarem a sua forma de tocar àquilo que viam como sendo o foco e a exigência de cada concurso e perdendo-se nesse processo. Porém Takashima evitara essas ciladas. O seu modo de tocar parecia, logo ao ser ouvido pela primeira vez, perfeitamente ortodoxo, contudo provava ser inesperadamente invulgar, nada havendo, contudo, de presunçoso ou complacente. Sem sombra de dúvida, desafiava o ouvinte.

Mieke sentia-se satisfeita sempre que encontrava um candidato assim. A impressão de uma atuação bela e descontraída, mas também a sensação de ter ouvido algo completamente cativante.

Sempre que escutava para avaliar a técnica, tentava manter-se livre de ideias pré-concebidas, mas ficava sempre com a sensação de que os seus ouvidos haviam sido maculados. Como se a forma de tocar tivesse deixado neles um sedimento, um resíduo que não conseguia desalojar,

pois a composição solidificara-se num pedaço de som a que já não se podia chamar música.

Mas nada disso se passara com Akashi Takashima. Aquilo que ouvira era *música*.

Parecia que a sua conspurcada audição fora completamente restaurada, limpa de todos os resíduos acumulados.

Pela reação da assistência percebia-se que esta se sentia da mesma forma, uma das verdadeiras maravilhas da música, pois as reações dos profissionais e dos amadores estavam por vezes totalmente em desacordo.

– Então? O que pensas? – perguntou Nathaniel aproximando-se dela. Parecia estar de humor aceitável.

– Senti-me, *Pronto, é esta a sensação que os concursos nos deveriam dar*.

Nathaniel soltou uma gargalhada.

– É típico da tua parte.

– Creio que é porque não faço muitas vezes parte de um júri. Estou sempre à espera da prestação seguinte, mas depois lembro-me do tormento que aquilo pode vira a ser. Nunca aprendo.

– É melhor não te cansares tão depressa. Temos várias eliminatórias à nossa frente.

– Lembro-me de que já me disseste isso antes.

Era verdade. Tal como os pianistas têm esperança de que *o concurso seguinte seja o tal*, assim os membros do júri desejam que o candidato seguinte seja uma estrela musical. As duas semanas de concurso, principalmente os cinco dias da primeira eliminatória, eram estafantes para os que ouviam e só levando-os com calma os conseguiriam ultrapassar.

– E tu? – perguntou Mieko. – Achas que se destacou alguma participação?

– O nível geral é elevado. Tenho pena deles, pois, tecnicamente, são muito idênticos. A menos que alguém se distinga, não se vão destacar da multidão.

– E estás a dizer que será de facto o teu estimado aluno a fazê-lo.

Mieko percebia pela expressão plácida de Nathaniel que este tinha uma confiança ilimitada no seu protegido.

– Nada disso. O concurso é uma questão de sorte.

– É difícil de acreditar, tendo em conta a confiança que tens nele. O que pensas do último candidato de hoje?

– Muito bom. Bastante capaz.

– Concordo.

– Estás livre para vir jantar?

– Pois sim. Onde queres ir?

– Que tal o restaurante indiano na cave?

– Parece-me bem. Vamos comer qualquer coisa picante. Pode ser que nos anime.

Oito horas seguidas de avaliações tinham-nos deixado completamente exaustos e cheios de fome. O serviço de refeições terminava cedo nos hotéis locais, por isso mandaram vir o máximo de bebidas e comida. Uma coisa que ainda ambos partilhavam era o amor pela comida e pela bebida.

– Então... o divórcio está finalizado?

Depois de terem feito um brinde com os copos de cerveja, Mieko foi direita ao assunto.

Nathaniel lançou-lhe um olhar sombrio.

– Quase, assim que concordarmos no valor da pensão.

– E como está a Diana?

Mieko conhecia a filha de Nathaniel. O mundo da música era mais pequeno do que parecia, e mesmo depois de ela e Nathaniel se terem divorciado, os seus caminhos continuaram a cruzar-se.

– Está bem. Sempre pensei que gostava mais de mim do que da mãe, mas já não sei.

– Como assim?

– A Diana vai estreiar-se em breve como cantora.

– A sério? Parabéns! Em que tipo de canto?

– Pop.

– Sempre pensei que ela era gira e comunicativa. Muito diferente do pai.

– Pois – disse Nathaniel sem pestanejar. – Tem talento musical. Mas está um pouco verde. A mãe dela é que entende o mundo do espetáculo, por isso será a agente.

– Faz sentido.

Nathaniel andara sempre pelo mundo fora e não pudera passar muito tempo com a filha. Nessa altura a mulher era uma famosa atriz de teatro

inglesa, mas limitava geralmente os espetáculos a Inglaterra e podia passar mais tempo com ela.

– Mas vocês têm custódia conjunta, por isso deve dar resultado.

– Odeio isso. – Nathaniel abanou a cabeça.

Mieko sabia que, quando ele dizia que *odiava* qualquer coisa não mudava de opinião, por isso não aprofundou o assunto. Tentou uma tática diferente.

– Mas isso não muda o facto de vocês continuarem a ser pai e filha. Como com o meu filho; agora somos amigos por email.

– Finalmente, arranjou emprego?

– Sim, agora é engenheiro civil.

– Ainda estás com aquele tipo? – Nathaniel lançou-lhe uma olhadela rápida.

– A que tipo te referes?

– Àquele músico de estúdio muito mais novo.

– Vivemos juntos. Mas não somos casados.

Mieko vivia com um compositor oito anos mais novo do que ela, um homem ponderado, músico fantástico, ao mesmo tempo arranjador e intérprete. Na sua opinião, era realmente mais velho do que ela em termos de desenvolvimento emocional.

– Voltarias?

A pergunta era tão imprevista que Mieko, enquanto metia na boca um bocado de frango *tandoori*, não conseguiu responder.

– Voltaria? *Para onde?*

– Voltarias para *mim*.

– Como?

As palavras fizeram-na ranger os dentes, mas sabia que ele era sempre direto quando se tratava de coisas como aquela. Exatamente o oposto da sua indecisão nos tempos em que se tinham separado.

Nathaniel era aquele tipo de homem. Mieko assentiu para consigo várias vezes.

– Bem, e então aquela tua assistente girinha? – contrapôs Mieko, para mostrar que não levava o comentário a sério. Na verdade, sentia-se comovida por aquela abordagem direta, tal como nos velhos tempos em que se tinham apaixonado, mas as recordações de todas as infinitas questões que se haviam seguido e sabendo a enorme compensação que

pagava agora à sua atual mulher – uma jovem polaca, muito bela e talentosa, fluente em cinco línguas e amada pelo mundo da música – convenceram-na que ele procurava apenas um modo de fugir.

Nathaniel sorriu irónico.

– É uma assistente eficiente, nada mais, nada menos.

– Será? – Mieko encolheu os ombros. – Tenho ouvido toda a espécie de boatos.

– Ah! – resmungou Nathaniel. – Boatos. Boatos onde quer que eu vá. Que eu a engravidei e ela voltou para a sua terra natal para dar à luz em segredo, que era obrigada a fornecer toda a espécie de serviços ao seu descuidado empregador, que recebeu uma quantia enorme para manter a boca fechada. Meu Deus, fico sempre espantado com o modo como as pessoas falam como se tivessem visto tudo com os seus próprios olhos. Graças a isso a minha mulher aumentou astronomicamente a exigência da sua compensação. Apetece-me processar alguém. Mas quem hei de processar?

Mieko solidarizava-se com aquela irritação. Na sua juventude, também ela fora alvo de boatos infundados, muitas vezes espalhados só porque sim e tivera a sua quota parte de sofrimento.

– É o preço da fama – declarou. – No nosso mundo há sempre um número limitado de lugares à mesa; as pessoas são pura e simplesmente invejosas.

A sua declaração pareceu acalmar um pouco a autoestima de Nathaniel, que lançou a Mieko um sorriso meio envergonhado.

– Não importa... estou a falar a sério, Mieko. Aprendi algumas coisas desde que nos separámos. Tenho confiança de que as coisas agora correrão bem. Queres pensar no assunto durante o concurso?

Foi a vez de Mieko se esforçar por sorrir.

Agora está a empurrar tudo para cima de mim. E eu nunca fui boa a fazer trabalho de casa.

– A propósito... – disse Nathaniel, mudando de tom enquanto enchia a boca de caril de borrego com um bocado de *naan*. – Conta-me lá do Príncipe do Mel, ou Príncipe das Abelhas ou lá como se chama.

Mieko suspirou.

Porque será que não me espanta que ele traga este assunto à baila?

– Deves saber que me opus a ele – disse sem rodeios, mas o olhar perscrutante e os olhos penetrantes de Nathaniel mantiveram-se fixos.

– Então como é ele de facto? Quero a tua franca opinião.

Mieko sentiu-o impaciente.

– Como foi a sua execução? Se foi como a do Maestro Hoffmann?

Disse aquilo de repente, bruscamente. Fazia os possíveis por ocultá-lo, mas ela percebia que ele se sentia agitado, assustado até. Reconheceu nele o jovem génio altamente nervoso de antigamente.

Não há dúvida que se vê como aluno do Hoffmann, pensou Mieko. Mesmo agora quando fala no mestre, age mais como um rapaz abandonado. Creio que a maioria das pessoas são assim quando recordam o mentor que idolatram.

Mieko abanou a cabeça.

– Foi completamente diferente. O que senti foi um desagrado esmagador. Era como se ele estivesse a negar tudo o que o Maestro Hoffmann representava para a música. Quando terminou passei-me completamente.

A raiva que sentira nesse momento surgiu de novo para logo desaparecer.

O olhar de Nathaniel era uma mistura complexa de confusão e alívio.

Confusão porque desconhecia a razão para um professor rigoroso, que ele adorava acima de tudo, decidir ensinar um aluno assim; alívio por este aluno não ser o legítimo herdeiro do seu amado professor.

– Mas essa carta de recomendação era autêntica? – perguntou Nathaniel.

– Era. O que é verdadeiramente humilhante é o Hoffmann ter previsto com toda a precisão a reação negativa de pessoas como eu quando ouvissem tocar esse tal Príncipe do Pó.

Voltou a sentir o mesmo embaraço. A sensação não desaparecia com facilidade.

– Príncipe do Pó?

Nathaniel pareceu confuso até ela lhe explicar que o nome próprio do rapaz, Jin, estava escrito com o carater usado para *pó*, e acabou por sorrir.

– Mas a sério, mesmo assim não percebo porque fiquei tão zangada – continuou Mieko. O Smirnoff e o Simon acharam que ele era incrível. Como pôde provocar reações tão diametralmente opostas? Mas ambos

concordaram que provocar tais reações era por si só incrível, e cilindraram-me.

Decidiu não tocar na razão mais forte para apoiar o rapaz que era chocar os professores de música em Nova Iorque. Nathaniel não era considerado como fazendo parte desses professores embora ensinasse na Julliard.

– O Smirnoff e o Simon disseram ambos o mesmo – declarou Nathaniel. – Ficaram seriamente entusiasmados com a forma do rapaz tocar, mas apenas com uma vaga noção, e de facto não recordam grande coisa da prestação do rapaz.

Ah – então Nathaniel interessara-se o suficiente pelas audições de Paris para andar a fazer perguntas a esse respeito. Mieko olhou com renovado interesse para o homem que tinha diante de si.

Fazia sentido que ele quisesse recolher informações acerca dos rivais do seu especial protegido naquele concurso. Porém, não era difícil para ela imaginar como se sentira receoso ao ter conhecimento do facto surpreendente que era Hoffmann ter recebido um aluno nos seus últimos anos de vida.

– Os responsáveis do concurso não me vão deixar ouvir a gravação da audição. Parece que é uma regra – Nathaniel abanou a cabeça ressentido.

Mieko teve o palpite de que Olga estaria por detrás daquilo.

Devia imaginar que se Jin Kazama vencesse o concurso ou chegasse à final, a gravação seria uma mina de ouro para ela. Se ele perdesse o concurso, então pronto, podia dizer que o tinham avaliado mal e arrumava o assunto. E essa *avaliação mal feita* sem dúvida repercutir-se-ia severamente em mim e nos outros membros do júri, especulou Mieko.

– O Numa-san disse-me que o Maestro Hoffmann considerava definitivamente o Jin Kazama seu aluno. Disse que a Daphne lhe garantiria que Hoffmann viajava com frequência para lhe dar uma aula.

Nathaniel não conseguia esconder o choque e Mieko já se sentia arrependida de ter dito aquilo. Mas tinha a certeza de que ele já o sabia.

– O Maestro? Saía de casa para o ensinar?

Não admirava que Nathaniel se sentisse chocado, pois tal coisa era inconcebível – van Hoffmann viajar para visitar um aluno.

– Então o Professor Hishinuma mantém-se em contacto com a Daphne, não é verdade? – Nathaniel ficou a pensar. Olhou em volta à procura de

Tadaaki Hishinuma para o interrogar ali mesmo.

– Correto. Ouvi dizer que chamavam ao Jin Kazama Príncipe do Mel ou Príncipe das Abelhas porque é filho de um apicultor e ajuda muito o pai, de modo que se mudam constantemente. É provável que seja devido a essas circunstâncias invulgares que o Maestro Hoffmann decidiu viajar até onde ele estivesse para lhe dar uma aula.

Nathaniel ficou ainda mais taciturno.

– Bom, talvez nos seus últimos anos o Maestro quisesse regressar à inocência da infância – comentou Mieko para o consolar, mas Nathaniel olhou para ela com óbvio desdém.

– Não estás a sugerir isso a sério, pois não?

O tom dele era tão duro que Mieko estremeceu.

Podia dizer-lhe que tinha os cabelos em pé.

Nathaniel continuou:

– Claro que não. É a última pessoa que se comportaria assim. Mesmo até ao fim era mais determinado que ninguém acerca da música.

Mieko sentiu-se ela própria um pouco desdenhosa. Fora apanhada de surpresa por ter sido censurada quando apenas tentara consolar, e perturbada por ter dito uma coisa em que não acreditava.

– Não te preocupes... entendo – disse Mieko em tom frio.

– Então não o digas. Mas então, porque teria o Maestro aceitado esse aluno?

Nathaniel parecia desesperado.

Já me lembro, pensou. É verdade. É este o tipo de homem que ele é.

Foi atingida por uma sensação esmagadora de déjà vu.

Nathaniel mostrava-se deliberadamente zangado, na esperança de receber algum consolo, mas quando ela tentava consolá-lo, voltava as palavras contra ela e atacava-a. Fora assim desde o princípio, e à medida que a relação deles piorava era uma repetição sem fim deste cenário, dia após dia.

– Bom, ele está agendado para tocar no último dia da primeira eliminatória, por isso deves ouvi-lo e depois decidir. Tens mesmo de o ouvir.

Mieko pegou num cigarro, mas recordou-se de que o restaurante era para não fumadores.

– O Masaru não está prestes a perder – disse Nathaniel.

– Suponho que não, já que é o teu menino querido – replicou Mieke, com uma ponta de sarcasmo, e engoliu o seu *chai*.

– Como podes dizer isso, se nunca o ouviste tocar?

Nathaniel irritava-se de novo com ela, embora a sua ansiedade parecesse ter acalmado.

– Bom, também nunca ouviste o Jin Kazama tocar, por isso creio que estamos quites – exclamou Mieke raivosa.

Na verdade, sou eu que o quero ouvir tocar, muito mais do que tu, pensou. Quero ouvi-lo mais uma vez, perceber quem diabo é ele e o que poderia o maestro Hoffmann querer dizer ao escolhê-lo. Sou eu que estou morta por ouvir o Jin Kazama tocar.

Nasceu uma Estrela

– É lá! O que se passa aqui?

Aya ficou siderada ao ver como a sala de concertos estava repleta.

– Porque está tão cheia? Ainda é a primeira eliminatória, não é verdade?

Reparou que o público era esmagadoramente formado por mulheres jovens.

– Quer dizer que não ouviste todos os boatos, Aya-chan?

Kanade, ao lado dela, parecia duvidar.

– Que boatos?

– Que um dos favoritos para o prémio vai tocar hoje. O Príncipe da Julliard.

– Príncipe?

Foi a vez de Aya parecer duvidar.

Circulavam boatos acerca de um “Príncipe” qualquer, mas ela não fazia ideia de quem se tratava. Aya nunca acompanhava as notícias da arte e era completamente alheia a mexericos. – Aya-chan, estás a dizer que não viste quem eram os outros pianistas?

– Bem, imaginei que, de qualquer modo, ia ouvi-los, portanto, era-me igual.

Kanade parecia estupefacta com a atitude de Aya.

– Até *eu* ouvi falar dele – disse Kanade. – O aluno especial do Nathaniel Silverberg... tem sangue japonês, pelos vistos.

– A sério? Gosto do Nathaniel Silverberg. Atualmente apenas rege orquestras, mas gostaria que tocasse piano mais vezes.

Ao olhar para Aya, absorta nas suas próprias palavras, Kanade gostaria de saber o que acontecera à jovem que, quando estavam a escolher os vestidos, garantira que faria o seu melhor. Talvez fosse isso que a tornava tão boa, pensou Kanade. Mas também, tratava-se de um concurso, e a ambição e o dinamismo eram essenciais.

Estavam no segundo dia da primeira eliminatória.

O pai pedira a Kanade que acompanhasse Aya, pois o professor dela tinha mais dois alunos no concurso e não podia encarregar-se de outra participante.

Não, decidira por fim Kanade. Ela apenas tocará no último dia da primeira eliminatória, assim, talvez seja melhor que, de momento, pareça um pouco distanciada. As pessoas diziam que, muitas vezes, a coisa mais difícil para um participante num concurso longo e cansativo é manter a calma. Muitos queixavam-se dos longos períodos de espera. A sua participação era de apenas vinte minutos, contudo a primeira eliminatória expandia-se por cinco dias inteiros.

Tratava-se do primeiro concurso de nível sénior para Aya. Conseguiria? interrogava-se Kanade. Olhou de lado para a jovem que escutava atentamente a música.

Kanade não dissera a ninguém, mas decidira que, se Aya chegasse à final, mudaria formalmente do violino para a viola. A decisão nada tinha afinal a ver com a amiga – podia fazer a transição quando quisesse – mas decidira que o destino de Aya no concurso determinaria o seu.

Com o tempo, Kanade apercebera-se gradualmente de que preferia a viola. Adorava a sua ressonância, o aspeto e o lugar na orquestra – tudo se lhe adaptava perfeitamente.

Confio nos meus ouvidos, pensou.

Olhou de novo para Aya.

*

E assim Kanade decidira que a participação de Aya marcaria o seu próprio ponto de viragem pessoal e esta era outra razão para ter repreendido a

jovem pela sua falta de competitividade.

Mas credo... o nível aqui é tão elevado! Pensou Kanade. *Como o conseguirei explicar ao meu pai?*

Todas as participações eram requintadamente musicais. Era evidente que, atualmente, o acesso a tantas interpretações diferentes e informações online tinham ajudado a subir os níveis em todo o mundo. Isso levava também a uma certa uniformidade de som, embora ela notasse que, curiosamente, o caráter nacional associado a vários países influenciava a forma de tocar.

Os pianistas chineses, por exemplo tinham um fôlego suave e puro que ela pensava refletir as suas origens *continentais*. Sem exceção, todos os candidatos chineses eram de famílias abastadas de classe média, embora a classe média chinesa fosse mais parecida com a classe rica do Japão, por isso eram todos de famílias com recursos financeiros para apoiar as suas carreiras. Na China, estes pianistas felizardos usavam naturalmente as suas vantagens, e a sua forma de tocar poderosa e sem constrangimentos era muito atrativa. Contudo, agora, o público já se habituara a este tipo de pianista chinês e as suas superiores capacidades técnicas não surpreendiam. Mas o que era de facto invejável nos candidatos chineses era a sua inquebrantável autoestima, algo que raramente se encontrava nos seus colegas japoneses. Os pianistas japoneses podiam falar acerca de serem *eles próprios*, mas apenas como forma de disfarçar a falta de autoconfiança e ansiedade acerca da sua identidade. O *serem eles próprios* era apenas adquirido após um sério esforço, mas os intérpretes chineses pareciam tê-lo desde o início, como um direito inato, e Kanade interrogava-se se isso não seria o produto da filosofia chinesa e do regime autoritário de partido único. Outro fator era a competição dentro da China. Uma vez que se sobrevivesse a ela, quaisquer lutas pela identidade estavam havia muito sublimadas. Comparados com os chineses, os pianistas de outros países asiáticos pareciam muito mais inocentes. Kanade tinha por vezes a sensação que alguns deles ainda perguntavam porque estavam ali, porque estavam a tocar no palco, lutando ainda com problemas existenciais básicos, que os candidatos chineses há muito haviam deixado para trás.

O que de facto se destacava desta vez era o contingente da Coreia. Quando via artistas de cinema coreanos, Kanade também sentia que

tinham uma paixão sincera e – não estava certa de a descrição ser apropriada – uma espécie de capacidade de atrair o amor.

Essa *capacidade e intensidade* incorporadas dos coreanos funcionavam bem com a música clássica dramática.

Então o que era especial nos pianistas japoneses?

Era algo que os músicos profissionais japoneses frequentemente ponderavam. Começando com a pergunta mais básica: *Porque tocam os asiáticos música* ocidental? E esta desviava-se sempre para a pergunta mais pessoal que era por que razão tocava ela violino e viola.

Kanade apercebeu-se de que a atuação terminara e Aya aplaudia entusiasmada a seu lado, olhando-a com a face iluminada.

– São *tããã* bons! Este contingente coreano é incrível.

Não era o momento para ficar impressionada por outros pianistas, pensou Kanade, e sorriu ironicamente para consigo.

Depois do intervalo, o pianista seguinte era o muito antecipado Príncipe da Julliard.

*

Hiroshi Takubo, o contrarregista, olhou de relance para o candidato seguinte.

Uma figura alta e escura por entre as sombras. Não pôde deixar de se sentir intrigado.

Alguns dos candidatos estavam de tal forma vencidos pelos nervos que não podia deixar de ter pena deles, mas aquela figura parecia calma.

Takubo estava habituado a ver profissionais e maestros de todo o mundo, a encaminhar todo o tipo de estrelas dos bastidores até à sua entrada em palco. Este jovem tinha a mesma aura notável dos mais experimentados profissionais.

Os outros membros da produção pareciam sentir o mesmo e percebeu o imenso respeito com que lidavam com ele. Não havia dúvida de que transpirava algo de muito *especial*. Claro que havia de ter em conta o seu físico e feições atraentes, mas só a sua presença era suficiente para fazer estremecer um coração.

Takubo olhou para o relógio.

– Está na hora – disse em voz baixa.

Takubo ficava sempre aflito ao ter de dizer aquilo. Não queria usar um tom demasiado insistente não fosse adicionar tensão ao candidato. Tentava sempre ser o mais natural possível.

– A melhor das sortes – disse Takubo ao abrir a porta.

Observava cada candidato de perto antes de decidir se havia ou não de dizer uma última palavra de encorajamento, sabendo que em alguns casos quebraria a concentração ou não seria um empurrão bem recebido, mas com este candidato não teve compunção. Havia algo naquele jovem que fazia com que quisesse comunicar com ele.

– Muito obrigado.

O jovem esboçou um largo sorriso.

Takubo não pôde deixar de se surpreender com aquele ofuscante sorriso enquanto o jovem saía para as luzes dos projetores. Como se uma brisa refrescante tivesse passado por ali.

Também o público teve consciência imediata de estar na presença de alguém extraordinário.

Aya olhou com admiração para o “Príncipe” enquanto este se curvava.

Era como se fosse o momento em que uma estrela de cinema cumprimentava os fãs numa estreia.

O jovem era alto e magro, cerca de um metro e noventa, calculou ela, e envergava um elegante fato lustroso azul acinzentado, uma camisa branca e uma gravata chique lilás e verde. Surpreendentemente, poucos pianistas usavam gravata.

Cabelo castanho-escuro, solto e encaracolado; feições calmas e profundamente talhadas.

O público observava-o com a respiração suspensa, enquanto ele ajustava o banco.

Aya sentiu de súbito uma estranha sensação de nostalgia.

Parece-me que o conheço de há muito tempo, pensou.

As estrelas fazem-nos pensar assim, não é verdade? Como se já as conhecêssemos.

É porque a sua aura – como dizer? – estabelece um padrão. Como algo que se transforma num momento clássico. Uma estrela encarna aquilo que o público há muito sabe e há muito deseja.

Aya ouviu uma voz familiar na sua mente. A voz do seu velho professor, o Sr. Watanuki.

A minha mãe ensinou-me as bases, mas foi o Sr. Watanuki, o meu professor de piano, que me ensinou a amar a música. Sempre que abria a porta da casa dele, ouvia todos os tipos de música. Adorava aquelas aulas.

Mas o Sr. Watanuki falecera quando Aya tinha onze anos. Dissera que não se sentia bem e morreu pouco depois de ter dado entrada no hospital. Acontecera tão depressa.

Lembrou-se de que, se ao menos tivesse ficado com o Sr. Watanuki, poderia ter continuado a tocar mesmo depois da mãe ter morrido. Os professores que tivera depois dele eram muito hábeis a ensinar a técnica, mas nenhum a ensinou a amar a música como o Sr. Watanuki.

O jovem acabou de ajustar o banco e olhou para a frente por um instante.

Os olhos de Aya foram atraídos por aquela expressão pensativa.

Quando ele soube que tinha a atenção da assistência, ergueu os braços e começou a tocar.

Que encantador, pensou Aya.

Ele soube então que o público se enfeitiçara pelo seu som e pela pessoa que o produzia. Era o que significava *extasiar*, pensou ela.

Mas também como esse som podia ser diferente, dependendo da pessoa que o produzia.

Sabia que aquilo era verdade, mas ao vê-lo desenrolar-se diante dos seus olhos, achou-o ainda mais incrível.

O Cravo Bem Temperado era a peça mais padronizada do repertório de piano e, executado segundo as regras, podia facilmente acabar por soar como música de fundo. *Mas, meu Deus, nas mãos dele parece verdadeiramente vivo. Emocionante, até.*

Cada nota continha profundidade, não parecia exposta, mas sim envolvida em veludo. E, contudo, reverberava com a simplicidade e o leve cinismo do Barroco.

Que ornamentos espantosos, pensou Aya. Não desaparecem simplesmente, nem impedem o curso, mas aqui parecem tão precisos e integrados.

Ele parecia desfrutar tanto! Nenhuma tensão, nem um pouco de esforço a mais. Como se acariciasse as teclas e produzisse notas cristalinas que enchiam todos os cantos da sala. Alguns pianistas tocavam com a sua pose

ou o seu estilo idiossincrático e o público, no esforço de os observar, distraía-se da música.

Ele era cheio de uma generosidade que permitia que os ouvintes se entregassem à sua interpretação.

– Há uma tal vastidão, contudo há uma força de reserva.

Voltou a ouvir a voz do Sr. Watanuki.

– Tem toda a música dentro dele, forte e esperançosa... nunca pode ser contida.

É exatamente isso, pensou, já sem saber quando o Sr. Watanuki dissera aquilo.

*

Não admirava que Nathaniel tivesse tanto orgulho nele.

Mieko estava no seu lugar do júri, com os olhos presos no jovem diante de si.

Os treze membros do júri estavam espalhados por todo o balcão, sentados em duas filas com muito espaço entre eles. Mieko e Nathaniel estavam na fila superior, um em cada ponta. Enquanto ela e os colegas ouviam extasiados, sabia que todos tinham consciência de que o mentor daquele pianista estava ali sentado junto deles.

Que *fôlego*, pensou, e a palavra surgiu-lhe naturalmente. Havia algum tempo que não usava essa expressão aberta e simples. O mundo estava cheio de hábeis executantes, pianistas consistentes, cujo estudo de música pouco deixava a desejar, o que tornava ainda mais difícil o emergir de um intérprete como este, com um fôlego idiossincrático, alguém que fazia apreciar as pausas transbordantes e os espaços entre as notas.

Aquele jovem tomou o que supostamente seriam elementos intrinsecamente contraditórios e apoderou-se suavemente deles. Um alcance e uma amplitude verdadeiramente extraordinários.

Mieko recordou-se da sua impressão na festa em que o conhecera.

Frenético, mas gracioso. Polido, mas instintivo.

Os sons que produzia eram ao mesmo tempo frescos e jovens, habilidosos e astutos. Continha-se, mas de forma digna.

Seria por ser japonês apenas em parte? Não – ter só uma ou duas costelas japonesas não era assim tão raro.

O toque admirável do rapaz podia ser traçado até à força que encontrava na sua individualidade híbrida, de que se aproveitava.

O seu som era doce e encantador, mas complexo e também com ambiguidades subtis. Evocava as ressonâncias clássicas europeias, a luz e a sombra latinas, um sentido poético oriental e uma franqueza e sinceridade americanas. Esses elementos coexistiam para formar um todo integrado. Em cada peça mostrava um aspeto diferente do seu talento. Irradiava um fascínio que fazia com que todos quisessem que continuasse a tocar.

Os profissionais tinham uma certa tendência para desconsiderar pianistas jovens, atraentes e tecnicamente preparados, mas Masaru seria bem recebido por todos.

Mieko reparou no número de mulheres que enchiam a plateia lá em baixo. Tinham identificado rapidamente uma estrela atraente. Masaru combinava a popularidade com todas as suas outras qualidades.

Lá de cima do balcão, o palco parecia muito perto dela, mas quando Masaru tocou, Mieko teve a ilusão de que um livro *pop-up* se abrisse diante de si.

O Bach, tal como o Mozart, foram excelentes. O jovem tinha um som requintado, porém, não se fiava apenas nisso; era evidente que compreendia a música na sua profundidade. Nathaniel nunca permitiria que um aluno não o fizesse.

Tal como o Maestro Hoffmann.

De súbito sentiu-se surpreendida.

Nathaniel não estaria convencido de que Masaru seria o herdeiro de Hoffmann?

Queria olhar para ele, mas impediu-se de o fazer.

Pensando bem, o Maestro Hoffmann era ele próprio um híbrido. A avó casara numa nobre família prussiana, o pai era um maestro famoso e a mãe uma *prima-dona* italiana muito conhecida. Viajara pelo mundo quando era jovem ao cuidado de vários parentes. A sua feroz individualidade, criada pelo seu passado diverso, tinha produzido o músico monumental que fora Yuji Von Hoffmann.

Nathaniel podia ter descoberto em Masaru um Hoffmann para a nova geração, o que poderia explicar porque ficara tão perturbado ao saber que Hoffmann tinha um aluno.

Masaru era certamente um aluno que podia estar à altura das suas expectativas.

Mieko olhou fixamente para Masaru, quando este terminou a segunda peça.

*

A segunda era a *Valsa Mefisto* N.º 1 de Liszt, a mesma peça que Aya escolhera para tocar.

Kanade avaliara calmamente a situação.

Por ser difícil realçar as duas primeiras peças, uma fuga de Bach e uma sonata clássica, muitos pianistas tinham escolhido uma peça de maior dificuldade para terminar. Geralmente de Liszt ou de Rachmaninoff. A obra final duraria geralmente onze ou doze minutos e, por isso, até cinco pianistas haviam escolhido a *Valsa Mefisto*. Alguém a tocara no dia anterior, mas Kanade não a ouvira. Lera as reações do público online, mas não vira quaisquer referências diretas, por isso, provavelmente não fora nada de especialmente memorável.

Kanade sentou-se muito direita e especialmente atenta, para ouvir a prestação de Masaru.

O “Príncipe” tocara Bach com precisão e exprimira ao máximo a pureza de Mozart, mas agora, numa mudança repentina de marcha, passara para um modo glorioso mais brilhante.

Era como se tivessem trocado de pianistas. Todo o seu ser se enchera da fria paixão da valsa de Liszt, com os seus motivos dinâmicos.

Quando os músicos menos poderosos tocavam Liszt, a peça podia parecer um estrépito, contudo os dedos do Príncipe dançavam ao de leve sobre as teclas.

Tocar piano com aquela força significava que as passagens de pianíssimo eram mais eficazes e a dinâmica incrivelmente estimulante.

Glissandos perfeitos, lançados naturalmente. *Tremolos* comovedores e transparentes.

Estava habituada a executantes tecnicamente admiráveis, por isso não esperava ser surpreendida, mas a técnica daquele jovem era extraordinária. Uma articulação eletrizante e viva. Um som soberbo que cativava os corações do público e o conduzia para onde desejava. Soou o acorde final e o Príncipe levantou-se para ser aclamado por gritos de aprovação.

Sorriu. Pousou a mão no peito e fez uma profunda vénia. Ao ver o seu rosto belo e franco a adoração do público aumentou ainda mais.

– Uau... foi simplesmente *incrível*! Pode mesmo ganhar o prémio.

Aya aplaudia com tanto entusiasmo que Kanade se sentiu desanimada.

Aquela *Valsa Mefisto* estabelecera um novo padrão. Aya não se aperceberia como aquilo a colocava em desvantagem?

O Príncipe sorria ao encaminhar-se para os bastidores. Mesmo depois de ter desaparecido, era como se tivesse deixado um fulgor atrás de si.

É simplesmente incrível, pensou Kanade.

Já é uma estrela.

A onda de aclamações continuava a aumentar.

É Apenas Uma Ilusão

Akashi Takashima manteve-se preso à cadeira.

A assistência soltara uma tempestade de aplausos, mas, contra a maré, Akashi sentia-se arrastado, afundando-se cada vez mais no seu lugar.

Ouvia apenas as aclamações frenéticas, juntamente com o que parecia ser o efeito sonoro de uma manga – o *bong* persistente e pesado de um sino, reverberando nas suas profundezas.

Surgiu uma jovem pianista e ele só pensou *pobre rapariga*. Poderia tocar o melhor que soubesse, e embora os olhos do público estivessem vagamente apontados para ela, mantinham-se mergulhados no resplendor de Masaru Carlos Levi Anatole. Não a veriam a ela, mas sim a *ele*.

Só três candidatos depois de Masuru é que a audiência conseguiu finalmente recompor-se e concentrar-se no pianista que tinha à frente.

Aquele dia marcava uma linha divisória, pensou Akashi. A partir daí o tempo seria medido como *Antes de Masaru Carlos* e *Depois de Masaru Carlos*.

Akashi apercebera-se da reação ao seu desempenho no dia anterior e ficara com uma sensação positiva.

Como toquei assim, pensara, não posso perder. Serei um candidato.

Tentou não pensar demasiado no assunto, pois todos participavam no mesmo concurso e qualquer um podia ser eliminado, mas era impossível

ignorar a voz interior que lhe dizia que tinha boas hipóteses.

Assim que Masaru aparecera, a voz interior calou-se.

Tentava o mais possível não ter informações acerca dos outros candidatos. Para ser franco, não tinha espaço na cabeça, mas ouvia por acaso os boatos da sua rede de amigos dos tempos da escola superior de música, rumores acerca dos candidatos mais notáveis.

Uma coisa já ele ouvira: havia de surgir um pianista excecional, aluno muito estimado de Nathaniel Silverberg. Aquilo que lhe era difícil acreditar era o que lhe dissera um colega que ouvira o pianista tocar em Nova Iorque. Perguntara-lhe como era ele e ficou surpreendido ao ouvir que não era piano que ele tocava, mas sim trombone. Pensando bem, esse amigo da faculdade estudara jazz e tocava baixo, por isso fazia sentido ter encontrado o pianista num conhecido clube de jazz em Nova Iorque.

O amigo dissera-lhe que o fulano era espantoso. Tocava aquela espécie de solo puro e duro e radical à la Curtis Fuller. Tinha apenas quinze ou dezasseis anos, mas envergonhava seriamente os profissionais.

Olhou para o currículo do rapaz e ficou admirado ao saber que o trombone era um *hobby* e que era aluno a tempo inteiro da Julliard. Dizia-se que também não era mau na guitarra e na bateria.

Ah – o tipo de génio que tudo domina sem qualquer esforço, pensou Takashima. O fulano tinha tanto talento que podia explorar uma orquestra inteira.

Imaginou o excêntrico e precoce menino-prodígio. Um rapaz criado com amor e que parecia alheio a este mundo.

O menino-prodígio era um conceito há muito estabelecido no mundo da música. Desde tenra idade podiam ver coisas que as outras pessoas não viam e tinham acesso ao mistério que era a música.

O facto é que não viam aquilo que viam as pessoas vulgares. As pessoas vulgares ansiavam poder um dia produzir música divina, alegravam-se quando chegavam ao sopé de uma montanha, vindas do nível do mar, na esperança de alcançar os seus cumes cintilantes, sentindo um puro prazer em vencer o fracasso, enquanto, passo a passo, se aproximavam mais da música. Os prodígios não experimentavam esta alegria.

Por vezes, as pessoas vulgares tinham uma distorcida sensação de superioridade em relação aos génios.

Era por isso que Akashi nunca se sentia ameaçado por eles nem lhes tinha inveja. Mas assim que Masaru Carlos entrou em palco, a imagem do seu *pobre* génio estilhou-se em mil bocados.

Uma maturidade e uma musicalidade imensas, um claro sentido da perspetiva geral. Era um milagre ele possuir tudo aquilo apenas com dezanove anos. Era um verdadeiro génio.

Akashi sentiu-se igualmente inspirado e arrasado. Apesar de todas as qualidades com que Masaru fora sem dúvida abençoado, Akashi ainda sentia nele o som sério, profundamente cuidado, o estoicismo de alguém que procurava mais.

Seria certamente por isso que enveredava por tantos outros caminhos – a guitarra e o trombone. Era o seu desejo de abarcar uma visão completa da música, de sondar o seu significado até às profundezas.

Akashi sentiu-se desesperado. *Porque não terei nascido assim? Porque querei competir com uma pessoa como esta, com o mesmo instrumento, ao mesmo tempo, no mesmo concurso?*

Porquê? Porquê?

Enquanto estes pensamentos lhe giravam na mente, os candidatos *depois de Masaru Carlos* iam e vinham em movimento acelerado, Masaru aparecera mais ou menos a meio dos executantes da primeira eliminatória desse dia, contudo a segunda metade do programa pareceu terminar rapidamente e Akashi apercebeu-se subitamente de que o dia estava no fim e que o público se dirigia para a saída.

Porquê?

Akashi conseguiu então pôr-se de pé. Sabia que deveria começar a ensaiar para a segunda eliminatória, mas tudo lhe parecia demais. Dirigiu-se lentamente para a rampa da saída da sala de concertos agora deserta, como um velho que lutasse contra a gravidade.

*

– Sabes uma coisa? Aquela miúda vai tocar no último dia.

– Sim. A Aya Eiden. Deve valer a pena assistir.

Aya encontrava-se num dos cubículos da casa de banho das mulheres e bocejava. Sobressaltada pelas vozes lá fora, levou rápida e inconscientemente a mão à boca para a tapar.

– Há um grande falatório, não achas?

– Pois sim. Mas afinal o que é que ela pensa? Uma pessoa que já deu um concerto no Carnegie Hall e tudo.

Pareciam ser duas jovens a falar, de conversa diante do espelho, enquanto retocavam a maquilhagem.

Aya hesitou. Sentiu-se perplexa. Se saísse nesse momento as miúdas perceberiam que ela era Aya Eiden? Tinha um penteado diferente do da fotografia do programa. Usava agora um penteado mais curto e arredondado, por isso talvez não a reconhecessem, principalmente se parecesse despreocupada.

– Quantos anos esteve afastada?

– Muitos. Sete, talvez oito.

– Afinal, para onde irão as pessoas como ela? Há tantas. Crianças que são génios e que começam a tocar com uma orquestra com dez ou doze anos. Mas tenho a sensação de que não há muitas que prossigam para uma carreira importante.

– Têm esgotamentos, não é? Só sabem tocar piano. Quando não se sabe mais nada deste mundo, fica-se limitado, não achas? Como com os atores infantis famosos, parece que há uma parede que os impede de serem atores adultos.

Aya sentiu um arrepio na espinha.

Uma vez passados os vinte anos, atingida a idade adulta, já não se é especial. Um caso de esgotamento. Lembrava-se agora de algumas das coisas impiedosas que as pessoas haviam dito a seu respeito.

– Será hilariante se não conseguir passar da primeira eliminatória – disse uma das raparigas.

– Será difícil de esquecer. Não estará nervosa, depois de todos estes anos? Um concerto tipo a solo para reviver a carreira é uma coisa, mas num concurso ou se é selecionado ou não se é. Se fosse eu estaria cheia de medo de continuar.

Era como se dissessem que Aya estava a ser imprudente. Sentiu o suor frio escorrer-lhe pelas costas.

– Pensas que vai aparecer?

– Quero vê-la.

– E se ela cancelar à última hora, como da outra vez?

As vozes afastaram-se. O silêncio caiu.

Aya nem tinha coragem de sair de onde estava.

*

Não sabia dizer quanto tempo ficara dentro do cubículo, até abrir a porta para espreitar. Não estava ninguém.

Lavou as mãos e saiu da casa de banho.

O átrio estava deserto.

Sentiu-se aliviada por Kanade não estar nesse dia consigo. A amiga tivera coisas a fazer em Tóquio e saíra imediatamente após a prestação de Masaru Carlos. Aya não queria que ela a visse no estado em que se encontrava nesse momento.

Fugiu praticamente da sala de concertos. *Afinal não estou neste concurso por minha própria vontade.*

Esses pensamentos ocupavam-lhe a mente enquanto regressava ao hotel.

Sentir-se-ia envergonhada? Arrependida? Zangada? Não tinha a certeza de quais eram as suas emoções nesse preciso momento.

Mas é o público – a imagem e a impressão que o público tem de mim.

Até ao momento não se preocupara. O vasto mundo fora da sala de concertos atingia-a agora ruidosamente com enormes quantidades de despeito.

O público não me esqueceu. Nunca esqueceram que fui a deplorável menina-prodígio que cancelou um concerto num impulso de última hora.

As vozes que ouvira anteriormente giravam-lhe na mente.

“A Aya Eiden. Deve valer a pena assistir.”

“Mas afinal o que é que ela pensa?”

“Afinal, para onde irão as pessoas como ela?”

“Será hilariante se não conseguir passar da primeira eliminatória.”

“Se fosse eu estaria cheia de medo de continuar.”

Concordo – é imprudente e chocante fazer o que estou a fazer. Participar numa competição depois de todos estes anos. Mas em que estava eu a pensar? Expor-me para que todos vejam esta triste sombra do que fui, a ex menina-prodígio. Misturar-me com todas estas futuras estrelas.

A imagem de Masaru Carlos saltou-lhe na mente com a sua magnífica *Valsa Mefisto*.

Apressou-se a chegar ao quarto do hotel. Fechou a porta e encostou-se a ela.

É por isso que eu não queria participar em nenhum concurso.

Porque quis o Prof. Hamazaki que eu fizesse algo tão humilhante? Pela sua própria reputação? Porque abriu uma exceção quando me deixou frequentar a escola?

Lá no fundo, sabia perfeitamente que era uma acusação sem fundamento. Mas, nesse momento, não pôde deixar de insultar, atacar, amaldiçoar todos eles – o Prof. Hamazaki, Kanade e a si própria – por ter decidido fazê-lo.

Talvez deva apenas não tocar.

Se me for embora agora, antes de me ouvirem, manter-me-ei a menina génio que desapareceu de repente.

Mas depois, ouviu mais uma vez uma dessas primeiras vozes:

“– Pensas que vai aparecer?”

“– E se ela cancelar à última hora, como da outra vez?”

Cobriu-a um suor frio.

Um placar branco no palco a dizer: “88. AYA EIDEN”.

Mas ninguém aparecia em palco e a agitação percorria o público.

Os elementos da produção começavam a murmurar entre eles. Alguém vinha ao palco e retirava o placar com o nome dela. Uma agitação ainda maior percorria a sala.

Alguém ria, e o murmúrio aumentava.

– Como? Retirou-se?

– Não pode ser. Queria tanto ouvi-la. A Aya Eiden.

– Fugiu mais uma vez. Deve ter tido medo.

– E esteve aqui até há pouco, a ouvir as prestações da primeira eliminatória.

– Foi por isso. Apercebeu-se de como o nível é elevado. Deve ter pensado que seria melhor não continuar.

Imaginava também outra cena.

Kanade via o placar do nome ser retirado e saía da sala a correr, com o rosto pálido. Apressava-se a chegar ao quarto de hotel de Aya e tocava à campainha, mas ninguém respondia. Kanade saltava para o elevador e corria à receção. Informavam-na de que Aya cancelara a reserva e partira. Em pânico, Kanade telefonava ao pai.

– A Aya-*chan* fugiu.

– *Como?! – Kanade ouvia o pai engolir em seco do outro lado da linha.*

A notícia acerca da retirada de Aya do concurso espalhava-se rapidamente pela escola. Era um verdadeiro golpe para a reputação do Prof. Hamazaki. Ouvia os outros professores falarem do caso.

– Tenho pena do Prof. Hamazaki. Cuidou tão bem da filha daquela sua amiga e agora vejam o que aconteceu.

Não posso ir-me embora. Não posso retirar-me, pensou Aya.

Apercebeu-se de que o quarto estava escuro como breu.

Ergueu lentamente a mão e fez deslizar o cartão na ranhura das luzes.

Sobre a cama estava o vestido azul vivo que ela e Kanade haviam escolhido para ser usado na primeira eliminatória.

Coro de Aleluia

O último dia da primeira eliminatória.

Desde manhã, Masami Nishina fizera a volta pelas famílias que ofereciam alojamento e chegara agora à sala de concertos. Logo a seguir à primeira eliminatória, seriam anunciados os candidatos selecionados e não o podia perder – tinha de lhes capturar as expressões nesse momento. Como não seria possível estar em dois lugares ao mesmo tempo, pedira a essas famílias para a ajudarem a gravar em vídeo os candidatos que alojavam. Dado que estavam habituadas a ter pianistas em casa e alguns deles já estavam a fazer vídeos para mostrarem aos pais como eram as coisas no Japão, acederam de bom grado àquele pedido. O foco principal de Masami aqui, era, evidentemente, Akashi Takashima, por isso tratou de garantir que estaria com ele quando os resultados fossem anunciados.

A mulher de Akashi tinha de dar aulas, de modo que não estaria presente. Não que se apercebesse, mas quando Machiko estava com o marido, Masami não conseguia descontrair-se.

Masami estava agora habituada à sala de concertos, mas continuava admirada com o número de pessoas que lá se reunira para saber os resultados. E havia uma tensão no ar, que antes não existia. Uma excitação contida, seria uma forma melhor de o descrever.

– É incrível, não achas? Hoje há tanta gente.
Falava com Akashi, que esperara por ela à entrada.

*

Para os candidatos, o momento era decisivo, mas para o público era mais um espetáculo emocionante.

Akashi assumia um ar descontraído, mas estava nervoso desde que se levantara.

Será que passo à segunda eliminatória? Perguntava a si próprio. A minha prestação terá sido suficientemente boa? Dentro de sete horas estarei a sorrir ou a telefonar à Machiko para lhe transmitir as más notícias?

A sua própria imagem a ligar à mulher saltou-lhe à mente, escondendo a desilusão, tentando fazer parecer que tudo aquilo não o incomodava. Pôs de lado o pensamento.

– Ainda têm de se apresentar alguns pianistas.

Masami olhou para o programa.

– Tens razão.

– Ainda tens o... como é que lhe chamam? O Príncipe das Abelhas? E aquele pianista russo que da última vez ficou em terceiro lugar.

– Esqueci-me de como lhe chamam... das Abelhas ou do Mel. Parece que a audição dele em Paris foi espetacular.

– Da última vez, o vencedor seguiu o mesmo padrão, não é verdade?

Masami folheou o programa até chegar à página desejada. Akashi espreitou para dar uma olhadela.

Jin Kazama.

A secção sobre o seu passado em concursos estava em branco. Tinha apenas dezasseis anos, por isso era bem possível que ninguém tivesse ouvido falar dele até ao momento.

– Uau! Tão giro. E tão jovem. Dezasseis anos, imagina!

– Deixa de falar como se fosses uma fã de meia-idade, menina.

Akashi sorriu, embora os seus olhos poisassem diretamente no parágrafo sobre o professor de música de Jin. Qualquer um teria a mesma reação, pensou. Era difícil acreditar que se registasse como aluno de Hoffmann. No fim, aquilo seria bom? Ou uma responsabilidade?

Akashi virou a página em silêncio. A sua atenção ocupou-se de outro candidato.

Havia algo na fotografia que lhe fez acender centelhas na memória. Os grandes olhos sinceros e perscrutadores que o fitavam diretamente.

Aya Eiden. Idade: 20 anos

Já tem vinte anos. Ainda só tem vinte anos. As duas ideias colidiam-lhe na mente.

Não houvera o mesmo falatório à volta dela como houvera com o Príncipe das Abelhas ou o Príncipe da Julliard, contudo o regresso de Aya aos palcos era um tema quente de discussão.

Que tipo de atuação seria a dela? E porque teria regressado?

No passado, Akashi fora fã de Aya. Ouvira as suas gravações e fora aos seus concertos. Quando pensava nos meninos-prodígio, lembrava-se sempre do *episódio Rugrats no Concurso de Talentos* e achava-os um pouco sinistros, mas Aya fora diferente, perfeitamente natural. Recordara-se claramente de ter pensado da primeira vez que a vira tocar: *Isto não é uma menina-prodígio. Isto é um génio genuíno.*

A música era uma parte perfeitamente fluida e natural de quem ela era.

Quando soube que Aya cancelara repentinamente um concerto depois da morte da mãe, ficou completamente siderado e sentiu-se até certo ponto traído. Foi para ele um profundo choque que uma jovem tão dotada pudesse desistir de tudo.

Porém, o tempo passou e começou a pensar que talvez precisamente *porque* ela era um génio, pudera desistir assim de forma tão decisiva. Aquela espécie de despedida abrupta podia bem estar de acordo com a sua maneira de ser.

Como a mitificara na sua mente, tinha sentimentos contraditórios acerca do regresso dela aos palcos. Era algo parecido com o desencantamento, quando um ídolo pop que abandona os palcos para levar “uma vida normal” decide afinal recomeçar a sua carreira no *show business*.

Havia ainda o medo de desiludir e de não saber como reagir. Outros pianistas no concurso desejariam de facto ser desiludidos. *Ah, então é só*

isso que ela tem, talvez pensassem. Era difícil negar a tentação de mostrar desprezo por um antigo ídolo.

Akashi continuou a fitar a fotografia dela, e os seus sentimentos eram claramente contraditórios.

*

Masaru passou o programa assinado para as mãos das jovens, que gritaram deliciadas.

A cena repetia-se de cada vez que havia um intervalo entre as prestações e embora ficasse satisfeito, aquilo desconcertava-o um pouco, pois interrompia-lhe a observação dos pianistas seguintes.

O programa trazia a lista das peças que os candidatos tencionavam tocar, desde a primeira eliminatória até à final. O programa era altamente informativo e Masaru gostava de o estudar ao pormenor – a escolha do repertório revelava muito acerca das proezas técnicas e preferências dos pianistas, bem como a sua estratégia na composição. A primeira e a segunda eliminatórias tinham de seguir certas diretrizes, por isso as obras escolhidas eram até certo ponto restritas, mas a terceira eliminatória era um recital de uma hora e aí a personalidade do pianista podia de facto emergir. Havia recitais só de Chopin ou de Rachmaninoff, programas que davam primazia a compositores contemporâneos e outros com uma abordagem mais académica, todos revelando o repertório que o pianista calculava que o mostraria de maneira mais favorável.

Francamente, nesta primeira eliminatória, a escolha das peças parecia ou incrivelmente inspirada ou espantosamente estúpida.

Masaru abriu o programa no executante seguinte, Jin Kazama, e nas suas escolhas para a primeira eliminatória.

Bach, *O Cravo Bem Temperado*, Livro 1, N.º 1.

Prelúdio e Fuga em Dó Maior.

Mozart, Sonata para Piano N.º 12 em Fá Maior, K 332, primeiro andamento.

Balakirev, *Islamey: Fantasia Oriental*.

Entendia a escolha de *Islamey*. As peças de Bach e Mozart não eram muito trabalhosas tecnicamente, por isso *Islamey*, uma das peças mais difíceis do repertório de piano, era a escolha estratégica para demonstrar técnica.

Os níveis técnicos tinham subido muito nos anos mais recentes e embora *Islamey* raras vezes fosse executada, havia muitos pianistas que tinham decidido interpretá-la aqui, na primeira eliminatória.

Mesmo assim – porquê o *Cravo Bem Temperado*, Livro 1, N.º 1?

Era uma peça tão, mas tão famosa que até aqueles pouco familiarizados com música clássica a tinham ouvido uma vez ou outra. De cada vez que se escutava era necessário filtrá-la através de outros desempenhos famosos. Tocá-la era uma decisão corajosa.

Também o Mozart era uma escolha ousada. Outra peça famosa difícil de enfrentar. A escolha ou fora feita de forma natural e inocente pelo pianista ou era intencional.

Masaru refletiu sobre o assunto.

Não – espera lá, pensou. Estas peças não eram necessariamente escolhidas pelo próprio Jin Kazama. Como era o primeiro concurso do recém-chegado, bem como a primeira eliminatória, era mais natural que tivesse sido o professor a escolher o que ele devia tocar.

Se aquilo tivesse sido feito ainda sob a direção de Yuji Von Hoffmann, tratava-se forçosamente de uma tática deliberada. Como tal, então ele deveria ter uma grande confiança.

Masaru quase soltou um assobio.

O público começou a aplaudir e Masaru ficou surpreso por ver uma mulher de vestido amarelo agradecer no palco. A prestação terminara sem que desse por isso e nada conseguira ouvir do que ela tocara.

*

Nas profundezas dos bastidores o afinador de piano Kotaro Asano dava sinais de agitação.

Na sua mente estava a figura daquele rapaz. Muito em breve é a vez dele. *E a minha também*.

Dos três afinadores enviados pelos fabricantes de pianos, Asano era o mais jovem. Afinar pianos num concurso era trabalho duro, mas era também uma honra enorme para um afinador. Havia muito que esperava a

sua oportunidade e tivera por fim autorização de participar. Quando chegou sentia-se entusiasmado, mas a atmosfera da sala era mais tensa do que imaginara. Compreendia por que razão os afinadores diziam que não conseguiam dormir durante um concurso. Era fisicamente cansativo e também emocionalmente esgotante ter de conhecer tantos participantes e tentar compreender, para lá da barreira da língua, que tipo de som esperavam obter. Tomara apontamentos pormenorizados, mas, mesmo assim, não estava à vontade e tinha a cabeça cheia de todo o tipo de sons e imagens enquanto tentava perceber como reproduzir o que queriam. Estava fora de questão poder descontraí-lo. Alguns pianistas estavam extremamente agitados e pareciam contagiá-lo, obrigando a que se sentisse nervoso.

Uma rapariga francesa, especialmente difícil de contentar, continuara a insistir. “Este não é o meu som”, o que o esgotara completamente. Foi nesse momento que o jovem japonês apareceu: só o poder falar a mesma língua era um enorme alívio.

– Olá. Chamo-me Kazama. Muito gosto em conhecê-lo.

O rapaz baixou a cabeça, num rápido cumprimento.

– Chamo-me Asano. O prazer é meu. Vou dar o meu melhor para que o piano fique exatamente como deseja. – Seguido de uma vénia, este era o típico cumprimento de Asano aos candidatos.

– Hã... por mim está tudo bem – disse o rapaz. – Sei que se trata de um piano incrível.

Asano nem queria acreditar no que ouvia.

– Quando diz que está tudo bem...

Asano coçou a cabeça. Ouvira dizer que o rapaz tinha dezasseis anos e que este era o seu primeiro concurso. Saberia decerto como a afinação era importante, mas deveria explicar-lho?

– Todos têm um toque diferente e uma preferência por um determinado tom e o som de um piano muda mais do que lhe pode parecer. Há uma afinação que combina com o seu repertório, por isso não quer tentar tocar qualquer coisa para eu ouvir?

– Hmm. – Agora o rapaz coçava a cabeça.

Hesitou, depois encaminhou-se para o piano, ajustou o banco, sentou-se e começou a tocar escalas.

Aquilo cativou a atenção do afinador.

Tratar-se-ia do mesmo piano em que a jovem francesa tocara? O som dos nossos pianos será mesmo este?

O rapaz começou a cantar *Love me Tender*. Os membros da produção fitavam-no com os olhos muito abertos.

Era improvisado. Não se tratava de uma voz treinada, mas era livre e fácil.

Asano nunca ouvira um pianista tocar e cantar quando o afinador chegava para trocarem opiniões. Normalmente o pianista passava os dedos pelo clímax de uma peça que iria ser tocada ou por uma secção cuja ressonância queria verificar.

O rapaz parou subitamente.

– Hmm – disse.

– Passa-se alguma coisa? – Asano não pôde deixar de perguntar.

– Hmm – disse o rapaz mais uma vez. Depois levantou-se, pôs-se de joelhos e encostou o ouvido ao chão.

– Que se passa?

Asano apressou-se a ir ter com ele, mas o rapaz levantou a mão. Ficou imóvel mais algum tempo e, por fim, levantou-se.

– Certo – disse, e dirigiu-se para a parte de trás do palco. – Sr. Asano, pode mudar-se este piano?

O rapaz apontava para um piano de cauda à direita.

No fundo do palco havia três pianos de três fabricantes diferentes, para que os pianistas escolhessem em qual queriam tocar.

Seguindo as instruções do rapaz, este e Asano mudaram trinta centímetros a posição do piano.

O rapaz sentou-se então e tocou algumas escalas.

– Hmm. Agora está bom.

Assentiu e olhou de novo para Asano.

– Sr. Asano, o senhor pode encarregar-se de que o piano esteja ali quando eu tocar?

O rapaz levantou-se, como se tivesse terminado.

– Oh... só mais uma coisa. Esta tecla *aqui*, e *aqui*, não estão bem.

O rapaz apontou e saiu rapidamente.

Asano verificou as teclas. E claro, o som de uma tecla estava um pouco alto, o outro um pouco baixo, a diferença era tão leve que a maioria das pessoas não o notaria.

Asano sentiu-se a suar frio, nem ele nem a jovem francesa com tantas queixas acerca do *meu som* tinham dado por aquilo. Retirou um bocado de fita do bolso e dirigiu-se para o sítio para onde tinham passado o piano. Colou a fita no chão, escreveu nela o número da atuação do rapaz com caneta de feltro e recordou a si próprio que devia certificar-se de avisar o encarregado daquele piano.

*

Um novo placar foi colocado num canto do palco: uma onda de agitação percorreu o público.

81. KAZAMA JIN

Recentemente tinham passado a apresentar os nomes no estilo dos vários países de onde os candidatos eram oriundos, por isso, no caso dos japoneses, o apelido surgia em primeiro lugar.

Mieko sentia-se estranhamente tensa. Simon, Smirnoff e Nathaniel deviam sentir-se do mesmo modo. Também Olga e o resto dos membros do júri estariam imensamente curiosos e cheios de expectativa, alguns deles decerto à espera de ouvir com considerável cinismo o rapaz que fora desenterrado em Paris por aquele trio de *arrogantes*.

Iriam acusá-los? Ou troçar deles?

Mas, para além do que as pessoas pudessem pensar deles, Mieko queria descobrir como era a música do rapaz.

A minha primeira impressão teria sido errada? Tinha de descobrir.

*

A extraordinária atmosfera na sala de concertos enervava de sobremaneira Hiroshi Takubo, o contrarregista.

Ao espreitar rapidamente o auditório, viu que, embora o intervalo entre os programas estivesse apenas a meio, as pessoas entravam na sala, mas já só havia lugares de pé.

Olhou para o rapaz que aguardava nos bastidores; parecia abstraído, passando o dedo mindinho em volta de uma orelha.

O rapaz esbatia-se no fundo de modo que mal se dava por ele. Estava mais descontraído do que o pessoal da produção. Vestia uma camisa branca e calças pretas que pareciam ser de um tamanho acima. Talvez fosse o seu uniforme escolar.

O problema era que, com a sala tão cheia, o piano teria um som totalmente diferente. Todos aqueles corpos o absorveriam e todas as pessoas de pé, ao longo da parede, e nas coxias também o afetariam. Deveria dá-lo a conhecer ao rapaz?

Takubo receava que, se à última hora lhe desse qualquer conselho gratuito, apenas aumentaria a pressão do momento, mas decidiu contar com a natureza descontraída do rapaz. Além do mais ouvira dizer que ele possuía um ouvido extremamente apurado.

– Kazama-kun? – disse Takubo, fazendo-lhe sinal para que se aproximasse. – A sala está demasiado cheia. Estou a pensar que tanta gente de pé, encostada às paredes, absorverá o som. Sugiro-lhe que toque com maior firmeza do que o habitual.

O rapaz pareceu sobressaltado.

– Estou a ver. A assistência? Faz sentido.

Espreitou pelo ralo. No palco, Asano afinava com todos os cuidados.

– Desculpe, mas poderia levar um recado meu ao Sr. Asano? Diga-lhe, por favor para pôr o piano de que falámos há pouco no seu lugar original e para depois o passar trinta centímetros para o lado oposto.

Takubo pegou num bloco e numa esferográfica que retirou do bolso do peito e obrigou o rapaz a repetir as instruções.

Este desenhou um diagrama com o recado para Asano.

Asano observou a mensagem desconfiado, enquanto Takubo lhe explicava o problema de haver um público invulgarmente numeroso. Um murmúrio percorreu a sala quando o afinador, a meio da afinação de um piano, começou de repente a mudar outro de lugar.

– Peço desculpa por este pedido tão repentino.

O rapaz baixou rapidamente a cabeça ao afinador de pianos, quando este veio para os bastidores.

– Então, aquela posição já está bem? – Asano olhou para o palco.

O rapaz espreitou pelo ralo.

– Sim. Creio que está tudo bem.

Takubo olhou para o relógio.

Graças a Deus – acabámos a tempo.

A porta abriu-se e o rapaz encaminhou-se para o foco de luz.

Houve uma tempestade de aplausos. O rapaz inclinou levemente a cabeça, provocando uma explosão de risos.

*

Nathaniel apercebeu-se de que estava com a respiração suspensa por causa daquele rapaz simples. *Um filho da natureza* – só assim o conseguia descrever.

Só espero que as expetativas do público não o esmaguem.

Quando o rapaz ergueu a cabeça depois da pequena vénia e olhou para o piano, Nathaniel ficou espantado com a expressão do seu rosto.

Jin Kazama sentou-se um pouco desajeitado e começou a ajustar o banco com impaciência. Depois lançou-se imediatamente à sua peça.

Nathaniel sentiu que também os outros membros do júri se sobressaltavam.

Toda a sala de concertos parecia nervosa, desnorteada, insegura do que estava a acontecer.

Que som *era* aquele? Como poderia ele produzi-lo?

Era como água da chuva a gotejar, uma gota de cada vez, cada pingo incapaz de suportar o seu peso. Uma afinação especial? O afinador afastara o piano lá de trás – poderia ter alguma ligação?

Nathaniel abanou a cabeça.

É impossível transformar assim o som apenas com a afinação. E o candidato que se apresentara antes tocara exatamente no mesmo piano.

Porquê aquela impressão de sons a descenderem lá do alto? O tema musical vinha à superfície uma e outra vez, como se o piano – tanto de longe como de perto – simplesmente tocasse sozinho. Nathaniel ouvia-o em estéreo, como se múltiplos pianistas estivessem a tocar.

Não se tratava de um som vulgar, mas de uma coisa mais tridimensional.

Nathaniel sentiu o seu próprio choque, a perceção em si era um choque.

O Cravo Bem Temperado, prelúdio e fuga, soava divinamente. Nunca ouvira uma atuação como aquela.

Também Akashi Takashima estava aturdido.

Como poderia cada som permanecer e ressoar durante tanto tempo? Seria a afinação?

A sala estava cheia, até com gente encostada às paredes. Então como poderia repercutir-se assim?

Akashi sentiu um súbito calafrio.

Um génio desconhecido tomava uma direção completamente inesperada. Totalmente diferente de Masaru Carlos.

Sem saber como, já não era Bach, mas Mozart, e a cor da peça era mais viva, mais radiosa. A iluminação do palco parecia literalmente mais deslumbrante.

A assistência estava siderada.

Sentia-se perturbado, uma excitação latejante, um calor que irradiava de dentro de si. Era *aquela* melodia penetrante e suprema que Mozart tivera em mente. Sem qualquer hesitação ou dúvida, como um lótus branco e puro florindo na lama. Como se fosse apenas natural e apenas tivéssemos de receber a luz descendente de mãos abertas.

Akashi reparou que o rapaz sorria desde o momento em que se sentou. Não olhava para as teclas. Mais parecia que era o piano que *o* tocava do que ele tocava o piano. Como se o desafiasse e o piano respondesse de bom grado.

Akashi sentia-se sempre emocionado com a frase do primeiro andamento da Sonata N.º 12 para Piano, os compassos que melhor mostravam o génio de Mozart. Tremia sempre ao ouvir a melodia miraculosa escrita há centenas de anos, mas agora estava arrepiado.

Este Mozart – até onde o vai levar?

O rapaz começou a peça final, *Islamey*.

Como consegue retirar este som do piano?

*

Também Masaru estava admirado, tomado pela ilusão de que o piano soava ainda antes de o rapaz lhe ter tocado.

O Cravo Bem Temperado.

Frugal, porém, voluptuoso e até algo sensacional.

Era como se estivesse a improvisar. Aquela famosa frase de Mozart apelava a uma reação emocional, como se tivesse acabado de pensar nela.

E depois havia o *Islamey*.

Masaru teve a sensação de que talvez Jin nem sequer tivesse consciência de que aquela deveria ser uma das peças mais difíceis do repertório de piano.

A maioria dos pianistas prestes a tocar uma peça difícil como que diziam “Muito bem, agora vem uma coisa *mesmo* muito difícil”. Até os profissionais o fazem.

Era a primeira vez que Masaru sentira que o *Islamey* podia ser assim – *engraçado*.

Não seria, talvez, a primeira vez que o ouvia tocar corretamente, com cada nota suspensa?

Masaru sentiu a pele arrepiada.

À medida que as notas suspensas aumentavam com o andamento, o som tornava-se necessariamente mais fino, menos distinto. Porém, os acordes que o rapaz tocava não eram de forma alguma pastosos, mas sim bem definidos. De facto, quando chegou à segunda metade da peça, a sua forma de tocar tornou-se ainda mais enérgica.

Masaru reparou noutra coisa, ainda mais surpreendente.

Também ele ensaiara um pouco aquela peça. Devido à estrutura da melodia e do ritmo, mesmo que se mantivesse o tempo correto, havia partes que pareciam arrastadas, como se houvesse um abrandamento. Era uma ilusão. Mas com este rapaz, nada disso se sentia.

A peça avançava, correndo para o clímax, uma parede de som saltando como que do piano – não, de todo o vasto espaço retangular do palco.

A assistência continha-se desesperadamente nos seus lugares, evitando ser arrasada por aquela pressão acústica, por aquele som que se precipitava na sua direção. Os *tremolos* substanciais, como um ressoar vindo da terra, eram uma série de lançamentos rápidos que os atingiam no rosto, nos olhos, nos ouvidos e, de facto, em todo o corpo.

Masaru resistiu, desfrutando do prazer de tudo aquilo.

A música de Jin era algo que se experimentava com todo o ser.

Soaram as notas finais e, como que impelido por elas, o rapaz levantou-se, fez um aceno de cabeça e abandonou rapidamente o palco.

O público demorou a perceber que tudo terminara. Por um instante, um silêncio embaraçoso imperou sobre a sala. Mas no momento seguinte todos emergiram do feitiço.

Com gritos e exclamações febris.

Não havia bis na primeira eliminatória, mas o público não aceitava essa imposição.

Mais aplausos, o som de pés a bater no chão. A porta dos bastidores não se abriu senão quando um elemento da produção veio colocar o placar com o nome do candidato seguinte.

You'd Be So Nice to Come Home To

Os membros do júri ficaram desconcertados com a prestação de Jin Kazama.

O pânico é exatamente isto, pensou Mieko enquanto olhava à sua volta.

Logo que Jin desapareceu, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

Olhou para Nathaniel que estava perdido nos seus pensamentos.

Conforme Mieko esperara, as reações estavam divididas ao meio.

Inacreditável, fantástico, miraculoso.

Vulgar, despropositadamente provocante, um circo.

Para Masaru Carlos, a aprovação e os elogios haviam sido unânimes, então o que havia aqui de diferente?

Mieko respirou fundo e organizou as ideias.

Ao ouvir Jin pela segunda vez, sentiu que entendia as coisas um pouco melhor.

Quando ele tocava, era impossível não reagir emocionalmente. O seu som tocava uma suave e delicada profundidade do coração, que as pessoas já nem se lembravam que tinham.

Um pequeno compartimento interior que todos tinham.

Quando alguém passava a ser músico profissional, a existência desse pequeno compartimento tornava-se esquiva. Aí, nesse compartimento, encontrava-se presente desde a infância a essência da música *preferida*. Uma ânsia inocente pela música simbolizada por um rosto infantil.

Ao passar a profissional, o ser de um pianista era permeado por conhecimentos práticos, como se a música que amava e aquilo que era considerado música superior fossem duas coisas diferentes. Quando se habituava a oferecer música como parte do trabalho, como produto, era-lhe cada vez mais difícil determinar com exatidão qual a música de que

mais gostava. E tornava-se dolorosamente consciente de ser incapaz de uma execução que o satisfizesse, a execução ideal. Quanto mais longa era a carreira como profissional, quanto maiores eram os obstáculos, mais se afastava dos seus ideais e mais santo e santificado se tornava esse sacrário. Se não se acautelasse, abriria raramente esse pequeno compartimento, esquecendo até que ele existia.

Porém, a prestação de Jin Kazama arrombara esse compartimento secreto. De súbito, a abertura dessa porta desencadeara reações extremas e completamente opostas – uma gratidão febril pela abertura da porta e um repúdio disso mesmo como grosseira invasão de um espaço privado.

O Maestro Hoffmann ter-se-ia sem dúvida apercebido de tudo isso.

Um público indefeso, cuja parte suave do seu eu interior não estava fechada, exibiria um entusiasmo, no limite do frenesim, quando as suas emoções fossem emboscadas dessa maneira.

Mieko conseguia analisar aquela música de uma forma objetiva, porém continuava confusa, incapaz de perceber como ela própria deveria processar tudo aquilo.

Havia mais uma coisa estranha.

Ao ouvir pela segunda vez Jin Kazama, já não sentira a mesma aversão. Desta vez sentira-se verdadeiramente atraída, cheia de admiração.

Seria por ter lido antes a mensagem do Maestro Hoffmann? A carta tê-la-ia predisposto a favor de Jin? Uma coisa era muito clara. Havia algo de irresistivelmente emocional na prestação do rapaz.

Como era possível ele conseguir gerar uma música assim, tão intensa e viva?

Comunicava a partitura com uma técnica impecável, enquanto retinha um som fresco e intacto. Nem queria acreditar que ele ensaiasse um número tão reduzido de vezes.

Talvez fosse precisamente por isso que o seu desempenho convidava a uma resposta tão áspera da parte de alguns membros do júri: não parecia de modo algum ser o produto de esforço e estudo intenso.

Recentemente, sentia-se que a questão-chave na música passara a ser a capacidade de o executante mostrar a intenção do compositor, com a ênfase colocada no modo como a partitura era interpretada e transferida para o contexto social e pessoal do momento da composição. Nessa

ocasião, a tendência era não receber de bom grado uma interpretação ou atuação livre da parte do músico.

Contudo, a forma de tocar de Jin Kazama estava desimpedida dessas restrições. Era verdadeiramente livre, cheia de originalidade e fazia pensar se ele saberia até o nome do compositor. Dava a impressão de que era apenas ele e a peça num ousado confronto, em competição. Por tudo isso, a prestação fora impecável – porém difícil de aceitar pelos especialistas da música.

– Gostava de saber qual era a ideia do Yuji – Mieko ouviu Olga murmurar. Conforme o esperado da presidente dos membros do júri, o seu comportamento calmo não dava qualquer indicação de estar com aqueles que aplaudiam Jin, ou com os que o rejeitavam.

Porém era evidente que pensava profundamente no assunto. Ao reparar que Mieke a observava, Olga voltou-se para ela com uma expressão estranha.

– Intrigante, muito intrigante, este rapaz.

Parecia não procurar a concordância de Mieke, preferindo sacudir um pouco a cabeça e dirigir-se para a sala de espera dos membros do júri.

*

– *Aya-chan? Aya-chan*, temos de ir.

Kanade bateu no ombro de Aya, sobressaltando-a.

Precisava de a mandar para a sala de ensaios, onde teria de mudar de roupa e esperar pela sua vez.

– *Aya-chan*, estás bem? Queres que vá contigo?

Aya fitou Kanade com uma expressão vaga e abanou a cabeça.

– Não, estou bem. Fica aqui.

Aya levantou-se, com o saco do vestido na mão.

Sentindo-se febril, caminhou pela coxia e saiu da sala com a prestação de Jin Kazama a ecoar-lhe na cabeça.

Abstraiu-se do que a rodeava, mas o seu corpo lembrava-se do caminho.

Porém, a música de Jin Kazama não a abandonava. Bach, Mozart e *Islamey* numa infundável espiral.

Que choque. Aquela música de cores brilhantes.

Música cheia de alegria de viver.

Este rapaz é amado pelos deuses da música.
Sentira-o intuitivamente quando o encontrara na escola de música.
Assim que apareceu no palco, soube que era ele.

*

Aya recebera com desespero aquela manhã, a do último dia da primeira eliminatória.

Não conseguia afastar da mente a conversa que ouvira uns dias antes na casa de banho. Sentia-se nauseada, apetecia-lhe gritar.

Kanade interpretou o comportamento de Aya como se se tratasse simplesmente de tensão excessiva; agiu de forma descontraída e convidou-a para ouvir tocar o chamado Príncipe das Abelhas.

Hoje é o fim da linha para mim, pensou Aya. O pano ia cair silenciosamente sobre a menina génio. Um final vulgar e estúpido para uma menina que, uma vez chegada aos vinte anos, não seria ninguém, segundo diziam. Ninguém e, depois de tudo, incapaz de um regresso.

Aquela gelada premonição agitou Aya até ao âmago. *Lamento Kanade, lamento Prof. Hamazaki*.

Sabia que os pedidos de desculpa aos Hamazakis, pai e filha, nunca seriam bastantes. Sentiu-se muito mal por desiludir Kanade. Depois daquilo ainda quereriam mais alguma coisa com ela? Ficariam mais magoados do que ela própria. Imaginou-os preocupados com ela.

– Uau, que público. Este Príncipe das Abelhas sabe mesmo atrair multidões.

Aya ergueu a cabeça e viu Kanade olhar em seu redor. O público parecia turbulento. Havia até pessoas encostadas às paredes das coxias laterais.

Também Aya estava espantada com aquela cena invulgar. Sabia que o rapaz era um pianista japonês acerca de quem todos falavam após a audição em Paris, mas este público extremamente agitado deixava-a vagamente apreensiva. Não era de facto nada com ela, mas tinha pena do rapaz por ser objeto de tanta atenção.

Aya assinou o registo à entrada e foi encaminhada para as salas de ensaio.

Enquanto caminhava pelo corredor, ouviu outro pianista a ensaiar freneticamente uma peça.

Entrou numa das salas e sentou-se diante do piano de cauda.

Fechou os olhos e escutou Jin a tocar na sua mente.

O deus da música. Deus estava... ali presente.

Aya lembrar-se-ia muitas vezes daquela estranha sensação.

O que lhe surgia na mente era uma cena da sua infância. Chuva a bater num telhado de metal e uma menina a marcar o ritmo com os dedos, para acompanhar o som.

A mãe, o Sr. Watanuki, o saco com a clave de sol.

Com uma claridade assustadora, recordou uma a uma todas as ocasiões em que tocara piano.

Diferentes salas de concertos, pianos, maestros e executantes.

As peças que interpretara, as repercussões dos diferentes pianos, tudo fluía na sua mente.

Exatamente – nesses tempos havia sempre alguém à espera dentro do piano. Quando se dirigia ao palco, havia sempre alguém que a chamava de dentro do instrumento. Alguém que a esperava sempre.

Jin Kazama parecia tão feliz. Tal como eu era.

Deus estava à espera dele. Como estivera à minha espera.

Esqueci-me completamente de como isso era divertido.

Não, não é mesmo verdade.

Fugi.

Sentiu uma dor surda no peito. A necessidade de chorar subia dentro dela.

Ondas de calor latejavam-lhe implacáveis nas têmporas.

Quero tocar. Como tocava. Deixa-me tocar mais uma vez com alegria.

Na sala de ensaios, Aya manteve os olhos fechados. Não tocou uma única vez no piano.

Um colaborador que por ali passava espreitou e bateu à porta para lhe dizer que em breve seria a vez dela. Chegara o momento de se vestir.

A sala esvaziara-se depois da prestação de Jin Kazama, mas agora voltava a encher-se. Porém percorria-a uma sensação muito diferente, uma espécie de expectativa agoiresenta.

Para Kanade a atmosfera era inquietante, dolorosamente inquietante.

Quando tocava sabia sempre que tinha ensaiado e que estava a fazer absolutamente o seu melhor, por isso tinha coragem para enfrentar no palco o que quer que fosse.

Mas quando se tratava da participação de outra pessoa, sentia-se impotente.

Os olhos da assistência estavam cheios de uma espécie de forte hostilidade enquanto esperavam testemunhar o regresso da antiga menina genial – ou talvez ver que ela era afinal apenas uma sombra do que antigamente fora.

Kanade sentiu dificuldade em respirar. Percorreu-a uma dolorosa pontada de solidariedade.

Soltou um suspiro profundo e silencioso.

As pessoas percorriam ainda as coxias ruidosamente.

*

– Bem-vinda de volta.

Hiroshi Takubo limitou-se a um simples cumprimento.

Queria que parecesse sincero.

A jovem nos bastidores olhou para ele. Parecia absorta, como se pensasse numa coisa qualquer, mas depois, aparentemente satisfeita, sorriu-lhe.

Takubo retribuiu o sorriso.

De facto, no passado, também a vira nos bastidores – e lembrava-se do que ela tocara nessa altura. Um concerto de Ravel.

Lembrava-se como se tivesse acontecido no dia anterior – escutara nos bastidores com o coração trémulo.

Recordou-se do seu rosto beatífico quando ela regressou à escuridão dos bastidores.

Takubo reparou que uma atmosfera diferente enchia agora a sala de concerto.

Olhando para aquela jovem que esperava calmamente no escuro, sentia como se parte da sua calma natural o tivesse contagiado.

– Eiden-san, está na hora – disse Takubo, olhando para o relógio.

Ela avançou para as luzes e o seu rosto já não era o de uma jovem, mas aquele que ele já vira antes: um rosto pleno da dignidade de uma deusa.

*

Masaru escutou cuidadosamente o ruído à sua volta, na esperança de perceber por que razão a candidata seguinte atraía uma tal multidão. Em

breve conseguiu as informações necessárias por parte de umas jovens ali próximas.

Ah, pensou, aquilo explicava o misto de curiosidade e má vontade no ambiente que o rodeava.

Uma sensação muitíssimo desagradável.

Pobre miúda, pensou. Uma prestação mal planeada não se encaixaria bem ali.

Estes pensamentos passavam-lhe pela cabeça quando a porta do palco se abriu de rompante e dela surgiu uma jovem franzina, que o sobressaltou.

Sentiu-se atraído pelo rosto dela, mas sem saber porquê.

Pareceu-lhe que uma brisa refrescante soprara com aquela entrada.

Usava um vestido simples azul brilhante e um penteado curto e angular.

Tinha um olhar que atraía, como se uma luz irradiasse de dentro dela – e Masaru apercebeu-se de que, havia muito, tivera o mesmo tipo de sensação.

Quando era pequeno. Ali no Japão.

Eiden Aya. Aya... Nem acreditava. Entretanto, lembrava-se do velho pano num canto da mala que tinha no hotel.

Por certo, coincidências assim não acontecem, pensou, porém, o seu coração não deixava de bater acelerado. E cada vez mais.

Quando ela se instalou no banco, a sala ficou quase dolorosamente silenciosa.

Masaru olhou intensamente para o perfil da jovem, para a expressão dos seus olhos, sem querer perder nada.

Ela, aparentemente inconsciente, olhava para o espaço.

Semicerrou os olhos como se a luz fosse demasiada e os seus lábios abriram-se num leve sorriso. Baixou as mãos para as teclas.

Então o público acordou.

*

Aqui estamos num nível diferente, pensou Akashi Takashima.

No palco estava uma verdadeira profissional. Uma pessoa nascida para viver da música.

Akashi ficou um pouco desagradado consigo próprio, quando se apercebeu como era cómico sentir-se aliviado.

A jovem era um ídolo. No passado e até agora.

*

Silverberg recordou-se da voz de Hamazaki.

– Há uma miúda que te fará acordar – dissera-lhe Hamazaki com um sorriso irónico.

Hamazaki, um velho amigo seu, agora diretor de uma escola de música privada, respondera às suas perguntas acerca dos pianistas japoneses.

Não mencionara de quem se tratava, mas Nathaniel apercebeu-se, agora que a ouvia. Talvez Hamazaki estivesse apenas a ser modesto, mas de onde diabo surgira aquela pianista?

Nathaniel sentiu uma pontada de desespero, mas depois sorriu.

Um desempenho espantoso e muito maduro, pensou. Aquilo era a sério – como se um adulto maduro e experiente, tivesse, sabe-se lá como, deslizado por entre um grupo de crianças. A técnica dela fazia já parte integral da música, nem se notava. Só era possível apreciar a música, não avaliá-la.

Na sonata de Beethoven, as suas capacidades interpretativas brilhavam de forma estranha. Já tinha um domínio sólido do seu próprio estilo e havia uma dignidade inviolável na sua atuação.

Sentiu-se suar frio.

Jin Kazama não era o rival de Masaru. A rival era *aquela jovem*.

*

Começou a *Valsa Mefisto* de forma calma, natural.

O público estava agora incondicionalmente rendido e desprovido de malícia.

Kanade teve medo de começar a chorar.

Sentia regressar a emoção de dez anos antes, quando ouvira Aya tocar pela primeira vez.

A prestação era completamente diferente da de Masaru Carlos.

Calma, porém, dramática. Nobre e dilacerante. Uma construção gradual de camadas de energia. A sua *Valsa Mefisto* fazia estremecer o coração – ninguém o podia evitar.

Esta jovem parecia de facto elevar-se. Uma deusa preparando-se para voar.

– Bem vinda de volta, Aya-*chan* – murmurou Kanade. – Voltaste por fim... *por fim*... ao lugar que te pertence.

*

Mesmo na parte de trás do auditório, estava um rapaz com um boné velho.

Olhava fixamente para a jovem no palco, com os olhos muito abertos e o rosto afogueado.

Aya levantou-se, fez uma vénia ampla e a sala explodiu em aplausos.

Ergueu o rosto com um largo sorriso e apressou-se a sair do palco.

Não houve pés a bater no chão, nem ovações, apenas um aplauso caloroso e prolongado.

– Hmm.

– Foi... incrível.

– Tal como eu pensava. A Aya Eiden é qualquer coisa.

– É muito especial.

Masaru pôs-se de pé num salto. Estava tão excitado que nem se apercebeu de como se sentia desesperado por sair da sala. Mas as coxias estavam tão cheias de gente entusiasmada a partilhar as suas reações que mal conseguia avançar.

Deixem-me sair, deixem-me sair.

Estava impaciente atrás dos elementos do público que avançavam pouco a pouco.

*Ela está aqui. A minha Aya-*chan*.*

Masaru teve vontade de se desfazer em lágrimas.

– Com licença. *Perdão* – dizia, abrindo caminho às cotoveladas e dando depois um salto para o átrio.

Romança

Já vestida de camisola e calças de ganga, Aya sentiu-se de volta ao seu antigo eu.

Sentia-se incrivelmente aliviada e fresca – como se a sua visão estivesse já desanuviada e se tivesse quebrado um feitiço. Difícil de

acreditar, pensou, *quando até esta manhã – não, de facto até ter ouvido o Jin Kazama – me sentia tão desesperada.*

Não há dúvida de que usar um vestido me provoca tensão.

Aya esticou o corpo para se descontraír e saiu da sala de espera.

Já parecia um sonho.

Havia mais dois candidatos depois dela, e logo a seguir seriam anunciados os que passariam à segunda eliminatória.

Porque o fiz? Sentia-se suficientemente calma para o perguntar a si própria.

Não – sempre estivera calma, mesmo enquanto tocava. Houvera uma parte dela que se ouvia. Isso não se alterara desde que era criança. Sempre sentira a presença de um outro eu que vigiava silenciosamente lá de cima o que cá estava em baixo.

Mas qual foi o impulso irresistível que senti? Perguntou a si própria.

E só nesse momento sentira um calafrio ao tentar lembrar-se dessa sensação.

O impulso irresistível que me levou a querer tocar como o Jin Kazama, amado deus da música. O que foi aquilo?

Havia anos que não sentia uma compulsão assim. Na verdade, nem a sentira em criança. Nem sabia que tais sensações existiam dentro de si.

Aquele rapaz, a música daquele rapaz foi o que despoletou este impulso.

Jin Kazama. Devo sentir-me grata a ele? Ou talvez...?

Dirigiu-se ao elevador e tocou no botão para a sala de concertos. A prestação seguinte já começara.

Uma coisa era certa, pensou – aquela sensação de cumprimento, de catarse, acontecera apenas por estar em palco. Não era algo que pudesse sentir enquanto ensaiava.

A questão é – desejarei prová-la mais uma vez. Apetecer-me-á um regresso completo às fronteiras da música? Espera. Já fiz um regresso, no que diz respeito ao mundo. Mas estarei preparada para as enfrentar de novo?

Aguentaria a bisbilhotice e a expectativa? A descontraída e descuidada Aya, que sempre fizera o que lhe apetecia?

Aya abanou a cabeça.

Uma coisa é certa. Desfrutei de cada minuto.

Num canto do átrio deserto havia um elevador para o andar das salas de ensaio.

Quando saiu do elevador ninguém lá estava, conforme esperava. Ao olhar para um e outro lado do corredor viu aproximar-se uma figura alta.

Cabelo castanho levemente encaracolado. Uma elegante camisa azul e calças.

Meu Deus – é o Príncipe da Julliard, apercebeu-se Aya num sobressalto.

Era tão alto, pensou, quando o viu mais de perto. Tinha uma aura espantosa em seu redor. Um verdadeiro príncipe. Parecia pertencer a uma espécie totalmente diferente.

Ficou surpreendida.

Estará à espera de alguém, aqui parado assim?

Aya olhou para trás de si.

O Príncipe continuava ali – a olhar para ela, mas ela não entendia. Talvez fosse imaginação sua, mas parecia ter os olhos húmidos de lágrimas. Passou e ficou de costas para ele, junto à porta de uma das salas de ensaio.

A voz dele soou então atrás dela.

– *Aa-chan?*

*

O modo como a memória das pessoas funciona é insondável.

Quando ele disse o nome dela, o tempo recuou instantaneamente e uma gaveta do seu cérebro, que ela nunca abria, descerrou-se imediatamente.

A voz, o modo de chamar pelo meu nome...

Voltou-se e viu um jovem latino-americano magro, de pele escura e cabelo encaracolado.

– *Aa-chan*, tenho de voltar para França.

A voz de um rapazinho perplexo.

– Lamento – dissera o menino, baixando a cabeça, enquanto Aya chorava.

Sempre fora reservado, com um ar um pouco triste. Não era do tipo de se precipitar a fazer o que quer que fosse – porém, produzia um som tão ilimitado como o mar num dia luminoso.

– Ma-kun? És mesmo o Ma-kun? És mesmo tu? – Olhava-o intensamente.

O rosto do rapaz – que já não era um rapaz, mas um jovem imponente, com mais de um metro e oitenta – iluminou-se. Assentiu.

– Sim, sou mesmo eu, o Masaru. Sabes, Aa-chan, ainda tenho comigo aquele saco, aquele que me deste, com a chave de sol.

– Não posso!

Aya sempre rira das raparigas que falavam assim imediatamente. Miúdas da sua idade, esvoaçantes como moscas cor-de-rosa, com as suas reaçõezinhas vulgares. *Não posso! A sério? Que bosta.*

Porém, nesse momento, apenas se lembrou de uma dessas expressões ridículas.

Encontravam-se de novo, depois de mais de dez anos, por isso que outra reação poderia ter, senão soltar um grito estridente e correr a abraçá-lo.

Quando os braços de Masaru a envolveram, Aya reparou que o queixo dele ficava muito mais acima da sua cabeça. Era muito mais alto do que ela.

– Ma-kun, nem posso acreditar como crescestes.

Aya levantou a cabeça para o olhar no rosto. Quando Masaru era pequeno tinha traços nitidamente peruanos, mas agora a sua pele e cabelo eram mais claros e era difícil atribuir-lhe uma determinada nacionalidade. As suas feições cinzeladas faziam lembrar as de um filósofo ou de um sacerdote budista, levemente distante e inatingível.

Masaru desatou a rir.

– Para com isso, Aa-chan! Pareces a minha avó. Quando entraste em palco soube logo que eras tu. Não mudaste nem um pouco.

*

Agarrou na mão dela e apertou-lha.

– Diz-me Aa-chan – pediu Masaru. – Como está o Sr. Watanuki? Sabes, cumpri a promessa que lhe fiz, a ele e a ti. Comecei a estudar piano assim que cheguei a França. Um aluno do Conservatório apresentou-me a um professor e estudei com ele. Depois inscrevi-me no Conservatório e terminei o curso em dois anos.

– Eras mesmo um génio, não é verdade, Ma-kun? – perguntou Aya.

– Achas? – Masaru abanou a cabeça. – Sempre pensei que tu e o Sr. Watanuki eram os génios!

O verdadeiro génio era o Sr. Watanuki. O professor que, no dia em que ela aparecera seguida de Masaru, teve todo o gosto em também lhe dar aulas. O homem que reconheceu o talento de Masaru e se encantou com ele. E agora, anos depois, ali estava esse rapaz, um jovem maravilhoso em quem todos tinham esperanças, uma estrela em potência. Se ao menos o Sr. Watanuki ali pudesse estar, como se sentiria feliz.

– Ma-kun...

Aya sentiu-se invadida por uma onda de tristeza.

– O Sr. Watanuki faleceu menos de dois anos depois de teres ido para França. Tinha um cancro no pâncreas que foi descoberto tarde demais. Nem durou um mês depois de ter sido hospitalizado. Estava sempre a pensar em ti Ma-kun.

Masaru empalideceu, o sorriso desapareceu e parecia desconsolado.

– *Sensei*... – disse. – Ele... morreu mesmo?

Aya assentiu.

– Está sepultado em Zoshigaya.

– Gostaria de lhe prestar os meus pêsames junto da campa.

– Vamos juntos. Sei que ficaria feliz.

*

Agora Masaru dava-lhe a mão – parecia terem voltado atrás no tempo. Só que agora ela tinha de olhar para cima pois ele crescera muito, e a mão dele era duas vezes maior que a sua.

Mas, pensou, as mãos dele já eram grandes no passado. Diziam que as crianças com mãos e pés grandes viriam a ser muito altas. Com aquelas mãos enormes, conseguia facilmente cobrir todo o teclado e Rachmaninoff não seria um problema para ele. Aya recordou-se que, de facto, haviam falado em tocar uma peça de Rachmaninoff a quatro mãos. Bom, com aquelas mãos, seria canja para ele.

As pessoas estavam a sair para o átrio – devia ter terminado uma atuação. Aya apercebeu-se de que Masaru esperara deliberadamente por ela.

– Ma-kun, ainda consegues cantar aquela canção de que gostavas?
Funa uta?

Ela olhou-o com ar trocista e Masaru inchou de orgulho.

– Claro! Quando a canto no karaoke em Tóquio, os japoneses ficam muito surpreendidos.

Aya imaginou Masaru, com o seu aspeto atual, a cantar a melodia japonesa a plenos pulmões e o riso foi impossível de conter.

– Mas o meu professor ainda é mais incrível. Canta aquela do Kiyoshi Maekawa. *O Deserto de Tóquio*.

– Como? O Nathaniel Silverberg faz isso?

Sabia que Silverberg fora casado com uma japonesa, mas, mesmo assim, tentou imaginá-lo com aquela juba de leão no ar, direito como um pau de vassoura a cantar a canção.

Desatou a rir, e Masaru puxou-a pela mão.

– *Aa-chan*, ris demais. Vamos lá ouvir o último pianista. Depois ouviremos o anúncio dos que passam à segunda eliminatória.

Aya ficou sobressaltada com o seu próprio riso.

*

O concurso. Eram rivais. Apenas vinte e quatro passariam à segunda eliminatória. E apenas doze à terceira.

Masaru parecia estar a pensar na mesma coisa.

Naquele rosto inclinado e sorridente não havia vestígios do rapaz que conhecera. Tinha um tom de voz confiante.

– Não creio que tu e eu tenhamos de nos preocupar, *Aa-chan*. Vamos dar o nosso melhor na segunda eliminatória.

Ela conseguiu dar-lhe uma resposta morna.

Masaru passaria sem sombra de dúvida a primeira eliminatória, pensou. Como não, com aquele desempenho magnífico e encantador? Já falavam nele como possível vencedor. Havia rumores de que os membros do júri lhe tinham dado uma classificação muito alta.

Mas o que pensariam *dela*?

*

– Menina Eiden? – perguntou uma voz atrás de si.

Voltou-se e deu com um homem e uma mulher com braçadeiras da imprensa. Repórteres.

– Parabéns por ter terminado a primeira eliminatória. O seu desempenho foi maravilhoso.

– Somos do *Classic Stream*. Importa-se que lhe façamos umas perguntas?

Pela conversa daqueles dois devia ter-se saído bem. Mas o pedido era tão súbito e havia muito que não era entrevistada. Não se lembrava de nada para dizer.

– Como foi estar no palco pela primeira vez em tanto tempo?

– Sentiu alguma coisa de especial por tocar de novo?

– Bem... hã...

– Lamento, mas vamos ouvir o candidato seguinte, por isso terão de nos desculpar – disse Masaru sorrindo aos repórteres, mas interrompendo-os com firmeza.

Agarrou na mão de Aya e conduziu-a à sala de concertos.

Agora trocámos os papéis, pensou ela.

– Esperem ... o tipo que está com ela não é o da Julliard? – ouviu dizer atrás de si.

– Sim. Tens razão.

Por um segundo, preocupou-se com o que pudessem dizer.

Masaru deixou-se cair rapidamente num lugar discreto no fundo da sala.

Aya tinha pensado ir ter com Kanade, mas Masaru levou-a para outro lugar e ela não conseguiu dizer nada.

A primeira eliminatória terminaria em breve e, nessa altura, poderia ir ter com a amiga.

– Obrigada por me salvars – murmurou Aya a sorrir.

– Se não quiseses falar com ninguém, será melhor recusares pura e simplesmente.

– Também deves ter montes de pedidos para entrevistas, não?

– Não aceito nada durante a primeira eliminatória. Darei algumas depois de anunciarem os resultados. E farei o mesmo depois da segunda eliminatória.

– Percebo.

Exatamente o que seria de esperar de um futuro virtuoso: saber lidar com os media. *Não me espantava se ele tivesse já arranjado uma agência de gestão de carreiras*, pensou.

Abriu o programa e estudou de novo a página de Masaru.

– O teu nome é mesmo comprido, não é?

– E o teu é difícil para mim.

– Então, representas os Estados Unidos. Foi por isso que não reparei que estavas no concurso. Não és cidadão francês?

– Uma coisa ou outra, tanto faz. A Julliard pediu-me que entrasse como americano. Dentro em breve terei de optar por uma das nacionalidades.

Masaru era um ano mais novo do que ela. Ficou estupefacta ao ver a idade dele no programa: dezanove.

Está tão crescido, mas ainda é adolescente.

Ia voltar a página, mas reparou que Masaru ainda lhe apertava com força a mão direita. Ainda não a soltara.

– Ma-kun? – pediu Aya. – Podes soltar a minha mão?

– Não.

*

Fora o choque emocional de se encontrarem outra vez depois de tanto tempo separados e a nostalgia que essa sensação despoletara que fez com que Masaru lhe pegasse na mão. Mas ao mesmo tempo tinha uma sensação inconsciente de algo mais...

Que se não ficassem ali intimamente ligados, ela poderia mais uma vez voltar as costas ao piano. Que essa musa, que não lamentava deixar o que quer que fosse nesta terra, pudesse abandonar Masaru e partir para longe. Para nunca mais voltar.

Algures, dentro de si, Masaru não conseguia livrar-se daquele constrangimento e ansiedade.

Ode à Alegria

Masami concentrou-se em Akashi, cujo rosto estava vincado pela tensão.

Através do visor da câmara, ele parecia-lhe algo desamparado.

– Como te sentes? – perguntou. Akashi olhou-a e sorriu.

– Bom... tenho de admitir que muito tenso. Não me sentia assim desde o dia do nascimento do meu filho.

Bateu no peito, brincalhão.

O átrio enchia-se. Muita gente da imprensa, e alguns com braçadeiras dos media e as câmaras prontas.

Dos mais ou menos cem candidatos, cerca de três quartos seriam eliminados.

Masami tinha consciência de como aqueles concursos eram implacáveis e como punham toda a gente tensa.

Mas havia também entusiasmo. Emoção. Para os fãs da música não havia espetáculo mais empolgante.

Akashi andava por ali, passando os olhos pela multidão, sem se concentrar. Passaria ou não? A sua mente devia sentir-se agitada, pensando que aquele momento podia decidir o seu destino. Masami deu por si a ficar nervosa.

Semicerrando os olhos junto ao visor, passou a câmara pelo átrio como se afagasse suavemente o cenário. Como acontecia com a maioria dos cineastas, olhar para o mundo através do visor acalmava-a imediatamente. Sentia-se à altura da situação, como se extirpasse uma pequena fatia do mundo.

Houve um murmúrio entre a multidão e aplausos.

Os membros do júri tinham começado a descer a escada, vindos do andar de cima.

Uau, são tantos, pensou Masami.

Tratava-se definitivamente de um detalhe interessante, aquele grupo de cerca de uma dúzia de jurados internacionais, impelidos na direção do público.

Os projetores acenderam-se e uma fila de cameramen dirigiu-se a eles, transformando o cenário num teatro. O silêncio desceu.

No meio da primeira fila encontrava-se Olga Sutskaya, presidente do júri. De sorriso largo, mas com uma expressão penetrante no seu olhar e um fogo que parecia arder dentro dela, e que não provinha unicamente do fato cor-de-laranja que envergava. Era indubitavelmente uma presença assertiva. Os romances descreviam muitas vezes como vermelha a cor de cabelo das pessoas, mas o de Olga, iluminado pela luz crua, era de um verdadeiro escarlate.

Olga pegou num microfone sem fios.

– Aos nossos pianistas e aos seus apoiantes, agradecemos os seus esforços durante a primeira eliminatória do concurso.

Ao ouvir a sua voz a falar num japonês cuidadoso e fluente, a sala ficou em silêncio.

Todos os olhares convergiram para a sua mão, para a folha de papel branco que apertava entre os longos dedos.

– O nível do concurso tem sido mais elevado a cada ano – comentou Olga. – E o dos participantes deste ano está a ser o melhor de sempre. Espero que aqueles que não conseguiram não se sintam desencorajados e continuem a progredir.

Enquanto continuava a fazer comentários deste tipo, as pessoas reunidas no átrio começavam a mostrar inquietação.

Estava tudo muito bem, mas quem tinha sido apurado e quem não tinha?

Olga sorriu.

– Percebo que estejam todos desejosos do acontecimento principal, por isso, sem mais demoras, aqui está a lista dos pianistas que passam à segunda eliminatória.

Olga desdobrou a folha de papel.

– N.º 1, Alexei Zakhaev.

– *Viva!* – foi o grito que se ouviu.

Todos se voltaram para olhar para trás. Num canto do átrio um jovem caucasiano e os amigos abraçavam-se entre si.

– É raro o primeiro candidato passar – murmurou Akashi.

– A sério? – perguntou Masami.

– Geralmente o primeiro candidato fica mesmo em desvantagem – explicou ele.

– N.º 8, Han Hyonjon. – Outro grito de alegria. Pelos vistos tratava-se de uma jovem coreana.

– N.º 12, Jennifer Chan.

Ouviu-se uma ovação ainda mais ruidosa.

Os *flashes* dispararam em volta da jovem asiática. Uma pianista americana considerada candidata ao primeiro prémio.

Os nomes eram lidos numa rápida sucessão e sempre aplaudidos por toda a gente, mas Masami não conseguia capturá-los a todos com a câmara. A multidão mostrava-se também cada vez mais ruidosa.

Akashi empalidecera. Aproximava-se o seu número.

Com a sua câmara de vídeo, Masami focou-lhe os olhos muito abertos e imóveis e susteve a respiração.

– N.º 22, Akashi Takashima.

Por um segundo, Akashi pareceu completamente inexpressivo.

Mas, logo a seguir o seu rosto ficou visivelmente afogueado.

– *Yes!* – exclamou em voz baixa e ergueu o punho. Olhou para Masami em busca de apoio, com uma expressão tímida e genuína a envolvê-lo.

– Consegui. Obrigado. Obrigado.

Não se percebia a quem dirigia o seu agradecimento, mas inclinava-se repetidamente perante a câmara.

– Parabéns – felicitou-o Masami, inundada por uma sensação de calor. Com a câmara numa mão, conseguiu cumprimentá-lo com a outra.

Estou tão feliz, pensou. Agora podemos continuar a filmar.

Como Akashi era o primeiro pianista japonês a ser nomeado, os repórteres estrangeiros aproximaram-se para captar a sua reação.

– Oh... tenho de telefonar para casa – disse Akashi, e dirigiu-se apressadamente para um canto do átrio. Masami foi atrás.

Akashi a dar a notícia à mulher. Era uma cena que tinha de captar.

Mas quando viu Akashi ao telemóvel, a falar animadamente com a esposa, não pôde deixar de sentir uma espécie de solidão.

– N.º 30, Masaru Carlos Levi Anatole.

Soou uma ovação e todos aplaudiram no átrio. Masaru fizera admiradores não só no público como entre os seus rivais e também entre a equipa de produção.

Masaru sorriu e curvou-se e, ao vê-lo de longe, Aya ficou de novo admirada pela sua qualidade de estrela.

– Isto é que é popularidade! – murmurou Kanade ao ouvido de Aya.

– Ele tem um ar muito fixe, não achas? – perguntou Aya. Ainda não contara à amiga que esbarrara com Masaru havia pouco e que tinham sido amigos de infância. Assim que Kanade avistara Aya, começara a dizer como ficara encantada com a prestação dela, com uma expressão de quem ia chorar. A ocasião não lhe parecera oportuna.

– Espantoso. No princípio, havia muitos candidatos asiáticos e estou a pensar que podem perfazer metade dos afortunados – disse Kanade.

Muitos dos candidatos selecionados eram da Coreia e da antiga União Soviética e Aya estava preocupada com o número de japoneses que poderiam passar. Quando chegaram a meio da comunicação apenas três pianistas japoneses haviam sido nomeados: o homem que era o candidato mais velho entre eles, a adolescente e o rapaz de vinte anos, aluno de uma escola superior de música.

Antes que Aya desse por isso, a lista dos candidatos selecionados para a segunda eliminatória passara dos vinte nomes.

Os lugares disponíveis estão a desaparecer rapidamente, foi a frase que lhe veio à mente.

Se chamassem o seu nome, seria o último, ou talvez o penúltimo, previu Aya. Ter um dos últimos números não fazia bem ao coração, pensou.

Olga pareceu respirar fundo.

Seria imaginação de Aya ou Olga hesitava?

– N.º 81, Jin Kazama.

– *Oh!* – Uma nova onda de entusiasmo percorreu a multidão.

O tal rapaz. O rapaz amado pelo deus. Teria Olga hesitado antes de anunciar o nome dele?

Mas esse seu pensamento foi interrompido por um ruidoso aplauso.

As pessoas procuravam avistar Jin Kazama entre a multidão, mas em breve se erguiam vozes duvidosas: “Como? Não está cá?” o rapaz parecia ter escapado à comunicação do seu nome. Claro que não era o único, pois tinham também afixado uma lista dos candidatos selecionados no átrio e colocado online.

– E N.º 88, Aya Eiden. Com ela se conclui a lista dos vinte e quatro pianistas.

Ficara tão impressionada com a especulação do paradeiro de Jin Kazama, que precisou de um momento para entender aquilo que acabara de ouvir.

Kanade soltou um grito de alegria e abraçou-a, enquanto outros se voltavam para ela a sorrir e a aplaudir. Foi então que entendeu.

– Parabéns! *Parabéns, Aya-chan!*

Agora Kanade estava realmente a chorar.

As duas amigas abraçaram-se, contudo, o coração de Aya manteve-se firme.

Ao sentir o olhar de alguém sobre si, ergueu a cabeça e viu Masaru no canto, levantando o polegar na sua direção.

– *Não te tinha dito que éramos os dois selecionados?* – diziam os olhos dele. – *Da próxima vamos também dar o nosso melhor.*

O espetáculo continuaria – e também a sua competição com Masaru.

*

No átrio, estavam afixadas as fotografias de todos os candidatos. Os elementos da produção pregavam florinhas feitas de fita nas fotografias dos candidatos selecionados. De cada vez que um pianista passava à eliminatória seguinte, outra florinha seria adicionada à foto.

– Foi por pouco – afirmou Alan Simon. Estavam dentro da sala de fumadores e ele olhava através do vidro para as fotos enfeitadas com as fitas.

– *O quê?* Estás a falar da tua privação de nicotina?

Mieko, que também fumava, olhou-o por um segundo.

– Sim, isso também – concordou Simon. – Mas estou a falar do Jin Kazama.

– Então conseguiu ser selecionado.

– Como já se esperava.

Cada membro do júri dava aos candidatos uma das três classificações – O, Δ ou X, essencialmente três, um ou zero pontos – e os pianistas eram graduados pelo seu total.

As classificações de Jin Kazama estavam claramente divididas entre notas altas e baixas – três e zeros. O sistema permitia que os pianistas fossem selecionados, mesmo que não recebessem muitos três ou zeros, mas conseguissem uma classificação uniforme. Simon e Smirnoff tinham estado em pânico acerca dos resultados, porém, devido ao modo como a classificação fora criada, Jin Kazama fora selecionado mesmo à justa para passar à segunda eliminatória.

– Ajudou muito teres mudado de ideias, Mieko – disse Simon algo sarcástico, lançando-lhe um olhar.

– Não é que tenha mudado de ideias. Só que, por fim, entendi.

Mieko encolheu os ombros. Desta vez dera a Jin Kazama um três.

– De qualquer forma, as suas capacidades técnicas são mais do que suficientes para passar da primeira eliminatória. O que acho mais

espantoso é que alguém lhe tenha dado um zero – continuou.

– Gostava mesmo de saber que tipo de lições teve. Quem o está agora a ensinar? E quais são as suas ambições? Estará a planear vir a ser concertista? – Simon abanava a cabeça de um lado para o outro como se estivesse a cantar.

– Também eu estou um pouco preocupada com isso. – Mieko olhou para cima e soprou uma espiral de fumo.

– De qualquer forma não o imagino concertista.

– Bem sei, claro. Mas posso vê-lo a transformar-se num músico tremendo. De um tipo nunca visto.

Teve subitamente a visão de um pequeno camião aos solavancos por um caminho estreito entre campos de arroz e o rapaz na caixa a tocar um piano vertical.

– De que estás a falar? Atualmente, já ninguém vai começar de repente a tocar a *Internacional*.

– Temos uma expressão em japonês que diz: *Trata o campo enquanto está sol e lê enquanto chove*. Significa viver uma vida calma e serena. Para este pianista, significaria tocar piano enquanto trata das abelhas. No nosso mundo preocupado com o ambiente, pode agradar a muita gente.

Mieko dissera-o como piada, mas conseguia ver Jin Kazama a viver uma vida que abarcasse as duas coisas. E tinha uma leve premonição de que esse tipo de vida musical poderia ser agradável. Mas a imagem mais nítida era a do rapaz a passear pelos montes e a cantar.

– Não há dúvida de que é intrigante – Mieko apercebia-se de que estava a repetir as palavras de Olga. – Muito intrigante.

*

Akashi olhava para a flor cor-de-rosa pregada ao lado da sua fotografia.

Masami tinha-se ido embora para captar mais imagens. Tinham prometido encontrar-se mais tarde para jantar e celebrar. Mas antes de começar a preparar-se para a segunda eliminatória, que começaria no dia seguinte, Akashi queria ter algum tempo para si, para saborear a alegria.

Todo o seu esforço até ali resumia-se àquilo: uma fitinha em forma de flor.

Sentiu que as lágrimas chegavam.

O apoio da família e dos amigos haviam tornado possível aquela pequena flor. E tudo valera a pena. Claro que era apenas uma flor feita de fita, mas, para ele, nenhuma outra o poderia ter feito mais feliz.

– Deixa-me acrescentar mais uma flor a esta – disse ele e tirou uma fotografia com o telemóvel.

Depois ergueu o telefone à distância do seu braço, deu-lhe a volta e posicionou-o para conseguir uma boa *selfie*. Era difícil obter a distância exata e não conseguia capturar-se a si próprio e à flor no mesmo enquadramento.

É mais difícil do que eu pensava.

Continuou a tentar e ouviu um riso atrás de si.

Voltou-se e deu com Masami perdida de riso.

– Oh, valha-me Deus, o que estás a tentar fazer? Deixa isso *comigo*.

Olharam um para o outro e riram a bandeiras despregadas.

Akashi não se lembrava da última vez que rira assim com o coração tão leve.

A tensão que sentira durante a comunicação dos membros do júri fizeram-no perceber o muito que suprimia as suas emoções e o pouco que andava a sentir durante aquele tempo.

Recuperando o fôlego, empurraram as portas duplas e dirigiram-se para o exterior.



Segunda Eliminatória

(Primeira Parte)

O Aprendiz de Feiticeiro

A segunda eliminatória do concurso, que durava três dias, começava na manhã seguinte.

Na segunda eliminatória, as dimensões da assistência eram mais uniformes. Não eram apenas a família e os amigos que vinham ouvir, mas um público mais regular que planeava assistir ao máximo possível. Percebia-se uma maior intensidade de concentração, não só em palco, mas também entre o público.

As interpretações da segunda eliminatória estavam estabelecidas em quarenta minutos, o dobro da duração da primeira. Os pianistas deviam executar o seguinte:

1. Dois estudos de dois dos seguintes compositores: Chopin, Liszt, Debussy, Scriabin, Rachmaninoff, Bartók, Stravinsky.
2. Uma ou mais peças dos seguintes: Schubert, Mendelssohn, Chopin, Schumann, Liszt, Brahms, Franck, Fauré, Debussy, Ravel, Stravinsky.
3. A peça *Primavera e Asura* de Tadaaki Hishinuma, especialmente encomendada para o Concurso Internacional de Piano de Yoshigae.

O que preocupava especialmente os candidatos era onde iriam colocar a nova peça, a moderna composição *Primavera e Asura* – sendo Asura o nome de uma divindade tutelar budista, uma figura guerreira.

Conforme o título implicava, esta peça usava como motivo a poesia de Kenji Miyazawa e era quase completamente atonal. Levava cerca de nove minutos a tocar, quase um quarto do tempo atribuído, de modo que a sua posição era uma decisão importante.

Independentemente da forma como se olhasse para ela, a peça destacava-se, e não parecia certo colocá-la no meio, de modo que a maioria dos pianistas tocava-a ou mesmo no princípio do seu programa, ou no final.

– Bem, é simples. Ou é a primeira a ser tocada, ou a última...

Sentadas num canto ao fundo do auditório com os programas na mão, Masaru e Aya falavam em surdina um com o outro. Masaru tocara no segundo dia e Aya no terceiro.

O primeiro candidato, Alexei Zakhaev, de volta ao palco onde tinham tocado cerca de noventa na primeira eliminatória, parecia descontraído depois de uma prestação requintada e saiu do palco agraciado com um generoso aplauso.

Kanade voltara a Tóquio e planeava regressar na noite seguinte.

Tenho a certeza que vai contar tudo ao Professor Hamazaki e sinto-me aliviada por ela lhe levar boas notícias, pensou Aya.

Inspecionou o programa de Masaru.

– O início do teu recital é muito calmo, de modo que penso que será bom tocares *Primavera e Asura* em primeiro lugar.

– Sabia que entenderias. – Masaru parecia agradado.

– Mas *Ma-kun*, não vais ficar pressionado em relação ao tempo? É difícil saber a duração dessas variações.

Masaru incluía, no final do seu recital, um longo conjunto de variações de Brahms. Tocadas sem pressa tomar-lhe-iam quase vinte e cinco minutos. Seria muito incerto cumprir o limite de quarenta e cinco minutos.

– Pode ser mais rápido, mas nunca mais lento. Raramente ultrapasso o tempo. Vi que puseste o *Primavera e Asura* mesmo no meio. É uma ousadia. Logo a seguir ao *Fogos-Fátuos* de Liszt.

– É como se estivessem todos ligados com o nosso universo, ou talvez ao clima. Era essa a ideia.

– Hmm, vais tocar as variações de Mendelssohn. Também adoro essa peça.

Ela e Masaru usavam uma abordagem semelhante nas suas peças e na forma como programavam um recital. Gostavam muito de ouvir os outros tocar e de desfrutar o mais possível dos concursos. Ela não era capaz de o expressar por palavras, mas tinham perspetivas muito semelhantes.

– Vejo que escolheste o Concerto N.º 3 de Prokofiev, *Ma-kun*.

– E tu o N.º 2, *Aa-chan*. Isso é invulgar.

– Achas?

Ela recordou-se com um calafrio que o Concerto N.º 2 de Prokofiev era a peça que deveria tocar no dia em que abandonara o palco.

Teria sido uma escolha inconsciente? Aya pôs de parte esse pensamento.

– Adoro todo os concertos do Prokofiev – disse ela. – É possível dançar ao som de Prokofiev.

– Dançar?

– Sim. Mesmo com a sua música que não a de *ballet*, há partes em que consigo visualizar a dança. Quando o N.º 2 estreou, parece que não foi bem aceite, mas tens de agradecer a Diaghilev, pois foi por isso que depois incumbiu Prokofiev de escrever para *ballet*.

– Quando oiço o N.º 3 penso numa *space-opera* como *A Guerra das Estrelas*.

– Percebo perfeitamente. Pertence ao espaço sideral. O N.º 2 tem mais a ver com *film noir*.

– Exatamente como uma luta num bairro de gangues.

Olharam um para o outro a rir.

– Estou mesmo a imaginar-te a tocar o N.º 3 de Rachmaninoff, *Ma-kun*.

– Hmm, os N.º 1 e N.º 2 são uma coisa, mas o N.º 3 não é mesmo o meu estilo. Na segunda metade é como se houvesse uma fuga na autoconsciência do pianista. Quando o N.º 2 se tornou tão popular, o Rachmaninoff deve ter decidido ultrapassá-lo com um concerto que encurralasse o executante no seu próprio feitiço.

Aya ergueu as sobrancelhas.

– *Ma-kun*, onde aprendeste a palavra *fuga* em japonês?

– Com um aluno da Julliard. Pedi-lhe emprestados muitos livros de manga e estudei-os para não esquecer o japonês.

Graças a isso, agora falava muito bem a língua, embora por vezes o seu vocabulário apanhasse Aya de surpresa.

– Olha para aqui. O Príncipe das Abelhas vai tocar o N.º 3 de Bartók. Bartók adapta-se-lhe perfeitamente, não achas?

O Príncipe das Abelhas. Jin Kazama. Então Masaru também o observava.

– O fulano é um espanto – continuou.

– Tens razão. Nunca tinha ouvido antes um som tão elétrico.

– Absolutamente. Mas anda por aí um rumor de que alguns membros do júri não o apreciaram assim muito.

Depois de toda aquela emoção em volta da prestação dele? Aya não queria acreditar.

– Creio que há quem não goste da sua ressonância, que ele esteja a exagerar Bach ou isso. Tudo se reduzirá ao sistema de classificação da dedução de pontos.

Masaru não se importava com aquilo, mas Aya sentia-se pouco à vontade. Num concurso, a opinião pública contava como fator. Mas se uma atuação estupenda e criativa não fosse reconhecida, afinal o que era o talento?

– Estava a pensar em dar eu mesmo um concerto de Bartók – murmurou Masaru. – Mas é preciso pensar na orquestra.

– Na orquestra?

Masaru coçou o nariz.

– Encomendei uns quantos CDs da orquestra que tocará nos concertos, mas a secção de metais é um pouco fraca... geralmente é o defeito das orquestras japonesas.

– Mesmo quando mais gente que nunca começou a entrar para as bandas de metais?

– Para Bartók é necessária uma secção de metais verdadeiramente forte ou então não há impacto. Podes acrescentar músicos, mas têm de coordenar a sua execução durante muito tempo, ou então não se consegue o som necessário.

Aya não conseguia acreditar que ele fora ao ponto de investigar orquestras para a prova final.

Masaru não era apenas uma personalidade atraente, era também um tácito muito calculista. Tudo o que a maioria dos candidatos pedia era poder chegar à final. Verdade fosse dita, não estavam preocupados com a orquestra que os acompanharia se fossem capazes de chegar tão longe.

– Por falar em metais, não terei ouvido dizer que tocavas trombone, Ma-kun?

Ele voltou-se, surpreendido.

– Quem te disse isso?

– Alguém, na escola de música.

A rede de informações da escola superior de música era formidável.

– Pensei em experimentar mais alguma coisa que não fossem as teclas. Tenho braços compridos e disseram-me que seria capaz de manobrar bem

a vara, por isso experimentei. E tu, Aya-chan? O que fizeste depois de teres deixado de tocar piano?

Masaru também parecia saber alguma coisa acerca do passado de Aya, o que a surpreendeu. *Bom, pensou, é uma história muito conhecida no mundo da música, portanto seria de esperar.* Encolheu os ombros.

– Deixei de tocar, mas não piano. Toquei teclas em bandas *fusion* e jazz e interessei-me muito pela guitarra durante algum tempo, mas agora não tenho tocado.

– Guitarra clássica?

– Não. Jazz. Parece um capricho da minha parte, mas copiei Pat Metheny, Joe Pass, fulanos assim.

Recordou-se desse tempo da sua vida, antes de ter entrado para a escola superior de música, quando se dedicava completamente à guitarra.

– Adorava ouvir-te tocar.

– Não sou assim tão boa. Descobri que a guitarra era de facto um instrumento para homens. Principalmente para tocar rock e jazz.

– Achas?

– Sim. Segundo dizem, quando uma pessoa toca guitarra parece que pode de facto perceber pela primeira vez o que sentem os homens quando se *vêm*.

Masaru soltou uma exclamação de desprezo.

– Então se fores a Nova Iorque, Aa-chan, também podemos fazer uma sessão.

– Acho que podemos!

De súbito, Masaru olhou-a com uma expressão séria.

– Devias mesmo lá ir. Depois do concurso – disse.

– À Julliard?

– Não só pela Julliard.

– Não só por isso?

– Não interessa – comentou Masaru e voltou-se para seguir em frente.

Não só pela Julliard.

Aya decidiu não pensar demasiado naquilo e mudou de assunto.

– A próxima pianista é uma amiga tua – disse.

– Quem é?

– A Jennifer Chan. Não é uma das candidatas que pensam que pode ganhar isto tudo?

– Bom, não há dúvida de que é boa – afirmou Masaru. – Tem uma força e uma técnica sérias. É o tipo perfeito para os concursos.

Masaru parecia insinuar algo mais.

– Adorava saber o que pensas dela, Aa-*chan*.

A porta do palco abriu-se e surgiu Jennifer Chan, alta, envergando um vestido vermelho vivo. O público prestou-lhe uma ovação.

– Uau! Outra vez um vestido vermelho. Fica-lhe bem.

– Parece que usa um tom diferente de vermelho em cada concurso.

– Deve ser a sua cor da sorte.

Chan dirigiu-se ao piano com passo empertigado, lançando por um segundo um olhar ao público.

*

Também o programa de Chan começou com *Primavera e Asura*.

Como Masaru, decidira arrancar com essa obra. O interessante foi que deu a impressão de querer livrar-se de uma peça incómoda. Os programas conseguiam de facto mostrar a personalidade de cada pianista.

Esta era a estreia mundial de *Primavera e Asura* e as pessoas tinham curiosidade em ouvir como Chan a tocaria. Com uma composição por testar não havia precedente a seguir, por isso era útil ouvir os outros executá-la.

Quero ouvir o máximo possível de interpretações, pensou Aya.

A leitura de Chan pareceu-lhe correta. Aya ficou impressionada pela sua clara interpretação.

Quando tocavam uma peça de um compositor japonês, os pianistas japoneses tinham tendência a aceitar quaisquer secções impressionistas como tal, tocando numa espécie de maneira indeterminada e nebulosa, enquanto os ocidentais se empenhavam em oferecer uma imagística do tipo Zen.

Chan lia a música de forma desapaixonada, sem nada fortuito ou premeditado, assegurando-se de que a interpretava de uma forma muito particular e concreta. Era como se a ouvissem explicar o significado de cada nota que expressava a opinião de Kenji Miyazawa acerca do universo e do tema de toda a criação. A abordagem racional de Chan a todas as situações e a sua personalidade eram mais do que evidentes.

Eis um modelo para tocar esta peça, pensou Aya.

A seguir vinham os estudos de Chopin e Liszt, mais difíceis, mas que pareciam ser o forte da pianista.

Aya sentiu-se arrancada à sua sensação de espanto.

Um desempenho dinâmico, sim, mas havia algo de monótono e insípido, pensou. Embora a técnica de Chan fosse impecável, era como ficar cheia de boa comida e já não se conseguir comer mais nada.

Aya pensou que percebia o que Masaru lhe tentara dizer.

Raras vezes analisava assim as atuações de outros pianistas. Pelo contrário, recostava-se como qualquer membro do público e deixava-se invadir pela música. O comentário de Masaru acerca de querer saber o que ela pensava era um fator encorajante, mas não o único.

Havia algum tempo que uma imagem estranha se formava na sua mente.

Uma imagem de homens altos a jogar voleibol. A cena de um jogador atacante a fazer ofensivas à distância, mas como a outra equipa previa antecipadamente a trajetória da bola, bloqueava-lhe as tentativas.

Havia algo de comum entre a música e a agilidade balética de um atleta de topo; de facto, Aya ouvia por vezes música dentro da sua cabeça quando assistia a certos tipos de desporto.

Não sabia bem por que razão a atuação de Chan lhe tinha feito lembrar essa imagem, mas nela o padrão de ofensivas tornava-se tão previsível que a outra equipa seria capaz de escolher perfeitamente o momento oportuno para os seus bloqueios de modo que nenhum lançamento marcasse pontos.

Uma capacidade física impressionante, contudo, o lançamento não pontuaria. Numa palavra, não avançaria.

Porquê, perguntava Aya a si própria, se o desempenho de Chan fora tão bem delineado e apaixonado?

Tudo aquilo era intrigante.

Recordou-se que um realizador de cinema dissera um dia que os filmes de Hollywood já não eram entretenimento, mas *espetáculos*.

Fora como lhe parecera a atuação de Chan.

Desde o início do século XX que muitos músicos clássicos europeus tinham fugido ou emigrado para a América. O talento gravitava naturalmente na direção da riqueza e do poder. Depois da América abastada se ter transformado num enorme mercado para a música, a

música clássica popularizou-se. A procura era pela música *showcase*, mais fácil de entender.

Para as orquestras, significava a inclusão de peças bem construídas e, para o piano, peças em que as notas eram bem arrançadas, tocadas com uma técnica clara e transcendente. Tudo muito diferente da música dos salões históricos em que as obras eram interpretadas diante de uma assistência seleta e privilegiada. O que era agora exigido era um som deslumbrante e expansivo que enchesse as enormes salas de concerto construídas para albergar um público cada vez maior. Os músicos deviam responder às expectativas do mercado e as atuações evoluíam para corresponder a essas exigências.

As pessoas já não queriam que os músicos improvisassem. Pelo contrário, o público ia ouvir melodias famosas, com as quais já estava familiarizado. Mostravam menos entusiasmo por obras difíceis ou novas e a idiossincrasia era evitada.

O crescimento do mercado dos CDs apenas veio acelerar esta tendência.

Os CDs, como todos sabiam, excluía os registos mais altos e mais baixos, sons no limiar da audibilidade. E assim se desgastava o tipo de execuções de nuances indígenas e europeias que durante tanto tempo tinham sido uma tradição.

Chan era a personificação perfeita da pesquisa de audiência levada a cabo pelo mercado americano, exatamente o tipo de pianista que o público desejava. A questão não era isso ser bom ou mau. Este era o tipo de pianista produzido pelas exigências dos tempos e pelo público.

*

Chan terminou um esplêndido recital de quarenta e cinco minutos.

O público reagiu com entusiasmo, soltando ruidosas aclamações.

Eram permitidos *encores* a partir da segunda eliminatória. Chan abandonou o palco por um instante e depois regressou, respondendo aos aplausos com um sorriso descontraído. A sua figura alta, de vestido vermelho, inclinando-se graciosamente, não podia ser mais brilhante.

– Então... o que pensas? – murmurou Masaru ao ouvido de Aya, enquanto os aplausos continuavam.

– Consegue tocar qualquer coisa. Uma força espantosa.

– A sério?

– Senti-me na Disneylândia. A andar no *Big Thunder Mountain Railroad*.

Masaru ficou em silêncio.

– Por vezes dizes coisas assustadoras, *Aya-chan*.

– Digo?

Masaru parecia perdido nos seus pensamentos.

– Mas tens razão. Ela é uma atração.

– O público adora e ela é tão popular.

– Mas se lhe disseses isso, ficaria fula. Porém, temos de admitir que ela se encaixa.

– Não lhe digas que eu disse isso, não?

– Claro que não. Nunca o faço.

– A interpretação de *Primavera e Asura* foi mesmo muito boa – afirmou. – Creio que, pela primeira vez, compreendo a sua estrutura.

– Também eu. É boa a produzir uma interpretação tridimensional... é o seu ponto forte.

– Também gosto da *cadenza*. Será que foi ela que a escreveu?

– Não. Tenho a certeza de que foi o seu professor. Boleyn. A Chan não sabe improvisar. É difícil para muitos pianistas.

Primavera e Asura tinha uma secção improvisada, marcada, *Dar, livremente, uma sensação do universo*.

Dar, livremente, uma sensação do universo?

A própria Aya tentara várias abordagens à *cadenza* de *Primavera e Asura*, mas ainda não decidira como a interpretar.

Porém aquele rapaz – Jin Kazama – para ele, sentir o universo seria perfeitamente natural.

Imaginou-o. Não no palco, mas quando esbarrara com ele na escola, de boné e roupa informal.

– *Ma-kun*, compuseste a tua *cadenza*, não é verdade?

Como podes perguntar-me tal coisa? diziam os olhos dele.

– Claro – replicou. – E escreveste a tua, não é verdade?

– De momento. Já muitas pessoas a ouviram e pensei bem em como a tocar.

Aya fez uma pausa. Masaru olhou-a.

– Estás a dizer-me que não escreveste a tua? – Não. Ainda ando a tocar algumas versões. Não consigo decidir-me, por isso estava a pensar que vai ser como me sentir durante a prestação.

Masaru parecia atónito.

– Mas trata-se de um concurso, *Aa-chan*. Uau... não há dúvida de que inventas coisas assustadoras. O teu professor não te disse nada?

– Disse.

Aya recordou o momento. Mesmo quando a partitura indicava uma secção improvisada, a maioria dos pianistas do mundo da música clássica tocava uma *cadenza* publicada.

Quando discutira com o professor a forma de abordar a *cadenza* em *Primavera e Asura*, ele não pusera qualquer problema em que fosse ela mesma a escrevê-la. Mas ao revelar-lhe que tencionava agir segundo os seus sentimentos no momento, tentou dissuadi-la.

– Não podes correr um risco assim num concurso – avisou-a.

– Bem sei, mas... – fizera uma pausa. – Há dias em que chove, há dias em que está vento e a música diz-nos para sentirmos o universo. Não vai contra as indicações da partitura praticar a *cadenza* uma vez e outra? Assim, por exemplo – disse ela antes de percorrer as cinco versões diferentes– com títulos como *Dia de Chuva*, *Outono Claro*, *Dia de Tempestade*, *Noite da Chuva de Estrelas*.

Masaru estava sem palavras.

– Eu sabia. Esta é a Aya que conheço. – Sorria, embora houvesse um laivo de tristeza no seu rosto. – Uau, se ao menos não participássemos no mesmo concurso.

Ficaram em silêncio.

– Os concursos são mesmo absurdos – disse Aya um momento depois, e Masaru riu.

Dirigiram ambos o olhar para o palco.

– Vamos manter isso entre nós – disse Masaru. – Todos o sabíamos quando entrámos.

Instalaram-se os dois nos seus lugares quando a campainha soou assinalando o final do intervalo.

Primavera e Asura

Sentindo-se mais descontraído na segunda eliminatória, Akashi fazia exercícios de aquecimento, apertando as mãos e os dedos.

A tensão da primeira eliminatória fora insuportável. Não se recordava de outra coisa em anos recentes que tivesse sido tão assustadora. Contudo, o ter estado em palco, apenas esta vez, transformara-o.

Tornei-me músico, disse para consigo. *Fez com que me apercebesse de que sempre o fui.*

A sensação borbulhava dentro dele.

Que incrível sentimento de realização. Agora a sua vida vulgar parecia-lhe tão remota. A sensação de estar em palco, o piano de cauda iluminado, o aproximar-se dele, o momento em que todos os olhares se concentravam na sua pessoa, nas suas mãos erguidas, quando tanto o íntimo como o sublime colidiam numa única entidade. E depois o aplauso apaixonado. A sensação de ter partilhado algo com o público.

Akashi reviveu o seu júbilo ao sair do palco.

É aqui que devo estar, pensou. *É este o momento por que eu ansiava.*

Agora, nos bastidores, tinha a certeza.

Mas, à medida que se aproximava a prestação da segunda eliminatória, começou a sentir um peso no estômago. Como se tivesse uma segunda consciência a pairar agora sobre a sua existência carnal.

Os quarenta minutos da segunda eliminatória parecer-lhe-iam longos. Não seria fácil manter a concentração. E era ainda mais difícil fazer com que o público o acompanhasse.

Construir um programa era uma tarefa estimulante, mas difícil.

A primeira coisa que Akashi fez foi comprar gravações de algumas interpretações canónicas e escolher as suas preferidas, alterando-lhes a ordem, inserindo outras peças, para que se encaixassem no limite dos quarenta minutos, e escutando-as repetidamente. Depois tocou-as ele mesmo, para se aperceber se seriam uma boa técnica para si e se se sentia à vontade para as tocar. Seguiram-se trocas de opiniões com o seu antigo professor e, muito depois, acabou por se decidir por um programa.

E agora preciso de ensaiar.

O repertório. A eterna questão para os músicos.

Queremos ser conhecidos como músicos com um repertório variado, ou estabelecer uma reputação como especialista num determinado compositor, tornando-nos alguém, por exemplo, cujo ponto forte é Schubert ou Mozart? Não importa o género de músico que queremos ser, mas sim ter um repertório substancial.

Podemos passar meses a aprimorar uma peça, mas se nos afastarmos dela por algum tempo, esqueceremos os pormenores. Voltar a ela como deve ser pode não levar tanto tempo como da primeira vez, mas uma prática dedicada é essencial ou a execução não será convincente.

Os pianistas tocariam mais de dez peças durante o concurso. Aqueles que eram selecionados, dezassete ou dezoito. As peças mais longas tinham quase trinta minutos: as exigências técnicas das diferentes peças variavam e, do mesmo modo, o tempo necessário para as aprimorar. Era quase impossível mantê-las todas no mesmo grau de perfeição.

Quantas vezes disse para comigo, “E se eu fosse um génio?”, pensou Akashi. Há um número incrível de génios que conseguem reproduzir uma peça após tê-la ouvido uma única vez, ou tocar de improviso uma peça sem a ter praticado. Quem era aquele de quem ouvira falar? Um pianista que, de viagem para um concerto cujo programa incluía uma peça que nunca tocara, se limitara a rever a partitura no comboio e a tocara impecavelmente no concerto nesse mesmo dia. E outro pianista que perguntava, “Para quê ensaiar? Não entendo. Assim que se conhece a música, basta mexer os dedos.”

Akashi acreditava que tinha boa memória, mas nunca a esse nível. Se não ensaiasse muito, sentia-se sempre ansioso.

Para um homem atarefado, com um emprego e tempo limitado para praticar, a única maneira de o conseguir era cortando no sono. No ano anterior, a preparação para o concurso fora uma batalha constante contra a necessidade de dormir. Mesmo quando de facto adormecia, acordava sobressaltado movimentando os dedos, pois a memória muscular não o deixava esquecer uma frase difícil.

*

Havia muitas maneiras de praticar, mas, depois de muito refletir, Akashi decidiu fazê-lo em blocos de três meses. Primeiro tocaria todas as peças que devia executar – no seu caso, doze – por ordem, até sentir que

estavam aprimoradas. Nos três meses seguintes, melhorá-las-ia ainda mais, a começar da primeira. Depois, repetiria o processo. Desse modo poderia, depois de um intervalo, praticar mais uma vez a mesma peça. Este modo de tocar uma peça por um período muito longo dava-lhe confiança e aprofundava a sua interpretação da música.

As coisas não corriam sempre como planeava. Havia duas peças que lhe tinham tomado mais tempo do que tencionara – os *Três Andamentos de Petruska* de Stravinsky, uma peça tecnicamente difícil que guardara para o final da segunda eliminatória, e *Kreisleriana* de Schumann, que colocara no programa da terceira eliminatória.

Por outro lado, descobrira que algumas peças que considerara difíceis quando era estudante, eram agora muito mais fáceis de tocar. Eram certamente coisas que apenas a experiência podia ensinar. Felizmente percebia que a sua técnica não declinara e tinha confiança em que podia competir com a geração mais jovem.

E depois havia o concerto que teria de executar se chegasse à final. Era-lhe difícil começar a ensaiá-lo.

Chegar à final era um bónus extra, pensou, e para além de adiar o ensaio do seu concerto, envidava esforços para encontrar alguém que se encarregasse da parte orquestral da sua interpretação ao piano. Porém, quando por fim o conseguiu, surgiu outro problema – encontrar um sítio com dois pianos onde pudessem ensaiar. Pensou que não seria permitido, mas pediu ao pessoal da secção de piano da loja de música onde trabalhava e deixaram-no a ele e ao seu acompanhante ensaiarem na loja depois desta fechar.

Agora era como um sonho, estar prestes a tocar.

Cheguei até aqui, disse para consigo. Chegou o momento de mostrar o fruto das minhas longas horas de prática. É este o momento exato.

Uma súbita apreensão apoderou-se dele.

E depois? O que virá a seguir? Quando terminarem estes dias tensos, o que será que me espera?

O aplauso arrancou-o ao seu devaneio.

Respirou fundo inconscientemente. Havia um intervalo.

Esta pode bem ser a minha última atuação, pensou. Fiz tudo o que me era possível. Darei o meu melhor, o melhor que possa neste ponto.

Fechou os olhos e imaginou-se a tocar no palco.

A primeira peça, *Primavera e Asura*, era essencial. Se a sua prestação fosse convincente, então o resto seriam peças que lhe eram familiares e que já tocara várias vezes.

A principal dificuldade de Akashi, relacionada com o facto de não ter estudado numa escola superior de música, era muito mais esta nova peça do que o concerto em si.

Se tivesse frequentado uma escola, poderia estudar cuidadosamente a composição com o seu professor, examinando minuciosamente a estrutura e a interpretação. Também poderia consultar outros professores e trocar informações com outros estudantes. No que dizia respeito à *cadenza*, calculava que a maioria dos pianistas pedira aos mestres que a reescrevessem.

Contudo, Akashi começava a ver que, de facto, podia haver uma vantagem em ser um pianista mais velho.

Sempre adorara literatura e em determinado momento lera muitas obras de Kanji Miyazawa. Era normal que um pianista mais maduro tivesse um conhecimento mais profundo de literatura.

Enquanto ia e voltava do emprego, começara a reler os poemas e as histórias de Miyazawa, bem como os comentários e estudos críticos, tentando entender a sua visão do mundo e do universo. Fez uma rápida visita à longínqua Iwate, onde Miyazawa vivia, para conhecer os locais que, segundo se dizia, eram os cenários das suas obras.

Miyazawa era obstinado, idiossincrático, frio, sonhador, mas tinha ao mesmo tempo alguma má reputação, vitimizava-se e era infeliz – um misto de realista e visionário.

Enquanto o comboio trepidava, Akashi sobrepunha imagens da literatura de Miyazawa à sua composição musical.

Pensava que um fragmento era uma reminiscência da praia em Inglaterra e deveria referir-se a *Noite no Caminho de Ferro da Via Láctea* – a imagem de um voo pelo céu noturno – enquanto uma secção deveria ser do poema *A Manhã do Eterno Adeus*.

Um pensamento súbito atravessou-lhe a mente. *É isso, vou fazer com que a melodia da cadenza se adapte a esse poema.*

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Eram versos especialmente memoráveis do poema *A Manhã do Eterno Adeus* que Miyazawa escrevera acerca da morte de Toshi, a sua irmã mais nova. Os versos, escritos num cerrado dialeto do norte, evocavam a irmã, cheia de febre, implorando ao irmão que lhe trouxesse um pouco de neve para se refrescar. Palavras pungentes, mas, ao mesmo tempo rítmicas e melodiosas.

Akashi não era especialmente hábil a improvisar, embora sempre lhe tivessem dito que, desde pequeno, tinha o verdadeiro sentido da poesia. Estudara composição e não achava que compor fosse muito difícil.

Decidiu escrevê-la para que a mão direita tocasse a melodia, baseada nas palavras de Toshi, expressando a voz dela a chamar do céu depois de ter morrido, enquanto a mão esquerda retrataria a vida diária de Miyazawa, juntando cristais de gelo enquanto contemplava o mundo e o cosmos.

Já decidido, perdeu-se nos seus pensamentos enquanto se recordava de diferentes melodias. Acrescentava todo o tipo de extras, terminando com uma *cadenza* de cinco minutos. Teria de a reduzir para três minutos.

Um dia, tocou a *cadenza* para a mulher.

– Demasiado intensa e caótica. As reações da mulher eram as de uma vulgar ouvinte, sincera, livre de ideias pré-concebidas, e muitas vezes a resposta dela apanhava-o de surpresa.

Atormentado, libertou-se das partes que lhe pareciam mais duvidosas e tocou-a de novo para ela ouvir.

– Agora está bem! – disse ela, e quando a ouviu cantarolar a melodia *Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?* enquanto limpava a casa, teve a certeza de que aquilo ficaria no ouvido do público quando o ouvisse.

Assim que teve a *cadenza* na ponta dos dedos, soube que a sua *Primavera e Asura* estava pronta.

Para além da que fizera para a mulher, a sua interpretação no concurso seria a primeira vez (e provavelmente a última) em que alguém a ouviria.

E assim desejava ansiosamente o momento da atuação, mas, ao mesmo tempo receava-o. O compositor em pessoa estaria sentado junto aos

membros do júri e o plano era atribuir ao pianista vencedor um prêmio com o nome do compositor: o Prêmio Hishinuma.

Então – o que pensariam o autor e o público da sua *Primavera e Asura*? E da sua *cadenza*?

Enquanto estes pensamentos lhe giravam interminavelmente na cabeça, a campainha tocou, indicando que faltavam cinco minutos.

É a minha vez.

Akashi endireitou-se, pronto para entrar.

*

Quando chegou aos bastidores, sentiu-se calmo.

Por experiência própria, sabia que sentiria uma exaltação antes de atuar. Excitado, ansioso, o corpo repleto de uma sensação de grande força e antecipação.

Assim que começasse a tocar, saberia se essa exaltação era real. Houve momentos em que descobrira tratar-se de uma simples ilusão, para fugir à pressão de atuar.

Mas e agora? Interrogava-se. Aquele júbilo seria verdadeiro?

Akashi entrelaçou os dedos.

Deixa-me acreditar na música.

Queria gravar na sua consciência a escuridão dos bastidores em que se encontrava, a sensação nos seus dedos quando os apertava.

Sentiu um sopro de vento frio. Olhou para o palco. A porta estava fechada. Os membros da produção imóveis.

Seria imaginação minha?

Olhou mais uma vez para os dedos.

A luz filtrava-se por entre a fenda da porta e o óculo.

Invadiu-o uma estranha sensação, uma súbita premonição.

Atrás daquela porta está o pomar de amoras onde há dezenas de amoreiras. Estamos no princípio do verão e a chuva abrandou.

*

Akashi via nitidamente a cena.

O sol enevoadado, da cor do verão, iluminava tudo.

O chão estava atapetado de folhas das amoreiras, os pingos de chuva sobre os ramos das árvores à espera de cair.

Ao longe a cordilheira azulada. Nuvens cor de tinta flutuavam no céu.

Akashi acabara de sair do autocarro junto ao pomar de amoreiras da avó. O vento ameaçava arrancar-lhe o boné, mas o elástico por baixo do queixo mantinha-o preso.

Para lá do pomar, Akashi espreitou a casa da sua querida avó.

E o piano de cauda que Akashi amava mais do que tudo.

Começou a correr.

Banhado pelo aroma das folhas de amoreira, e com a sensação do vento e da luz nas faces, correu o mais que as pernas lho permitiam pelo estreito caminho de terra que atravessava o pomar.

– Avó...

Akashi ouvia a sua voz a chamá-la.

*

Uma ensurdecadora explosão de aplausos sobressaltou-o; um pianista coreano atravessava a porta do palco e por ela entrou uma onda de luz.

Tinha chegado por fim a sua vez e, mesmo já no palco, a sensação mantinha-se.

Medo do palco? Interrogou-se. *Sou como uma criança traumatizada a inventar um amigo imaginário, um alter ego.*

Porém, Akashi tinha consciência de que sorria e parecia calmo enquanto ajustava pacientemente o banco.

Avistou a mulher, Machiko, sentada junto à coxia, à esquerda, cinco filas a contar da frente.

Surpreendeu-se por tê-la encontrado tão depressa.

A primeira peça, *Primavera e Asura*.

Começou a tocar como se a conhecesse há anos.

Ah... consegui, apercebeu-se enquanto tocava.

O pomar das amoreiras – era sobre isso. E sobre a praia inglesa de Kenji Miyazawa, Hanamaki, a sua cidade natal, o seu universo.

Akashi sentiu o cenário de Iwate filtrar-se por entre a penumbra do público. O murmúrio de um rio à noite. As estrelas a brilhar lá em cima.

Caminhava junto à margem do rio.

Miyazawa caminhava com ele, uns passos à sua frente, de cabeça baixa, como na fotografia que Akashi vira.

Tudo aquilo era criação para Miyazawa, para todos nós. Tudo girava, tudo regressava. Estamos aqui por um breve instante. Nem sequer um piscar de olho para o universo. O mais curto dos instantes.

Sem saber como, já tocava a *cadenza*.

A voz de Toshi, a chamar do céu, uma e outra vez.

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Miyazawa continuava a caminhar pela margem do rio, de cabeça baixa, como se não ouvisse o chamamento de Toshi.

A voz dela era bela, límpida. Como um eco distante, como pequenas campainhas no bordão de um mendigo, soando lá em cima no céu distante.

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Meu irmão, não me trazes um pouco de neve?

Tudo ia e vinha para logo desaparecer na imobilidade do tempo. E o círculo repetia-se. O círculo fechava-se, regressando aos saudosos dias já passados, um passado renovado.

Souo o último acorde de Akashi.

Manteve os dedos sobre as teclas, vendo desaparecer os vestígios do som.

A sala estava em silêncio.

Agora o estudo de Chopin. Popularmente conhecido como *Estudo Teclas Negras*. Uma peça a que as suas mãos estavam tão habituadas que parecia que sozinhas formavam o som.

Os seus dedos deslizavam suavemente sobre as teclas.

Estará bem? Akashi tinha as suas dúvidas enquanto tocava.

Parecia-lhe que era outra pessoa que tocava. Como se um segundo eu o olhasse lá de cima.

O veloz e vibrante *Estudo Teclas Negras*. *Estou a fazer parecer que é fácil executá-lo*, pensou Akashi. *Um pouco malicioso, mas nada mau.*

Seguia-se o estudo de Liszt.

Variações sobre um tema de Paganini, o Estudo N.º 6 de Liszt.

Uma peça luminosa, modulada, que desenvolvia livremente o famoso tema.

Muito bem. Estou a tocá-lo de forma dinâmica. Os meus dedos mexem-se bem. De cada vez que o oiço, o tema de Paganini é mais dramático. É possível torná-lo tão pretensioso como desejamos, mas vou reduzi-lo aqui, disse para consigo.

É estranho como os meus dedos seguem tão de perto os meus pensamentos. Nem parece que sou eu a tocar, mas sim que outra pessoa me está a tocar. Os sons estão a sair exatamente como quero, por isso não há dúvida – sou eu que estou a tocar.

Estava em boa forma. Tocava com à-vontade, contudo tão firme como era exigido. Poderia dizer-se que uma arquitetura eficiente e equilibrada da peça era *jo-ha-kyu*?

Como se diria *jo-ha-kyu* – introdução, desenvolvimento e clímax – numa língua ocidental? Os termos artísticos japoneses conseguiam capturar algo de essencial.

O público era todo ouvidos. E esses ouvidos e os seus tinham-se combinado, como se ele e o público se tivessem transformado num só, respirando em sincronia.

Chegou ao fim. *Posso dizer que um final inteligente,* pensou.

A seguir era a vez do *Arabesco* de Schumann. Uma pequena pausa após a extravagância de Liszt.

Mesmo assim, o *Arabesco* era uma peça difícil. De certo modo simples, porém, essa simplicidade tornava mais difícil obscurecer algumas passagens. *De cada vez que a toco, descubro algo novo. A peça torna-se cada vez mais difícil de cada vez que a toco.*

Adoro Schumann. Um dia gostaria mesmo de aperfeiçoar a Fantasia.

Sem saber porquê, pensou Akashi, sempre que tocava o *Arabesco*, recordava momentos da sua infância. Começar a tocar piano, o que significava ir a casa da avó, ter medo do som dos bichos-da-seda a mastigarem as folhas de amoreira. E, estranhamente, aquilo causou-lhe vontade de chorar.

Ah – terminou o Schumann. Uma peça curta, mas sempre que a termino, sinto-me triste. Terminei quatro peças. E foi tão rápido.

E agora a final.

Stravinsky, *Três Andamentos de Petruska*.

Uma introdução ousada e gloriosa. Deixemos que as notas ásperas e rígidas soem límpidas como as de um sino.

O glissando era frágil, mas suave.

Tão colorido, tão complicado.

Akashi passou firmemente para um estranho estado de espírito.

Uau! – Vejo cores à minha volta! As cores de Petruska. Vivas, modernas, elegantes, cheias de vivacidade.

Sou eu a tocar? Ou a ser mandado tocar?

Que é isto que vejo? É como se viajasse entre um pomar de amoreiras e uma praia inglesa e depois seguisse para a Europa.

Um som esplêndido e glorioso ressoava pela sala.

Akashi e a assistência sentiam juntos essas cores vivas, respirando nos tremolos e acordes.

Depois o clímax.

Nesse momento, Akashi e o público voaram diretamente ao céu. E com uma investida de acordes tempestuosos, a música desceu em cascata para o final como uma maré de ondas raivosas.

Terminou.

Mesmo quando se levantou, Akashi ainda não se sentia em si.

Quando ouviu o aplauso e viu Machiko com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, percebeu. A segunda eliminatória tinha mesmo terminado.

Rondo Capriccioso

Um rapaz estava sentado num canto da sala, balançando-se ao de leve enquanto ouvia a prestação. Vestido com roupa informal, afundado no seu lugar, permanecia totalmente despercebido, como se fosse um miúdo ali do bairro que por ali passasse por acaso e tivesse entrado na sala. Ninguém parecia aperceber-se de que se tratava de Jin Kazama, um dos pianistas.

Para ser franco, a primeira coisa que sentira ao saber que passara à segunda eliminatória fora alívio.

Porque agora havia uma maior possibilidade de o pai lhe comprar um piano.

Não que estivesse cheio de confiança. Quase nunca tocara em público, muito menos num concurso, e não fazia a mínima ideia de como seria recebida a sua prestação. Quando Yuji von Hoffmann ainda era vivo, dissera-lhe: “Sê tu próprio, Jin. Há valor na tua pessoa. Não te preocupes com o que os outros dizem. Toca como quiseres”. E nesse sentido não havia dúvidas, só precisava de seguir as instruções do seu professor.

Jin estava espantado com as prestações. Como eram excelentes e de uma técnica admirável. Mesmo assim, não tinha quaisquer dúvidas no seu desempenho, nem uma sensação de inferioridade. Tinha uma fé absoluta no Maestro Hoffman. Este pusera o carimbo da aprovação na maneira como Jin tocara, o que para ele era o suficiente.

Se a tua atenção divagar enquanto escutas as atuações, estas podem fluir através de ti sem deixar uma impressão.

Jin Kazama reagia à música de um modo visceral, e quando ouvia os pianistas tocarem assim adormecia por reflexo.

Quando começava a dormir, o seu corpo oscilava levemente, embora por vezes fosse por estar a apreciar as prestações. Assim, quem quer que o visse calcularia que dormia uma sesta, enquanto outros talvez concluíssem que ele escutava avidamente.

– Escuta – dissera-lhe o professor. – O mundo está a transbordar de música.

*

Jin ouvira extasiado a prestação de Jennifer Chan, mas em breve estava a dormir.

Era verdade que o mundo transbordava de música, mas havia algumas coisas que não precisavam de ser ouvidas.

Embora saiba bem, pensou o rapaz, esfregando os olhos.

Era espantoso como cada piano podia ter um som diferente. Nunca tivera um piano seu, embora tivesse tocado em toda a espécie de pianos em diferentes locais. Por necessidade aprendera também as bases da afinação, e podia retirar o seu próprio som de qualquer instrumento.

Podia identificar um bom piano só de olhar para ele.

Lembrava-se de como ficava extasiado pelo piano do palco, brilhante e distinto, e só lhe apetecia afagá-lo e abraçá-lo com força.

Conhecia também um bom piano pela voz, até vinda de longe, como se o chamasse. *Aqui estou!*

Ouvira a chamada de um piano, daquela vez que se esgueirara para a escola superior de música. Nunca esperara que aquela miúda o apanhasse, e certamente nunca sonhara competir com ela no mesmo concurso.

Balançava-se silenciosamente de um lado para o outro, submerso na música.

Um concurso era uma coisa estranha, pensou. Mergulhar assim na música – era como um sonho.

Permitindo que a música lhe penetrasse o corpo – inspirando-a e expirando-a – perdia todo o sentido do tempo e o coração afastava-se para longe.

Lembrou-se do conselho do seu professor.

Era decisivo compreender a estrutura e o passado histórico de uma peça; o som da sua primeira interpretação. Embora ninguém soubesse de certeza se esse som original era aquele que o compositor desejava realmente ouvir.

Também o timbre de um instrumento mudava com o uso. E, com o tempo, havia alterações no estilo da interpretação.

A música tinha forçosamente de pertencer ao *agora*. Não podia ser apenas algo conservado num museu, e perdia o seu significado, a menos que estivesse *viva* no presente. Se ficassemos satisfeitos apenas por desenterrarmos um fóssil bonito, a música nada mais seria do que uma relíquia do passado.

Jin sentiu uma brisa acariciar-lhe as faces.

Sabes, pensou, a prestação daquele fulano, o Akashi, foi mesmo fascinante. Jin imaginara a ondulação de um rio, o vento a assobiar e, lá em cima, o universo escuro como breu. Aquele homem também devia viver a sua própria música.

Jin pensou que também ele conseguia ver um campo verde e perguntava a si próprio que tipo de campo seria. Um vasto campo que parecia ondular ao vento como uma criatura viva.

Irmão, não me trazes um pouco de neve?

Jin conseguia até captar a pronúncia do dialeto da frase do poema de Miyazawa, que Akashi introduzira.

Recordava-se como ele e o Sr. Hoffmann tinham tocado um piano elétrico, sentados na caixa de um caminhão aos solavancos.

Usando-o à vez para improvisar as melodias que tinham na cabeça.

Quantas horas tinham tocado sem se cansarem?

O caminhão seguia aos solavancos, o cenário mudava a cada minuto. O vento açoitava as florestas e os montes ondulantes, acariciando-lhes os cabelos e tentando arrancar-lhes os bonés.

Não seria um espanto se conseguissem fazer o mesmo, ali, no palco, com aquele piano incrível?

Era uma pena não poderem.

A princípio ficou comovido e admirado pela maravilhosa acústica, o piano deslumbrante, como se, como um presente numa caixa cintilante, atado com uma fita, fosse calmamente oferecido ao ouvinte.

Mas, depois de alguns dias, tudo lhe pareceu sufocante.

Queria poder libertar a música daquele recipiente escuro, daquela prisão de muros grossos onde estava confortavelmente guardada.

Conduzir aquele rebanho de notas para um espaço mais aberto e mais vasto, como o Flautista de Hamelin, atraindo as notas para o ar livre.

Claro que, no exterior, o som seria absorvido, disperso, perturbado por todo o tipo de outros sons, porém, mesmo assim, poderiam brincar e jogar com toda a música encontrada na natureza.

Uns dias depois, o rapaz mudou mais uma vez de ideias.

Talvez, pensou, a *natureza* também *aqui* esteja.

Essa natureza estava no interior dos intérpretes. As imagens mentais do cenário das suas cidades natais aninhavam-se e acumulavam-se nas suas mentes, na ponta dos seus dedos, nos seus lábios, nos seus órgãos internos. Enquanto tocavam, expressavam a sua natureza generosa ligada a essas recordações.

Então estamos todos ligados, pensou.

O desempenho de Akashi Takashima fê-lo na verdade sentir isto. E apanhou-o de surpresa.

Porém, num concurso, o programa das peças era prescrito. Era essa a única coisa que o deixava insatisfeito.

Peças famosas, maravilhosas, que nunca se cansava de ouvir. Coisas incríveis, mas sem se saber porquê, limitadoras. Porém, mantinha-se alguma liberdade na forma de as tocar – os infindáveis meios de as interpretar.

É verdade, pensou. O mundo tornou-se muito limitador.

Enquanto o rapaz flutuava, meio adormecido num mar de som, revolia a sua memória.

Recordo-me de conversar com o meu professor acerca de algo semelhante.

Fora depois de Jin ter ido ao Conservatório de Paris pela primeira vez.

– Quem me dera que a pudéssemos levar para o exterior – comentara Jin. – Toda esta música guardada dentro deste imponente edifício, posando com vestes tão formais e com tudo tão iluminado.

O Maestro soltara uma gargalhada.

– Pois bem, Jin... leva-a *tu* lá para fora – disse.

Os olhos de Hoffmann tinham-lhe parecido um pouco assustadores. Como dois poços sem fundo.

– É muito difícil, sabes, Jin... num verdadeiro sentido... é muito difícil levar a música para o mundo exterior. Compreendes, não é verdade? Não são as salas de concertos nem as igrejas que enclausuram a música. São as *mentes* das pessoas. Levá-la simplesmente para o exterior, para um sítio bonito, não significa que *de facto* te apoderaste do som. Não é isso que o vai poder libertar.

Para ser sincero, o rapaz não conseguia perceber onde o professor queria chegar, embora pudesse dizer que ele estava a falar a sério.

Nesse momento, o professor sobrecarregava-o com um peso tremendo.

Não passou muito tempo até lhe surgir a ideia de que Jin participasse no concurso.

E foi mais ou menos por esta altura que Hoffmann adoeceu e teve de ficar retido em casa.

Quando se soube que Von Hoffmann estava doente, músicos de todo o mundo apressaram-se a visitá-lo, mas o Maestro recusou-se a recebê-los. Provavelmente não queria que o vissem tão fraco e impotente.

O rapaz ficou extremamente preocupado. Hoffmann era o seu único professor, mas representava também toda a música maravilhosa que ocupava grande parte da sua experiência.

Jin viajava tanto com o pai que era difícil encaixar as visitas ao Maestro. Quando por fim conseguiu ir a casa dele, tocou várias vezes à campainha, mas não encontrou ninguém em casa e o interior estava às escuras. O rapaz começou a tremer.

Sentou-se à porta como um cãozinho perdido, e ficou à espera.

– *Jin!*

Felizmente, o Maestro e a mulher regressaram no dia seguinte. Quando avistaram o rapaz à porta, gritaram como se tivessem visto um fantasma.

– Vais morrer de frio aqui à nossa espera – ralharam.

O rapaz começou a soluçar, erguendo os ombros.

– Vou fazer uma bela cafeteira de cacau para nós – disse Daphne, a mulher do Maestro, e dirigiu-se para a cozinha.

– Graças a Deus que foi apenas uma curta estadia no hospital para fazer exames de rotina – disse o Maestro. – Não tenho medo, Jin.

Com um brilho malicioso no olhar, Hoffmann deu umas pancadinhas no ombro de Jin que ainda chorava.

– Vou à tua frente e faço *sair* todas aquelas notas – disse e apontou para o teto. – És o meu presente de despedida, Jin. O meu belo presente a este mundo.

– Não, Maestro. Não me deixe.

Jin caiu de joelhos e Hoffmann sorriu.

– Não me mates ainda – disse, e desatou a rir.

Esboçou o seu famoso sorriso como se tivesse tido um pensamento irreverente.

O sorriso dissolveu-se num mar de sons.

Maestro... o que devo fazer? O que devo fazer para transformar toda esta música numa parte do mundo?

As lágrimas ameaçavam cair.

– Um dia, cumprirei a promessa que lhe fiz – murmurou meio adormecido. – E levo a música até ao mundo.

Uma Imagem Sonora

– Ultimamente o nível tem sido excepcional – resmungou Tadaaki Hishinuma, enchendo a boca de *naan*.

– Houve interpretações da sua composição que tivessem sido do seu particular agrado? – Nathaniel lançou a pergunta com naturalidade e uma expressão desinteressada.

Hishinuma forçou um sorriso

– Talvez – disse, esquivando-se à pergunta.

– Deve ser interessante ouvir estes pianistas tocarem uma composição diante da pessoa que a escreveu. Uma experiência única, alguma que mais ninguém pode sentir.

O comentário de Mieko fez com que Hishinuma abanasse a cabeça.

– Interessante, sim, mas stressante, já que pus tudo o que tinha nessa partitura e na maior parte das vezes não entenderam a minha intenção. Claro que não lhes posso dizer, “Ei, não é isso, idiota. Para o que estás a fazer”.

– Entendo – comentou Nathaniel. Trabalhava em composição e em arranjos para filmes e peças de teatro. Mieko vira-o em ensaios e sabia como era minucioso e crítico, insistindo para que os executantes fizessem melhor. Quando se tratava das suas próprias composições atormentava-se com as nuances de cada nota.

– Até que ponto permite liberdades aos executantes que interpretam a sua peça?

– Tudo depende de como interpreta o termo *interpretação livre* – respondeu Hishinuma encolhendo os ombros.

Nathaniel pareceu desagradado.

– Se for para a satisfação do músico, então não deveria ser permitido – afirmou. – Embora a interpretação livre seja exatamente isso. – Era certo que suportara muitas *interpretações livres* da sua própria música.

– Mas aí é que está – disse Hishinuma, inclinando-se. – Pensam que um compositor entende realmente o seu próprio trabalho?

Podia sorrir, mas a expressão dos seus olhos era intensa. E, por um instante, Nathaniel mergulhou no silêncio.

– Claro que é isso que pensam. Que sabem o que cada som, cada frase, significa. Afinal foram eles que as compuseram. Pensamos *fui eu que criei isto*.

Hishinuma mastigou o *naan*. Para uma pessoa da sua idade, tinha bastante apetite e provava porções generosas de quatro variedades de *naan*, cortando bocados que metia na boca e rapidamente fazia desaparecer.

– Bom. Há tipos que pensam ser onnipotentes. Como, por exemplo “tens de tomar muita atenção a cada nota que eu escrevi, sei melhor que ninguém que isto é que funciona, as minhas intensões são absolutas”. Esse tipo de coisas.

Nathaniel parecia pouco à vontade. Era claramente o tipo de compositor ali descrito.

– Mas sabe, à medida que vou ficando mais velho, tenho a sensação de que não passamos de mediadores.

– Como assim?

– Compositores, executantes, todos. Desde o princípio que a música está em toda a parte e nós capturamo-la e escrevemo-la em forma de notas. E depois interpretamo-la. Não a criamos... só a traduzimos.

– Então somos profetas – disse Nathaniel.

– Sim. Um ser celeste confia-nos a sua voz para que a passemos. Na presença da música, um compositor famoso e um intérprete amador são iguais: profetas individuais. Acabei por pensar desta maneira. Uau! Este *naan* de queijo é fantástico. Podemos mandar vir mais?

– Vamos também pedir outro de alho.

Nathaniel fez sinal ao empregado.

– Agora que fala disso, é porque a música é uma arte passível de ser reproduzida e tem sempre de ser renovada. Foram estas as palavras de Yuji Von Hoffman.

À menção do nome de Hoffmann, Nathaniel e Mieko trocaram um rápido olhar.

O primeiro dia da segunda eliminatória terminara e Nathaniel aproveitara a oportunidade para convidar Hishinuma para jantar. A última vez que tinham comido juntos acabara mal, de modo que, desta vez, Nathaniel pediu a Mieko que lhes fizesse companhia. Esta queria saber mais sobre a relação entre Jin Kazama e o Maestro Hoffmann, portanto,

embora com certa relutância, aqui estava mais uma vez para jantar caril e *naan*.

– Calculo que querem os dois saber coisas do rapaz, não é verdade?

A Hishinuma não escapara o olhar trocado entre os dois. Provavelmente, desde o momento em que fora convidado, sabia que estavam mortos para lhe perguntarem qualquer coisa.

Nathaniel e Mieko olharam de novo um para o outro.

– Exatamente – assentiram. – É verdade que o Maestro Hoffmann foi a casa do Jin para lhe dar aulas? – Nathaniel entrelaçou os dedos sobre a mesa.

– Sim, é verdade – esclareceu Hishinuma. – Ouvi a prestação do rapaz na primeira eliminatória. Surpreendeu-me. Tive de ligar à Daphne para lhe dizer. Perguntei-lhe onde diabo o encontraram.

– Que disse ela?

Mieko reparou que ela e Nathaniel se tinham inclinado para a frente, na expectativa. Achou cómico. Qualquer coisa que tivesse a ver com o Maestro Hoffmann fazia-os agir como criancinhas.

– Disse que o rapaz era um parente afastado do Yuji.

– Como? – perguntaram os outros dois em coro.

Hishinuma ergueu a mão num gesto de quem desvaloriza a ideia.

– Um parente muito, muito afastado. Quase não aparentado. Sabem que a avó do Yuji era japonesa. O rapaz é descendente de um ramo da família dessa avó.

– A sério...?

– Por isso, praticamente não lhe é nada.

Nathaniel parecia aliviado. Mieko gostaria de saber se o seu rosto refletia a mesma reação.

– A Daphne disse-me que não fazia a mínima ideia de onde se tinham encontrado. O Yuji apenas disse que se tratava de *uma estranha reviravolta do destino*.

Uma estranha reviravolta do destino.

Mieko pensou que a frase era estranha, mas também convincente.

– Já todos sabem que o pai do rapaz é apicultor, mas sabias que andavam constantemente a mudar de local? Parece que têm um apartamento em Paris, mas quase nunca lá estão.

– E a escola?

– Umas vezes vai, outras não. O pai tem habilitações como professor e, como tal, ensina o filho.

– Hmm.

Então devia ser por isso que o rapaz tinha aquele sentido de liberdade, de que nada o prendia.

– E o que é verdadeiramente interessante – Hishinuma baixou de súbito a voz –, é que parece que o rapaz não tem um piano.

– A sério?

– Quer dizer que não tem um piano em casa?

Hishinuma assentiu.

– Exatamente – confirmou. – Mas sabe onde pode encontrar um quando viajam e tem autorização para tocar. Sempre o fez e tocou à sua maneira até encontrar o Yuji.

– Incrível – disse Mieko.

Talvez seja *por isso* que tenha tocado de forma tão espetacular, foi o pensamento que acudiu à mente de Mieko. É paradoxal, mas, se uma pessoa não tiver a certeza de onde poderá tocar a seguir, certamente se concentrará na prática sempre que tem essa possibilidade.

Se a fome é o melhor tempero, como é costume dizer-se, então o desejo de ter um piano pode muito bem criar um ambiente ótimo para ensaiar.

– A princípio, o Yuji também ficou surpreendido. Aparentemente o rapaz conseguia tirar um som requintado de qualquer piano. Também sabe afinar pianos. Suponho que tenha aprendido por necessidade e isso espicçou o interesse de Yuji. Gostava de visitar o rapaz onde quer que ele estivesse, usando qualquer piano que aparecesse à mão. Era por isso que ia ter com ele.

– Percebo... era por isso que ia.

De qualquer forma, o rapaz não tem qualquer partitura para ler, de forma que se habituou a memorizar as peças após as ouvir apenas uma vez. Ou então improvisa no momento. A Daphne disse-me que um dia os tinha ouvido tocar juntos. Para trás e para a frente a improvisarem em dois pianos... e disse que parecia estarem a conversar.

Nathaniel e Mieko não tinham palavras.

O Maestro Hoffmann a improvisar. Nenhum deles, e possivelmente ninguém que o conhecera, tinha alguma vez ouvido tal coisa. Impossível!

O Maestro? E nos últimos anos da sua vida a participar numa sessão de improvisação com um rapaz com idade suficiente para ser seu neto?

Os sentimentos de Mieko estavam em turbilhão – com um ciúme intenso e uma sensação de humilhação por o Maestro não ter querido nada com ela. Sem dúvida que, a seu lado, Nathaniel sentia a mesma, se não mais traumática, luta interna.

Ainda mais forte era o desejo de ter ouvido aquelas sessões de improvisação e o profundo lamento de que a oportunidade se tivesse perdido para sempre.

– Gostava de saber se algumas dessas sessões foram gravadas – murmurou Nathaniel.

– Não faço ideia. Tinham começado a pôr os seus assuntos em ordem. O tipo tinha tendência a ser indiferente às gravações, de modo que, quem sabe... talvez haja, talvez não.

Nathaniel e Mieko suspiraram desapontados.

Havia uma coisa que partilhavam. A sensação da enorme perda que fora a morte de Von Hoffmann.

– Escutem, vocês deveriam preocupar-se mais com a vossa situação – disse Hishinuma, sem rodeios, e os dois olharam-no intrigados.

– Está a falar de quê? – perguntou Mieko.

– É o seguinte – disse Hishinuma com um sorriso irónico. – Vocês são capazes de avaliar esse rapaz?

Mieko ficou abismada. Recordou a agoirenta premonição que Smirnoff resmungara logo após as audições de Paris.

Começava a compreender o significado por trás das palavras de Hoffmann: *droga poderosa*.

Estamos a enfrentar um belo dilema, pensou.

– Está a dizer que não somos capazes? – contrapôs Nathaniel em voz calma.

Claro que sabia onde Hishinuma estava a tentar chegar. Não que ele compreendesse completamente o dilema que ela, Simon e Smirnoff enfrentavam, entendia-o intelectualmente, mas na realidade não o *sentia*.

– Bem – admitiu Hishinuma. – Estava apenas a pensar quem poderia avaliar um talento tão original. Se historicamente tiverem em consideração os concursos de piano, os virtuosos pouco convencionais são sempre

postos de lado, porque excedem aquilo que os membros do júri conseguem entender.

Hishinuma parecia pensativo e partiu mais um bocado de *naan* de queijo.

– Terem enviado esse rapaz foi um crime premeditado. Um desafio que vos foi lançado a vós, membros do júri, e a todos nós. Somos nós que estamos a ser testados.

– Não sei – Nathaniel estava pronto a contrapor tudo o que o outro afirmava.

Dizia-se muitas vezes que os membros do júri, enquanto avaliavam outros, estavam, eles mesmos a ser avaliados. Cada um via a sua capacidade musical e os seus preconceitos desmascarados no processo.

Pelo menos intelectualmente, Mieko julgava saber como era assustador avaliar e o quanto as suas próprias sensibilidades musicais e carácter eram expostos.

Porém, tal como Nathaniel, até ao momento nunca compreendera o que se sentia.

A Cavalgada das Valquírias

Deitado na cama, estendeu a mão para, como sempre, desligar o despertador antes que ele tocasse.

Demorou mais um pouco a levantar-se, tentando recordar o sonho que estava a ter antes de acordar.

Masaru estivera a tocar *Primavera e Asura*. Soubera-lhe bem. Não estava no palco, mas algures no exterior num espaço verde e luxuriante. Era lá que devia estar, pensou.

Era difícil agarrar um sonho – o mesmo que agarrar um peixe na água, só para o ver escapar-se-lhe entre os dedos.

Desistiu, pôs-se de pé e foi abrir as cortinas.

Lá em baixo, o horizonte era um misto de cinzento e azul. Logo que avistou o mar, o seu sonho dissipou-se completamente. Apenas um leve vestígio permanecia dentro dele.

Fez uns alongamentos ligeiros e saiu para correr.

O ar frio soube-lhe bem. Os seus dias em Yoshigae tinham-se transformado em rotina.

Masaru era sempre capaz de descontraír onde quer que fosse. Adaptava-se, porém, fazia as coisas a seu modo. Era este o forte de Masaru, reconciliar o contraditório, como se fosse natural fazê-lo.

Era o primeiro executante do segundo dia da segunda eliminatória, mas não se importava com o lugar em que fora colocado. Imaginava que não seria mau ser o primeiro a tocar, porque assim que terminasse podia sentar-se e desfrutar das outras prestações.

Conforme dissera a Aya, fora-lhe útil ter ouvido as prestações do dia anterior. Todas elas haviam sido diferentes, mas ter escutado oito ajudara-o a compreender do que tratava a composição.

Porém, era a *Primavera e Asura* tocada pelo seu mentor, Nathaniel Silverberg, que lhe deixara a impressão mais forte. Nathaniel nunca hesitara na sua fé em Masaru. Como que para o desafiar, tocara a sua versão idiossincrática, inspirando Masaru a interpretar a peça à sua maneira.

Nathaniel conhecia pessoalmente o compositor, Tadaaki Hishinuma, e deu a Masaru uma lição que analisava ao pormenor a sua personalidade e as características especiais da sua composição.

Conhecer Hishinuma em carne e osso fora uma experiência agradável. Masaru estava muito confiante na sua capacidade de ler os outros. As expressões, ações e voz do compositor disseram-lhe muito. Mesmo que fosse apenas por uns minutos, nada seria melhor que o conhecer e falar com ele.

A segunda eliminatória era a única ocasião em que todos os pianistas tocariam a mesma composição. Havia vários objetivos aqui – ver como interpretavam a música contemporânea e como abordavam uma peça completamente nova, e também como promoveriam a imagem do concurso como verdadeiramente internacional. Mas era também uma oportunidade única para comparar os vários participantes.

Tratava-se de um aspeto importante da segunda eliminatória, mas não o principal, concluiu Masaru. Era importante demonstrar que se tomava a peça muito a sério, mas não permitir que ela se destacasse demasiado do restante plano. Teria de ser incorporada no recital de quarenta minutos e soar como parte do completo fluir do programa.

Verificou a respiração enquanto corria, imaginando toda a extensão do seu desempenho.

Adorava delinear uma estratégia. Nos campeonatos de salto em altura gostava de imaginar uma habilidade que ultrapassasse os rivais: a altura a que erguer a barra, etc., todos os diferentes planos da modalidade que a competição o deixava imaginar. Mas também não podia permitir que a estratégia fosse a sua ruína. Era difícil abandonar uma em que se trabalhara durante tanto tempo, mas, quando a competição começava, era preciso ser flexível e ajustar-se a cada nova situação.

Agora que olhava para trás, apercebia-se que a sua desqualificação no concurso de Osaka podia ter sido uma bênção disfarçada, pois em termos de experiência competitiva pudera chegar ao concurso de Yoshigae fresco como um recém-chegado.

As competições eram interessantes e ele considerava-se um candidato duro, porém, Masaru não se achava do tipo dos que continuavam a participar nos concursos. A sua estratégia era entrar apenas em dois ou três eventos proeminentes. O Yoshigae seria a sua estreia e a sua primeira verdadeira batalha.

Respirava com maior dificuldade do que era hábito. Começara a acelerar e corria agora com mais velocidade sem se aperceber disso.

Isto não é bom, disse para consigo. Tenho de abrandar.

Respirou fundo várias vezes e fez alguns alongamentos.

A sua Primavera e Asura seria...

Fechou os olhos e tentou visualizá-la.

A peça de abertura da segunda eliminatória. A primeira peça no programa que reunira intencionalmente, para o fazer fluir da quietude para o andamento. Imaginou-se a tocar suavemente nas teclas para transmitir as notas de abertura.

De súbito, a sensação do seu sonho dessa manhã regressou-lhe à mente.

Calor, a luz do sol filtrada por entre as folhas. *Sinto toda a criação nesta peça...*

Recordou-se de pensar isso mesmo. *A mesma sensação que tenho agora.*

Masaru olhou em volta, como se visse o mundo pela primeira vez.

Um pequeno parque aninhado entre os prédios. O ar continuava frio, prolongava-se a tensão anterior à madrugada. Esta surgiu inesperadamente

silenciosa, enchendo o mundo com os sinais do seu despertar. O canto dos pássaros: o chão a estremecer ao passar dos carros na autoestrada distante. Gradualmente, a manhã penetrava no mundo.

Tudo criação.

Masaru sentiu uma silenciosa onda de energia. Apercebeu-se do vento antes dele soprar, das cores das árvores prestes a brilharem ao sol. O seu corpo absorvia tudo.

Voltou a correr para o hotel e tomou um duche quente.

A água bateu-lhe na cabeça e nos ombros e deslizou-lhe pelas costas. Pensou que, na vida de todos os dias, cada recanto e fenda eram preenchidos pelas maravilhas da criação.

Primavera e Asura. Masaru concluiu que o que queria mostrar era a beleza do espaço vazio. O que ficava no meio. Não como Jennifer Chan, que dava uma explicação bem definida para cada uma das notas.

A atmosfera da peça era serena, modesta, descomplicada. Porém, retratava um mundo vasto. Como um mínimo jardim interior ou um salão de chá. Onde uma parte podia evocar o todo. Onde a partir de um pequeno fragmento se sentia algo enorme e infinito.

Ou talvez se pudesse dizer que inspirava uma visão paradoxal do universo, na qual todo o mundo estava contido precisamente devido à sua pequenez.

Hishinuma deixava muito por explicar, permitindo que cada nota sugerisse um mundo separado.

O compositor, um indelével e verdadeiro nativo de Tóquio, era basicamente uma pessoa tímida. Não divagava e acreditava que nem tudo precisava de ser explicado, que tentar fazê-lo era uma vulgaridade. Esta era uma sensibilidade estética tradicionalmente japonesa.

Mesmo assim, a intenção de Hishinuma na sua composição não era expor uma clara representação do Japão. Masaru queria que isso ficasse esclarecido. Para ele, tratava-se da visão do cosmos de Kanji Miyazawa e um reflexo do caráter de Hishinuma.

A questão era como o comunicar.

Enquanto tomava o pequeno-almoço, Masaru refletia no caminho percorrido até ali. A sua estratégia em relação à peça era simples: não explicar demasiado as coisas por meio do som. Não usar passagens

abertamente prolixas. E pronto. A tarefa seria então inspirar o ouvinte a imaginar o enorme mundo por trás de todo este comedimento.

Era evidentemente uma contradição, mas tinha de haver uma forma, que Masaru procurava através de um demorado processo de tentativa e erro. Até que encontrou.

Não explicarei, disse para consigo. Deixá-los-ei sentir.

O tema da sua *Primavera e Asura* seria a expressão do espaço vazio.

Levou um tempo inesperadamente longo a determinar isto, mas estava convencido de que se tratava da abordagem correta. Mas como expressar um *espaço vazio*?

Experimentou todo o tipo de coisas, até que por fim chegou lá. A *cadenza*.

Masaru olhou para as anotações escritas na partitura.

Dar, livremente, uma sensação do universo.

As notas eram compostas para criar esta sensação do cosmos. Apenas na *cadenza*, que não continha absolutamente nada, se podia ver de relance a verdadeira *substância* do cosmos.

Posso usar a *cadenza* para completar esta expressão de espaço vazio.

Masaru sentia-se emocionado. Pela primeira vez na sua vida apercebia-se de que tinha descoberto o *segredo* da música contida numa partitura, o *segredo* do próprio mundo.

Com isto, pensou que a sua execução de *Primavera e Asura* estaria completa.

Masaru recordou-se intensamente do momento em que tivera a certeza.

Senti-me verdadeiramente feliz, como se o mundo se tivesse aberto para mim.

Agora, pensou, vamos lá reproduzir essa sensação.

Masaru respirou lentamente e começou a mudar de roupa.

Chegara o dia em que interpretaria aquela peça pela primeira vez e, possivelmente, pela última.

*

O segundo dia da segunda eliminatória.

Eram dez e trinta da manhã e a sala estava à cunha para a primeira prestação do dia.

A razão era óbvia. Masaru era o primeiro.

Toda aquela atenção não o transformava numa pessoa pretensiosa, nem lhe causava tensão. Masaru aceitava tudo como natural. Tinha consciência da sua popularidade e não se importava de desfrutar dela, aceitando ser uma verdadeira estrela.

Manteve-se nos bastidores a ordenar os pensamentos. *Onde estará Aa-chan sentada? Gostará da forma como vou tocar?*

Os comentários de Aya acerca da interpretação de Jennifer Chan tinham-no inquietado. Estava um pouco nervoso à espera do que ela diria acerca da sua execução, mas decidiu seguir em frente e perguntar-lhe depois.

– Mas somos os dois discípulos do Sr. Watanuki – disse Masaru a Aya quando estavam sentados entre o público. – Foi o nosso primeiro professor, ensinou-nos todos os tipos de música, desde a *enka* de Yashiro Aki até ao rock. Instilou em nós o amor pela música. Por isso não há a mínima possibilidade das nossas interpretações acabarem como uma *atração*, não é verdade?

Para quem vou tocar?

Foi isto que perguntou a si próprio enquanto esperava nos bastidores.

Vou tocar para a assistência? Para mim? Para o deus da música?

Não sei. Mas uma coisa é certa – vou tocar para alguém. Ou talvez não para alguém, mas para qualquer coisa.

Um concurso é uma experiência muito estranha, pensou.

*

Um concurso era exatamente isso, pessoas a competirem umas com as outras, mas era também um espetáculo individual, um recital a solo. Era estranho ter de comparar recitais a solo completamente diferentes.

Porém, durante esses quarenta minutos, o público e o palco pertencem-me, pensou Masaru. *Todos os olhares estarão apenas sobre mim, todos os ouvidos apurados, à escuta do que vou tocar.*

A ideia entusiasmou-o. Recordou o rosto pálido de um colega.

– Tens tanto talento – dizia-lhe muitas vezes o colega.

– És uma estrela – diziam-lhe as pessoas. – Tens tudo para isso.

As pessoas tinham-no dito no Conservatório de Paris e na Julliard, com expressões que eram um misto de inveja, ciúmes e admiração. Aqueles

que o diziam eram também talentosos à sua maneira, com capacidades técnicas não muito diferentes das suas.

Então como deveria reagir?

Recorrer a uma abordagem humilde? Mostrar modéstia? *Não, nem por isso... ainda tenho um longo caminho a percorrer.* Ou agradecer-lhes simplesmente?

Qualquer das reações deixava Masaru pouco à vontade. Era verdade que se destacava. Havia algo de invulgar na sua pessoa.

Mas o que importava era como os outros o avaliavam, não como se avaliava a si próprio. Havia coisas a seu respeito que não entendia e coisas que só *ele* podia entender.

Por isso, quando as pessoas o elogiavam, limitava-se a sorrir. Não respondia, não fazia uma autoavaliação.

A única coisa que compreendia era que seria capaz de expressar aquilo que desejava, algo que sabia desde que começara a tocar. Desde os tempos em que ele e Aya tinham tocado uma versão de *Little Brown Jug* a quatro mãos, em que fizera a primeira tentativa de um minuete de Mozart, sabia que, um dia, no futuro, conseguiria comunicar tudo o que quisesse. Assim que começou a ter aulas a sério desenvolveu a sua técnica. Parecia-lhe estar a recordar conhecimentos que já eram seus. Agarrava a essência das peças que tocava, iniciava novos instrumentos, escutava todos os tipos de música, absorvendo tudo tão rapidamente que a sua mente quase não conseguia manter o ritmo.

– És um caso raro – dissera-lhe Nathaniel Silverberg. – Não diria que és precoce, ou sequer um menino-prodígio.

– Então o que sou? – Masaru não pôde deixar de perguntar.

– Tu *sabes*, simplesmente. Logo desde o princípio, sempre *soubeste*.

Depois o professor contou-lhe uma história.

– Há muito tempo, havia um escultor no Japão – começou Nathaniel. – Deixou-nos esculturas budistas do tipo que agora seriam consideradas Tesouros Nacionais. Diz-se que esculpia com uma incrível rapidez. Nunca hesitava, trabalhava tão depressa que era como se as suas mãos mal conseguissem acompanhar a ideia que tinha na cabeça. Um dia, alguém lhe perguntou como o fazia. “Não faço”, replicou. “Apenas retiro o Buda que está enterrado dentro da madeira”.

“Quando te vejo, Masaru, recordo-me dessa história”, concluiu Nathaniel.

Masaru escutava-o atônito.

Claro que não se considerava um trabalho acabado, mas sim um trabalho em curso, ainda com as arestas por limar, a precisar de prática e melhoramento. Mesmo que se esforçasse durante o resto da vida, nunca ficaria totalmente satisfeito.

Mas, mesmo assim, já posso fazer aquilo de que sou capaz.

Masaru tinha esta estranha convicção.

Aquilo que ele considerava difícil de agarrar as outras pessoas não pareciam sentir do mesmo modo. Muitos estavam cheios de ansiedade e medos. *Talvez me esqueça das notas, talvez tenha uma branca, talvez cometa erros.* Sentiam tanta pressão, que o palco se transformava num lugar assustador. Masaru tinha como certo que conseguia *fazê-lo*. Se isso fosse talento, supunha então que era talentoso.

*

O contrarregista, o Sr. Takubo, era como uma sombra, a sorrir, nos bastidores.

As melhores salas de concerto do mundo tinham quase sempre contrarregistas, pessoas bem conhecidas dos músicos. Um contrarregista competente oferecia-lhes uma sensação de calma e bastava olhar para ele para se sentirem confiantes.

Takubo transpirava calma, mantinha a distância certa, porém a sua profunda empatia para com os músicos era evidente. Confiava, encorajava, estava ali para o que fosse necessário.

Tenho muita sorte, pensou Masaru.

– Chegou o momento – avisou o contrarregista com um aceno de cabeça.

Masaru imitou o gesto.

– Boa sorte.

Masaru entrou em palco.

Uma enorme explosão de aplausos envolveu-o e animou-o. As expectativas do público emprestavam-lhe sempre força.

Ok... vamos à *Primavera e Asura*.

*

A segunda eliminatória de Masaru começou com toda a calma.

Aya e Kanade escutavam do fundo da sala.

Os olhos de Aya estavam pregados no placô, banhado de luz.

Não é apenas luz, pensou. Há uma aura bem definida em redor dele.

Num instante silenciara o ar, atraindo o público para o seu mundo.

A interpretação de Masaru determinaria como *Primavera e Asura* seria vista no futuro.

Aya sabia que a abordagem de Masaru era diferente da de todos os outros que a tinham tocado no dia anterior. Era tão natural, tão genuína.

Sentiu arrepios percorrerem-lhe os braços.

Podia ver a escuridão – o universo.

Estrelas esbatidas, um espaço vazio, perdido, infindável.

Ele tem tantos recursos de que se servir, pensou Aya. Pode fazer surgir tantas histórias, tantos cenários para que os vejamos, apresentando-os diante dos nossos olhos.

O termo *música visual* tornara-se tão familiar, mas era exatamente o que Masaru fazia. Cada elemento visual era único, cheio de emoção, convincente. Masaru possuía uma voz própria e refinada, e ao usá-la transmitia muito.

Frases curtas, murmuradas, modestas, misteriosas. Masaru encontrara a dinâmica e o toque perfeito. Só ele conseguia transmitir aquela calma e amplitude.

E a minha Primavera e Asura? Aya interrogou-se. Seria imprudente improvisar? Conseguiria aproximar-se do estudado nível de perfeição de Masaru?

Aya ainda não havia refletido sobre isso, e sobressaltou-se quando se apercebeu.

A tão antecipada *cadenza*.

Nathaniel sentiu a força penetrar o rapaz.

Era a primeira mostra de emoção, ao expor as partes *escondidas* da peça.

Uma *cadenza* com técnica transcendente, usando passagens com oitavas e acordes complexos.

Nathaniel receara que a *cadenza* de Masaru fosse demasiado difícil e que se destacasse em excesso do todo, mas Masaru insistira. “Vou fazer dela uma parte da peça. Ninguém notará a técnica.”

Conseguira-o de facto e fizera dela uma parte integral do todo.

O aluno de Nathaniel evoluía sem dúvida de dia para dia. A interpretação que Nathaniel ouvia agora era totalmente diferente da que ouvira na semana anterior. Masaru fizera um progresso excecional.

Parte do seu génio era aquele espaço inesgotável para crescer. Nunca impunha limites a si próprio; cada obstáculo era apenas matéria-prima para uma nova criação.

Nathaniel sentia-se cheio de admiração e orgulho.

Dizia-se que um aluno não escolhe o professor, o que não era necessariamente verdade. No caso de um grande talento, Nathaniel sentia que o aluno escolhia *de facto* o professor.

Não o dizia por vaidade. Masaru possuía um enorme talento, disso estava certo, mas não era, de forma alguma, por ele ser um professor excecional.

Porém, estava capacitado para ajudar Masaru a aprofundar e desenvolver o seu talento.

Deviam-no ter sentido ambos interiormente, quando se tinham conhecido. Masaru escolhera Nathaniel acreditando ser aquele que o podia ajudar a crescer. E Nathaniel sentira o mesmo – ali estava um aluno em quem investiria toda a sua capacidade e que depois o ultrapassaria. Um aluno que não teria problemas em usar Nathaniel como degrau. E, como professor, era a esperança que mais acalentava. Nathaniel vira muitos casos tristes e lamentáveis de alunos que nunca conseguiam ultrapassar o mestre. Para um professor poderia ser desanimador, pois por muito excecional que ele fosse como executante, também precisaria de educar a próxima geração de músicos.

Naturalmente havia muitos pianistas geniais que nunca aceitavam alunos, que não estavam preparados para ensinar. Deixariam para trás apenas as suas interpretações, ensinando desta forma aqueles que os escutavam.

Mas quando um decidia aceitar um aluno, precisava de ver resultados. A partir do momento que Nathaniel passou a ser professor, desenvolver o dom do aluno passou a ser prova do seu próprio dom.

Subitamente surgiu-lhe uma ideia.

Se ao menos o Maestro Hoffmann pudesse ouvir Masaru tocar.

*

Esta cadenza é espantosa.

Aya sentiu-se mais uma vez arrepiada.

Um único raio de luz a brilhar por entre as estrelas esbatidas.

E, dessa luz, um breve clarão de cores infinitas.

A expressão dele é incrível, pensou. Mostrava toda a experiência da improvisação no trombone.

Os jovens pianistas clássicos não estavam habituados a improvisar. Nas suas *cadenzas* havia sempre uma sensação de embaraço e desconforto. Com uma peça totalmente nova, uma peça cuja reputação teria ainda de ser determinada, a interpretação parecia muitas vezes pouco convincente e só uma técnica brilhante chamava a atenção.

Aya imaginava como o Sr. Watanuki ficaria impressionado.

O Ma-kun é exatamente tão assombroso como o senhor dizia.

*

Depois, passou imediatamente de *Primavera e Asura* para *Estudos-Quadro*, Op. 39, N.º 6 de Rachmaninoff.

Um início sinistro, algo a debater-se num poço de escuridão.

Andamentos mais rápidos, um *tremolo* a furar as trevas.

Passagens rápidas evidenciando a sua atenção ao *pormenor*.

Fizera um trabalho fantástico ao ordenar aquelas peças, pensou Kanade.

O programa estava perfeitamente apresentado como um desenrolar de imagens, cada peça uma extensão da anterior.

*

E com a terceira peça, Estudo N.º 5 de Debussy, *Pour les Octaves*, as imagens foram subitamente reveladas. Juntamente com o sentido único de escala de Debussy, o dinamismo de Masaru trouxe uma expressividade emocional incrível.

A seguir, uma mudança radical para a peça final: as *Variações* de Brahms.

O tema de Paganini foi apresentado com ousadia e confiança servido de forma surrealista.

Omnidirecional, impecável, dando, porém, a sensação de haver ainda algo reservado, o todo imbuído de uma frescura impressionante.

Kanade estava maravilhada com a confiança de Masaru, que parecia desfrutar totalmente da sua atuação.

Não havia dúvida de que o seu talento cintilava.

Era difícil sustentar a tensão certa através de um tão longo conjunto de variações – tal como uma série de filmes protagonizada pelos mesmos atores. Era preciso o ritmo certo, agarrar a atenção do público, atraí-lo.

Rachmaninoff escrevera as suas próprias variações sobre o tema de Paganini, mas dizia-se que até ele saltava algumas, quando sentia que o público se aborrecia.

Toda a peça, melodias e desenvolvimento, fora escrita usando vários artifícios para manter o interesse dos ouvintes, mas quando era tocada, levantavam-se outros desafios. Era muito mais difícil do que as pessoas imaginavam repetir uma vez e outra o mesmo tema e conseguir mesmo assim que parecesse novo. Era preciso um alerta constante e usar uma larga gama de ferramentas expressivas.

Masaru era um animador, mas não corria atrás da popularidade. Brillante e charmoso, conferia a sensação de um abismo assustadoramente profundo.

Kanade tinha a intenção de analisar a personalidade dele, mas inesperadamente deu por si cativada pela sua música.

*

Era divertido tocar variações, pensou Masaru. Pareciam improvisações de jazz e arranjos.

Até um tema de compasso 4/4 tinha infinitas possibilidades. O compositor tinha-o provado havia muito. Podia identificar-se o processo mental do compositor tecendo uma tapeçaria a partir de variações caleidoscópicas.

Ao tocar estas variações de Brahms, Masaru imaginou-se numa canoa rio abaixo, a uma velocidade razoável, com o vento agradável a acariciá-lo as faces e empurrando-o por trás. Via-se a remar a bom ritmo, dirigindo-se para a foz do rio, passando por uma paisagem que mudava a cada instante.

Cada batida do remo fazia-o avançar e a sua canoa chegava por fim à entrada do estuário – não precisava de se apressar. Um golpe de remo de cada vez. Abrandando qualquer impaciência, aguardando a premonição do clímax. Controlando o entusiasmo e a calma, estremecendo de alegria enquanto avançava. *Chegarei em breve.*

Um espaço enorme aguarda a minha chegada, uma paisagem que nunca conheci.

Masaru sentiu um estranho arrepio na espinha.

É isto que procuro. Toco para chegar a esse lugar nunca visto.

*

Quando a sua prestação terminou e se levantou para receber o ensurdecador aplauso, Masaru teve a sensação de que aquilo acontecia a outra pessoa, como se assistisse a tudo de um lugar lá em cima.

Amor

Masaru estava tão dominado pelo espanto de ter experimentado aquela nova sensação que, quando voltou à sala de concertos após uma pausa, as portas já estavam fechadas.

Bolas, perdi a prestação seguinte.

Teria de se contentar em assistir no monitor do átrio.

O som não era bom, mas dava para ficar com uma ideia.

Concentrado no que se passava no monitor, não reparou que uma figura alta se aproximava dele.

– Tocaste muito bem, Masaru.

Oh não, pensou. Esta é a última pessoa que queria ver agora. Fez estalar a língua, frustrado por ter sido apanhado desprevenido.

A jovem era alta, com feições distintas e vestia calças de ganga e uma camisola larga vermelho-bordeaux.

Era Jennifer Chan, do mesmo departamento de piano da Julliard.

– Então vieste. Tinha a certeza de que não voltarias senão na próxima comunicação dos vencedores – declarou Masaru com um leve toque de sarcasmo na voz.

– Posso tentar evitar uma má prestação, mas asseguro-me de que assisto sempre às boas. Incluindo a tua, claro.

Masaru não se surpreendeu que Chan não reagisse à piada que lhe lançara.

Desde que ambos tinham começado a estudar na Julliard que ela sentira em Masaru um rival e essa rivalidade tornara-se conhecida. Havia uma curiosidade geral em ver como a competitividade de Chan se desenrolaria. Fizera recentemente a sua estreia a solo num concerto e parecia estar à frente de Masaru, enquanto este se ocupava em tocar trombone jazz.

Masaru nunca tinha considerado Chan sua rival. Para ele, só a ideia de competir sobre algo que não se podia comparar sequer, era um perfeito disparate. E não lhe agradava quando os outros a citavam como exemplo.

Quando Masaru tinha catorze ou quinze anos, e começara a crescer e a evidenciar os seus vários dons, as miúdas começaram a interessar-se por ele, e Masaru sentiu o gosto da felicidade e da infelicidade de ser objeto de afeição unilateral, sabendo que se lhes magoasse os sentimentos podia também acabar por ser magoado.

A tua *Primavera e Asura* pareceu-me muito suave. O Silverberg concordou? – Chan começou a interrogá-lo, mas Masaru encolheu os ombros.

– Pensei muito e foi o que, por fim, me saiu. É a minha interpretação.

– Ah. Já sei, o Silverberg é muito próximo do Hishinuma, não é verdade? É então essa a interpretação do compositor? – Chan abriu muito os olhos, como se acabasse de se lembrar dessa ligação.

– Não, enganas-te. O Sr. Hishinuma não ofereceu qualquer interpretação para além do que está escrito na partitura. A minha *Primavera e Asura* saiu assim.

– A sério? – Chan parecia não acreditar.

Aquilo ilustrava bem como os dois se encontravam num comprimento de onda diferente, pensou Masaru. Se Chan tivesse estado no lugar dele, teria feito com que Silverberg sondasse Hishinuma acerca do tipo de interpretação que esperava ouvir. Daria tudo para conseguir uma vantagem. Para Chan era assim que as coisas se faziam, a maneira de mostrar o seu compromisso para com a música.

O que teria acontecido? Masaru interrogou-se.

Se tivesse abordado Silverberg para que pedisse ao Sr. Hishinuma a sua interpretação pessoal, o professor teria aceitado? Tentou imaginar a cara dele nesse cenário.

Podia ter acontecido de duas maneiras. Silverberg tinha consciência do grande estratega que Masaru era, e isso nunca o incomodara. Talvez concordasse se Masaru tivesse querido seguir por esse caminho. Mas talvez tivesse reagido de modo contrário e lhe tivesse dito que era injusto e que não havia necessidade de tal coisa.

É uma questão interessante, pensou Masaru. Terei de lhe perguntar.

– A propósito, aquela miúda com quem estavas é uma pianista japonesa, não é verdade? Como é que a conheces? – A voz de Chan interrompeu-lhe os pensamentos.

Ah, pensou Masaru. Afinal era isto que ela queria saber.

– Oh, conheci-a quando era mais novo. É uma perfeita coincidência ela estar aqui.

– A sério? – inquiriu Chan. – Quer dizer que viveste no Japão, Masaru?

– Sim, durante algum tempo. Morávamos no mesmo bairro e tínhamos lições de piano no mesmo sítio.

– Uau! Que espanto serem os dois suficientemente bons para se apresentarem num concurso internacional.

– Bem sei.

Chan baixou a voz.

– É melhor teres cuidado – disse.

– Como? – Masaru não acreditava no que ouvia.

– Ela não foi profissional quando era pequena e depois teve um esgotamento?

Sabes tudo sobre ela, pensou Masaru, em parte admirado, em parte impressionado. Que mundo este em que vivemos. Só informação e mexericos.

– Se andas com uma miúda tão azarenta como ela, podes dar cabo da sorte. Não pensaste que ela pode ter descoberto que és um dos favoritos e queira usar-te para a ajudares a regressar?

Masaru olhou-a sem entender.

– Não estás mesmo a dizer uma coisa dessas, pois não? – perguntou de rompante, e Chan franziu a testa.

Orgulhava-se da sua perspectiva lógica e racional e desprezava os outros por permitirem que a emoção lhes influenciasse as opiniões. Porém, aqui estava ela a falar de *sorte*.

– Obrigado pelo aviso. – Masaru tornou bem claro que não tencionava continuar a conversa.

Chan olhou para o relógio e disse que eram horas de se ir embora.

– Não vais ouvir as outras prestações? – perguntou Masaru.

– Não. Tenho agora uma aula para a terceira eliminatória – disse Chan com ligeireza. – Ouvi-te tocar e é o bastante por hoje. Adeus!

Fez um pequeno aceno e apressou-se a sair, enquanto inspecionava o ecrã do telemóvel.

Um pouco confuso, Masaru viu-a sair antes de voltar os olhos para o monitor. Perdera grande parte da prestação.

Mazeppa de Liszt. Tocam todos peças tão difíceis. Concentrou-se nos dedos do pianista.

Mas não conseguia esquecer a expressão séria dos olhos de Chan.

Surpreendia-o que ela estivesse tão bem informada. As pessoas vigiavam-nos sempre, era certo. *Aa-chan* detestaria se soubesse o que as pessoas diziam nas costas dela.

*

Conforme seria de esperar num concurso, havia pessoas de todas as origens. Os pianistas estavam naquela idade mais impressionável – desde a adolescência até aos vinte e poucos anos – e Masaru sabia que juntar toda aquela gente para uma experiência tão intensa levaria inevitavelmente a ligações, embora a maioria dessas relações não estivesse destinada a perdurar.

Funcionava também uma espécie de efeito de ponte suspensa. Os jovens músicos em potência estavam geralmente muito sós, e um concurso era a derradeira experiência solitária. Viajavam para um país estrangeiro onde nunca tinham estado, sentindo um stress enorme que lhes causava dores de estômago e entravam em palco sozinhos. Como se encontravam com outros sujeitos na mesma situação extrema, em que o próprio ser e musicalidade eram expostos para todos verem, não admirava que a empatia e a atração florescessem.

E aí erguia-se a velha questão de se um casal que tocasse o mesmo instrumento poderia ter uma relação bem sucedida.

Os casais de músicos estavam longe de ser raros, mas havia a tendência de cada um vir de um campo diferente – um maestro e um pianista ou um compositor e um cantor.

Havia muitos casais em que ambos eram pianistas, mas Masaru tinha a impressão de que geralmente eram os dois, ou pelo menos um deles, professor ou crítico e não praticante da atividade musical. Raras vezes ouvira falar de um casal em que ambos os elementos fossem artistas principais.

Certamente, tocar o mesmo instrumento devia oferecer uma espécie de unidade a uma relação, mas as suas diferentes abordagens à música não poderiam ser fonte de fricção? E a disparidade na capacidade musical poderia dar lugar a emoções indesejáveis que podiam ameaçar a relação.

Muito bem... então e a Aa-chan e eu?

Sem saber como, Masaru deu por si mergulhado nesse pensamento.

Tem juízo, rapaz – só nos voltámos a encontrar há dois dias. Não posso permitir-me a distrações.

Alongou os braços para se descontrair.

A culpa era toda de Chan, concluiu, um pouco ressentido. Porém, não conseguia esquecer a expressão dos olhos dela. Talvez houvesse alguma verdade naquilo que dissera.

Uma miúda azarenta, a voz de Chan ecoava nele.

Não que acreditasse que Aa-chan fosse especialmente azarenta, pensou. Mas esbarrar de novo com ela naquele concurso podia ter algum significado. Só que não sabia qual.

Masaru cruzou os braços e olhou para o monitor. Os seus pensamentos já não estavam na prestação, mas muito longe dali.



Segunda Eliminatória

(Segunda Parte)

Clair de Lune

A assistência começava a sair para o átrio.

Lá fora já estava escuro e até naquele espaço aquecido podia sentir-se como a temperatura descera. Aya suspirou profundamente. Sentia uma enorme tensão no corpo. O nível das interpretações do segundo dia fora alto, mas nenhum dos pianistas igualara a *Primavera e Asura* de Masaru. Tinham tocado bem, claro, mas a maioria tentara projetar uma imagem vagamente japonesa que ela considerara pouco convincente e nenhuma delas se aproximara. O conteúdo e força da *cadenza* de Masaru elevara-a igualmente acima dos restantes candidatos. A ordem das prestações podia também ter sido um fator importante, pois ele fora o primeiro. Se tivesse tocado mais tarde, talvez ela tivesse avaliado de forma mais elevada outras interpretações. Fora aquele o impacto da interpretação de Masaru: o facto de ela ser a recordação mais duradoura que o público retinha do segundo dia.

A impressão com que Aya ficara da *cadenza* interpretada por Masaru era tão esmagadora que tinha de se esforçar para a limpar da mente enquanto ouvia as outras. Recordava-se de cada detalhe, e se a sentia começar a tocar na sua cabeça, não tinha outro remédio senão deixá-la chegar ao fim.

A minha cadenza será tão convincente? Perguntava a si própria. Poderia uma *cadenza* improvisada chegar àquele nível de perfeição? Sentia-se tentada a experimentar tocar a sua versão.

Era a primeira vez que tal lhe acontecia. Desde que o concurso começara, nem uma só vez se sentira como agora, tão motivada a tocar.

Kanade apercebeu-se da inquietação da amiga.

– Que se passa, Aya-chan?

– Quero experimentar tocar a minha *cadenza*.

– Vamos a casa da Sr.^a Harada? Lá podes tocar sem esbarrares nos outros pianistas.

A Sr.^a Harada era amiga do professor de Aya e tinha uma escola de música em Yoshigae. Nenhum dos seus alunos conseguira passar à segunda eliminatória.

– Agrada-me a ideia, mas sinto-me como se me fosse intrometer.

– Não, não te preocupes com isso. Ela vai ficar toda contente se usares o piano.

A casa da Sr.^a Harada, que servia também de escola, situava-se no centro da cidade, a pouca distância da sala de concertos.

– Eu arranjo-me sozinha, Kanade-*chan*. Podes esperar no hotel. Se tiveres fome, janta se quiseres.

– Ok. Manda-me então uma mensagem quando estiveres de volta.

– Certo.

Sendo também estudante de música, Kanade sabia que ela poderia ensaiar melhor sozinha, por isso despediu-se rapidamente.

*

Aya apressou-se e consultou o mapa; a *cadenza* de Masaru continuava a tocar na sua cabeça, o que a irritava.

Tenho de ocultar a prestação dele com a minha, disse para consigo. Mas depois, de repente, algo a fez parar.

Deu meia-volta.

Encontrava-se à saída da zona principal do bairro comercial e havia muitos transeuntes.

Aya teve a sensação de que alguém a seguia, embora supusesse que era a sua imaginação a pregar-lhe partidas. Olhou em volta, mas nada lhe pareceu fora do normal, por isso recomeçou a andar.

Com os seus olhos brilhantes e faces gorduchas, a Sr.^a Harada era do tipo de pessoas que imediatamente punham os outros à vontade.

– Peço perdão por vir de mãos vazias – lamentou Aya, mas a Sr.^a Harada sorriu.

– Não te preocupes – respondeu. – Deves concentrar-te na tua prestação. É muito mais fácil ensaiar longe do concurso. Tens aqui a chave. É uma casa pequena e podes tocar o tempo que quiseres. Podes pôr o aquecedor à temperatura que mais te agrada. A casa de banho é na porta em frente. Deixei qualquer coisa para comeres. Já jantaste?

– Penso nisso depois de ensaiar um pouco.

– Se tiveres fome, diz. É para isso que aqui estou. Basta carregares no botão do intercomunicador.

A Sr.^a Harada entregou-lhe a chave e apontou para uma edificação em forma de caixa à prova de som.

Aya agradeceu-lhe rapidamente e dirigiu-se para a casinha.

Devia ser um lugar maravilhoso para dar aulas de piano.

Havia dois pianos de cauda, um sistema de som, uma mesinha de apoio com bombons e bolachas num prato, e até um termo com chá quente.

Na parede via-se uma única janela de vidro duplo, com cortinas brancas.

Aya ajustou o banco e fez o aquecimento tocando escalas. Os muitos anos de prática tinham feito disto a sua segunda natureza e percorreu-as rapidamente, elevando-as com semitons.

A *cadenza* de Masaru ainda lhe soava na cabeça. Sem se aperceber como, começou a tocá-la.

Olá! Isto é difícil, pensou. Terei de praticar se quiser articular todas as notas.

*

Imaginou Masaru no palco.

O silêncio. A escuridão. A fraca luz das estrelas a brilhar.

Reproduziu a *cadenza* do amigo, mas, a certa altura acrescentou o seu arranjo, levando-a numa direção diferente.

Então... e a *sua cadenza*? A sua *Primavera e Asura*? Nessa altura os seus ouvidos identificaram um som diferente.

Que som era aquele? Uma vibração – como se algo estivesse a dar pequenas pancadas.

Deixou de tocar e foi ver.

Tum, tum, tum.

Alguém estava a bater. Mas onde? Andou à volta do quarto, depois levantou a cortina da janela e soltou um pequeno grito. Havia alguém lá fora.

No preciso instante em que ia baixar a cortina, avistou uma mão a acenar.

– Mas que...?

Já vira aquela pessoa. Aya aproximou-se da janela e ergueu de novo a cortina.

Lá fora um rapaz tirou o boné e inclinou-se.

– Jin... Kazama?

O rapaz sorriu e fez um pequeno gesto de súplica. Apontou para a porta, aparentemente para que a abrisse. Aya fez o que ele pedia.

– Desculpa interromper – o rapaz acenou para se desculpar de boné na mão, e entrou.

– Como chegaste... até aqui?

– Subi o muro.

– Não... quero dizer, como soubeste deste lugar?

– Desculpa. Vim atrás de ti.

Aya olhou para o rosto levemente corado do rapaz.

– Mas porquê? – perguntou, e Jin riu-se.

– Imaginei que fosses a um lugar qualquer para tocar piano sozinha. E sabia que, onde quer que fosses, teria de haver um piano.

Aya pestanejou surpreendida.

– Onde ficas durante o concurso?

– Em casa de um amigo do meu pai. Um florista.

– E os ensaios?

– Não gosto de usar os pianos nas salas de ensaio do concurso. Prefiro os pianos em casa das pessoas, onde se sentem os dedos de quem toca e sobre os quais paira a presença delas. – Jin olhou Aya nos olhos, sentindo-se nervoso. – Por isso... posso tocar piano aqui contigo? – perguntou.

Aya não sabia o que dizer.

As pessoas costumavam considerá-la um pouco aluada, mas este rapaz era-o a um nível diferente. Era a primeira vez que acontecia – um pianista seguir uma colega participante no meio de um concurso e perguntar-lhe se podiam ensaiar juntos.

– Estavas a tocar a peça daquele fulano, não é verdade? Aquele alto? O que parece um príncipe?

Sentou-se ao outro piano, abriu a tampa e tocou um Lá.

*

Aya recordava-se agora de ter tocado em uníssono com outro pianista um estudo de Chopin numa sala de ensaio diferente, na escola.

Jin tinha um sentido do ouvido assustadoramente perspicaz. Tocou uma furiosa frase musical em oitavas. *A cadenza* de Masaru.

Tocou-a de forma tão perfeita que era como se fosse o próprio Masaru a tocá-la.

Jin terminou e sorriu.

– Isto esteve sempre na tua cabeça, não é verdade? – perguntou. – Assim que saíste quiseste reproduzi-la não foi? Aposto. Eu também.

Jin tinha uma voz melodiosa.

– Pensaste então em encontrar um piano?

Aya sentiu-se mais uma vez arrepiada. *Ele vê através de mim*, pensou. *Tudo. O que sinto, aquele impulso que tive de tocar.*

Era de facto o amado deus da música.

E eu? Aya ficou surpreendida por sentir aquilo tão intensamente.

O deus da música também me amará?

Os olhos de Aya viram por um momento um único projetor a iluminá-lo, banhando-o num brilho amarelo.

Não te escolhi.

Escolhi Jin Kazama.

Uma dor horrível atingiu-a no peito, aguda, a espalhar-se. Algo amargo lhe subiu à garganta. *Porque me causará isto tanta agonia?*

Sentiu como se soubesse há muito a resposta – agarrava-se à presunção de que lá no fundo queria continuar a tocar, e sabia-o melhor que ninguém. A sensação de desvalorizar os outros. O profundo terror que lhe dissessem que não tinha talento, que depois dos vinte anos limitar-se-ia a ser uma pianista vulgar.

As farpas dessa dor ainda se mantinham dentro do seu peito.

– O meu professor disse-me que encontrasse alguém que me ajudasse a pôr este som lá fora.

Aya distraíra-se completamente por momentos e não ouvira o que o rapaz acabara de dizer.

– Estava a pensar que talvez fosses essa pessoa.

– Talvez fosse o quê?

– Nada – disse ele acenando com a mão. – A lua está tão bonita – acrescentou, voltando-se para a janela.

A cortina estava agora levantada e Aya apercebeu-se de que tinha estado tão preocupada que nem olhara para o céu.

Os dedos do rapaz pairavam sobre as teclas exatamente como borboletas flutuando na luz.

O *Clair de Lune* de Debussy.

Sempre que ouvia a peça imaginava o céu noturno do outro lado da sua janela. O luar derramando-se sobre um mundo silencioso. Aya sentou-se ao lado do rapaz e começaram a tocar o *Clair de Lune*.

Tocaram um arranjo entregando-se ao subir e ao rolar das ondas sob o luar.

Jin Kazama ria, com a boca aberta, ria.

E de repente também Aya ria.

De súbito, a peça mudou.

Fly Me to the Moon.

Qual deles começara? Viera do nada – era só o que podia dizer.

Afinal, aquele rapaz fizera mesmo uma versão em rumba da canção infantil *Zui zui zukkorobashi*.

Tocaram à vez a linha do baixo, trocando os solos. Depois, *Fly Me to the Moon* deu lugar ao segundo andamento da *Sonata ao Luar* de Beethoven.

Percebo, pensou ela. *A abertura assemelha-se um pouco*.

E depois o terceiro andamento.

Lançaram-se a ele num ritmo perfeito, em completo uníssono.

Aya sentia-se como se fosse duas, como se se ouvisse em estereofonia.

Um barco a motor deslizando sobre a superfície da água? Era o que aquilo parecia? Não – mais o arrepio de deslizar de ski sobre a água, a toda a velocidade, com a espuma do mar a voar em volta. A emoção de saber que um movimento em falso e seriam esmagados pelas ondas.

No momento seguinte, Aya passava sem interrupção para *How High the Moon*, enquanto Jin continuava com Beethoven. Juntaram-se num acompanhamento: uma versão fluida e vertiginosa num compasso de 1/16. Aya lançou uns glissandos supersónicos.

Posso voar. Voar para qualquer lado.

Aya ergueu os olhos para o teto. Depois para a lua.

Posso mesmo voar. Deu por si a olhar para uma estrela que brilhava ao de leve, lá longe. A sua *Primavera e Asuna*. Estava ali.

Over the Rainbow

O terceiro e último dia da segunda eliminatória.

Masami passara toda a noite a editar o vídeo. Obtivera muitas imagens, de modo que se não o editasse agora as coisas acabariam por ser mais difíceis.

Se Akashi passasse a segunda eliminatória, continuaria a filmá-lo, mas como ele passara a primeira, tinha agora uma ideia melhor de como tudo se traduziria num documentário digno de ver. Se tivesse sido eliminado na primeira, o programa teria inevitavelmente perdido impacto, como tal, sendo ela a realizadora do filme, suspirou de alívio quando ele passou.

Focara mais pianistas, da Rússia e de outros países, mas nenhum deles passara à segunda eliminatória. A família de acolhimento de um deles dissera-lhe: “Nenhum dos candidatos que ficou na nossa casa passou da primeira eliminatória. Trata-se de uma linha muito ténue, não é verdade? Temos muita pena deles.”

Pareciam sofrer mais do que os próprios pianistas. As famílias de acolhimento tinham-nos levado a comer *kaiten* sushi para os animar. Embora tivessem sido eliminados na primeira eliminatória, agendaram um miniconcerto na escola primária local e Masami obtivera autorização para os filmar. O concurso de Yoshigae encorajava os participantes a tocarem em concertos locais e ela soubera que havia também outros eventos a ter lugar, inclusivamente aulas para crianças.

Restava ainda algum tempo antes da comunicação no final da segunda eliminatória, por isso Masami decidiu filmar alguns dos voluntários da produção. Talvez porque também ela trabalhava nos bastidores, sentia muita empatia com o pessoal que fazia um trabalho tão importante. O concurso de Yoshigae em especial, apoiava-se sobremaneira em voluntários locais e o seu entusiasmo e dedicação eram inspiradores. Alguns trabalhavam ali desde o primeiro concurso e ela sabia o quanto todos eles desejavam o evento. Diziam-lhe que escolhiam um pianista de quem gostavam particularmente e incentivavam-no ardentemente. E se a sua escolha acabasse por vencer e conseguir uma carreira mundial? Bom, tanto melhor.

Masami entendia como o drama agri-doce de um concurso internacional de piano conseguia cativar as pessoas.

Porém, o que considerava estranho era a frequência com que certos pianistas, que tinha a certeza de que progrediriam no concurso, acabavam por falhar. Parecia haver muitos exemplos de favoritos do público descartados pelos membros do júri. Como comparavam esses jurados os pianistas de elite? Era tudo muito confuso.

Sempre que perguntava às pessoas quais os mais prometedores pianistas desse dia, para além dos da Rússia e da Coreia, os nomes que surgiam com maior frequência eram os de Jin Kazama e Aya Eiden.

Kazama era um aluno desconhecido do ensino secundário que passara nas audições de Paris. Quando Masami vira a fotografia dele, dissera que era giro, o que levava Akashi a dizer-lhe que deixasse de parecer uma mulher de meia-idade a babar-se por ver uma cara bonita. Quanto a Aya, Masami ouvira dizer que fora uma menina-prodígio que tocara como profissional, mas que de súbito deixara de o fazer e que tinha esperanças num regresso. Ambos tinham histórias de vida comoventes.

Akashi mencionara ter sido grande fã de Aya. Masami também a vira agora tocar. Quando entrara em palco parecia tão pequena, porém quando começara a tocar a sua força e presença tinham-na engrandecido.

Ainda faltava muito tempo, mas, quando Masami pedia a alguém a previsão de um vencedor, o primeiro nome que surgia era o do americano Masaru Carlos Levi Anatole, que Akashi também ouvira tocar e que o arrasara. Outro nome que surgira era o de Jennifer Chan, também americana e aluna da Julliard. Ambos eram pianistas soberbos e de grande envergadura. Jennifer já fizera a sua estreia profissional na América.

Parecia haver bastantes cidadãos dos Estados Unidos com raízes asiáticas. Jennifer Chan era de origem chinesa; as origens de Masaru eram difíceis de identificar apenas pela sua aparência, pois eram japonesas, peruanas e francesas. Imensamente popular, era evidente que já cativara os corações do público. Até para o ouvido pouco treinado de Masami era óbvio que tinha carisma e, para o dizer sem rodeios, também era lindo.

Independentemente do seu aspeto, para tocarem num concurso, estes pianistas tinham de passar horas infindáveis a ensaiar. Masami achava incrível a quantidade de tempo que investiam. Podiam ensaiar dez peças e

serem eliminados na primeira eliminatória. Para muitos, tudo terminava em vinte minutos.

Akashi dormia pouco para ter mais tempo para ensaiar. Podia ser um bom pianista, mas a mulher não tinha uma vida fácil, trabalhando como professora para que o dinheiro chegasse para tudo.

Mas como Akashi parecia feliz quando terminara a sua prestação. Sentira-se arrepiada. *Alguma vez terei sentido uma tal felicidade e realização no meu trabalho?*

Tinha a certeza de que estava na profissão certa, mas seria que o trabalho a fazia feliz? Nunca pensara nisso antes.

Masami estava diante do painel das fotografias dos candidatos à entrada do átrio.

Algumas tinham fitas afixadas. Mas muitas, muitas mais, não as tinham.

Os seus olhos procuraram a imagem de Akashi. Um retrato a preto e branco com o seu habitual sorriso simpático. Riu ao lembrar-se dele a debater-se com a máquina para tirar uma selfie com a fotografia da fita. Mas quando pensou nas dificuldades por que tivera de passar para ganhar aquela fita, teve vontade de chorar.

Não havia dúvida de que o concurso era um evento do mais absurdo e cruel.

Porém, também se apercebia de como tudo aquilo a seduzia.

Cruel, mas, à sua maneira, perturbador e fascinante.

E seria possível avaliar a arte? A maioria das pessoas diria que não se podia classificar uma arte como superior e outra como inferior. Intelectualmente todos o sabiam.

Porém desejava emocionalmente ver essa distinção. Ver os escolhidos, os vencedores, a meia-dúzia de pessoas a quem esse dom fora oferecido. E quanto maior a luta, mais emocionante seria, mais comovedora a alegria e as lágrimas.

Masami queria assistir ao drama humano, à viagem até esse ponto. Ver as pessoas chegarem ao pináculo, mas também aperceber-se das lágrimas daqueles que não o atingiam.

Adoraria vir um dia a este concurso como um vulgar membro do público. Gostaria de vir com uma pessoa amiga. Que maravilha poderem escutar juntas a música, sentir o drama, testemunhar esses momentos.

A prestação anterior terminara, as portas da sala abriram-se e a multidão saía.

Hoje escuto as prestações como parte do meu trabalho, como alguém a quem foi atribuída uma tarefa. Masami recompôs-se e entrou na sala com a câmara de vídeo na mão.

Ritual de Primavera

Era o terceiro e último dia da segunda eliminatória. A sala estava cheia de gente. As pessoas já competiam pelos lugares bons e a secção da esquerda, voltada para o palco, que permitia ver melhor as mãos dos pianistas, estava a ficar cheia.

Kanade deteve-se ao entrar no bar do hotel.

Aya estava sentada no outro extremo do restaurante e um súbito vislumbre do rosto da amiga fez-lhe estremecer o coração.

Aya-chan... mudaste?

Kanade não era capaz de identificar o quê ou como Aya mudara, mas algo estava diferente nela. Parecia totalmente concentrada em qualquer coisa, olhando fixamente para o espaço, completamente perdida nos seus pensamentos.

Kanade gostaria de saber o que haveria por detrás daquela nova expressão. Era como se algo se tivesse concentrado, destilado. Algo... maduro. Como se no espaço de uma única noite ela se houvesse transformado na própria imagem de um filósofo contemplativo.

– Bom dia, *Aya-chan* – cumprimentou-a Kanade, deixando cair a mala na cadeira em frente da amiga.

– Oh... bom dia – disse Aya, parecendo sobressaltada.

Kanade morria de vontade de lhe perguntar o que acontecera, mas conteve-se. Algo dentro dela a avisou que seria melhor não interromper aquele momento de concentração. Aya mexia o café com uma colher.

– Dormiste bem? – perguntou Kanade, aproveitando o momento.

– Nem por isso – Aya soltou um bocejo enorme. – Tinha tantas coisas na minha cabeça. Quero *tanto* tocar.

– Bem sei – disse Kanade. – É difícil ser a última do programa.

– Se tivesse mais tempo para pensar, ainda ficaria mais confusa.
– Hã? – surpreendeu-se Kanade.
– As coisas podem mudar mais uma vez depois de ouvir tocar o Jin Kazama.

Kanade percebeu – a impaciência de Aya não era por ser a última a tocar.

– Estarás talvez a falar da *cadenza* para a *Primavera e Asura*?

Aya assentiu.

– Apaguei a *cadenza* do Ma-*kun* da minha mente, mas, desde aí, tenho andado com várias ideias às voltas.

– Entendo...

Kanade estava em parte chocada, em parte impressionada. Não era uma dificuldade negativa. Não imaginava que outro candidato se estivesse a debater desse modo – acerca de qual entre muitas *cadenzas* escolher.

Bom, mas um concurso era exatamente aquilo, disse para consigo. Percorrer o próprio caminho era muito bom, mas não se este terminasse algures onde uma pessoa ficasse sozinha.

– O Jin Kazama e eu colocámos ambos a *Primavera e Asura* no meio do nosso programa, por isso a nossa abordagem é um pouco diferente daqueles que a colocaram no princípio ou no final – disse Aya.

Ah, é então no Jin Kazama que ela pensa.

Jin, com a sua forma de tocar livre, calma e alegre. Compreendia por que Aya, aparentemente um génio, se sentia atraída. Sentia nele uma alma gémea.

Kanade apercebera-se, a partir de boatos e do ambiente na sala, que os membros do júri e os pianistas mais tradicionais tratavam Jin como uma espécie de colorido *acrescentado*. Faria mais sentido Aya estar preocupada com colegas como Jennifer Chan ou Masaru Carlos.

– A conversa do momento é toda acerca de como a *cadenza* do Príncipe da Julliard foi fantástica – disse Kanade.

– Sim, o Ma-*kun* é um verdadeiro génio. Tem um potencial ilimitado – comentou Aya com leveza, pondo um ponto final no assunto.

– Vou buscar mais café – acrescentou, levantando-se. Kanade viu-a afastar-se.

Por vezes ela não faz a mínima ideia de como os outros se sentem – pensou.

*

Muito cedo nessa mesma manhã, Jin Kazama dormia dentro de um saco-cama.

Em vez de lhe arranjar um hotel, o pai apresentara-o ao dono de uma famosa loja de flores de Yoshigae. O filho desse homem fora colega do pai de Jin na universidade.

– Um concurso internacional? Mas nem sequer temos piano.

Quando Jin apareceu de saco-cama às costas e o abriu num canto da sala, o dono ficou um pouco atrapalhado.

– Preparei-te um quarto – disse. Mas Jin estava habituado ao saco-cama e dormia mais profundamente nele do que noutro lado qualquer.

O pai telefonara para explicar ao amigo que deveria deixar Jin fazer o que preferia e o homem cedeu.

Com o passar dos dias, o dono do negócio de flores habituou-se a ter Jin a dormir profundamente num canto da sala, depois a levantar-se e a preparar-se para o seu dia. Pura e simplesmente deixava-o fazer o que lhe apetecesse.

O dia começava cedo na loja de flores.

Quando o sol nascia para anunciar um novo dia, já o pessoal chegava do mercado das flores.

Jin sentia a luz da manhã entrar e desfrutava dos sons dos funcionários da loja, já atarefados. A sensação da água fria, o cheiro estimulante das flores recém-cortadas, a fragrância da vida. Plantas japonesas, com o seu verde vibrante, lançavam um perfume singular, quase decadente.

O dono da loja era um empresário, mas também um artista célebre de arranjos de flores e ensinava vários alunos.

Era o tipo de pessoa que Jin bem conhecia. Agricultores e hortofloricultores, pessoas que trabalhavam com a natureza e especialmente com plantas, eram extraordinariamente pacientes. Os humanos pouco podiam fazer quando lidavam com o mundo natural. Podiam esforçar-se, mas a garantia de recompensa era muito escassa.

Quando Yuji Von Hoffmann se juntou a Jin e ao pai nas suas viagens, aconselhando-o acerca de vários pianos em várias localidades (a maioria das pessoas que punha os pianos à disposição eram académicos de

Ciências Naturais ou agricultores, conhecidos do pai de Jin) ficara com uma impressão semelhante.

– Talvez seja este o verdadeiro rosto da música – dissera.

Jin ouviu de novo a voz do maestro: “Regas para ajudar as coisas a crescer, adaptas o trabalho segundo a chuva e as mudanças do vento e da temperatura. Um dia, inesperadamente, as flores desabrocham e podes colhê-las. Ninguém sabe a recompensa que trará o seu trabalho. Tudo isso pode apenas ser visto como um dom que ultrapassa o entendimento humano.

A música é ação. O hábito. Se escutares com cuidado, descobrirás que o mundo está cheio de música”.

A noite anterior fora tão divertida, pensou Jin, com um sorriso no rosto.

A *Sonata ao Luar, How High the Moon*. Podiam voar para onde desejassem. Aquela miúda era fantástica. Nunca conhecera ninguém como ela, alguém com os sentimentos tão em harmonia com os seus.

Até onde voaremos hoje? Interrogou-se.

Jin sentiu-se de repente completamente acordado e cheio de fome.

Talvez devesse comer um pouco de arroz e um ovo, pensou, sentando-se e tentando sair do saco-cama.

Uma recordação acudiu-lhe à mente enquanto tentava deslizar para fora do saco-cama sem o desmanchar. Na noite anterior colocara as calças, a sua melhor roupa, debaixo do saco-cama para as manter impecáveis enquanto dormia, mas quando dera a volta, elas tinham saído do seu lugar e estavam agora cheias de rugas.

Terei de pedir emprestado um ferro de engomar, pensou.

Coçou a cabeça, frustrado, espreguiçou-se e levantou-se.

*

Kanade não era a única pessoa a pensar que a expressão de Aya se alterara.

Assim que Masaru viu a amiga ao pequeno-almoço, pensou exatamente o mesmo – *Há nela algo de diferente*.

– Bom dia, Ma-kun. Kanade, este é o Ma-kun.

– Muito prazer em conhecer-te. A Aa-chan já me contou tudo a teu respeito. – Masaru sorriu e inclinou a cabeça.

– Ora... o teu japonês é tão delicado. Estou impressionada.

Masaru soltou uma gargalhada.

– Falo bem, escrever é outra história. Mas voltar aqui ao Japão faz com que me vá recordando pouco a pouco.

– Talvez seja o que acontece com as pessoas que têm bom ouvido.

– Onde vais sentar-te? Outra vez lá atrás?

– Hmm – disse Aya. – Gosto de ficar num lugar de onde possa sair rapidamente. Mas tu e o Ma-kun podem ficar lá à frente se quiserem.

Os três encontraram lugares atrás, no meio.

– Tanta gente.

– Sim. O público de Yoshigae é sempre muito dedicado. Até há pessoas que tiram notas enquanto ouvem.

– Talvez por haver muitos professores de piano no público?

– Aa-chan, o que achaste da minha interpretação? – perguntou Masaru, um pouco hesitante. Estava morto por lhe perguntar.

– Foste espantoso, Ma-kun. – Aya olhou-o nos olhos.

Ela mudara, pensou Masaru nesse mesmo instante. Exatamente como, não sabia dizer. Teria a ver com a maquilhagem? Mas não podia ser, pois Aya não a usava.

– Toda a gente se serve do mesmo pincel e pinta para criar o seu quadro. Tem as suas cores preferidas, certos pincéis que são mais fáceis de usar. Não importa a peça, pintam-na com as mesmas pinceladas. Há quem o veja como individualidade e, de facto, talvez o seja.

De súbito, os olhos de Aya pareceram mais escuros.

É isso, pensou Masaru. *Hoje, os olhos da Aya estão mais sombrios. Há neles uma escuridão enigmática e fria. Como se tivesse testemunhado algo para lá do entendimento humano.*

– Mas tu, Ma-kun – disse Aya –, podes escolher os teus pincéis e as tuas tintas. Tens muitos instrumentos por onde escolher. Se quiseres criar uma pintura a tinta, tens ao teu dispor tinta da China e um pincel japonês. Podes pintar em tela ou num quadro, conforme preferires. Um pianista assim poderia facilmente acabar como um simples técnico, mas tu não Ma-kun.

Masaru compreendia o que ela lhe tentava dizer. Referia-se ao tipo de pianista que tocava tudo muito bem e acabava por ser um mero generalista. Admiravam-lhe a versatilidade – era útil – mas era difícil respeitá-lo.

– Mas o que é mesmo incrível, Ma-kun, é que sejam quais forem os instrumentos que uses, seja o que for que toques, tudo tem a tua assinatura única. Para mim, é *isso* a verdadeira individualidade.

Aya mantinha a sua expressão séria.

Não havia elogio maior e Masaru sentiu o entusiasmo encher-lhe o coração.

Chegaram-lhe à mente memórias reais de quando em crianças estudavam piano e Aya lhe dissera que a sua forma de tocar era como o oceano.

Estou bem, vou estar sempre bem, porque a Aa-chan acredita nisto.

Para além do seu professor, Silverberg, que Masaru muito respeitava, não havia mais ninguém cujo elogio desejasse tanto ouvir.

– Fico muito feliz.

Masaru era todo ele sorrisos, e Aya parecia ter sido um pouco apanhada de surpresa.

– Não fiques assim tão entusiasmado – disse. – Trata-se apenas da minha impressão pessoal. Devias perguntar ao teu professor o que achou.

– Se me *dizes* que é bom, é tudo o que preciso saber.

Ao assistir a isto, Kanade desatou a rir.

– Vocês os dois são como crianças. Fico a pensar se eram assim quando andavam juntos na escola de piano.

– Talvez.

– Aa-*chan*, hoje há algo de diferente em ti. Aconteceu alguma coisa?

As palavras de Masaru apanharam Kanade de surpresa. Ah, então passa-se *alguma* coisa.

Aya parecia confusa.

– Não sei o que é, mas hoje estás diferente.

– Sim, também pensei isso – concordou Kanade. Aya olhou alternadamente para um e para o outro.

– A sério? Não dormi lá muito bem, de modo que talvez pareça cansada.

Inclinou a cabeça e esfregou a face.

– Não – comentou Kanade. – É como se a tua expressão se tivesse alterado. Pareces mais adulta, talvez.

– Hmm – Aya parecia refletir sobre essa ideia. Levantou os olhos.

Ah – lá está outra vez. Aquela expressão sombria nos olhos dela.

- Percebo. Talvez porque foi tão divertido.
- Divertido? Perguntaram em uníssono Masaru e Kanade.
- Ontem quando ouvi a *cadenza* do Masaru, fiquei a pensar. Levei muito tempo até que ela me saísse da cabeça. Mas enquanto pensava, chamou-me a atenção por ser... tão divertida!
- Tão divertida – disse Masaru.

Divertida, a música? Ou o concurso?

– Bem sei que já é tarde para dizer isto, mas comecei a achar tudo muito gratificante. A nova composição, o concurso. Todos nós, reunidos assim, a tocar piano. Talvez seja por isso que pareça diferente.

Soltou um risinho. Masaru e Kanade olharam um para o outro. A rapariga que ali estava era extraordinária. Até que ponto conseguiriam conhecê-la?

*

O concurso durava havia mais de uma semana. E com o som a derramar-se sobre eles, dia após dia, na mesma sala de concertos, habituavam-se ou talvez se cansassem. O facto é que, à medida que o tempo passava, mais difícil era distinguir uma boa interpretação de outra que não o fosse.

Havia até algumas que os faziam pensar como fora possível o pianista ter passado à segunda eliminatória.

As pessoas também falavam do caso de vários pianistas que, tendo passado à final de um importante concurso no princípio do ano, haviam agora sido eliminados depois da primeira eliminatória.

Umas vezes estamos “na zona”, outras não. Se conseguirmos ser perfeitos, passamos, se não conseguirmos, não passamos. É por isso que se diz que os concursos são uma espécie de jogo de azar. Mesmo que um pianista esteja na berra, se a sua prestação não satisfizer, vai tudo por água abaixo.

Akashi Takashima gostava muito de ouvir a prestação dos outros pianistas.

Havia anos que não participava num concurso, e adorava pôr-se a par dos estilos de interpretação e de que peças eram agora populares. Era emocionante envolver-se na última moda do mundo musical.

Sendo este o último dia da segunda eliminatória, era natural que Akashi pensasse no anúncio dos pianistas aprovados.

Esperava ansiosamente as sucessivas aparições de Jin Kazama e Aya Eiden, os dois últimos pianistas dessa eliminatória.

Recordou como fora especial a prestação anterior de Kazama.

Se alguém lhe tivesse perguntado o que tivera de tão memorável, ser-lhe-ia difícil responder.

Tudo o que Akashi recordava era de ter ficado siderado, comovido por nunca ter ouvido uma interpretação como aquela.

Todos reconheciam a criatividade de Jin, porém circulava o boato de que os membros do júri não o consideravam excecional. Em parte Akashi entendia, em parte não.

Criatividade. Atualmente, todos os músicos a desejavam loucamente, mas o que significa criatividade quando é vista como algo negativo? Akashi pensava entender as minúcias de um concurso, mas horrorizou-se com as notícias acerca do que algumas pessoas pensavam de Jin.

Para ser franco, como candidato, claro que lhe agradava qualquer coisa que reduzisse o número de adversários. Porém, como amante da música, esperava que valorizassem uma atuação especial como a daquele rapaz.

E depois havia Aya Eiden.

De cada vez que olhava para a brochura, não podia evitar uma inocente excitação, como se tivesse encontrado de novo o primeiro amor.

A prestação dela fora tão viva, tão incrível.

Tinha um ar completamente diferente. Uma sensação de convicção inquebrantável, de uma pessoa que percorre o seu caminho. Fazia-lhe estremecer o coração.

Tinha a certeza de que ficaria bem classificada, mas, e depois do concurso? Continuaría a atuar? Também outros deviam ter feito a si próprios a mesma pergunta. Seria aquilo uma afirmação de que voltaria? Ou uma espécie de exame que fazia sem realmente se importar com o resultado?

De qualquer forma, sentia-se em transe, só de pensar que a ouviria mais uma vez.

E depois havia a *Primavera e Asura*.

Muitos candidatos tinham-na considerado meramente uma invulgar peça de exposição, mas Akashi pensava que possivelmente representaria um papel muito mais importante do que a maioria esperava. A prova estava no modo como até ali grande parte das suas impressões acerca da

segunda eliminatória tinham todas a ver com a maneira como esta peça fora interpretada.

Todo o recital de Masaru fora brilhante, mas Akashi tinha uma impressão vívida e intensa da sua *cadenza* para a *Primavera e Asura*. Dependendo de como fosse abordada esta peça, poderia despertar um enorme interesse.

E era também essa a esperança de Akashi. Confiava na forma como tocara *Primavera e Asura*, certo de que fizera melhor do que qualquer um ao interpretar a poesia que sustentava a composição. Mas a questão era – alguém o reconheceria?

Era esta a sua secreta esperança.

Tenho uma real possibilidade de também ganhar esta coisa.

Akashi sentiu elevar-se o seu espírito competitivo.

*

A sala estava já a abarrotar e, quando as portas se abriram, ainda entrou mais gente.

Takubo lançou um olhar por cima do ombro para o rapaz que tinha atrás de si.

Jin Kazama parecia completamente descontraído.

– Kazama-kun, hoje também só há lugares de pé, por isso o que quer que faça?

Asano, o afinador de pianos estava prestes a sair.

O rapaz esfregou a cabeça enquanto refletia.

– O piano está bem onde está. Dê-lhe só um som um pouco mais suave.

– Mais suave?

– Sim, para que não pareça vivo demais.

– Mas há mais gente hoje do que quando tocou da outra vez. Há duas filas de pé nas coxias – Takubo não pôde deixar de explicar. – Um público tão numeroso vai engolir o som.

O rapaz abanou a cabeça.

– O público está cansado, a sala está estagnada, o ar está esgotado. Há muita humidade acumulada com tanta gente a respirar.

Takubo e Asano olharam um para o outro.

– Além do mais, depois de mim, vai tocar aquela senhora e a sua prestação é mais viva e alegre que a de qualquer outra pessoa. Vai acordá-

los. – O rapaz sorriu.

– Fica então satisfeito com um som mais suave? – Asano queria ter a certeza. Passou rapidamente para o palco e, ignorando a vozeria do público, começou a afinação.

O rapaz escutava, fazendo de vez em quando um pequeno aceno com a cabeça.

– É isso – disse. – Era isso mesmo que eu queria.

É mesmo um rapaz invulgar, pensou Takubo olhando para ele.

Um candidato inesperado. A expressão surgiu-lhe na mente.

– Na verdade é um piano fantástico – disse Jin a olhar para o palco. Tinha uma expressão surpreendida, quase travessa.

Aquele rapaz era completamente imprevisível, pensou Takubo.

Asano continuou a afinar até ao último momento do intervalo, sentindo certamente a pressão das instruções para que o som do piano fosse *suave*.

Voltou para os bastidores, parecendo pouco à vontade.

– Parece-lhe bem?

– Sim.

O rapaz sorriu e ergueu a mão.

Asano pareceu inseguro por um instante, mas assentiu e chocou com a mão na dele.

Takubo reparou que o público começava a ficar em silêncio. Pigarreou.

– Bom, Kazama-*kun*, chegou o momento.

Jin Kazama entrou em palco, exatamente como se fosse passear o cão ao parque, numa tarde de sol.

Por um instante, quando o rapaz entrou, Takubo pensou ver um raio de sol e uma floresta verde no palco.

Jin inclinou ao de leve a cabeça e sentou-se no banco como se estivesse ansioso por começar. O público ficou imediatamente em silêncio. Todos sabiam que ele gostava de se atirar à música.

Masaru teve a ilusão de que todos os lugares da sala se tinham elevado.

Era muito estranho, mas assim que o ouvia, era como se todas as células da assistência respirassem fundo e o corpo das pessoas ficasse mais leve.

Estudo N.º 1 de Debussy.

Uma escolha audaciosa, pensou Masaru. Ousada, mas perfeitamente adequada a ele.

Como o subtítulo – *Pour les Cinq Doigts D’après Monsieur Czerny* – sugeria, a peça fazia-nos lembrar uma criança que começava a aprender piano. A princípio tratava-se de uma escala ascendente e descendente, desajeitada e irreverente para cinco dedos, mas esta impressão de uma sessão básica de piano em breve evoluía para algo mais. Os dedos tímidos tomavam um toque mais seguro e forte, as mãos direita e esquerda, assimétricas, movendo-se agora num dinâmico uníssono, até que esta *peça para estudo* acabava como uma espantosa *interpretação*.

Tão ofuscante. Tão evocativa das cores de Debussy. Masaru estava assombrado.

*

O jovem parecia prolongar as suas próprias frases improvisadas em cada peça que tocava.

Kanade esforçou-se para não perder uma única expressão do rosto dele, ou do modo como os seus dedos se moviam.

Seria apenas uma *forma acrescentada ao colorido*? Ou a *verdadeira coisa*?

As suas primeiras impressões eram geralmente acertadas, mas em relação a Jin o seu olho crítico deixara-a ficar mal. Uma coisa podia dizer, nunca ouvira um músico clássico como ele.

Talvez Friedrich Gulda? Ou Frazil Say? Não – havia nele algo de fundamentalmente diferente desses pianistas de cruzamento de géneros. A sensação de improviso *live-wire*. Algo impossível de imitar.

A segunda peça que tocou era do *Mikrokosmos* de Bartók. Os tons algo telúricos de Bartók, a sua melodia jazzística, extravagante, adaptavam-se bem ao rapaz. Selvagem, poder-se-ia dizer? Animalista? Parecia haver crianças a divertirem-se lá fora.

Nathaniel Silverberg surpreendeu-se a si próprio ao sentir um genuíno interesse pela atuação.

A intuição dizia-lhe que aquela não seria a escolha de programa do Maestro Hoffmann. O rapaz tinha uma capacidade instintiva para editar – capacidade que, nos dias de hoje, os músicos tinham obrigatoriamente de possuir. A capacidade de produzir por si próprio, de mostrar o tipo de músico em que se queria transformar. Apenas os que possuíam esse ponto de vista objetivo se destacavam da multidão e sobreviviam. Tocar ao vivo

num palco era como compilar um álbum e, através de peças alheias, de todos os períodos históricos, atrair ouvintes ao seu mundo interior para mostrar a sua visão única do mundo.

O Maestro Hoffmann tratara Jin como seu igual.

Este pensamento trouxe-lhe uma ligeira pontada de dor.

Havia muitos pretensos alunos de Hoffmann, ou os que eram considerados como tal por outras pessoas, mas nenhum deles fizera uma sessão improvisada com o maestro.

Apenas aquele rapaz que estava agora em palco.

Maestro, como se lembrou de o ensinar?

Silverberg não podia evitar esta pergunta.

Ficaria satisfeito se o dom que nos legou explodisse? Deve ter imaginado perfeitamente o choque para todos nós, os envolvidos na educação musical. O que lhe acontecerá depois de explodir? O que devemos fazer com ele? Quem o ensinará?

Bartók. O seu *Mikrokosmos*. Bartók era um homem que adorava as melodias populares da sua terra e dedicava a vida a pesquisá-las. Porém, fora obrigado a abandonar a sua pátria e acabou desiludido, num país longínquo. Um compositor nómada – e agora este rapaz tocava as suas rústicas melodias.

Maestro, ninguém o pode ensinar. Deseja que ele seja um pianista nómada? Não se importa? Nathaniel continuava a fazer estas perguntas a ninguém em particular.

*

Akashi Takashima esperava pela peça seguinte com a respiração suspensa. Sentia-se estranho, como se rezasse ou talvez tivesse vontade de chorar.

De que prestação estarei eu à espera? De uma que me encoraje para a minha? Ficaria aliviado sabendo que a minha interpretação era excelente? Ou... estarei à espera de algo que me arrase?

A Primavera e Asura de Jin Kazama começou calmamente.

Um início natural, como que a continuação de *Mikrokosmos*, a peça anterior.

A peça evoluiu com simplicidade. A vida quotidiana. O caminho habitual. Abre a janela e o novo dia nasceu. Natureza. As leis do universo

que rodeiam a atividade humana. Tomadas como certas, enchem as nossas vidas.

Até ali a interpretação seguia a partitura. Uma abordagem direta, parecida com as suas improvisações, mas ainda muito suave. Uma leitura pouco diferente da dos outros.

Porém, assim que mergulhou na *cadenza*, esta impressão ficou completamente esmagada.

O público paralisou.

A *cadenza* que Jin Kazama desenvolveu foi cruel e brutal até ao absurdo.

Os *tremolos* assustadores e clamorosos apunhalavam o peito dos membros da assistência e eram dolorosos de ouvir. Acordes persistentes no registo inferior.

Um grito estridente, um ruído surdo, um vento irado. Uma ameaça aberta, terrível, irresistível.

Uma *cadenza* violenta, nada como as outras interpretações agradáveis, naturais e inocentes.

Akashi apercebeu-se de que mal respirava.

Aquilo era sem dúvida *Asura*.

Akashi sentiu que a sua interpretação mais indulgente da peça lhe fora lançada à cara.

Jin usava a sua *cadenza* para exprimir o papel de *Asura* – a noção da luta e do conflito.

A natureza não se limita a envolver suavemente os humanos. Pelo contrário, desde os tempos antigos que os derrota e quase os leva à extinção.

O poeta Kenji Miyazawa estava dolorosamente consciente disto. Nos seus tempos, a uma catástrofe natural seguia-se outra, na zona norte de Tohoku onde vivia. O gelo seguido de más colheitas, de erupções vulcânicas e tremores de terra. As pessoas erguiam os olhos ao céu, a soluçar sufocadas, sofredoras. As crianças e os idosos morriam de fome. Era uma realidade fria e impiedosa. Mas, mesmo assim, a primavera chegava e as estações do ano iam e vinham.

O filho de um apicultor; a ferocidade da natureza que os humanos não conseguiam combater – sem dúvida Jin experimentara tudo isto. Eram as imagens de beleza, cósmicas e zen, que Akashi e os outros tinham tentado

expressar. Mas Jin Kazama confrontara-as e apresentara-as com a sua violência, com a verdadeira *Asura*.

Akashi sentiu uma irritação incômoda, que se transformou numa dor intensa e numa felicidade incrível. Não sabia o que sentia, ou o que deveria sentir.

*

O estilo de Jin Kazama não permitia espaço para aplausos entre as peças pois avançava rapidamente.

Para a sua quarta peça escolheu *São Francisco de Assis Pregando aos Pássaros*, N.º 1 das *Deux Légendes* de Liszt. Era mais vulgar os pianistas escolherem a N.º 2, *São Francisco de Paula Caminhando Sobre as Águas*.

Mas a peça N.º 1 adaptava-se a Jin Kazama.

Mieko sentiu uma estranha sensação de profundo respeito por ele ter incluído aquilo logo a seguir à tempestuosa *cadenza* de *Primavera e Asura*.

São Francisco era um santo da Igreja Católica que vivera nos séculos XII e XIII, nascido numa família de abastados mercadores; desistira da sua riqueza para viver uma vida mendicante, e diz a lenda que comunicava com pássaros e outros animais. A peça ilustra o pipilar e o bater das asas, enquanto São Francisco conversava com eles.

Os infundáveis *tremolos* e trinados dos dedos de Jin Kazama invocavam a Mieko imagens reais – pássaros esvoaçando e divertindo-se com um rapazinho esfarrapado num lugar deserto.

Como conseguira Jin dominar um modo de expressão que lhe fosse tão natural como respirar?

Era como se tentasse apagar a partitura...

Apagar a partitura. O que poderia significar?

Desenredar no palco a face exposta e nua da música...

Por um instante, Mieko sentiu que se apercebera de algo. Parecia-lhe sentir o coração fugazmente tocado por uma visão daquilo que o Maestro Hoffmann esperara para aquele rapaz.

Mas tudo se apagara antes de o poder expressar por palavras. Frustrada, Mieko fez estalar a língua interiormente. Houvera uma gloriosa mudança quando as palavras de São Francisco se transformaram na luz da revelação a brilhar sobre um mundo renovado.

Era como se Jin Kazama e São Francisco fossem um só.

Agora que pensava nisso, via a semelhança. Jin não tinha piano, transportava a música na sua cabeça, movia-se incansavelmente de um lado para o outro, falando com as abelhas. Livre e sem entraves.

Mieko olhava para o rapaz no palco, banhado de luz.

*

Masaru nunca ouvira Kazama tocar Chopin e desejava ardentemente a peça final, O Scherzo N.º 3 de Chopin em Dó Menor.

Para Masaru, tocar Chopin, o autor de melodias com doçura e popularidade, revelava a verdadeira essência do executante.

O Scherzo N.º 3 tinha muito a ver com Jin e fluía perfeitamente a partir da sua peça anterior, *S. Francisco de Assis Pregando aos Pássaros*.

Depois, o tom mudou. Masaru sorriu, mesmo sem querer. Tratava-se de uma versão sensacionalista de Chopin, se é que alguma vez isso seria possível!

Scherzo significava piada ou partida em italiano, e o *scherzo* de Jin Kazama era *especialmente travesso*.

Jin parece gostar tanto de tocar, pensou Masaru. Se o ouvirmos, acabaremos por também morrer de vontade de tocar, de correr para o piano mais próximo para desfrutar tanto quanto ele.

Avaliá-lo seria uma perda de tempo, pois como membro do público a reação seria apenas querer ouvi-lo mais.

*

Masaru apercebeu-se de que parte da sua pessoa analisava friamente o modo como os membros do júri poderiam avaliá-los a ambos.

Talvez Masaru tivesse vantagem, pois os jurados considerariam a sua peça mais fácil de agarrar, de avaliar. Se não gostassem da direção que Jin tomara, provavelmente não o deixariam passar para a eliminatória seguinte.

Mas se Jin conseguisse passar à terceira eliminatória – bem, então as coisas tornar-se-iam interessantes.

Saberiam os resultados dentro de poucas horas.

Mas primeiro, *Aa-chan* – a última pianista da segunda eliminatória. Ao olhar para o génio ainda no palco, Masaru perguntou a si próprio; *Então*

Aa-chan, como será que vais tocar?

Ela encontrava-se na sala verde, à espera de entrar, mas Masaru falou com ela na sua imaginação.

A Primavera e Asura de Jin fora extraordinária. Masaru nunca esperara que ele usasse aquela abordagem. *Agora que ouviste aquilo, Aa-chan, como irás tocar?*

*

O recital de Jin aproximava-se de um fecho deslumbrante. Tocou o último acorde do *scherzo* com uma centelha incandescente, depois pôs-se de pé de um salto, enquanto um aplauso ardente, quase enlouquecido, enchia a sala.

Os membros do público, corados, levantavam-se um a um para o ovacionar.

As pessoas batiam com os pés e assobiavam.

Jin Kazama sorriu e dirigiu-se desajeitadamente aos bastidores.

A ovação era tão ruidosa que as pessoas que se encontravam encostadas à parede do fundo tinham de gritar umas às outras para se fazerem ouvir. Alguém reparou numa jovem que ali estava calmamente, de pé.

Tinha um vestido de cerimónia verde, cuja bainha segurava, e olhava fixamente para o palco. Era Aya Eiden.

Não fora fazer o aquecimento para a sua prestação e preferira ficar a ouvir Jin Kazama tocar ao vivo. Quando as pessoas começaram por fim a dirigir-se para as saídas, ela olhou em seu redor, sobressaltada, e saiu da sala, segurando ainda bem alto a bainha do vestido.

Fogo-Fátuo

Um vento fresco soprava do palco.

Ainda se mantinha o entusiasmo pela prestação de Jin Kazama, mas era evidente que o ar estava já diferente.

A jovem de vestido verde-escuro entrou em palco.

O público apercebeu-se da estranha dignidade que esta jovem possuía, diferente da de todos os outros candidatos anteriores.

*

Quando Aya avançou para o banco do piano, olhos semicerrados e uma expressão etérea no rosto, Masaru sentiu que tinha visto a sombra dela a flutuar sobre o palco e a projetar-se no chão.

O aplauso trouxe de volta a tensão e a antecipação – a assistência esperava ansiosamente aquela atuação.

Aya instalou-se e, por um instante, olhou para cima, para um ponto no espaço, com os seus pensamentos noutras paragens.

Está a fazer o mesmo outra vez, pensou Masaru. Olhou para cima, para o mesmo ponto, na primeira eliminatória.

Masaru desejou, também ele, poder ver aquilo para que Aya olhava.

Ela poisou as mãos nas teclas.

O mundo dramático de Rachmaninoff surgiu, como uma violenta bofetada, uma presença enorme que subitamente se desse a conhecer.

Masaru sentiu-se arrepiado. Aya transformara-se.

Études-Tableaux, Op. 39, N.º 5, Apassionato em Mi Bemol Menor.

Aya transformara-se durante a noite.

Tornou-se tão divertido. Recordou-se das palavras dela nessa manhã.

A transformação devia ter acontecido enquanto escutava Jin Kazama. Mas agora, num instante, aquela vibrante atuação apagara-se da mente do público. Contudo, dera-lhe um ponto de partida para construir o seu próprio castelo.

Esta voz absolutamente confiante. Estava a criar um enorme quadro feito de som.

*

Uma tão grande quantidade de informação, pensou Akashi.

O que separa o som de um profissional do de um amador é a diferença nas camadas de informação. Cada som que ela emitia estava eivado de uma espécie de filosofia e visão do mundo, mas era também alegre e novo. Essas camadas nunca solidificavam, vibravam continuamente, ideias quentes, cinéticas, fluindo como magma sob a superfície. A música transformava-se num ser *vivo* e orgânico.

Dava a sensação de uma presença mais elevada a olhar lá do alto. A própria Aya era como um xamane ou espírito que utilizava o piano como médium. Como se este usasse Aya como o seu vaso.

A concentração de Aya nunca vacilou. Fechou os olhos por breves instantes, antes de se lançar na segunda peça: Estudo Transcendental N.º 5, *Fogo-Fátuo*, de Liszt.

Como o nome indica, recorda pequenas labaredas pálidas. Uma partitura densa, conhecida como sendo de uma das peças mais difíceis do repertório de piano.

Em contraste com a de Rachmaninoff, esta peça era extremamente delicada. Tocá-la era como enfiar pequenas contas multicolores no mais fino dos fios.

Podíamos ver – podíamos realmente ver – o fogo-fátuo a ondular na escuridão. E quase sentir o cheiro fosfórico.

Uma multidão de luzes pálidas e ofuscantes brilhando e cintilando para depois desaparecer.

Admirável, porém, que um dinamismo tão modulado saísse de um corpo tão pequeno. O toque de Jin Kazama fora muito poderoso, mas aqui havia uma incrível clareza de som, como que amplificado por um altifalante.

Akashi recordou-se de um professor que dizia que apenas o talento podia produzir um som tão imenso.

Os dedos de Aya detiveram-se e as chamas desapareceram.

A sala estava em silêncio.

Aya fechou os olhos. O público susteve a respiração.

A seguir seria *Primavera e Asura*.

Akashi engoliu em seco.

*

A versão que Jin Kazama apresentara da peça fora tão chocante para Aya que, desde que ela a escutara, algo dentro de si começara a girar a alta-velocidade, procurando desesperadamente uma resposta.

Aya apercebeu-se de que os seus dedos tinham começado a tocar a melodia de abertura de *Primavera e Asura*.

O universo.

Ergueu o olhar para um ponto, algures por cima do piano.

E viu a escuridão desenrolar-se diante de si.

O restolhar do prado. Sentia a erva por baixo das plantas dos pés nus, as pontas frescas da relva a picarem-lhas ao de leve. O vento soprava, vindo sem saber de onde, levantando-lhe o cabelo, erguendo e baixando a bainha do seu vestido.

Quem está aí?

Aya sentiu alguém atrás de si, a ver, *a tomar conta*. A conferir-lhe uma aura quente, levemente assustadora.

Quem és tu?

Sentia as costas a arder num formigueiro causado pela luz fria. Alguém estava fisicamente presente.

Uma presença que conhecia bem, afetuosa, nostálgica.

Os seus dedos tocavam *Primavera e Asura*. Uma melodia queixosa, porém, divertida.

Aproximava-se a *cadenza*. *Dando livremente a sensação do universo*.

Aya tinha a ilusão de se expandir como Alice no País das Maravilhas. Aumentando dentro de um universo escuro e sem dimensões.

Os seus dedos pareciam estar muito longe, por baixo dela. Porém sentia-os aguçados, intensos. Cada canto do seu corpo lhe dizia com precisão o tipo de som que produzia.

Seria àquilo que chamavam “estar na zona”?

Sentiu-se dividida em muitos “eus” – um avaliava-a friamente, outro tocava a melodia, outro estava atento ao seu programa, outro flutuava no espaço.

E atrás dela estava...

A Mãe.

A certeza ecoou na sua mente, fazendo-a estremecer até ao âmago.

Aya sentiu-se desorientada.

Valha-me Deus, levaste tanto tempo. Que miúda tontinha.

Conseguia ouvir-lhe a voz – não, era mais como se ela brotasse do seu coração.

Aya estava um pouco desagradada consigo própria.

Porque não terei reparado antes de quem se tratava? Era mais próxima dela do que qualquer outra pessoa. A pessoa de quem tenho saudades, que me protegia, que me dava tudo. A minha mãe que me deixou de repente.

Não, não me deixou. Esteve sempre a meu lado. Bastava ter-me voltado para a ver.

Mãe, perdoa-me.

Aya sentiu algo quente correr-lhe pelas faces. Erguia-se dentro de si uma enorme intensidade.

Abrindo muito os dedos, mergulhou no acorde de abertura da *cadenza*.

*

Kanade abriu muito os olhos.

De onde *surgira* aquela *cadenza*? Não era nenhuma das que ensaiara.

E seriam lágrimas? Ou gotas de suor? Kanade percebia que o rosto de Aya estava húmido.

Mas a sua expressão não se alterara. Mantinha os olhos semicerrados.

Não é a interpretação que alguma vez imaginei.

Kanade aceitava tudo aquilo.

Vigoroso, porém solto e à vontade – generoso e sólido. O tipo de toque que Aya nunca mostrara. Não estava a ser brilhante e radical como era seu costume, mas algo que incluía tudo – como – a própria Terra.

A Mãe Terra.

As palavras deslizaram, mesmo sem ela querer.

O horizonte estendia-se sem fim. As crianças corriam. Alguém, ao longe, à espera, de braços abertos. Todas as criaturas vivas percorriam a terra.

Conseguia sentir um prado verde a abrir-se dentro dela. Sentia a fragrância da erva. O reconfortante aroma do jantar, trazido pela brisa.

Uma indescritível sensação de segurança. De paz. Como se tivesse regressado aos descuidados dias da infância.

Ah – então isto é o regresso de Aya. Kanade tinha a certeza.

Aya escutara a intensidade da *Asura* de Jin Kazama e reagira. A dela não era uma representação do ciclo de matança e violência, mas de uma Terra que tudo envolve e que tudo engole. Uma Terra que depois dá à luz e cria uma vida.

A música de Aya crescera e amadurecera como nunca.

*

Jin Kazama deixara-se cair no fundo da sala e observara atentamente Aya no palco. Sabia onde ela estava.

Um prado verde e fresco, a luz a brilhar sobre ele.

Podes voar ainda mais alto, sabes.

Jin fechou os olhos e voou com Aya pelo ar.

*

Então aquilo marcava o regresso da menina que era um génio.

Mieko observou a jovem com um misto de empatia e alívio.

Sabia tudo sobre Aya Eiden de forma indireta. Tendo sido ela também uma menina-prodígio, Mieko recordava-se claramente de como ficara arrasada quando Aya se retirara dos concertos.

Tão jovem e tão talentosa – Mieko recordou-se de como fora horrível. Dia após dia nas tournées dos concertos, a solidão e os momentos de vazio, o desespero de pensar que nunca mais acabava. A pressão de manter o estatuto de menina-prodígio.

Aqui estava eu a pensar que Aya ficaria para trás, que tentaria acompanhar os outros, quando afinal os ultrapassou a todos. Saltou todos e mais algum.

A sua *cadenza* foi muito mais do que brilhante. Tinha uma maturidade inesperada, uma madureza em toda ela.

As *cadenzas* de Masaru e Jin Kazama tinham um ardor próprio da juventude, mas Aya tinha ultrapassado essa fase havia muito.

Então, até onde irá esta jovem? É uma digna rival do teu menino querido, não achas? Pensou Mieko, lançando um olhar a Nathaniel.

*

Aya manteve-se totalmente concentrada. Passou à quarta peça e, como antes, não houve espaço para aplausos.

Sonatina de Ravel.

Uma peça com três andamentos um pouco antiquada e Aya tocou-a meticulosamente.

Aquilo que ela faz é recordar-nos mais uma vez a alegria de ouvir boa música.

O mesmo acontecia com Nathaniel Silverberg. A aptidão de Aya era um dom, e agora limitava-se a desfrutar da *Sonatina* como mais um membro do público.

Por este andar vai ter de haver desempate na eliminatória final. O verdadeiro concurso está a começar.

Enquanto a analisava e a comparava com Masaru, Nathaniel apercebia-se do quanto Jin Kazama se mantinha um fator preocupante. Nathaniel estava perplexo em relação ao rapaz, em como era difícil compará-lo com os outros, avaliá-lo.

Tinha consciência da natureza contraditória dos concursos. Aquilo não era novo, pois ele próprio, em jovem, suportara tempos difíceis e, mais tarde, obrigara os alunos a passar pelo mesmo. Havia tanta coisa num concurso que era preciso aceitar. Mesmo assim, depois de Aya, os resultados seriam anunciados, o que determinaria a direção que este concurso ia tomar.

*

Como de costume não houve aplausos entre as obras e Aya já se lançara na sua peça final: *Variations Sérieuses* de Mendelssohn.

Uma abertura calma, com ondas a erguerem-se e a descer. À medida que se tornavam mais altas começavam a rugir. O tema voltava. E depois, como o mar em fúria, as variações expandiam-se para fora.

O desempenho de Aa-*chan* era dramático, no mais verdadeiro sentido, pensou Masaru concentrando-se nele.

Vários executantes eram dramáticos de um modo exuberante, mas poucos conseguiam sê-lo genuinamente enquanto faziam falar a peça. Principalmente jovens pianistas, muitos dos quais tentavam exprimir-se com demasiada energia e exageravam na atuação.

Em certo sentido sentia-se traído por aquela *cadenza*. Francamente, esperara uma passagem complicada, inovadora, que ultrapassasse a de Jin Kazama. Se Aya tivesse querido, poderia ter feito surgir com toda a facilidade várias versões perplexamente intensas.

Mas a sua *cadenza* fora quase desanimadoramente generosa e tépida, o que o apanhou de surpresa.

Masaru ficou chocado ao reconhecer que a *cadenza* dela era uma espécie de ode em resposta à de Jin.

De facto, tocara seguindo as indicações da partitura, dando livremente uma sensação do universo.

Aa-*chan* não se importaria com o resultado do concurso? Não teria ambições? Não queria ser pianista de concertos? Não era o que planeara? Apesar da sua execução poder ser assim, superior?

Apesar de poder produzir um som tão perturbador e arrepiante? Masaru fechou os olhos.

Uma passagem tempestuosa chegava ao fim e a peça corria para o seu clímax.

A conclusão da segunda eliminatória.

Masaru abriu os olhos.

Aya, que mantivera os olhos semicerrados durante todo o tempo, abriu-os muito, sorrindo generosamente, e levantou-se.

A sala estremeceu com um aplauso atoador. As pessoas puseram-se de pé de um salto.

Masaru e Kanade olharam um para o outro como se tivessem acordado de um sonho e, a sorrir por entre lágrimas, também se levantaram.

A expressão de Aya, ao reaparecer para um *encore*, era tímida, embaraçada até.

A segunda eliminatória terminara oficialmente.

E os resultados seriam anunciados muito em breve.

Céu e Inferno

De câmara na mão, Masami deu por si deslumbrada pelo ambiente estranhamente febril da multidão.

O átrio estava a transbordar, não apenas com os candidatos, mas também com os seus familiares e amigos e, sem dúvida, colegas das escolas de música. Reconheceu alguns rostos que vira no palco. De novo com a roupa normal, misturavam-se com a multidão, embora quando os observava mais de perto via como estavam tensos e afogueados.

Masami respirou fundo e voltou a sua câmara para Akashi Takashima, que estava a seu lado.

Como os outros candidatos, Akashi parecia tenso e rígido.

– Como te sentes? Nervoso? – perguntou-lhe, reparando que a sua própria voz tinha um tom mais alterado do que pensava.

Akashi não parecia ouvi-la e ficou durante algum tempo a olhar no vazio.

– O quê? Sim... estou nervoso. *Muito*.

– Isto dá cabo dos nervos – comentou Masami. – É como quando estamos à espera dos resultados dos exames para entrar na universidade. Não... na verdade, sinto-me ainda mais inquieta.

Akashi assentiu.

– Sim. Quando foi da primeira eliminatória, estava tão preocupado que foi como se esperasse pelos resultados até sem sentir que entrava no concurso, mas tive sorte. Só que agora é como se já estivesse *dentro*, e quando penso que o meu destino está prestes a ser decidido... – Akashi calou-se.

Destino. Seria quando saíssem os resultados de todo aquele esforço. Teria a possibilidade de entrar outra vez naquele palco?

Ainda bem que a minha prestação terminou, pensou. Se me pedissem para voltar a tocar, desmoronava-me.

Os membros do júri ainda não tinham aparecido. Porém, os flashes das câmaras disparavam por todo o lado, tentando captar os pianistas antes do grande momento.

Akashi apercebeu-se de que Masami o filmava e ocorreu-lhe que não tinha tempo nem energia para se preocupar com as câmaras.

Os seus olhos varreram a sala: as figuras altas de Masaru Carlos e Jennifer Chan. Pareciam ambos etereamente calmos. *Invejo-os*, pensou Akashi. *O tipo de músicos cujo talento é um dom*. Desejou não ser uma pessoa mediana, constantemente preocupada com coisas triviais, tais como se tinha ou não talento, angustiada e desejando saber se teria cinquenta por cento de possibilidades – ou teria ainda menos? – de passar à eliminatória seguinte.

Ouviu-se uma súbita ovação.

Olhou para um lado e viu o grupo de jurados descer a escada, vindos do andar superior.

O sangue correu-lhe acelerado.

Os membros do júri desciam calmamente e com expressões descontraídas no rosto.

Akashi sentiu uma súbita centelha de ódio por eles, por aquelas pessoas que deviam decidir tudo. Sabia que esse ódio era erradamente endereçado. Tinha consciência de que a opinião deles refletia o preconceito de inúmeras pessoas que, não sendo nada de especial, desejavam mesmo assim fazer parte do mundo musical.

Como ele. Uma dessas inúmeras pessoas nada de especial que existiam neste mundo. Do céu, poderia até nem ser visível, apenas um ponto, um, numa multidão de inúmeros músicos.

Um dos voluntários entregou o microfone à presidente dos jurados, Olga Slutskaya, e o vestíbulo ficou imediatamente em silêncio.

Olga esboçou um sorriso calmo e começou a falar.

Os seus comentários de abertura entraram por um ouvido dos candidatos e saíram pelo outro, pois eram praticamente uma repetição dos do anúncio da primeira eliminatória.

– O nível de execução foi muito elevado – disse. – Tecnicamente muito competitivo, e não passar à eliminatória seguinte não significa que a musicalidade do candidato tenha diminuído. Vimos aqui uma tendência prometedora em termos de uma forte gestão do programa... etc.

As pessoas observavam-na vagamente, enquanto ela fazia os comentários.

Dos vinte e quatro que haviam chegado à segunda eliminatória, seriam eliminados doze e outros tantos passariam à terceira.

– E agora gostaria de anunciar os nomes dos pianistas que avançarão para a terceira eliminatória.

Talvez fosse fruto da sua imaginação, mas Akashi viu que todos se inclinavam para diante.

– Primeiro... Alexei Zakhaev.

Soou uma ovação e um homem saltou de alegria. Era sem dúvida o próprio Alexei Zakhaev.

Mais uma vez, o primeiro e sempre considerado azarento conseguira passar. Era evidente que todos se surpreenderam.

Foi lido o nome do segundo pianista. Uma rapariga coreana. O pianista seguinte era também coreano. Desta vez um homem. Akashi nunca

conseguia perceber se os nomes coreanos eram masculinos ou femininos e tinha de ver as pessoas para saber.

A multidão agitou-se e houve algum alvoroço e, a princípio, Akashi não percebeu a razão. As pessoas murmuravam, lançando olhares numa determinada direção.

Seguiu esses olhares até uma aturdida Jennifer Chan.

Jennifer Chan fora eliminada.

Não! Pensou Akashi, regressando à realidade.

Porém, Olga continuou.

– N.º 30, Masaru Carlos Levi Anatole.

Akashi viu Masaru Carlos a sorrir quando recebeu os parabéns.

A sua mente ficou em branco.

– N.º 22, Akashi Takashima.

A voz de Olga anunciando os resultados da primeira eliminatória soava-lhe na ideia.

N.º 22, Akashi Takashima.

Desta vez, não tinham lido o seu nome.

Levou algum tempo a perceber.

Reparou que Masami ficara imóvel a seu lado. Devo ter a mesma expressão vazia e aturdida que a Jennifer Chan, pensou.

Pela mente de Akashi passou nesse instante uma frase da *Kreisleriana* de Schumann, que errava sempre, uma cena imaginada da sua pessoa a tocar essa frase uma e outra vez.

A Kreisleriana que seria suposto tocar na terceira eliminatória.

Mas já não o faria, já não teria de a tocar, já não teria de se preocupar em enganar-se na frase.

Contudo continuava a ouvi-la na sua cabeça.

Eliminado. Fui eliminado.

O tempo avançava, deixando Akashi para trás. Foram lidos nomes atrás de nomes de pianistas e, enquanto observava as reações, as de alegria de uns, de desapontamento de outros, tudo lhe parecia passar-se atrás de um painel de vidro, ser uma cena de um outro mundo, que não o seu.

Não fixava nenhum dos nomes, apenas a realidade de que o seu não estava entre eles

– N.º 81, Jin Kazama.

Elevou-se uma ovação intensa, quase violenta. Também aquilo pareceu ser recebido com uma estranha inquietação e surpresa por entre a multidão, ou seria apenas imaginação sua?

– E, por fim, N.º 88, Aya Eiden.

Akashi deu por si a esboçar um enorme sorriso.

Sempre fui fã dela. Era o meu ídolo. Como música, é uma verdadeira artista. Fico contente.

O clamor pairava em seu redor. O ruído, o alvoroço. Pessoas que gritavam entusiasmadas. Parabéns e lamentações, amargura e confusão – agora podia observar calmamente todas essas emoções.

– Imediatamente a seguir a isto haverá uma confraternização com os membros do júri – anunciou uma voz. – Esperamos que todos os candidatos aproveitem a oportunidade para falar com eles.

*

– Lamento muito.

A voz de Masami trouxe-o de volta à realidade.

– Sim. Parece que fui eliminado. – Akashi ficou surpreendido ao aperceber-se do tom otimista da sua voz.

Masami parecia sentir o mesmo, tinha uma expressão estupefacta, mas aliviada.

Akashi fez um alongamento enorme

– Obrigado por tudo, Masami. Lamento não ter podido tornar o programa mais interessante. – Estava a ser sincero.

Masami abanou a cabeça.

– Eu é que devia agradecer-te. Sei que teres sempre a câmara diante da cara foi um aborrecimento, mas muito obrigada por teres cooperado. A sério.

Seria imaginação sua ou Masami estava a chorar?

– De modo algum. Não devias ir agora filmar os outros? – Akashi voltou-se para os que o rodeavam.

– Pois sim. Depois volto.

– Vai lá.

Akashi podia voltar para casa.

Recordou-se de que devia telefonar a Machiko e dirigiu-se ao átrio deserto.

Que tom deveria usar quando ligasse? O que deveria dizer?
Ensaiou a conversa na sua cabeça enquanto pegava no telemóvel.

*

A confraternização depois do anúncio da segunda eliminatória acabou por ser bastante tempestuosa, pois Jennifer Chan objetou em voz alta e com veemência os resultados da segunda eliminatória.

Mesmo que não o tivesse feito, essas reuniões com os membros do júri provocavam uma sensação complexa e estranha devido a uma ardente insatisfação e ressentimento em reação aos resultados.

Desta vez, Jennifer Chan encaminhou-se diretamente para Olga Slutskaya e deu a conhecer as suas objeções em voz bem alta, surpreendendo toda a gente.

Certamente, uma das funções dessas confraternizações era acalmar quaisquer insatisfações, mas raras vezes alguém protestava tão abertamente.

– Não posso aceitar – argumentou Chan. – Explique-me exatamente onde falhei.

Até certo ponto, as suas objeções eram admiráveis, mas em breve o pai dela, rico e famoso empresário americano com ligações ao Secretário de Estado americano, tal como o seu professor, já se tinham ambos posto ao telefone com os membros do júri, transformando a festa num tumulto.

Por fim, Nathaniel Silverberg chamou Chan à parte e repreendeu-a.

– A sua técnica é impecável – disse. – E ninguém nega a sua óbvia musicalidade. Mesmo assim, o caso é que vários jurados, e não foi só um nem dois, foram de opinião que a menina não deveria passar à terceira eliminatória. Creio que deveria recuar e refletir sobre o que isto significa. A sua incapacidade de compreender as razões podem ser um dos fatores que a impediu de avançar, não acha?

Chan franziu o rosto e desatou a chorar. A mãe, que a acompanhava, tentou consolá-la, e quando Chan saiu da reunião era quase meia-noite.

– Imagino que estejamos quase prontos para dar o dia por terminado.

Mieko assistira de longe a tudo aquilo, e quando ofereceu ao melancólico Nathaniel um copo de vinho, este resmungou para ninguém em especial:

– Ela já se estreou no Carnegie Hall e tenho a certeza que queria este prémio como impulso para a sua carreira.

– Bom, é uma coisa que vai ter de descobrir por si própria.

– Estava impaciente. Detestava a forma como as pessoas a comparavam com os seus predecessores e lhe chamavam o Lang Lang feminino e coisas assim.

– Estou a ver.

Mieko sentira o mesmo, pois quando ouvira Chan tocar, pensara, *basta-nos um Lang Lang*. Os outros jurados pareciam partilhar esta opinião e, aparentemente, também a própria Jennifer Chan.

– O professor dela deve ter-lhe dito qualquer coisa como *Sê tu mesma*. Ela é excessivamente sensível à palavra *originalidade*, pobrezinha.

– Valha-nos Deus. Afinal o conceito é uma ilusão.

Levando o copo aos lábios, viu Masaru aproximar-se.

Nathaniel apontou o queixo na direção do seu aluno.

– Ela deve ter sentido muita pressão. Tem uma rivalidade intensa com ele.

– Hmm. Não deve ser fácil para ela.

Mieko apercebera-se também de um interesse romântico da parte dela. Esperava que não se tornasse muito complicado.

– Boa noite, professor – cumprimentou Masaru.

– Como está a Chan?

Masaru forçou um sorriso.

– Voltou para o hotel com a mãe, mas já está mais calma. Está bem... não é pessoa para ficar amuada.

– Consolaste-a? – perguntou Mieko, e Masaru fez um leve aceno.

– De maneira nenhuma – respondeu. – Não creio que o consolo de um colega em competição com ela seja muito reconfortante.

– Lá isso é verdade.

– A propósito... – Uma jovem apareceu atrás de Masaru.

Hmm? Pensou Mieko.

Uma rapariga franzina com o cabelo cortado em redondo, vestida informalmente com uma camisola e calças de ganga – mas Mieko já a vira algures. Uma das candidatas?

– Professora, gostaria de a apresentar. Esta é Aa-*chan*... isto é Aya Eiden.

Nathaniel e Mieko inclinaram ambos a cabeça, *Esta é ela?* Perguntou Mieko a si própria. A menina-prodígio que estava de regresso. Mieko conhecia-a de nome, mas era a primeira vez que falavam.

Parecia tão fresca, tão desafetada. Era difícil acreditar que passara por tudo aquilo no passado. Além do mais tinha uns olhos espantosos. Olhos grandes que tudo sugavam.

– Parabéns por ter passado à terceira eliminatória – felicitou-a Mieko a sorrir.

Masaru, corado, voltou-se para Nathaniel.

– Lembra-se de lhe ter contado como comecei a aprender piano? A *Aa-chan* é a menina de quem falei, aquela que me levou para a primeira lição de piano. Nunca imaginei que a encontraria de novo aqui. Nunca – repetiu.

Mieko percebeu que Nathaniel fora apanhado de surpresa.

– *A sério?* Aquela com quem tocavas o *Little Brown Jug*?

Mieko não conhecia a história, mas, pelos vistos, aqueles dois eram amigos de infância.

Masaru sorriu e acenou afirmativamente.

– Exatamente. Conheci-a assim que a vi. Assim que vi a *Aa-chan* no palco.

– Mas eu não te reconheci.

Trocaram olhares.

– É verdade que não se tinham visto desde aí?

Nathaniel olhava incrédulo, ora para um, ora para outro.

Os dois eram completamente diferentes como músicos, porém partilhavam ambos o mesmo carisma.

– Bem, as suas interpretações foram fantásticas – disse Nathaniel num tom afável. – O Beethoven na primeira eliminatória e o resto.

– Obrigada – agradeceu Aya com uma pequena vénia.

Mieko pensou que Nathaniel começaria provavelmente a tremer a qualquer momento, pois era óbvio que Masaru estava completamente apaixonado.

Apaixonares-te por outra candidata? Uma das tuas maiores rivais? Trata-se de um concurso muito importante, não é o momento para te apaixonares loucamente por uma rapariga.

Mieko quase podia ouvir a súplica muda de Nathaniel.

Devia seguramente recordar como, sendo um pouco mais velho do que Masaru, se apaixonara perdidamente por Mieko. E estaria também consciente de que essa mulher estava ali a seu lado, a observá-lo.

Nathaniel pigarreou.

– É tarde. Deviam ir os dois descansar. Os concursos exigem mais dos músicos do que vocês pensam.

– Sim, vamo-nos embora, Maestro. Até amanhã.

Os dois jovens inclinaram-se repetidamente e partiram. Nathaniel ficou a vê-os ir com uma expressão ambivalente.

– Mantiveste-te muito bem controlado – troçou Mieko.

– Que queres dizer com isso? Não estava a controlar-me. – Porém, a sua voz parecia aborrecida.

Mieko soltou uma gargalhada.

– É como se um jovem casal tivesse vindo participar que se vai casar, e tu fosses um velho a perguntar a ti próprio se deves aniquilar os noivos com um raio.

– Certamente que não.

Nathaniel reagiu defensivamente, mas, logo a seguir, começou a sentir um toque de melancolia.

– Que maravilha é ser jovem.

– Estava a pensar o mesmo – comentou Mieko. – Bom, vou também dar o dia por terminado. Como disseste, um concurso exige mais do que uma pessoa pensa.

Nathaniel pousou o copo de vinho numa mesa próxima e dirigiu-se para a saída acompanhado por Mieko.

– Nunca pensei que ele conseguisse passar da segunda eliminatória – afirmou Nathaniel.

– O Jin Kazama?

– Tinha setenta por cento de certeza que não conseguiria.

Para Mieko aquilo era ao mesmo tempo surpreendente e esperado.

– Uma coisa é certa – disse. – Há mais gente a querer assistir à sua próxima prestação. Mais ou menos aqueles que pensaram que a Jennifer Chan devia ser eliminada.

Nathaniel olhou-a.

– Ouviste?

– Só gostaria de saber como a convenceste a aceitar a decisão do júri.

Mieko ficara surpreendida pelo facto de os membros do júri, que se tinham mostrado tão negativos acerca de Jin, estarem aos poucos a voltar atrás e a aceitá-lo, embora como ela tivera a mesma experiência, talvez não fosse assim tão difícil de compreender. Mas havia ainda jurados vigorosamente contra ele, e também dessa vez fora por pouco que Jin atravessara a linha para a eliminatória seguinte.

Ia ser interessante, pensou. Quantos mais admiradores conseguiria Jin? Os jurados que o tinham rejeitado completamente sucumbiriam aos seus atrativos?

Mieko e Nathaniel ficaram à espera dos elevadores e ela lançou-lhe um olhar.

E Nathaniel? As portas abriram-se.

E eu? Pensou. Será que aceito a sua capacidade musical? Será que compreendo o que ele está a fazer? E as intenções do Maestro Hoffmann?

Enquanto refletia sobre isto, teve de soltar um enorme bocejo.

Nathaniel tinha razão – aquilo era de facto mais cansativo do que ela alguma vez imaginara.

Vou pôr estas ideias em standby, pensou, até ouvir a sua prestação na terceira eliminatória. Sinto-me agradecida por ouvi-lo tocar uma vez mais.

Espreguiçou-se e entrou no elevador.



Terceira Eliminatória

Intervalo

– Isto aqui está um gelo.

– Afinal, de quem foi a ideia de virmos aqui?

– Não foi da Aa-*chan*?

Em novembro a praia era brutal, deserta, desprovida de qualquer atrativo.

Tinham passado a maior parte do tempo em hotéis e na sala de concertos, e não estavam habituados à mudança de temperatura. Aya lamentava ter trazido apenas uma camisola fina e um casaco curto.

Subiu a gola, encolheu-se e estremeceu.

Fora de facto Aya que sugerira que uma ida à praia seria uma bela mudança de ritmo. A costa que via da janela do hotel parecia quente e calma, e nunca esperara que o vento fosse tão agreste.

– Vamo-nos embora. Se deixamos o Masaru apanhar uma constipação, o Nathaniel Silverberg torce-nos o pescoço.

Kanade olhou para Aya com ar triste.

– Ei... Jin! Que estás a fazer aí?

Masaru agitava fortemente os braços na direção de Jin, que se encontrava acorrido ao longe a examinar qualquer coisa com a cabeça baixa.

– Vamos voltar! – gritou Aya.

O rapaz pôs-se de pé num salto e regressou a correr.

– Encontrei estes búzios. As espirais são uma sequência de Fibonacci – disse, mostrando uma pequena concha.

– Sequência de Fibonacci? Era o que esperávamos de um génio – riu Masaru.

E de facto as notas de Jin Kazama em Ciências eram excelentes, embora mal frequentasse a escola. Frequentara o conservatório de música como auditor, dissera, mas todos o tinham veementemente aconselhado a matricular-se numa universidade de Ciências e Tecnologia.

– Não há dúvida de que a música segue a ordem do universo – disse Aya. – A música e a Matemática têm uma grande afinidade. As tuas notas em Ciências devem ser também muito boas, não é verdade Ma-kun?

– Acho que sim.

– Sempre pensei que as leis que governam o universo são mais ou menos aleatórias.

– Aleatórias?

– Sempre pensei que a mais pequena unidade da matéria seria completamente diferente, dependendo da galáxia em que se encontra. Mas li recentemente que a investigação mostra que a água é água em toda a parte e o oxigénio é oxigénio onde quer que estejamos. O universo acaba por ser mais simples do que imaginava, com as mesmas leis a aplicarem-se em toda a parte. Achei deveras curioso.

– Hmm, creio que sei onde queres chegar – assentiu Masaru.

– Nas suas raízes, o universo é o mesmo onde quer que estejamos. Pode haver estrelas que são frias durante todo o ano e as que são sempre quentes, mas os componentes são os mesmos.

– Que estranho. Pensei que havia um número infinito de coisas basicamente diferentes, mas mesmo que os processos e os resultados sejam diferentes, a base da vida acaba por ser a mesma.

– Então, desde que existam determinadas condições, formas de vida como os humanos são possíveis.

– Sim. Costuma dizer-se que não se pareceriam necessariamente connosco, mas mesmo que alguns detalhes pudessem ser diferentes, é estranho que assim fosse.

– Tens razão. É interessante como as antigas teorias acabam por estar certas. É o poder da intuição, creio eu. Sabem que, se a matéria for a mesma em todo o universo, também prova a teoria do Big Bang, não é verdade? Que tudo começou a partir de um ponto.

– Gostaria de saber se têm pianos.

– O quê?

– Ok. Suponham que há um planeta na beira da galáxia com o mesmo ar, e onde as ondas sonoras são transportadas da mesma forma. Então, creio que aí a música se desenvolverá. E, se assim for, serão então criados tipos semelhantes de instrumentos musicais. Num qualquer canto

longínquo do universo, pode haver alguém a tocar algo como o piano com todo o entusiasmo.

Masaru deteve-se.

– É possível. Então esse planeta terá o seu Mozart ou o seu Beethoven.

– Talvez tenha.

– Adorava ver as partituras. Quero o maior número de peças possíveis se forem de Mozart ou de Beethoven.

– Eu também.

Outro Mozart no outro extremo do universo. Que tipo de música será a sua?

No horizonte a luz do sol caía sobre um intervalo nas nuvens, iluminando uma única faixa do caminho.

Aya teve uma súbita sensação de déjà vu. Masaru a caminhar a seu lado.

Jin adiante, com os olhos colados ao chão, observando-o cheio de curiosidade.

Kanade apressada, a querer voltar.

O mar acinzentado e a praia.

O vento agreste e o ritmo da maré.

Não sei porquê, mas sinto-me estranhamente nostálgica, pensou Aya. Há qualquer coisa que me faz tremer.

Como se sempre tivesse conhecido este momento – nós os quatro, na praia em Yoshigae, passeando juntos num dia de vento frio. Este momento ficará gravado no meu coração, esta sensação quase dolorosa. Recordá-la-ei para o resto da minha vida.

*

A primeira e a segunda eliminatórias tinham sido oito dias inteiros de grandes batalhas, mas agora havia um dia de folga antes do início dos dois dias da terceira eliminatória.

Aya não fazia ideia de como os doze restantes candidatas passariam o tempo livre. A descansar? Ou talvez a ensaiar o dia inteiro?

Um intervalo no tempo.

Levantou-se tarde, e após uns exercícios de aquecimento depois do almoço, Aya e Kanade decidiram ir dar um passeio e esbarraram com Masaru. Como se hospedavam no mesmo hotel, não era difícil

encontrarem-se. Ela pensara enviar-lhe um email a perguntar se ele queria descansar no dia de folga, mas hesitara e Masaru hesitara também em mandar-lhe um email acerca dos seus planos. Mas quando ela soube que ele estava a pensar numa mudança de ritmo, decidiram ir passear juntos.

– Vamos para o pé do mar – sugerira Aya.

Quando iam sair, apareceu Jin Kazama.

– Aquele não é o Jin?

Quando Masaru o avistou, Jin aproximou-se.

– Onde estás hospedado?

– Em casa de um amigo do meu pai – respondeu Jin.

– Apareces mesmo em todo o lado, não é verdade? – perguntou-lhe Masaru.

Aya e Kanade acharam curioso, mas Jin respondeu com um sorriso.

– Ah... este tempo livre parece-me sufocante – disse Masaru, e espreguiçou-se.

– Também achas, Ma-kun? – Aya olhou-o surpreendida.

– Sim. Não preciso de um dia de descanso. Quem me dera que fizessem tudo sem intervalo.

– Sim. Se não tivermos cuidado, passaremos o tempo a pensar em todo o tipo de coisas inúteis.

– O pessoal da produção é que precisa de um dia de descanso. E os membros do júri também – disse Kanade, interrompendo as queixas de ambos. – Organizar um concurso é extremamente cansativo. É difícil para os pianistas, mas quem está nos bastidores nem tem tempo para dormir. – Sabia o trabalho que o pai tinha a organizar os concursos, e não pôde deixar de dar a sua opinião.

– Faz sentido – disse Masaru. Parecia um pouco embaraçado por aquilo só lhe ter ocorrido nesse momento. – Não há dúvida de que a equipa de produção tem trabalhado muito para nós. Os meus amigos da Julliard disseram que o mesmo se tem passado com as famílias de acolhimento, que têm sido tão simpáticas para eles. E estes concursos no Japão são geridos com a precisão de um relógio.

– Quantas vezes participaste num concurso, Ma-kun? – perguntou Aya enquanto caminhavam.

– É o meu segundo. Participei também num em Osaka. Não sei como são os concursos nos outros países.

– Tenho ouvido todo o tipo de rumores sobre como são difíceis.

Dirigiram-se de novo para a praia, mas o frio inesperado fê-los voltar para trás e decidiram passear pela cidade.

– Gostava de comer *unagi* – disse Jin Kazama. *Unagi*, enguias grelhadas, era, afinal, um prato que tornava a cidade famosa.

– Mas é muito caro – segredou Aya a Kanade.

– Uma vez não são vezes. O meu pai dá licença – respondeu Kanade no mesmo tom.

Não queriam fazer com que Masaru e Jin pagassem, pois tinham vindo de tão longe.

– Não tinha reparado que havia tantas lojas a vender instrumentos musicais japoneses. É a primeira vez que venho à cidade.

Passaram por várias lojas com um *jamisen* na montra. Nem em Tóquio havia tantas.

– *Aa-chan*, alguma vez experimentaste o *jamisen*? – perguntou Masaru, espreitando a montra.

– Ainda não, mas gostava de experimentar.

– Em Nova Iorque fui a uma atuação de *Tsugaru-jamisen*. Fiquei surpreendida com a forma como improvisavam.

– A sério? Quem eram?

– Aqueles dois irmãos que tocam juntos – disse Masaru.

– Sei a quem te referes. O som do *Tsugaru-jamisen* é parecido com solos baseados em números estandardizados. Alguma vez ouviste o Shinichi Kinoshita e o Roby Lakatos tocarem duetos?

– Estás a falar do fulano a quem chamam “o violinista do diabo”, é isso?

– Sim. É um espanto.

– O *Tsugaru-jamisen* soa como um trio a tocar. Como se a viola, o baixo e a bateria fossem tocados ao mesmo tempo.

– Tem uma melodia, uma linha do baixo e percussão ritmada reunidas num só. Mas aquilo que quero tocar não é o *Tsugaru-jamisen*, mas aquele que acompanha as baladas japonesas.

– É diferente do *Tsugaru-jamisen*?

– Não o tocamos de uma forma tão percussiva e tem um som mais opaco, como acompanhamento de uma recitação.

– Hmm. Também não sabia que esse existia.

– Não está afinado pelo mesmo temperamento e as fórmulas de compasso são completamente diferentes da música ocidental. É por isso que quero experimentar.

– Eu quero experimentar o shakuhachi – disse Jin.

– O shakuhachi? – espantou-se Aya com os olhos muito abertos. – Dizem que são precisos três anos só para se conseguir dominar os sons da flauta de bambu, não é verdade? É uma ambição inesperada.– Porque penso que é o som mais aproximado ao verdadeiro som do vento – declarou Jin.

*

Kanade olhava-os em silêncio – ali estavam eles, num ponto crucial do concurso, três candidatos que tinham ultrapassado duas eliminatórias e que, mesmo assim, pareciam completamente descontraídos e a divertirem-se.

Génios, pensou. O que se há de fazer?

Sentia-se um pouco posta de lado, a mesma sensação de isolamento que muitas vezes sentia naquele mundo em que o talento rivalizava com o talento.

Será que estes fulanos têm noção de como são afortunados?

E todos aqueles que tentavam ser músicos, praticando hora após hora, incapazes de dormir, com o estômago apertado, sem saber se conseguiriam tocar sem se enganarem, derrotados pela sua própria mediocridade e mesmo assim incapazes de desistir?

E esses?

Muito bem, basta de pensamentos negativos, disse para consigo.

As pessoas rotuladas como génios têm os seus próprios problemas. Aya compreendia o seu estatuto de prodígio falhado. Recebera inúmeros insultos.

Ninguém sabia como viria a ser a sua vida. Até para Masaru, que parecia encontrar-se no caminho do estrelato, o futuro não estava garantido. Tantos prodígios haviam sido joguetes do destino. O mundo estava cheio de trágicas estrelas cadentes.

E depois havia Jin Kazama. Que vida estaria guardada para aquele jovem invulgar?

Kanade via-o observar o jamiséen na montra.

Recuou inconscientemente um passo. Os três juntos, assim, naquele momento.

Tocou com a mão no telemóvel que trazia no bolso.

Tenho de tirar uma fotografia. Tirou disfarçadamente um rápido instantâneo dos três, a falarem com toda a naturalidade. Talvez um dia aquela foto atingisse um preço alto, pensou Kanade.

Imaginou-se, já idosa, a ser entrevistada acerca daquilo.

– Exatamente, por acaso tirei-lhes uma fotografia. Nunca imaginei que viessem a ser estrelas tão importantes... esta foto tem agora muito valor, não é verdade?

Kanade pestanejou surpreendida por esta cena imaginária se lhe apresentar tão real.

Aqueles três poderiam nunca mais estar juntos assim no mesmo lugar. Esta premonição passou-lhe pela mente durante um segundo.

Apercebeu-se de súbito – aqueles três nunca tiram fotografias.

E mais uma vez, aquilo fez com que Kanade se sentisse um pouco deixada de lado.

Creio que, para eles, não há necessidade de gravarem as suas vidas. Outros o farão por eles e guardarão...

*

Aya voltou-se e viu que ela lhes tirava a fotografia.

– Estás a tirar fotografias? – perguntou Aya.

Kanade deitou-lhe a língua de fora, sinal de que se sentira embaraçada.

– Desculpa, só que quando vi três pianistas a olhar para um jamiséen, pensei que era uma ótima oportunidade para uma foto.

– Tens razão. Como é que nunca pensei nisso? Tenho de tirar uma fotografia ao Ma-kun. E também ao Kazama-kun. Uma fotografia destes futuros grandes pianistas.

Procurou o telemóvel.

– Posso fazer o mesmo? – perguntou Masaru. – Pensei que seria um pouco indelicado. – Tirou também o seu telemóvel. – Quero mandá-la aos meus amigos.

- Tira uma, tira uma! – Jin estava encantado.
 - Kazama-*kun*, não tens telemóvel?
 - Tenho, mas deixei-o em casa.
 - Um telemóvel não serve para grande coisa, se não o tiveres contigo.
- Kanade viu os três a posarem uns para os outros.
Talvez os tenha sobrestimado um pouco, pensou.

Promenade

As nacionalidades dos restantes candidatos à terceira eliminatória eram: americana (1), russa (2), ucraniana (1), chinesa (1), sul-coreana (4), francesa (1), japonesa (2).

Devido à localização geográfica do concurso era muito natural que houvesse muitos pianistas asiáticos, mas Mieko descobriu que a lista era representativa das tendências do mundo da música clássica. Um concurso que atraía candidatos de alto nível refletiria naturalmente os países com maior energia e ambição musical.

O que, só por si, mostrava como subira o nível deste concurso de Yoshigae, não é verdade?

Mieko espreguiçou-se e, a seguir, tomou o seu lugar, entre os membros do júri.

Com seis executantes por dia, cada um a tocar durante uma hora, e incluindo os intervalos, tinha diante de si um dia muito longo.

O primeiro teria início ao meio-dia e a última prestação deveria terminar às nove.

Assim que a produção abriu as portas da sala, todos os lugares foram ocupados. Nesta prova, com os candidatos reduzidos a doze, o público tinha já os seus favoritos e a sala encheu-se num instante.

Também os membros do júri estariam mais atentos.

Até ali, nada mais fora do que um processo de exclusão. Um pianista deveria ser capaz de se concentrar durante vinte ou mesmo quarenta minutos, mas atuações de uma hora requeriam um nível de concentração exigido a profissionais. Fazer com que o público escutasse a música do

mesmo candidato durante sessenta minutos não era tarefa fácil. Era necessário um programa de recital irresistível e um som próprio e distinto.

Por outro lado, havia a considerar que era a terceira vez que os jurados ouviam cada candidato e por isso fá-lo-iam de forma ainda mais crítica.

Neste momento era o tudo ou nada para os pianistas.

*

Apesar do seu dia de folga, Mieko sentia-se física e mentalmente cansada.

Quando o primeiro pianista, Alexei Zakhaev, apareceu no palco, os membros do júri e o público notaram imediatamente que algo não estava bem.

Onde estaria o seu sorriso?

O habitualmente travesso Zakhaev tinha um aspeto deprimente.

Estava invulgarmente pálido e, quando se sentou, parecia rígido.

Ao ajeitar o banco, as mãos pareciam desajeitadas.

Respirou fundo e mergulhou imediatamente no seu recital, mas era como se fosse outra pessoa. Um murmúrio confuso ondulou pela sala.

Meu Deus, parece tão inseguro, pensou Mieko. Zakhaev, consciente de que já não aparentava aquela pessoa ativa, estava cada vez mais deslocado.

Dizia-se que ao saber que o seu aluno conseguira ser apurado para a terceira eliminatória, o mentor de Zakhaev correria para o Japão, e tinham passado a noite anterior numa lição intensa.

Provavelmente nem professor nem aluno tinham antecipado que ele chegasse tão longe. Excessivamente excitado e cansado, era possível que tivessem exagerado naquele ensaio à última hora.

Sei como se sente, Maestro, pensou Mieko, *mas devia tê-lo deixado em paz*.

Zakhaev fora o candidato número um e, até então, transformara esse facto numa vantagem. Pensando que nunca chegaria à terceira eliminatória, interpretara a música à sua vontade em prestações cheias da sua naturalmente sincera generosidade de espírito.

Mas agora a sua insegurança atrapalhava-o. Não admirava, ainda para mais tendo o seu mentor dado meia-volta ao mundo para estar a seu lado.

De qualquer forma, de quase uma centena de pianistas, conseguira chegar a um exclusivo grupo de doze, entre os quais havia ainda

recordações recentes do anterior vencedor que atingira o estrelato. Conseguira ponderar uma possível vitória e saboreara essa sensação.

Mas tinha agora dificuldade em recordar o conselho que lhe dera o seu mestre no dia anterior. *Mantém a calma*, dizia repetidamente para consigo.

Porém, quanto mais o fazia, mais a palavra vencer lhe surgia na mente. Movia os dedos, tentando tocar melhor, tentando mostrar o que podia fazer, mas acabava por exagerar a sua interpretação e perder a generosidade de som pela qual era conhecido.

Quanto maior o seu desespero por tentar ligar o fraseado, maior era a tensão que sentia, e os erros dos seus dedos estragavam-lhe a interpretação.

Zakhaev estava completamente abalado e isso era notório para os que o escutavam.

Já não parecia um recital, mas sim um carro em fuga, sem travões e desgovernado por uma estrada de montanha. O público escutava com a respiração suspensa, à espera de ver onde terminava aquela terrível prestação.

Mesmo quando a peça terminou e o público aplaudiu, Zahkaev continuava a parecer desorientado.

Quando começou a peça central da sua atuação, *Quadros de uma Exposição* de Mussorgsky, as coisas começaram a escapar-se-lhe totalmente. Devia ter pensado iniciá-la a um ritmo razoável, usando uma abordagem agressiva e jovem, porém surgiu no seu rosto uma expressão de pânico, pois parecia ter começado mais rapidamente do que tencionava.

Promenade, a introdução, foi apressada. Os dedos voavam-lhe sobre as teclas, o tom era fraco, sem conseguir agarrar o cerne da sonoridade.

Vá lá, exclamou Mieke em silêncio, só para si. *Ainda podes arranjar as coisas*, pensou. Calma na secção *Il Vecchio Castello*.

Quadros de uma Exposição é uma peça com a estrutura de uma coletânea de contos, com o motivo *Promenade* repetido entre cada parte para fazer a ligação. Tinha uma variedade de andamentos, alguns com uma tonalidade repousada e calma. Deveria, pois, haver muitas oportunidades de controlar aquilo.

Mas os travões de Zakhaev continuavam desgovernados. Ou, mais precisamente, o conceito de contraste desaparecera de todo. Continuava a correr, ignorando os sinais de trânsito e as curvas, como se a sua prestação

só pudesse terminar num acidente. Continuava, pois, a avançar aos saltos, com uma velocidade impetuosa.

Mesmo assim, devia ser elogiado, pensou Mieko, pois conseguira tocar quase todas as notas, mesmo a essa velocidade vertiginosa. Mas se toca *O Mercado de Limoges* com esta celeridade, o que fará quando tocar *A Cabana de Baba-Yaga sobre Patas de Galinha*?

Mieko sentiu uma pontada no peito.

Poderia certamente voar do banco a meio da interpretação.

Se ela se sentia assim, pensou condoída, imagine-se o professor de piano sentado algures na sala. O jovem em palco deveria estar prestes a provocar-lhe um ataque de coração.

A palidez de morte que o rosto de Zakhaev exibira na primeira metade transformara-se agora em vermelho vivo.

E não era de espantar. Esforçando-se assim para tocar a primeira metade, devia ter os braços inchados só com o esforço.

Já perdera o controle — a sua mente, estava, como costuma dizer-se, completamente em branco.

Mieko recordou-se do termo *reflexo medular*. Agora, o pianista servia-se apenas da memória dos seus músculos.

Apercebeu-se de que os espetadores sentados na primeira fila estavam simplesmente estupefactos. Teve pena deles, apanhados pelo pânico de Zakhaev.

Uma escala ascendente, uma montanha-russa avançando com estrépito pela subida íngreme, um instante de puro pânico quando chegou ao zénite.

Como se saltasse de um rochedo para o vazio, Zakhaev entrou como uma avalanche na secção final, *As Portas de Bogatyr*.

Uma avalanche era exatamente o que ali sucedia. Talvez fosse estranho, mas o pianista parecia agora aliviado por poder avistar o objetivo final. O seu som acalmara, como se, por fim, se tivesse descontraído.

Mieko soltou um suspiro de alívio e pôde dizer que o público e o próprio Zakhaev haviam feito o mesmo.

Totalmente empolgante, pensou, embora me tirasse anos de vida.

Os membros do júri que a rodeavam partilharam sem dúvida a sua sensação de alívio.

Entre nós há gente com alguma idade, pensou, trata de não os matar, sim?

De repente o habitual espírito aberto de Zakhaev regressou. Descontraiu-se um pouco e ergueu a cabeça como se quisesse respirar fundo.

Meu Deus, se ao menos tivesse tocado assim desde o princípio.

Mieko recostou-se no seu lugar.

Aquele rapaz tinha naturalmente um som perfeito, uma capacidade de visão.

Agora, Mieko podia por fim *avaliar*.

A prestação dele adquiriu colorido, uma entoação mais pronunciada.

O público podia descontrair-se agora e desfrutar do que ouvia. Tinham tido emoções que bastassem para um só dia. Soou então o acorde final.

Zakhaev, corado, levantou-se profundamente aliviado, enquanto os aplausos encorajadores e igualmente aliviados da assistência o envolviam.

– Graças a Deus! – exclamou Mieko.

*

Depois de ter sido lançada para um redemoinho de emoções e suspense, a assistência deu por si instantaneamente atraída pela candidata seguinte, uma jovem coreana que não trazia consigo a surpresa e a agitação do seu predecessor, mas que pelo contrário ofereceu uma execução calma e límpida.

Ah, uma das alunas do Schneider, pensou Nathaniel Silverberg, ao olhar para a jovem em palco. Estudava num conservatório na Irlanda.

Tal como no desporto um jogador famoso não se transforma necessariamente num grande treinador, no mundo musical havia professores em todos os países que, embora não se tivessem distinguido como intérpretes, mostravam um verdadeiro talento para identificar e ensinar jovens pianistas.

Schneider era um deles e, nos últimos anos, Nathaniel vira grandes pianistas que, por sinal, tinham estudado sob a sua tutela.

Talvez fosse o modo como Schneider os ensinasse a usar as mãos, mas havia momentos em que se pensava, *Ah, claro – este é um dos alunos do Schneider*. E nesta época de interpretações cada vez mais homogeneizadas, era interessante detetar os traços do professor no estilo deles.

Todos os alunos de Schneider partilhavam uma espécie de fidelidade à música, um modo de ler e interpretar. Sentíamos-nos seguros a ouvir um aluno de Schneider.

O ouvinte obtinha também uma visão rápida e inesperada das suas ideias musicais, momentos em que pensava. *É assim que ele aborda as coisas, é este o tipo de pianista que de facto é.*

E havia tanto que um pianista só podia entender depois de ter tentado ensinar, momentos em que compreendia pela primeira vez aquilo que ele próprio considerava bom. E era possível, através dos seus alunos, tornar de facto uma realidade a sua interpretação ideal.

Era o que acontecia com Schneider, que talvez estivesse a atuar através dos seus alunos. Em certo sentido, continuava a ser um músico ativo.

Então, é assim que a música passa, refletiu Nathaniel.

Mesmo que pudesse ser diluída, difusa, até ao ponto de não poder determinar-se o original, esquecido o protótipo, mantinham-se o aroma, o toque, a essência.

Então... manter-se-ia a essência do Maestro dentro daquele rapaz?

Nunca pensara em tal.

Estivera tão distraído pelo estilo descuidado e ilimitado da sua atuação, que não procurara nela o toque de Hoffmann.

Esperaria o Maestro deixar atrás de si vestígios seus? Viveria o Maestro dentro daquele rapaz?

Silverberg sentiu algo mover-se dentro de si, como se uma luzinha se tivesse acendido no seu peito.

*

Quando se chega a este nível, tudo se resume a uma questão de gosto.

Akashi, agora de volta ao público, escutava com admiração a terceira candidata da Coreia.

Apreciara determinados pianistas na segunda eliminatória e tinha a certeza de que eles conseguiriam ser apurados. Fora-lhe difícil aceitar a notícia de que haviam sido eliminados, por isso comprou os seus CDs para os voltar a ouvir.

O que descobriu surpreendeu-o. Aquilo que o apanhou desprevenido foi o quanto os membros do júri eram difíceis de satisfazer como ouvintes. Akashi sempre se orgulhara de ter ouvido muito piano.

Mas ficou surpreendido ao perceber como as suas impressões eram diferentes quando os ouvia na sala de concertos e depois em CD.

Descobriu que havia uma razão para terem sido eliminados.

E a razão mais clara era a incapacidade de os pianistas aguentarem a tensão. Pelo contrário, confundiam-se. Ao escutar atentamente, percebia como o tema podia ser obscurecido, ou onde a peça lhes escapava. Akashi deu por si a abanar a cabeça, interrogando-se como poderia ter ficado tão impressionado quando os ouvira ao vivo.

Ficou surpreendido como até a prestação de Jennifer Chan, que parecera tão dinâmica na sala de concertos, aparentava ser monótona em CD.

Preciso de trabalhar as minhas capacidades auditivas, pensou.

Considerara o pianista agora em palco demasiado natural e simples, porém, as suas capacidades revelaram-se gradualmente com a sua sólida interpretação de Beethoven.

Por outro lado, na segunda metade do seu recital, o pianista começou a apresentar outro lado com uma maravilhosa interpretação da sempre difícil peça de concerto *La Valse* de Ravel.

Os membros do júri tinham reconhecido tudo aquilo, o verdadeiro valor do pianista. Akashi ficou sem palavras.

Uau, pensou, um pouco tardiamente, *que glissando espantoso*.

Recordou-se da primeira vez que tentara um glissando, como chorara com as dores.

Tocar um glissando era deslizar por várias teclas com a parte detrás dos dedos – muito simples, mas também incrivelmente doloroso.

Olhou para aquele jovem descuidado no palco. *Quero tocar essa peça. Quero tocá-la assim*, pensou Akashi.

E pensar que todos tocavam peças tão exigentes. Os pianistas eram verdadeiramente incríveis, com uma técnica soberba.

Progredir era como uma escada, não como subir uma colina suave.

Havia alturas em que tocava, tocava, para depois ficar imobilizado, sem avançar um centímetro que fosse. Inúmeras vezes em que desesperara, pensando ter chegado ao seu limite.

E depois, um dia, assim do nada, houve um momento em que atingiu o passo seguinte, em que soube que afinal era capaz de tocar aquilo que o bloqueara.

Sinto-me tão feliz por ter feito parte disto, pensou Akashi.

Sinto-me tão feliz por ser um dos inúmeros pianistas do mundo.

Os seus próprios pensamentos emocionavam-no, como se esses sentimentos fossem uma recompensa suficiente, a ponto de ter vontade de chorar.

Mesmo assim, havia pessoas que neste ponto o tinham ultrapassado, que estavam num lugar tão elevado, por quem não conseguia sentir empatia. Presenças que apenas podia admirar, cujas experiências nunca poderia partilhar.

O pianista terminou *La Valse*, e enquanto o aplaudia entusiasmado, imaginou o candidato seguinte – Masaru Carlos.

Sonata em Si Menor

Um programa de uma hora, com conteúdo ilimitado, pois eram livres de tocar o que quisessem. Livres de escolher qualquer combinação de peças.

Os pianistas modernos podiam escolher qualquer período. Desde Bach, do século XVIII, até Shostakovich do século XX, da herança dos últimos trezentos anos.

Porém, até os profissionais – ou talvez se deva dizer, *porque* eram profissionais – nem sempre podiam tocar o programa que queriam.

Isto era ainda mais pronunciado com os pianistas populares pois expandiam a sua base de fãs. Para venderem mais bilhetes e encherem salas de concertos maiores, era preciso tocar música que o público quisesse ouvir.

Num concurso, no entanto, podiam em princípio tentar um programa experimental, sem se preocuparem com a venda de bilhetes. Era de facto o único sítio em que podiam ser mais ousados.

Pensamentos ao acaso passavam pela mente de Masaru, enquanto esperava nos bastidores.

Quero ser o tipo de pianista, pensou, cujas peças que quero tocar e as que o público quer ouvir, sejam as mesmas.

O tipo de pianista que levava o público a apreciar as peças que ele achava interessantes. O tipo de pianista que extraía o máximo de fascínio

e charme de cada peça e o comunicava.

Masaru precisava ainda de falar com alguém acerca disto, mas tinha uma ambição secreta.

A ambição de criar a *nova* música clássica. De ser uma espécie de pianista-compositor.

Chopin, Liszt, Schumann, Brahms, Rachmaninoff, Scriabin, Bartók.

Eram todos distintos pianistas e compositores. Sendo esse o caso, não deveria haver atualmente mais pianistas-compositores?

Não que alguma vez se tivesse comparado com qualquer deles. Fazer justiça ao trabalho deles levaria mais do que uma vida.

Havia montes de pianistas com espantosas capacidades musicais, mas porque seria que em nenhum desses virtuosos surgiam pianistas-compositores? Havia muito que Masaru achava isto estranho.

Dito isto, a maior parte da *música contemporânea* tinha origem num campo excessivamente pequeno, e existia apenas para os próprios compositores e para os críticos, e dela não faziam parte obras que apetecesse tocar ou escutar.

Não poderia haver um pianista que ligasse tudo isto?

Até Friedrich Gurda, uma espécie de génio despreocupado que ultrapassava as barreiras musicais, começar a tocar as suas obras como pianista de jazz. Embora pertencesse à espécie rara que personificava o som ortodoxo vienense, era tratado como um estranho, fora da esfera do pianista clássico. Era esta a força do feitiço lançado pelos seus predecessores, era esta a altura dos obstáculos.

Mesmo assim, pensou Masaru, *um dia gostaria de experimentar*. Era o sonho que guardava dentro de si.

De repente, ouviu a campainha que assinalava a prestação seguinte. Sorriu. *Primeiro o mais importante. Na próxima hora, tenho absolutamente de fazer o meu melhor.*

Por um instante, e talvez por reparar no seu sorriso irónico, o contrarregra olhou Masaru com espanto.

– Chegou a hora – disse Takubo. – Boa sorte.

Era a terceira vez que Masaru ouvia estas palavras.

– Muito obrigado.

Pela terceira vez lançou a Takubo um sorriso caloroso e entrou em palco.

*

Havia algum tempo que Masaru decidira que a Sonata para Piano de Bartók seria a primeira peça que tocaria.

Ao começar com a sua peça *avant-garde* agarraria o público e transformaria a suave imagem que o público tinha dele.

Durante a sua vida, Bartók dissera muitas vezes que o piano era um instrumento de percussão, bem como melódico. Geralmente, poucas pessoas consideravam assim o piano. Porém, olhando para dentro dele viam-se os martelos bater à velocidade de um relâmpago, o que era uma prova irrefutável de que sim, era de facto *de percussão*. Mas nunca se diria, olhando apenas para as teclas.

Ao começar com Bartók dava sem dúvida a entender que o piano é um instrumento que *bate*.

E era por isso que Masaru não *tocava* exatamente piano, antes o martelava.

Na sua cabeça tinha a imagem de tocar marimba, os dedos como dez longos maços, os pulsos saltando vivamente ao baterem nas teclas.

Tentava imitar a flexibilidade única e a descontração de um tocador de marimba.

Quando se toca um instrumento de percussão não pode haver hesitações. Se as houver, nem que por uma fração de segundo, a força interior enfraquece e a intensidade do som diminui.

É por isso que para tocar Bartók é preciso fazê-lo com intensidade, até com violência, o que será de esperar, tendo em vista que o piano é um instrumento de percussão.

Por tudo isto, a peça era incrível!

O coração de Masaru alegrava-se enquanto ele tocava.

Sim – aquilo assemelhava-se à alegria de tocar bateria. A sensação enquanto as vibrações lhe ressaltavam pelo corpo, o prazer do ritmo que o penetrava. Uma alegria primitiva.

Os tambores são um instrumento dos tempos antigos em todos os países e em todos os povos.

Nesse sentido, pensou, o piano é uma extensão do tambor.

Depois de tentar todo o tipo de instrumentos, um dos amigos de Masaru optara pela bateria. Um tambor é o equivalente a toda uma orquestra,

afirmava.

O mesmo acontecia com o piano. Com um único piano podia reproduzir-se toda uma orquestra. Em vez das baquetas, os martelos batiam nas cordas metálicas internas.

Batiam e batiam.

Os humanos possuíam um desejo básico – expressar os seus sentimentos batendo em qualquer coisa para fazer som. O tambor foi aquilo em que bateram primeiro para satisfazer esse desejo. Tempos depois surgiu o piano. E esta peça de Bartók.

Como Bartók criara o seu som, tão refrescante e puro, como se tivesse encontrado uma bela paisagem, uma sensação eufórica como um céu azul a abrir-se diante dos seus olhos.

Sempre que Masaru tocava Bartók sentia o cheiro da floresta, da erva, uma gradação complexa de verde, gotas de água a cair das folhas.

O vento a soprar através da floresta até uma clareira onde havia uma casa feita de troncos de madeira.

O som de Bartók era como um tronco grosso, desbastado. Tosco, sem verniz, a beleza do grão à vista. Uma estrutura sólida no meio da natureza, um som como os próprios materiais.

O som do machado a soar algures na floresta.

Um ritmo robusto, regular.

A bater, a bater. Sentia-se nas entranhas a vibração que soa na floresta.

O bater de um coração. O ritmo dos tambores. O ritmo da vida, da emoção, e a interação dos dois.

A bater. A bater.

Dedos como maços a bater na madeira.

Ficava-se talvez em transe enquanto se marcava o som, juntando forças, batendo ainda com mais vigor. Numa concentração total, dando tudo. Até ficarmos vazios.

Uma pancada final e o som termina.

Depois, o silêncio. A paz completa da floresta.

*

Quando Masaru se levantou, foi envolvido numa onda de aplausos.

Agradeceu a sorrir, sentindo-se aliviado e, ao mesmo tempo, indescritivelmente feliz.

Quero ser o tipo de pianista, pensou mais uma vez, cujas peças que quero tocar e as que o público quer ouvir, sejam as mesmas.

E a peça seguinte? Interrogou-se Masaru.

Esta é seguramente uma peça que eu e o público queremos ouvir.

Sibelius. *Cinco Peças Românticas*.

Como o nome indicava, a série de cinco peças curtas e melódicas ficava a uma distância de cento e oitenta graus da obra de Bartók. Melodias atrevidas, belas e bem ordenadas.

Nada tecnicamente difícil, podiam ser tocadas com a doçura que se quisesse.

Porém, para Masaru era um risco colocar esta segunda obra no programa.

No seu programa de uma hora, a segunda peça representava um papel chave.

O contraste com Bartók acrescentava equilíbrio, e tinha como fim libertar o público da tensão. Oferecia ainda, e satisfazia, o desejo do público pelo tipo de música docemente arrebatadora que esperavam ouvir de Masaru. Mas o principal objetivo era lançar os alicerces para a obra mais importante que se seguiria, uma sonata de Liszt.

Mas este Sibelius é mais difícil do que eu imaginava, pensou, sentindo-o intensamente de cada vez que ensaiava.

Era tecnicamente simples e dominou-o rapidamente. Mas a doçura tocava o mau gosto, uma insegurança excessiva (a expressão *perda da insegurança do pianista* expressava-o bem). Era difícil encontrar um equilíbrio convincente que nem o fizesse entoar demasiado, nem, pelo contrário, soar demasiado brusco. Se exagerasse para acentuar a mudança de tom de Bartók, poderia perverter tudo e, como o final era bastante desprendido, poderia deixar o público a sentir-se insatisfeito.

Afinal, o que significava romântico?

Olhara para o título, perguntando a si próprio o que queria Sibelius dizer com ele.

Sendo um representativo compositor finlandês, Sibelius projetava uma sensação de pureza. A neve a cobrir as densas e pontiagudas florestas de coníferas, o gelo, os glaciares, os profundos lagos azuis. Um branco elegante e refinado.

É realmente romântico, tentou murmurar para outra pessoa.

Mas o que é que nos faz sentir? Fechou os olhos.

Amantes a olharem-se embevecidos. Sombras a aproximarem-se.

Uma bela noite. A luz trémula das velas.

Um pouco constrangedor, um pouco agriçoce, um pouco lacrimajante, a sensação de se flutuar no ar.

Como as próprias melodias eram mais que românticas, tencionava tocá-las ininterruptamente e de forma rígida, acordes uniformes, arpejos definidos, sem um *ritardando* pretensioso.

Luz cristalina, como a que se via no vidro de Baccarat.

Cantar era difícil. Por vezes, podíamos trautear com agrado e descobrir que soava como uma pessoa a berrar um karaoke. Era preciso ser-se paciente e humilde, entregar-se ao fluir natural da peça e aproximar-se da voz do piano, de contrário revelar-se-ia em breve o lado presunçoso do intérprete.

Para fazer cantar uma bela melodia, os próprios sons tinham de ser requintados.

Masaru aprimorava e refinava o seu som ainda mais, procurando formas de fazer a transição de um som para outro mais suave, mais fluido. Enquanto se concentrava, sentia, como sempre, como era difícil tocar a uma altura consistentemente regular para garantir que cada partícula de som estivesse em alinhamento.

Era preciso deixar o som emergir em vez de tentar forçá-lo. Praticava minuciosamente, para procurar esse tipo de som.

Todo o seu trabalho e pesquisa levavam a esta conclusão: um som romântico precisava da sensação de algo contido.

Um som fraco, ou um que se tocava até ao limite – nenhuma destas abordagens daria resultado. Tinha de ser mais como uma colcha fofa, bem arejada, almofadada e também levemente húmida. A humidade era necessária, como os olhares líquidos dos amantes, mas para mostrar essa sensação orvalhada, o pianista tinha de estar calmo e sereno.

Era necessária força muscular para que o som não fosse mais elevado do que o necessário. Como quando se colocava uma chávena sobre uma mesa e era preciso força para a segurar ainda no ar, antes de a pousar.

Era necessária uma força tenaz para conseguir um som romântico. Física e emocional.

Critérios semelhantes para ser considerado *adulto*.

Tenho de ser mais forte, pensou Masaru.

Um corpo tenaz, um espírito forte, era o que criava um som verdadeiramente *romântico*.

Claro que não podia pensar em tudo isto enquanto tocava.

Recordações das experiências por tentativa e erro por que passara surgiam e, como uma sombra, esvoaçavam num canto do seu coração.

Masaru estivera absorvido a expandir a interpretação *romântica* que procurara. Uma soberba doçura de tom.

Na realidade, com novas e sinceras sensações, limitara-se a libertar o seu desejo de cantar.

Perdurou uma silenciosa euforia, depois Masaru sorriu e levantou-se, enquanto a sala explodia em frenéticos aplausos. Sentiu a temperatura do público subir desmesuradamente, sentiu que tinham partilhado consigo a alegria da música.

*

Masaru preparou-se para a terceira obra, a principal desse dia.

A peça mais importante de Franz Liszt, Sonata em Si Menor.

Composta entre 1852 e 1853, foi interpretada pela primeira vez em 1857. Nesse tempo já Liszt se retirara como pianista e foi o seu aluno Hans von Bülow que a executou.

Reputada como uma obra-prima, tinha uma forma pouco convencional. Como fora qualificada como sonata, ao ser tocada pela primeira vez houve um debate acalorado sobre se se adaptava de facto a essa forma. Devido à sua singular estrutura, ficou famosa a intensa crítica a que foi submetida.

A sua característica principal era que, ao contrário da forma habitual da sonata, claramente dividida em exposição, desenvolvimento e recapitulação, esta era tocada como uma peça contínua.

Tinha uma duração de quase trinta minutos e era de grande exigência técnica.

Masaru estudara a sua estrutura complexa e delicada, porém, de cada vez que a ouvia, ela impressionava-o com os seus meticulosos presságios, muito semelhante a um romance de enredo soberbo.

Era como uma história magnífica escrita em notas musicais.

Quer o autor, quer o leitor precisavam de uma tremenda tenacidade.

Como um trovador, era preciso absorver fisicamente toda a peça para a poder relatar toda em palco – a sua história com todas as suas voltas e reviravoltas, escrita numa linguagem maravilhosa.

Era uma peça famosa, que Masaru ouvira repetidamente desde criança e ensaiara inúmeras vezes. Havia muito que decorara a partitura.

Porém, para se preparar para o concurso estudara-a mais uma vez minuciosamente desde o início. Era uma espécie de planta, várias partes construindo o vasto edifício que era a Sonata em Si Menor.

Para onde iam todas essas partes e que papel representavam?

Como se visse em perspectiva esse enorme edifício, Masaru estudou cada recanto e fenda da partitura.

E, quanto mais lia, mais maravilhado ficava.

Quando se trata de uma composição famosa, ficamos fascinados pela beleza de uma partitura só de olhar para ela. Até as crianças que não sabem ler música podem discernir padrões alegres e atrativos.

Claro que havia questões menores e diversas versões, como por exemplo se aquela era a original escrita por Liszt, mas mesmo que tivessem sido acrescentadas partes e tivesse sido revista pelas gerações seguintes, a impressão e o equilíbrio da partitura convencia todos do requinte com que fora construída.

Fora criada pela imaginação humana, escrita e interpretada há centenas de anos. Uma obra espantosa, miraculosa.

A composição – a história – começa casualmente, com uma cena enigmática.

*

Um jovem caminha calmamente, ao longo de um caminho deserto e gelado, pisando ao de leve a relva. É um intelectual bem vestido, de olhos negros, ardentes.

O céu está carregado, coberto de nuvens grossas, o ar agreste. O silêncio é completo, nem o canto dos pássaros o perturba.

O estalar de um ramo que se quebra debaixo dos seus pés.

O homem repara numa pedra tumular a esboroar-se, meio enterrada na erva. Tem datas gravadas, mas a inscrição está apagada e tudo o que transmite é a futilidade e a transitoriedade da vida.

O jovem avança, evitando pisar a pedra.

Diante dele vê uma aldeia situada numa pequena colina, o campanário de uma igreja e as muralhas de um antigo castelo; não há dúvida de que se trata de um local rico em história.

A expressão do jovem é hostil, olhos fixos num lugar ao longe, insinuando uma história conturbada, um conto trágico de múltiplas e funestas gerações, que explora as complexidades da motivação humana.

A seguir a esta agoirenta introdução, chega o primeiro tema, em que membros de uma família de latifundiários fazem a sua aparição.

Fala-nos do pai déspota, dos seus irmãos mais novos, competindo para lhe sucederem a ele e aos seus filhos, com as suas enredadas relações. Há já intrigas, as sementes da discórdia foram lançadas.

Depois de uma longa narração, surge o segundo tema.

Aparece uma nova protagonista, uma heroína jovem e bela.

Embora pertença ao clã governante, ficou órfã muito cedo e foi posta de parte. Fora criada pela avó, severa mas afetuosa, e leva uma existência simples e frugal nos arredores da aldeia.

A heroína bela e inteligente. Basta olhá-la para se ver que é verdadeiramente corajosa.

O seu tema adapta-se à sua personalidade, uma melodia emotiva, calorosa e cheia de afeto.

No regresso do presbitério encontra o jovem nos arredores da aldeia ainda a olhar para um ponto fixo.

Está com um oficial que lhe explica algo detalhadamente.

A heroína olha para o jovem.

Nunca o havia visto, porém algo mexe com ela e tem a sensação de o conhecer há muito...

O acaso junta-a várias vezes ao jovem e ambos conversam quando acodem a uma criança ferida numa pastagem.

O jovem diz-lhe que é um homem de leis e que um cliente o mandou à aldeia para preparar uma ação para levar a tribunal. Sentem-se atraídos um pelo outro, embora a ela preocupe o olhar gélido que por vezes lê nos olhos dele.

Aos poucos, as pessoas apercebem-se do novo homem na aldeia e começam a murmurar.

Dizia-se que fora contratado para processar a família.

Em breve, a notícia da sua vinda chega aos ouvidos do chefe do clã.

O tema do clã é cheio de tensão.

Gradualmente, este misterioso jovem começa a encurralar a família. Aos mais obscuros membros do clã acontecem acidentes inesperados, ou morrem sucessivamente em tolos desacatos.

A cena altera-se rapidamente e os homens do clã entram em pânico.

Que estará a acontecer? Esta vingança será contra eles? E estará o jovem envolvido? Quem puxará os cordelinhos acima deles?

Começam a suspeitar uns dos outros.

*

Na imaginação de Masaru, passa uma cena atrás de outra.

Parece-lhe que quase consegue ouvir as pessoas a falar.

Pode ver a luz das velas quando jantam, o brilho débil de uma moeda que serve de pagamento a um informador numa porta das traseiras, a água da chuva a formar poças nos sulcos deixados pelas rodas das carruagens.

Era uma história cheia de personagens magníficas – a jovem bela e determinada, a avó com o seu dom de clarividência – que oferecia descrições detalhadas de paisagens e estados de espírito à medida que se aproximava do desfecho trágico.

Não se pode evitar o destino. Passo a passo os ponteiros do tempo giram, juntando personagens, levando-os para lugares onde se hão de encontrar.

O jovem abre o seu coração à heroína, mas quando sabe quem ela é fica fora de si. E a heroína tenta saber porquê.

O jovem confessa que se encontra ali para se vingar do clã. Para o destruir.

A história chega ao seu clímax.

Por fim o clã descobre que o jovem é filho do filho mais novo, que foi assassinado antes de poder revelar as intenções maliciosas dos outros membros do clã. Nessa altura a mulher desse homem tentara fugir com o filho recém-nascido, mas fora encurralada e morta. O filho nunca fora encontrado. O caso acontecera numa noite fria de inverno e as possibilidades de sobrevivência de um recém-nascido eram muito poucas. Tinham a certeza de que ele morreria algures pelo caminho...

O clã manda assassinos perseguirem o jovem visitante.

Mas com tantas suspeitas mútuas na família, os homens do clã acabam por se voltar uns contra os outros.

O jovem riposta, há sangue e mortos espalhados por todo o lado.

O jovem, ardendo de desejo de vingança, tenta capturar a heroína.

E nesse momento, ouve-se um grito.

A avó, doente na cama, põe-se pé, grita um nome e o jovem fica estupefacto.

São irmão e irmã!

A escuridão é rasgada pelo grito da heroína, quando um membro do clã apunhala o jovem.

A cena final: a heroína repara na pedra tumular, semienterrada na relva. Tem o nome da mãe, a mulher que foi assassinada naquela fria noite de inverno.

A heroína, incapaz de suportar um tal desgosto, ergue os olhos ao céu e afasta-se para longe.

*

Masaru sentiu poder ver a palavra *Fin* a marcar o final da partitura. Mas não, o que dizia em alemão? – *Ende*?

Fechou a partitura. A história era um cliché, mas pertencia ao século XIX, a época do Grande Romance.

E era também a história que Masaru *ouvia* na música.

O que restava era a comunicação desta complicada narrativa através da sua interpretação.

*

O trabalho de completar uma peça era, julgava ele, muito parecido com o da limpeza de uma casa.

Para isso era necessário um incrível trabalho físico. O mesmo se passava para tocar.

Era difícil manter uma casa limpa.

Se a casa fosse pequena a limpeza era mais fácil, e não tão demorada. Era possível pô-la imaculada num curto espaço de tempo, e bastava um pequeno ajustamento para ficar de novo limpa.

Mas não era fácil limpar uma casa grande. Para a manter sempre com bom aspeto era preciso vigiar constantemente.

A Sonata em Si Menor era uma casa enorme. A estrutura era complexa, camadas sobre camadas de um estilo elaborado. Muitas pessoas tinham entrado e saído para a manter impecável.

Mas, e se se pedisse a uma só pessoa que limpasse toda esta casa enorme?

Só a abertura da pesada porta era difícil. Para chegar à porta do pátio era preciso varrer montes de folhas e pensar constantemente no aspeto original da casa quando completamente limpa.

Havia tantas partes que não sabíamos bem como limpar – o velho papel de parede, um corrimão de latão.

Primeiro seria preciso ter em consideração a quantidade de tempo e esforço necessários para a limpar, e como fazê-lo. Só depois de completamente preparados, poderíamos começar.

Masaru estava confiante. Tinha os mais modernos utensílios de limpeza e, além do mais, a energia necessária.

Porém, logo que começou, apercebeu-se de que a tarefa era mais difícil do que a princípio calculara.

Não havia maneira de poder limpar todos os cantos da varanda. Era enorme, e em breve ficou sem fôlego.

Esfregou aqui e ali, mas houve partes em que não tocou, incluindo as janelas. Já não tinha força para varrer a fuligem do teto. No princípio a única coisa que podia fazer era passar a esfregona nos corredores.

Concentramo-nos num único lugar, e o pó em breve se amontoa noutros sítios.

A composição era mais difícil do que imaginara.

Masaru saiu mais uma vez da mansão e refletiu em tudo aquilo.

Sabia agora que limpar ao acaso nunca manteria o lugar na ordem necessária.

Estava decidido a despender todas as suas forças e recursos técnicos numa vigorosa batalha.

Tentou todas as abordagens eficientes, mas, por fim, concluiu que a única maneira seria simplesmente encerrar e limpar cada divisão individualmente, de uma forma completa e cuidadosa.

E, ao fazê-lo, descobriu todo o tipo de coisas.

Desenhos magníficos em lugares onde ninguém os tinha ainda notado, e gavetas dentro de armários que nunca ninguém abrira. Janelas das

traseiras que revelavam paisagens refrescantes, mas que nunca haviam sido abertas.

Como ensaiava todos os dias, acabou por entender o momento correto para encerar o chão do vestíbulo, e quando devia fazer um intervalo nessa limpeza.

Pouco a pouco a mansão foi ficando mais limpa, e surgiu a aparência ordenada do edifício quando acabara de ser construído.

A balaustrada de ambos os lados da escada que levava ao grande vestíbulo costumava ficar cheia de pó, por isso limpou-a com todo o esmero.

De vez em quando, abria todas as janelas e deixava a brisa soprar por toda a mansão.

Conseguiu conhecer lugares menos acessíveis que ainda queria limpar. Lugares em que as visitas podiam reparar e depois comentar, com admiração, como até aquelas zonas recônditas estavam bem cuidadas.

Reparou até como a luz do sol matinal entrava pelas janelas do vestíbulo do lado oriental, tornava mais bonitas as flores aí plantadas.

E por fim chegara o dia.

O dia em que todos os cantos da mansão tinham sido renovados e que o edifício surgiu em toda a sua glória original.

Compreendeu as mudanças operadas na casa, em todas as estações do ano, e o que era necessário para cuidar de cada uma.

Aquela mansão pertencia-lhe. Recordava-se de todas as árvores e lâminas de relva do jardim e, se fechasse os olhos, podia ver claramente como balançavam.

Chegara o dia.

O momento em que soube tudo o que havia para saber acerca da sua composição.

O momento em que soube que a música permeava todos os cantos do seu ser.

Foi outro momento de alegria suprema, quando sentiu que, por muito que tocasse, ele e a música eram verdadeiramente um *só*.

Podia fazer o que quisesse – decorar toda a mansão com flores, ou fazer uma festa que durasse toda a noite...

Apesar de, até naquele instante, ainda conseguir sentir as muitas horas em que trabalhara nela, quando Masaru começou a Sonata em Si menor,

esta pareceu-lhe completamente nova, como se fosse a primeira vez que a tocava.

Esquece todas as dificuldades.

E apresenta ao público e a ti mesmo este drama deslumbrante.

O que vem a seguir? Até onde vai? Sentia-se como mais um elemento do público, com a respiração suspensa, à espera do que aconteceria a seguir.

Todos os ouvidos estavam presos na história que Masaru contava. A atenção do público concentrava-se dolorosamente nele, sozinho no palco, e ele sabia que a sua emoção e tensão estavam num equilíbrio a oscilar no limite.

A solene cena final estava quase a surgir.

Tocou-a vigilante, com firmeza. Tornando-a o mais completa possível. Sem deixar nada de fora.

Contando tudo, deixando, porém, alguma força de reserva – uma sugestão de que algo ficava a pairar.

A heroína a desaparecer lentamente ao longe.

A paisagem agora deserta.

A planície vazia, apenas erva a balançar ao vento.

Sentia que podia de facto ver a palavra *Ende*.

A sala de concertos estava em silêncio.

Masaru ergueu-se para enfrentar uma tempestade de aplausos. Agradeceu com uma profunda vénia.

Muito e muito obrigado.

Sem saber porquê, as palavras de gratidão vinham-lhe à mente. Nem sabia a quem estava grato.

Obrigado por me terem deixado tocar esta magnífica peça narrativa. Estou verdadeiramente agradecido por me terem deixado tocar hoje aqui.

Inclinou-se uma e outra vez perante os infindáveis aplausos, que apenas se calaram quando ele voltou a sentar-se.

*

Masaru esperou um pouco mais para que o público se acalmasse, e começou então a sua peça final.

Uma curta valsa de Chopin.

Escolhera essa peça como uma espécie de *encore* do seu recital de uma hora.

Valsa N.º 14 em Mi Menor. Uma obra póstuma de Chopin.

Uma valsa romântica, agri-doce e dilacerante.

Uma peça descontraída. Uma despedida – Masaru havia muito que decidira que esta seria a última peça.

Um calmo cair do pano. Nunca gostara de despedidas demoradas.

Masaru terminou a valsa e levantou-se rapidamente, de novo envolvido por uma trovoada de aplausos.

Apercebeu-se, com todo o seu corpo, de como a assistência estava entusiasmada e emocionada enquanto batia com os pés.

Curvou-se, de olhos fechados, e saboreou a sensação. Acabou.

Mesmo depois de se ter retirado para os bastidores, o aplauso não dava sinais de abrandar.

Um Baile de Máscaras

Fascinante. Como sempre a interpretação de Masaru conquistara o afeto de todo o público, e o murmúrio mantinha-se na sala. Esta foi a expressão que saltou na mente de Aya, sentada num canto da sala de concertos:

Não *maravilhoso, ou admirável*.

Mas, *fascinante*.

Aya compreendera que Masaru relatara um drama importante. Não sabia que se tratava de uma história do século XIX, mas a sensação de um tumultuoso drama humano invadiu-a intensamente.

Partilharam imagens mentais de certas obras – o Concerto para Piano N.º 2 de Prokofiev como uma peça negra, o N.º 3 como *A Guerra das Estrelas*, por isso Aya sentiu que podia idealizar a imagem que Masaru tinha da Sonata em Si Menor.

Entendo, apercebeu-se. *Tenho a sensação de que a peça é fascinante porque é interpretada por um amigo, uma pessoa de quem sou próxima.*

Tinham passado apenas uns dias desde que se haviam encontrado depois de tantos anos, contudo Aya pensava saber aquilo que mexia com Masaru.

Quando tocava com outras pessoas sentia muitas vezes como se lhes tocasse a essência quando algo lhe ressoava lá no fundo – ao nível da alma. Sabia que, tal como um ouvinte consegue chegar a conhecer a personalidade do intérprete, ao mesmo tempo aprofunda a compreensão da sua maneira de tocar.

Mas aquela execução fascinante de Masaru era algo totalmente diferente de tudo o que alguma vez experimentara.

Em parte, era a riqueza da originalidade de Masaru. Era um pianista excecional e encantador. As suas interpretações eram vívidas e sempre interessantes.

Mas não era tudo. Aya ponderava isto enquanto olhava em volta para os membros do público que discutiam animadamente as suas impressões.

Masaru era especial. *Para mim, pensou, ele é como o meu segundo eu, uma parte de mim. E nunca senti isto em relação a qualquer outra pessoa.*

Será amor o que sinto? Aya inclinou a cabeça e pensou no assunto, tentando ser objetiva.

Masaru era atraente, não havia dúvida, e popular junto das mulheres. Qualquer uma se sentiria feliz se conseguisse conhecê-lo melhor. Talvez ela estivesse a ficar perturbada porque um rapaz maravilhoso e atraente era simpático para com ela.

Claro que sentia dentro de si a vibração do amor.

Porém, a certeza que sentia lá no fundo era desapaixonada. Não o estremecimento da emoção. Era a mesma certeza que tivera enquanto tocara e se sentira a observar-se lá de cima.

Era a primeira vez que o sentira – que as interpretações de outras pessoas eram completamente diferentes das suas, contudo faziam-na sentir que era ela a fazê-las. Interpretações que a faziam sentir, *eu conheço-o. Compreendo o que ele está a sentir.*

Quando comparou isto com o que sentira ao ouvir Jin Kazama, compreendeu bem como aquilo era especial.

Sentia também uma proximidade, uma empatia para com Jin.

Principalmente no outro dia, enquanto tocavam juntos a *Sonata ao Luar*, sentira uma união com ele, uma tontura e uma energia enquanto competiam para se ultrapassarem um ao outro.

Mas aquilo fora momentâneo. Apenas uma sensação passageira que a invadiu enquanto tocava com ele. Algo realmente próximo do accidental.

Quando não estava com ele, sentia-se distanciada. Para Aya, o génio de Jin era místico, algo que nunca poderia alcançar. O génio de Masaru e o de Jin ficavam em polos opostos.

Um génio que compreendia e um génio que não compreendia. O que seria aquilo? Teriam objetivos diferentes? Ou seria a maneira de pensar?

Havia algo esquivo em Jin Kazama, uma qualidade desafetada, até um vislumbre de uma certa frieza ou desapego. A impiedade de Deus devia ser algo parecido, imaginava ela.

De qualquer forma, nunca se apercebera de como podia ser agradável escutar a interpretação de alguém que conhecia.

Aya tinha a sensação de poder estar a ficar agarrada àquela nova descoberta. Sempre gostara muito de ouvir outros pianistas e parecia-lhe que agora ainda gostava mais.

*

Quem quer que seguisse Masaru não tinha sorte. Era a única forma de o descrever. A impressão que Masaru deixava era tão surpreendente que a maioria dos elementos do público mal conseguia recordar o que viera a seguir.

Mas na terceira eliminatória todos eles eram pianistas altamente dotados. O francês que se seguiu a Masaru teve uma prestação excelente.

Através de coloridas composições de Debussy e Ravel criou uma atmosfera única, e conseguiu prender o público. A estrutura do programa revelou uma visão clara e cuidadosamente escolhida.

Consigo mais ou menos compreender os pianistas franceses, pensou Akashi Takashima.

Talvez sejam os meus próprios preconceitos, mas os pianistas franceses têm um sentimento transparente, como se estivessem envolvidos em pálidos tons pastel.

Era um pouco simplista dizer isto, mas parecia-lhe estar dentro de uma pintura impressionista. Não só o ambiente, mas como se pudesse ouvir cores impressionistas a cintilar nos sons que produziam.

O mundo parecia-lhe então sem fronteiras, mas não havia forma de escapar às suas raízes. A paisagem e as características da terra em que fora criado estavam gravadas no seu corpo de forma indelével.

Quando as pessoas me escutam, será que veem um pomar de amoras verdes e sentem o vento passar através das amoreiras? Interrogava-se Akashi.

E quase sem dar por isso, o primeiro dia da terceira eliminatória estava a terminar com o último pianista.

Era um jovem alto e magro, vindo da China – bem-parecido e muito culto.

Também ele transportava o solo da sua pátria, os grandes rios, as cordilheiras, as planícies sem fim.

Hmm, não me recordo deste candidato.

Jennifer Chan monopolizara todas as atenções, e poucos tinham reparado no pianista que agora cativava o público.

Uma versão robusta de Beethoven, com uma generosidade de espírito e um cerne determinado a expressarem a luta própria deste compositor.

O programa dizia que ele estudara num conservatório americano. Tendo em conta a sua idade, devia ter passado grande parte da vida nos Estados Unidos. Contudo não carregava com ele o continente norte-americano, mas a Eurásia. Era o sangue asiático que lhe corria por entre os cabelos, os olhos e por baixo da pele.

Era interessante que, durante a primeira e a segunda eliminatória, Akashi não tivesse detetado grande coisa das origens dos pianistas nas suas interpretações. Pelo contrário, sentira como o mundo se tornara homogéneo, as prestações nos mesmos moldes, unificadas numa espécie de singularidade.

Mas agora, na terceira eliminatória, apercebia-se das *origens* de todos os executantes.

Quando se eliminavam os adversários e se mantinham os tecnicamente mais avançados – ou, por outras palavras, quanto mais fortes eram – mais a sua essência, as suas raízes começavam a surgir.

A música é na verdade uma língua universal, pensou Akashi.

O facto de ele próprio ter sido excluído já não lhe ocorria.

As pessoas saíam da sala de concertos, o átrio estava agora embebido de um sentimento de exaustão e satisfação, de saciedade.

Mas não desgosto deste género de atmosfera, pensou Kanade. Esta sensação de um longo concurso a entrar nas últimas eliminatórias e a atingir o clímax. A sensação empolgante quando o número de adversários é reduzido. A sensação de como tudo isto é duro e implacável.

Pondo de lado a questão de se é certo ou errado reduzir a música a uma batalha, resta o facto de ser essa a parte que torna o concurso empolgante.

– Não foi tão divertido? – perguntou Aya, sentada a seu lado. – Percebo agora por que dizem que as semifinais do torneio de beisebol da escola secundária são sempre o melhor de ver.

– Beisebol da escola secundária?

Kanade ergueu as sobrancelhas, mas compreendeu o que Aya tinha em mente.

Nesse momento o público já sabia tudo acerca de cada pianista e da sua personalidade. Já conseguia dar uma classificação a cada um dos executantes, tornando-se assim parte do júri. Era engraçado tentar prever o resultado final. Podia parecer insensível, mas era inegável que um dos prazeres desta fase era o jogo, a aposta no executante que ficaria em primeiro lugar.

– Qual foi a prestação de que mais gostaste, Kanade-*chan*? – perguntou Aya.

– Francamente, foram todas boas.

Kanade imaginou o rosto dos pianistas.

Lamentava o que acontecera com o primeiro candidato, Alexei Zakhaev, mas, a partir dele, todos tinham sido excepcionais.

Tenho sempre pena dos pianistas quando o nível é assim tão elevado. Embora, claro, vencer um concurso de baixo nível não lhes desse tanta alegria.

– É verdade.

Era difícil dizer se, por acaso, Aya teria consciência de que era uma das candidatas.

– Mas creio que todos teriam de dizer que o Masaru é a verdadeira estrela. Sentimos desejo de voltar a ouvi-lo, queremos vê-lo, ir aos concertos dele. Parte disso é simples carisma.

– Sim, isso é importante para um músico – concordou Aya. – Que as pessoas queiram voltar a ouvi-lo, ouvi-lo tocar mais.

– As peças foram todas ótimas. Nunca tinha ouvido Sibelius tocado ao vivo; é o tipo de escolha que se esperaria dele. Embora talvez um pouco arriscada.

– Poderia acabar por ser lamentável se não a tocasse bem.

– Também o último pianista, o rapaz chinês, foi mesmo muito bom.

– De certeza que tem muito potencial. Oh, falai no diabo. Aqui está a nossa estrela.

Kanade olhou para o átrio onde Masaru, mais alto do que a maioria, estava rodeado de fãs.

– É muito popular.

– Não admira.

Não eram apenas raparigas que queriam o seu autógrafo, mas também elementos mais velhos do público, incluindo alguns homens de mais idade que pareciam ter bom ouvido para a música. A popularidade de Masaru espalhava-se por todos os grupos etários.

– *Aya-chan*, e o ensaio? Queres pedir emprestado o mesmo piano? Queres que ligue à senhora? – Kanade olhou para o relógio.

Aya pareceu atrapalhada. Fez-se silêncio por um momento.

– Um... Hoje não.

– Tens a certeza? No outro dia estavas desejosa de tocar.

– Bem sei – disse Aya. – Nesse dia nem podia esperar para começar a tocar a *cadenza*. – Olhou em volta. – Mas não sei porquê, hoje não me apetece.

Pela sua expressão via-se que até ela própria achava estranho. Ao olhar para a amiga, Kanade teve uma fria sensação de receio.

Estaria Aya a desfrutar *demasiado* do concurso? A desfrutar tanto como espetadora a ponto de ter perdido toda a tensão?

Estava tudo bem em tocar sem recear os resultados. Mas o modo como ela agora se comportava – seria normal? Afinal o dia seguinte seria um ponto crítico na competição.

Nas prestações da primeira e segunda eliminatórias, Kanade convencera-se mais do que nunca de que o seu ouvido reconheceria o génio de Aya com toda a precisão, mas com esta atitude da parte dela não era capaz de calcular o que aconteceria.

Aya ainda não fizera um regresso completo aos palcos.

Kanade observou o rosto da amiga, a expressão vaga e inquieta dos seus olhos. Era uma expressão que Kanade bem conhecia. A expressão de Aya quando não estava segura de si mesma.

Tivera muitas vezes aquela expressão. Quando decidira entrar no concurso. Quando escolhera os vestidos para usar em palco. Quando chegara à sala de concertos. Nesses momentos a mente de Aya encontrava-se algures, num lugar que Kanade desconhecia. Kanade queria ir atrás dela, mas sabia que nunca conseguiria apanhá-la.

Se aquilo fizesse parte do mundo da música, do mundo artístico, tudo bem, mas havia qualquer coisa que lhe parecia diferente.

Kanade sentiu subir dentro de si um mal-estar e uma vaga impaciência.

*

Aa-chan!

Masaru avistara-as e acenava enquanto se encaminhava para elas.

O príncipe resplandecente. De cada vez que Kanade o via, sentia-se deslumbrada pela sua aura. Talvez aquilo fosse apenas momentâneo, porém, o que então irradiava era o tipo de luz que apenas pode ter alguém a quem tudo é prometido.

– Ma-kun, foste ótimo!

– A sério? Fico contente.

– Soube logo assim que vi o teu programa, mas quando te ouvi tocar pensei, uau, aquelas peças eram perfeitas para ti.

– Era disso que eu tinha esperança. Que tal o Sibelius? Não foi adocicado demais?

– Deste-lhe a quantidade perfeita de doçura. Geralmente os pianistas contêm-se, mas há coisas que têm de ser doces.

– Sabia que entenderias, Aa-chan.

Kanade sentiu um pouco da inveja e tristeza que a invadira na praia em relação àqueles génios musicais, mas agora misturadas com compaixão. A inocência que possuíam – seria uma espécie de bênção por serem incapazes de entender as emoções e subtilezas daqueles que *não* eram génios?

– Aa-chan, estou cheio de fome. Vamos jantar. – Masaru espreguiçou-se.

– E eu. Ouvir música dá-me fome. Kanade-chan, o que vamos comer?

Kanade estava absorta nos seus pensamentos.

– Não sei... talvez caril?

– Parece-me bem.

– Mas não muito picante. Senão será exageradamente estimulante.

– Vá lá, apetece-me uma coisa boa e picante!

– Então gostas de comida picante, Ma-kun?

– Gosto. Antes de ir para casa quero experimentar o *ramen* super picante sobre o qual li num lugar em Ebisu, em Tóquio.

Quando estavam prestes a sair, Kanade lançou-lhes um olhar furtivo.

O facto de Masaru ter reaparecido era uma boa oportunidade para Aya. Havia pessoas que seria melhor ela não ter de enfrentar como colegas candidatas – já que Aya não sentiria qualquer inspiração vinda de uma ligação indiferente. Mas eles eram génios, cujos caminhos se tinham cruzado em crianças. E Masaru era, sem dúvida, um jovem atraente e maravilhoso que, esperava Kanade, poderia convencer Aya a voltar ao palco.

Em parte, já acontecera, mas não seriam talvez *demasiado* parecidos?

Kanade observava-os, como que para verificar sentimentos da mesma natureza.

Aya via Masaru como o seu alter ego, não como um rival, isso era evidente. Mesmo assim, em parte, Masaru via-a como rival.

Poderia Aya sentir-se satisfeita por o seu alter ego ter tido uma prestação excepcional? Não estaria em parte a confiar-lhe a sua própria música? E a planear voltar a ser uma simples espetadora?

– Olhem! Então é o Jin Kazama? – perguntou Aya como se se tivesse lembrado de repente. Deteve-se e procurou no átrio.

– Não o vejo.

– Estava na sala de concertos?

– Agora que falas nisso, não o vi. O que é estranho, pois tinha a certeza de que ele viria ouvir.

Aya fez uma pausa para olhar em volta.

Kanade sobressaltou-se.

Talvez que a pessoa que convenceria Aya a voltar ao piano, a voltar de facto ao palco, fosse...

Uma imagem do rapaz do boné surgiu na mente de Kanade.

*

Enquanto Aya e os outros comiam caril, Jin Kazama estava na casa que o recebera. Encontrava-se na divisão do tatami, com o comerciante de flores, o Sr. Togashi, sem mover um músculo enquanto o observava a cortar habilmente flores com uma tesoura, como se esta fosse uma extensão dos seus dedos.

– Jin, já jantaste? – perguntou Togashi, lançando um olhar ao rapaz. O rapaz observava fixamente as mãos de Togashi.

Jin nem se apercebeu de que tinham falado com ele.

De súbito, Togashi sentiu-se um pouco assustado com o rapaz que tinha diante de si, como se ele tivesse sugado todo o ar daquela divisão.

– Como? Oh, sim... comi.

Os olhos do rapaz, como espelhos límpidos, voltaram à vida. Olhou para Togashi.

Togashi soltou um suspiro de alívio.

*

Togashi estava muitas vezes fora e, mesmo quando não estava, ocupava-se com os seus negócios ou com o estúdio de arranjos florais. Isto significava que mal tinha tido tempo para aquele filho do seu amigo. Togashi deixara que a família e os seus empregados tomassem conta do rapaz e sentiu-se aliviado por saber que Jin, habituado a ficar em casa de outras pessoas, afinal não era um hóspede muito exigente. Mesmo assim sentia remorsos por não ter muito tempo para lhe dar atenção.

Uma manhã, muito cedo, quando estava prestes a sair, esbarrou em Jin que lhe perguntou se, quando tivesse tempo, lhe ensinava coisas acerca dos arranjos de flores. Pelos vistos, espreitara a florista e o estúdio e vira Togashi a fazer arranjos florais.

Jin teria tempo? Porém Togashi alegrou-se ao ver que o rapaz se interessava e concordou prontamente, embora o seu horário apertado fosse semelhante a um puzzle complicado, e seria difícil encontrar tempo.

Estava ciente do alto nível do Concurso Internacional de Piano de Yoshigae e de como de lá saíam estrelas, mas não sabia que Jin era tão bom nem que era tão falado no concurso. Só ouvira a sua família dizer que ele chegara à terceira eliminatória.

Se Jin já tivesse sido eliminado do concurso, teria provavelmente regressado a França e não teriam tido a oportunidade de estar juntos.

Um dos clientes de Togashi cancelara à última hora, e Jin regressara logo que terminara o primeiro dia da terceira eliminatória. Na volta, comprara um bolinho de arroz numa loja de conveniência e ainda o mastigava enquanto se apressava a entrar em casa, de modo que, nesse sentido era verdade que tinha jantado.

A prestação deste rapaz deve ter sido admirável, pensou Togashi.

Quando se sentou, para se dar ao luxo de passar pela primeira vez umas horas com Jin, Togashi apercebeu-se de como ele era uma pessoa notável – uma pessoa que, um pouco como ele próprio, era senhor de um talento atípico.

Não havia muitos como Togashi, capazes de ser ao mesmo tempo um hábil praticante de arranjos florais japoneses e o dono de um próspero negócio de flores. A maior parte dos comerciantes que se dedicavam aos arranjos eram fornecidos por floristas, mas Togashi via o negócio das flores como a sua principal ocupação e, assim, era mais ou menos considerado um caso atípico no mundo do *ikebana*. Seria como se, em vez de ser um músico a escolher o piano e a tocá-lo, um fabricante de pianos tivesse também a carreira de pianista profissional.

Togashi não se referia ao seu trabalho como *ikebana*, a designação habitual para a arte dos arranjos de flores, mas sim como *noike*, literalmente “arranjos de campo”.

A linhagem da sua família podia ser traçada até Quioto e a uma escola de arranjos florais atualmente muito raros, conhecida como *keshiki-ike*, ou arranjos paisagísticos.

Como o nome indica, os arranjos paisagísticos reproduziam em miniatura montes e campos, bem como famosos pontos da paisagem, e alguns eram réplicas das do período Heian, dando uma ideia de como teriam sido os jardins dessa época, a ponto de os historiadores os usarem como material de referência em vez de documentos escritos.

De vez em quando tinham oportunidade de preparar paisagens em grande escala, e faziam-no agora para um evento ali próximo. Jin vira e mostrara interesse.

Togashi explicou a Jin de forma simples os três princípios básicos nos arranjos florais – *ten-chi-jin* – e demonstrou-lhos num desses arranjos.

Porém, as técnicas de *noike* eram usadas para aumentar a vida das plantas sem as sobrecarregar. Era necessário conhecer as técnicas básicas para melhor cortar e dobrar as flores e conhecimentos acerca da quantidade de água e calor que a planta necessitava, bem como o melhor ambiente. Quando se conseguia um conhecimento geral de tudo isto, estava-se a fazer *noike*.

Jin ouvia atentamente.

– Posso experimentar cortar algumas? Olhou para a tesoura nas mãos de Togashi.

– Pois sim, mas é preciso muita força para usar a tesoura. És pianista e amanhã tens uma prestação muito importante, não é verdade? Vais esforçar as mãos, de modo que será melhor ires com calma.

Apesar do aviso de Togashi, Jin estendeu a mão para a tesoura e começou a cortar, experimentando as lâminas e o modo como funcionavam na sua mão. A expressão do seu olhar era séria e intensa, como a de um investigador, e era evidente que os seus poderes de observação eram consideráveis.

– Jin, mostra-me as tuas mãos.

Togashi teve dificuldade em acreditar que o rapaz nunca tivesse usado aquele tipo de tesoura – a sua habilidade era impressionante – e tomou as mãos do rapaz nas suas.

– Oh! – Togashi exprimiu inconscientemente a sua admiração. Que belas mãos, pensou. Grandes, carnudas e macias.

Não eram as mãos delicadas de um artista, mas mãos mais generosas, aptas para um trabalho mais prático. Mãos que combinavam as de um artesão com as de um comerciante, capazes de qualquer coisa. Mãos envolvidas em algo de grande escala.

Togashi teve uma estranha sensação de *déjà vu*.

Nessa visão era mais velho, e ele e Jin, agora um jovem vigoroso, transportavam molhos de ramos para um evento internacional, onde faziam arranjos florais.

Havia também um piano de cauda no salão e Jin levantara a tampa e afinava-o enquanto Togashi preparava as flores.

Togashi ficou perplexo com a imagem e sacudiu a cabeça.

O que seria aquilo?

– Hmm, Sr. Togashi, quando o senhor arranja as flores, em que pensa? Arranja-as tão depressa. Como se já tivesse o arranjo final na sua cabeça.

Jin pegou na tesoura e traçou com os dedos a curva das lâminas.

Aquela era uma reação vulgar. Quase toda a gente, quando via Togashi arrancar flores, ficava admirada com a velocidade do seu trabalho. Completava os arranjos à velocidade da luz, como se cada segundo contasse.

– Bom, fazê-lo rapidamente sobrecarrega menos as flores, esse é um dos meus objetivos. – Era uma pergunta que lhe faziam com frequência e aquela era a sua resposta habitual, mas por alguma razão sentiu que o rapaz precisava de mais do que de uma resposta apropriada.

– É verdade que, quando me encontro num lugar onde vou fazer um arranjo *noike*, a paisagem salta de repente na minha cabeça. Fica lá apenas por um momento e não posso permitir que me escape. Se quero reproduzir o que vejo na minha mente, preciso de me apressar. Para o fazer rapidamente é preciso dominar a técnica, e foi por isso que pratiquei tanto. A princípio a imagem desaparecia enquanto eu estava a trabalhar, e isso frustrava-me.

– Uau! – Jin estava impressionado. – Velocidade.

– Exatamente. É preciso velocidade para que a imagem fugaz não me escape.

O rapaz refletiu sobre isto e, mais uma vez, os seus olhos assemelhavam-se a espelhos.

– Peço desculpa se isto parecer indelicado – disse Jin. – Mas a arte dos arranjos florais não será contraditória? Cortam-se coisas do mundo natural, dobram-se e por aí adiante e dispõem-se para parecer que estão vivas. Não sente a contradição que há nisso? Matar algo intencionalmente e depois fazer com que pareça vivo?

O tom do rapaz era tão prático que sobressaltou Togashi. Podia parecer muito inocente à primeira vista, mas, lá no fundo, tinha um inesperado nível de maturidade.

– De facto sinto – admitiu Togashi. – Mas, para começar, a nossa existência é contraditória, pois assenta na premissa de que temos de matar para viver. Comer, o suporte da nossa sobrevivência, baseia-se nisso. O prazer no ato de comer está apenas a um passo de ser pecador. Sempre que faço um arranjo *noike*, sinto uma sensação de culpa e de pecado. É por

isso que tento fazer com que o momento do arranjo seja o melhor possível.

Togashi fez uma pequena pausa.

– Uma empresa de make-up diz isso nos seus anúncios não é verdade? *Faz com que cada segundo, cada vida, sejam belos.* Creio que cada momento é eterno. O oposto também é verdade. Criar o momento supremo significa que, enquanto arranjo as flores, tenho a forte sensação de que o estou a viver. E como esse momento é eterno, posso dizer que estou a viver eternamente.

Jin olhou para cima, como se quisesse interiorizar o significado das palavras de Togashi.

– Hmm. *Ikebana* e a música são semelhantes – disse.

– A sério?

Jin pousou suavemente a tesoura no tatami e cruzou os braços.

– Em termos de reprodutibilidade, é o mesmo que a *ikebana*... um momento. Não a podemos manter para sempre neste mundo. É apenas esse momento, que desaparece. Mas esse momento é eterno e, quando o reproduzimos, podemos viver nesse momento eterno.

Jin olhou para a ponta do ramo que Togashi arranjava. Havia nele um padrão de folhas, o resto da folhagem outonal.

– Hmm – murmurou Jin para consigo. – Então, libertar a música é...?

– Como? – perguntou Togashi.

Um momento depois, Jin olhou para ele.

– Prometi ao meu professor de piano que faria sair a música dos lugares a que está confinada e que a levaria algures para um espaço maior.

Togashi estava desnorteado.

Libertar a música. Togashi pouco sabia do mundo da música, mas não seria um pouco raro um jovem perceber assim as coisas?

– Calculo que não te refiras apenas a concertos ao ar livre e assim – comentou Togashi.

E o rapaz disse:

– Creio que é diferente. Fizemos muitas atuações no exterior, mas não se trata disso. Ainda não consegui fazê-la sair.

Abanando a cabeça, pegou mais uma vez na tesoura dos arranjos e olhou para as lâminas brilhantes.

– Quando o senhor arranja as flores, Sr. Togashi, os ramos e as flores estão vivos. Como se não tivessem consciência de que foram mortos.

Togashi estremeceu ao ouvir a palavra mortos, mas não conseguiu afastar os olhos do rapaz a observar as lâminas da tesoura.

– Um momento e eternidade e... reprodutibilidade...

Sem se preocupar por estar a ser observado por Togashi, o rapaz continuou a olhar para as lâminas da tesoura.

Quero-te

Estava escuro do lado de fora da janela quando ela acordou; o vidro distorcia a vista.

Parecia cair uma chuva fria e sentiu um arrepio infiltrar-se-lhe na pele.

Mieko estremeceu involuntariamente.

A primeira chuva do inverno. Era assim que a sentia.

O último dia da eliminatória estava prestes a começar e prometia ser um grande dia.

Havia muito que passara o pico da exaustão e experimentava uma espécie de pedrada. Esta seria a última avaliação que tinham de fazer e sentia-se esgotada, os seus sentimentos um misto de antecipação por se libertar e por saber que teria saudades quando tudo aquilo acabasse.

Exatamente, pensou. Era assim mesmo.

Sinto-me sempre assim quando o concurso está a terminar.

A sensação de que, embora houvesse alguns grupinhos e diferenças de opinião, ela e os outros jurados, depois de terem estado tanto tempo juntos, tinham-se transformado numa espécie de companheiros de armas.

Como se literalmente travassem juntos a mesma batalha.

Havia tantos jurados mais velhos, que a faziam sentir um pouco subalterna, e todos eles eram gente corajosa. Se não o fossem nunca teriam tentado ter sucesso numa atividade que necessitava pessoas que ouvissem música. Aquela geração de músicos que sobrevivera a um século de guerra, era, no seu âmago, inabalavelmente resistente.

Mieko trocou um breve cumprimento com os outros jurados e entrou na sala de concertos.

Como sempre, Nathaniel foi a primeira pessoa que viu. Apercebeu-se de que o procurava sempre.

Era o homem que amara, o homem com quem passara anos. Ainda tinha sentimentos residuais por ele e, de cada vez que o via, sentia uma leve dor dentro de si.

Nathaniel tomou rapidamente assento, e ela sabia que ele estava perdido nos seus pensamentos.

Em que estaria a pensar? No futuro do aluno? Na mulher de quem se divorciara e na sua querida filha? Ou na orquestra que dirigiria na semana seguinte?

Não. Mieko sabia que não era nada disso.

Mieko sentou-se e abanou a cabeça.

Provavelmente não seria apenas Nathaniel, mas também os outros membros do júri que estariam decerto a pensar no mesmo.

Jin Kazama chegaria à final? Mais precisamente – *deixá-lo-iam* chegar à final?

Mieko calculava que seria a única coisa que os faria desentender-se. Os outros pianistas, dignos de chegar à final, seriam escolhidos como de costume.

Os jurados sentaram-se nos seus lugares, a aguardar calmamente o início da atuação.

Mas Mieko sabia. Podiam fingir estar calmos, mas havia ali uma expectativa.

Percebia que ansiavam secretamente pela prestação de Jin, interrogando-se acerca do que lhes traria a seguir aquele farsante.

Mieko não podia negar que também ela estava excitada. Como uma criança à espera de desembulhar um presente, perguntava a si própria com que se sairia ele dessa vez.

A partir da primeira eliminatória, a opinião acerca de Jin estivera claramente dividida entre aqueles que o apoiavam e aqueles que se lhe opunham categoricamente. De alguma forma, conseguira, como que pisando gelo fino, chegar até àquele ponto de um caminho traiçoeiro.

O que a impressionava era que, à medida que o tempo passava, o número dos seus apoiantes crescia lentamente.

Até entre aqueles membros do júri que tinham sentido uma repulsa física por ele, havia um desejo cada vez maior de o voltar a ouvir tocar.

Aqueles que haviam mostrado um desdém evidente pelo facto de ele estar ali a tocar, quase sem quererem, expressavam com relutância a esperança de o ouvirem mais uma vez. Tinham ficado fãs.

Quem diabo *era* ele?

O que seria ele?

Mieko sabia que mesmo os seus apoiantes achavam difícil percebê-lo. Tinham-no ouvido tocar duas vezes, mas continuavam perplexos, sem saber como reagir. E Mieko era um deles.

Embora ainda se sentisse envergonhada por, nas palavras de Smirnoff, cometer *apostasia* em relação a Jin, era um facto inequívoco que se sentia atraída pela sua interpretação. Porém questionava essa sua avaliação, e continuava sem ter a certeza de não ter sido enganada por algo fraudulento.

E os jurados estavam levemente conscientes de como a armadilha de Hoffman era desonesta e assustadora.

Sabiam também que quer permitissem ou não que Jin chegasse à final revelariam o seu próprio posicionamento como músicos.

Mieko podia imaginar Hoffmann a sorrir, o seu sorriso irreverente e satisfeito.

Desde a audição de Paris, pensou Mieko, que todos fomos muito bem apanhados na sua armadilha. Colocou um rastilho a ligar esse concurso a este.

Estávamos todos tão fascinados pela maravilhosa embalagem que nem reparámos na potente bomba contida dentro da caixa.

A bomba que Hoffmann preparara tinha um rastilho muito comprido.

Preparara tudo aquilo enquanto estava vivo – não, aquilo viera do tempo em que começara a ensinar Jin Kazama. Mieko não sabia quando acendera o tal rastilho, mas este continuara a arder pacientemente, centímetro a centímetro, até ao ponto em que terminaria numa grande explosão.

Tinham sido os membros do júri aqui presentes a apanhar a caixa.

Que bela oferta.

A chama do rastilho aproximava-se a serpentear.

Deveriam deitar fora a caixa sem a abrir? Ou apagar o rastilho aceso?

Ou deveriam agarrar a caixa e deixarem sair dela um admirável espetáculo de fogo de artifício?

Mieko não pôde deixar de imaginar Hoffmann a avaliá-los naquele exato momento.

Nathaniel deveria ser aquele que mais sentia o seu olhar.

Então, o que vais fazer? *Tu?* Tu, como *músico*?

Estas eram as questões colocadas a todos os membros do júri, como a lâmina de uma faca a apontar-lhes diretamente à testa.

Era provável que Hoffmann não tivesse objetado se tivessem deitado fora a caixa. Se no último minuto tivessem decidido “não, isto não dá” e apagassem o rastilho, o mais que faria seria encolher um pouco os ombros.

Se os tivesse visto deitar fora a caixa e cobri-la com um cobertor, receando a explosão, provavelmente teria lá voltado, apanhado a caixa e ter-se-ia afastado sem uma palavra.

Tal como dissera, seria deles a decisão de considerarem Jin Kazama um *talento* ou uma *desgraça*.

Mieko levou à boca a sua garrafa de água mineral. Surpreendeu-a a sede que sentia.

Uau! Estou mesmo tensa. Que se passará?

Bebeu mais um gole.

Tenho a certeza de uma coisa. Mieko limpou a boca e recostou-se.

Se eliminarmos hoje o Jin Kazama, num futuro próximo, terei de viver para sempre com isso, com o facto de ter sido um dos membros do júri que o eliminou do concurso.

*

A sala de concertos esgotou a capacidade assim que as portas se abriram.

Os olhos brilhavam de excitação e o público atropelava-se para chegar aos melhores lugares.

Aya e Kanade, juntamente com Masaru, sentiram-se aliviadas por arranjar lugares na parte de trás.

A sala estava abafada com uma excitação reprimida e uma febril antecipação.

— Já está cheia.

Finalmente as coisas estão a ficar bem animadas.

Aya e Masaru segredavam entre si, mas havia já uma barreira invisível entre eles, entre um cuja prestação já terminara e outro que tinha ainda de

fazer a sua.

– Tens sorte Ma-kun, podes recostar-te e desfrutar do resto da terceira eliminatória.

– Lamento que sejas a última, Aa-chan – Masaru lançou-lhe um sorriso irónico. – Mas ser a pianista cuja prestação fecha o concurso não é coisa que aconteça muitas vezes. És tu quem aqui está há mais tempo.

– Creio que é uma maneira de ver as coisas – e Aya lançou-lhe também o seu sorriso irónico.

Aquela que pode desfrutar mais tempo do concurso e que o pode saborear completamente. Mas, pelo contrário, também é a que mais tem sofrido.

– Afinal onde está o Jin?

Aya ficou um pouco sobressaltada.

– Não o vejo. Está sempre ali naquele canto.

Também Kanade olhou em seu redor.

– Ele prefere ficar na coxia a sentar-se.

– Diz que ali se concentra melhor para ouvir.

– Também não estava aqui ontem à noite. Talvez esteja a ensaiar.

*

Ao ouvir Masaru e Kanade, Aya sentiu-se estranhamente incomodada.

Estou tão fora disto. Não sinto a consciência de ser a última a entrar. Porque estarei tão preocupada? Aya tentava identificar a fonte do seu incómodo, mas sentia-se apenas distanciada e intrigada pela sua falta de emoção.

Para o saborear completamente. Era verdade que descobrira do que tratava o concurso. O prazer de escutar uma tal variedade de pianistas e as suas diferentes origens.

Mas a ideia de *saborear* era diferente daquilo que Masaru queria dizer.

És tu quem aqui está há mais tempo.

Falava como adversário, como músico. Saboreando a batalha em si.

Sou diferente dele, pensou Aya. *Não estive a saborear tudo como candidata, mas como ouvinte.*

Aya sentiu-se ainda mais em baixo, como se a gravidade a puxasse diretamente enquanto se sentava, arrastando-a para o abismo.

Afinal, por que raio estarei aqui?

Era essa a questão que evitara todo aquele tempo.

O clamor da assistência desapareceu e Aya estava sentada ali na sala, sozinha.

Estar lá em cima no palco *era* divertido, claro. Sabia-lhe bem tocar diante do público.

E pude ver a Mãe. E voar no espaço.

Tenho estado a fugir, nada mais, tentando não enfrentar os meus próprios medos. Sei isso agora.

Por isso foi uma experiência valiosa. Pude sentir mais uma vez como a música é maravilhosa.

Mas e então?

Aya sentia-se atónita ao perceber como perdera o interesse em ser candidata.

A música fará sempre parte da minha vida. E nunca deixarei de tocar, é certo. Mas isso, e este concurso em que agora me encontro, não estão organicamente ligados. Há uma desconexão algures, e não sinto este concurso ligado à minha vida musical.

Aya sentiu um súbito arrepio. Conseguia imaginar-se a dizer depois do concurso acabar: “Bom, foi divertido. Gostaria de ir ouvir outro”, e sair da sala de concertos.

Mas porque seria tão assustador? Sentia-se confusa.

Não seria suficiente? Era uma pessoa desse tipo, ou não? E gostava desse tipo de pessoa, aquela que considerava um concurso em que ela própria participava como sendo basicamente um concerto muito longo e agradável.

Mas isso seria bom?

Sim, dizia outra parte dela com uma voz que soava um pouco desesperada, histérica.

Cumpriste o que tinhas de fazer. Evitaste o embaraço ao Prof. Hamazaki, não é verdade? O público adorou-te e os repórteres até vieram entrevistar-te. Salvaste a face e cumpriste as expetativas, ou não?

Mas seria isso verdade? Uma voz de dúvida continuava a incomodá-la.

Então o que devo fazer agora? Aya nem reparava que estava encharcada em suor frio.

A campainha tocou, a assistência correu para os seus lugares, mas Aya não se apercebeu de nada disso, apenas da gravidade que a puxava cada

vez mais para o fundo.

*

O primeiro pianista era um homem coreano. Alto e carismático, com um programa centrado em Rachmaninoff, que mostrava perfeitamente as suas proezas técnicas.

– Uau, ele é mesmo atraente, não é?

– Não parecia assim na primeira e na segunda eliminatórias.

Kanade ouvia Aya e Masaru a segredarem um com o outro. E concordou.

Havia todo o tipo de candidatos, aqueles que começavam lentamente e que só sobressaíam quando o concurso progredia. O jovem atingira o seu ponto máximo na altura certa. Chegar à terceira eliminatória devia também ter-lhe reforçado a confiança.

– É mesmo fixe – segredou Kanade a Aya.

– Sim, vai tornar-se popular.

Muito elementos do público deviam ter concordado, pois quando a prestação dele terminou havia raparigas a gritar a sua aprovação.

A candidata seguinte era também coreana. Uma jovem que fez com que a assistência apreciasse de facto a música.

Todos aqueles que tinham chegado à terceira eliminatória estavam num nível que obrigava o público a pensar: *É este*.

Aquela jovem mal tinha vinte anos, porém havia maturidade na sua maneira de tocar.

Tão jovem e já com um estilo sóbrio e contido, pensou Kanade impressionada.

– Também é ótima.

– São todos tão bons.

*

Aya e Masaru teriam mesmo de ter um talento espantoso para se destacarem num grupo assim, pensou Kanade.

Já para não falar de Jin Kazama.

Tinha a sensação de que o público desejava ouvi-lo.

No dia anterior as expetativas tinham-se voltado para Masaru, mas hoje eram todas para Jin.

A sua atmosfera única, o seu som especial.

Era tudo tão sensacional, porém, de repente sentiu-se pouco à vontade por estar tão entusiasmada. O talento dele era tão invulgar que não conseguia descrevê-lo por palavras. Sentia-se cativa daquele som, mas quando terminava não conseguia dizer o que a prendia tanto.

Kanade continuava a ter dificuldade em saber o que pensar dele, algo que raras vezes lhe acontecia.

Observou a assistência furtivamente, em busca de Jin.

Sombras escuras enchiam os cantos da sala.

Nesse dia havia gente de pé, logo a partir da manhã.

Onde estava ele?

*

O Jin que tanto preocupava Kanade estava mesmo ao fundo da sala de concertos.

Acordara cedo e, incapaz de se sentar sossegado, caminhara à chuva e metera-se na sala de concertos momentos antes das prestações começarem, juntando-se àqueles que estavam de pé e de cócoras.

Inclinava-se para diante, balançando enquanto escutava o fervor da miúda coreana.

Sim – essa parte também é bem bonita.

Estava com a jovem, lá longe, dentro do seu mundo musical.

Aquilo era aparentemente um castelo. Dentro de um edifício antigo. Um mundo sólido, tranquilo. Um ar calmo por toda a parte, o acumular dos anos. A jovem tinha um vestido clássico e estava completamente imersa. Aparentemente inconsciente de que Jin estava mesmo a seu lado.

Jin olhou em volta.

Paredes de pedra, chão de madeira de padrão geométrico.

Luz bruxuleante dos candeeiros.

Hmmm – um lugar histórico. Talvez algo dos tempos antigos na Europa.

Jin percebeu que alguém o chamava. Saiu de junto da rapariga. A sua consciência foi gradualmente transportada para outro lado.

Para o exterior.

Abandonou o castelo e saiu para um enorme espaço aberto.

Erva macia sob os seus sapatos. Uma grande planície coberta de erva.

Espiava de longe o Maestro Hoffmann. Dedos entrelaçados atrás das costas, a caminhar com a cabeça levemente inclinada.

Lá para fora. Lá para fora.

Como poderia levá-la para o exterior? Levar a música para o grande mundo?

Jin correu atrás do professor.

Sr. Hoffmann, espere!

O vento soprava e sentia a luz do sol nas suas faces.

Sentia a luz, mas a paisagem não era nítida.

Hoffmann deteve-se e voltou a cabeça. Jin avistou-lhe o rosto, mas depois o professor voltou-se e seguiu em frente.

E depois ouviu um *snip, snip*.

Jin deixou de correr e olhou na direção do som.

Togashi cortava os ramos. Cortava um salgueiro a um ritmo furioso com uma tesoura de podar e juntava os ramos nos seus braços.

O mais depressa possível. Para que não sintam que estão mortos.

A eternidade é um instante e um instante é eterno.

Jin abriu muito os olhos.

Ouviu-se um aplauso estrondoso.

Sem que desse por isso, a atuação da jovem terminara e ela fazia uma vénia profunda. O aplauso foi ainda mais ruidoso.

As pesadas portas abriram-se atrás dele e Jin levantou-se rapidamente. Foi apanhado pela multidão que saía e viu-se lá fora no átrio.

Lá fora. Lá fora.

Caminhou distraído em direção às janelas que iam do chão ao teto.

Sentia-se o frio do outro lado do vidro.

Lá fora caía uma chuva fria e as pessoas abriam os guarda-chuvas à medida que iam saindo.

Já é inverno, pensou.

Jin encostou a mão aberta à janela. O vidro estava muito mais frio do que julgara e o instinto levou-o a retirar a mão.

Enquanto olhava, via-se ainda naquela planície coberta de erva e varrida pelo vento, as duas paisagens sobrepunham-se numa só.

O Maestro Hoffmann já estava longe, quase a desaparecer na bruma.

O que devo fazer? E como? Perguntou Jin à figura distante de Hoffmann.

Tocara piano ao ar livre com Hoffmann, mas aquilo era diferente. Não fazia sentido libertar a música. Era divertido, mas não era o que Hoffman quisera dizer com *Leva-a lá para fora*.

– Já alguma vez se sentiu assim, Maestro? – perguntou-lhe Jin uma vez.

Hoffmann sorriu e disse:

– Sim, mas não muitas vezes. – Fez então um gesto com a mão, como se agarrasse qualquer coisa entre os dedos.

Jin procurou a saída. Queria respirar o ar fresco.

A porta automática abriu-se e o ar frio entrou.

O ar frio e húmido lá de fora.

O cheiro do inverno.

Jin começou calmamente a afastar-se.

A sala de concertos fazia parte de um grande edifício multiusos e podia-se caminhar quase até à estação sem apanhar chuva. Apenas o pavimento de pedra da praça em frente da sala, que não tinha telhado, estava molhado.

Jin olhou para o céu.

Não havia vento. A chuva caía suavemente.

Ouviu ao longe o rolar de um trovão.

Trovoada de inverno. Sentiu algo borbulhante vir ao de cima dentro dele.

Não viu relâmpagos.

A chuva cinzenta inscrevia linhas escuras ao cair.

Debaixo das áreas cobertas, a chuva entrava pelos lados, arrefecendo e humedecendo as faces de Jin.

Leva-a lá para fora.

Mesmo quando a chuva fria o fustigava, Jin sentia-se fechado algures. A sensação impaciente e irrequieta que o invadira desde manhã.

Onde havia de ir? Onde havia de a levar?

Tirou o boné, voltou a pô-lo na cabeça e continuou a caminhar.

Havia um longo túnel que levava até à estação.

Sob as luzes fluorescentes, os transeuntes tinham fechado os guarda-chuvas. Jin juntou-se a eles.

Quero sair, para um sítio amplo.

O túnel bafiento era sufocante.

Não é aqui.

Jin apressou-se.
Saiu do túnel quase a correr.
Saiu para a praça vazia em frente da estação.
Jin parou, sem fôlego.
A estação agigantava-se, o céu era agora mais vasto.
O céu cinzento e vazio espalhava-se sobre ele. Nem vestígios de luz.
Lançou um olhar vago para o céu.
A chuva batia silenciosamente no seu boné. O mundo enchia-se com o murmúrio da chuva. Soavam as buzinas dos carros, os vendedores gritavam, mas a chuva era silenciosa.
Hoje as abelhas não voam, pensou.
Não oiço esse zumbido que tanta falta me faz.
Onde estará agora o Maestro?

*

Takubo, o contrarregista, sobressaltou-se ao avistar o rapaz, imóvel nos bastidores, mais parecendo um fantasma.

No palco, o pianista anterior a Jin Kazama ia a meio da sua prestação.

– Passa-se alguma coisa Kazama-*kun*?

Takubo tentou questioná-lo calmamente, mas não obteve qualquer resposta.

Geralmente, o candidato seguinte aguardava no camarim, onde podia ensaiar, e só era chamado quando o intérprete anterior saía do palco.

Uns chegavam cedo, outros ensaiavam até ao último minuto – havia de todas as espécies – mas Jin Kazama quase nem fazia aquecimento e dizia que preferia ouvir a prestação dos outros candidatos a partir da sala, por isso estavam habituados a que ele não aparecesse senão no momento de entrar.

Alguém sensato deveria tê-lo deixado aceder cedo aos bastidores, mas era certo que qualquer coisa estranha se passava com ele.

Mesmo quando Takubo se lhe dirigiu, os olhos de Jin mantinham-se desfocados.

Estava despenteado – nada de estranho – mas parecia ter a cabeça e a camisa molhadas da chuva.

Takubo dirigiu-se calmamente aos membros da produção.

– Alguém me pode arranjar uma toalha? – pediu.

Entregou-a a Jin.

– Pode usar isto para se limpar – disse, mas o rapaz parecia não ouvir.

Não teve outro remédio senão pegar no rapaz por um braço, levá-lo para um canto dos bastidores e enxugar-lhe ele próprio o cabelo.

A sensação do cabelo revoltado e macio do rapaz fez com que Takubo se recordasse do seu próprio filho quando era pequeno.

Há quanto tempo, perguntou a si próprio, *sequei assim o cabelo a uma criança?*

Sem saber porquê sentiu-se invadido de uma nostalgia agriçoce.

– Kazama-kun, sente-se bem? Está doente? – murmurou Takubo ao ouvido do rapaz, o que pareceu sobressaltá-lo. Os olhos de Jin abriram-se e ele começou a olhar em volta.

Takubo levou o dedo aos lábios para indicar que tinham de se manter em silêncio. – Estamos nos bastidores – afirmou.

– É a minha vez? – Jin parecia surpreendido.

– Ainda não. O candidato anterior a si ainda não chegou a meio.

Jin ficou em silêncio por um momento, depois soltou um enorme suspiro. Parecia por fim ter regressado à realidade e o seu olhar já não era vago.

– Sente-se aqui.

Takubo indicou-lhe um banquinho e o rapaz obedeceu. Ficou sentado, com a cabeça enrolada na toalha, perdido nos seus pensamentos. Os seus olhos tinham uma expressão que Takubo nunca vira.

Estava tão concentrado que era quase assustador.

Felizmente não parecia estar doente nem em pânico.

Takubo sentiu-se aliviado. Mais tarde teria de saber junto da produção a razão pela qual Jin tivera autorização para entrar tão cedo nos bastidores.

Durante quase trinta minutos, Jin ficou sentado praticamente imóvel.

Sempre cheio de surpresas, este rapaz, pensou Takubo.

Olhou disfarçadamente para ele e depois para o palco.

Terminara a última peça do programa.

Takubo abriu a porta do palco e sorriu ao jovem russo, de rosto corado enquanto recebia o aplauso estrondoso.

Não havia nada como a alegria de ver o rosto do participante naquele momento, pensou Takubo.

O aplauso não abrandava.

Queriam que bisasse e o jovem voltou ao palco, com um sorriso embaraçado.

Mais uma peça, suponho eu.

Takubo olhou para Jin. O rapaz olhava para um ponto no chão e não se movera um centímetro.

Takubo apercebeu-se de que Jin não dera conta das aclamações ou dos aplausos.

Enquanto felicitava o candidato que regressava, Takubo não se esquecia do rapaz que estava sentado na escuridão dos bastidores.

Em que pensaria? O que veria?

Takubo sentiu-se incomodado ao ouvir o público levantar-se e dirigir-se ruidosamente para as saídas.

Asano, o afinador de pianos, aproximou-se.

– Olá – disse, quando Takubo apontou com a cabeça Jin Kazama ali sentado.

– Que se passa com ele? – perguntou Asano a Takubo.

– Não faço ideia. Parece perdido nos seus pensamentos.

– Mas tenho de afinar o piano... o pianista antes dele martelou-o com toda a força.

Jin usaria o mesmo piano que o jovem que o precedera.

– Kazama-kun, Kazama-kun. – Asano aproximou-se de Jin e acocorou-se junto dele.

– Oh, Sr. Asano.

Jin baixou os olhos. A sua expressão era calma e Takubo disse para consigo que iria correr tudo bem.

– Então, como quer que afine hoje o piano? Afino-o como o senhor preferir.

Asano sorriu-lhe e Jin pensou por um instante.

– Gostaria que o som chegasse ao céu.

– Como? – perguntaram Asano e Takubo em uníssono.

Com ar sério, Jin apontou para cima.

– Faça-o de maneira que o Maestro Hoffmann o possa ouvir.

O seu tom de voz não podia ser mais sério.

Asano recuou um passo, depois endireitou-se apressadamente e engoliu em seco.

– Isso quer dizer o quê, exatamente?

– Suave – respondeu Jin. – O oposto a um som brusco, por favor.

*

Aya Eiden encaminhou-se para a sala de espera e mudou rapidamente de vestido.

Este era vermelho, quase escarlate. Já a sua terceira *toilette*.

Recordou-se dos vestidos vermelhos que Jennifer Chan usara. Eram incríveis, pensou. A propósito, onde os teria comprado? Ou as pessoas ricas mandavam-nos fazer?

Aya recordou-se do vestido prateado no guarda-vestidos do hotel. O vestido que estava a guardar para a final.

Mas teria possibilidade de o vestir?

Não demorou quase nada a mudar de roupa e a aplicar uma maquilhagem básica. O vestido tinha mangas drapeadas, o que facilitava os movimentos dos ombros e braços. De momento, manteria os sapatos baixos e só calçaria os de cerimónia nos bastidores.

Aya viu-se ao espelho, fez uma rotação com os braços e assentiu satisfeita.

Praticamente não fizera aquecimento.

Tenho de me apressar a ir para a sala para não perder a prestação do Jin Kazama.

Para evitar exhibir o vestido, decidiu pôr sobre ele um casaco de malha e ir para a sala poucos minutos antes de começar a atuação.

Sentia-se mais nervosa à espera da prestação de Jin do que da sua. Com as suas sabia ela o que ia fazer, e todas pareciam terminar antes que desse por isso.

Aposto nele, pensou subitamente.

Mas aposto o quê, exatamente?

O que quero eu desse génio? O que espero dele é problema meu e nada tem a ver com ele. Porém confio nele para receber um raio de esperança e suplico-lho vivamente.

Entrelaçou os dedos e apertou-os com força.

Era uma sensação estranha.

Agora, que pensava nisto, percebia que se sentia assim desde a primeira eliminatória.

Quando ouvira a primeira prestação de Jin Kazama, sentira que também queria tocar para estar com ele. O mesmo acontecera na segunda eliminatória.

Pensou que fora capaz de tocar a sua *Primavera e Asura* porque ele tocara a dele, e essa interpretação avivara as brasas quase consumidas do seu coração sombrio.

Seria justo dizer que se encontrava naquele lugar porque ele a puxara. Mas e depois? Depois do concurso e dos dias seguintes? O seu futuro, a sua vida na música? Invadia-a uma sensação de ansiedade, próxima do medo, como uma impressão espinhosa e ardente nas suas costas.

Não conseguia explicar essa sensação que nem Masaru nem Kanade conseguiam aliviar.

Não sabia como, mas Jin Kazama conseguia acalmá-la. Sentia-o instintivamente e confiava nele.

Ele consegue erguer-me, talvez criar uma razão para que eu consiga aceitar o verdadeiro mundo da música.

Lá no fundo, Aya estava à espera há muito tempo de uma centelha. *Por isso... peço-te*, disse, dirigindo as suas palavras a Jin.

Por favor... traz-me de volta. Dá-me uma razão para regressar a este mundo cruel e maravilhoso.

Enquanto o desejava, outra parte de si sorria pesarosa e pensava: *Não estarás a ser muito ousada quando pedes tal coisa?*

Viu no espelho o rosto de uma menina com um sorriso enigmático.

Que farei então se a prestação dele não estiver de acordo com as minhas expectativas? Se ficar desapontada, desiludida. Significa que vou desistir?

A menina do espelho tinha um sorriso sarcástico.

Nada mais tens feito do que culpar os outros. Contar com outras pessoas. Afinal não és uma verdadeira música. Olha para o Masaru. Até para a Kanade e para os outros pianistas.

Decidiram passar toda a sua vida como músicos. Com dúvidas nas suas mentes. Mas tu não és uma música. Alguma vez, até agora, terás sido? Deixas o teu destino ao cuidado dos outros, por isso estarás de facto pronta para dedicar toda a tua vida à música?

A dor espinhosa era agora pungente.

É por isso que estou a apostar tudo aqui! Gritou para a menina do espelho.

O Masaru é maravilhoso, e a Kanade... respeito-a tanto. É honesta e sincera em relação à música. Têm os dois qualidades que eu não tenho. Sinto-me invejosa, culpada. Um pouco inferior.

Admito-o... Estou totalmente confusa. Uma rapariga desonesta que culpa os outros de tudo. Mas também quero tocar!

Aya olhou para o seu rosto pálido no espelho.

Sentiu o coração acelerado e o suor frio a cobrir-lhe as têmporas.

Uma campainha soou ao longe.

Levantou os olhos para o relógio na parede. Ergueu a bainha do vestido e apressou-se a sair do camarim.

*

– Kazama-kun, são horas – avisou Takubo em voz baixa.

Asano olhava apara Jin com grande aflição.

O afinador de pianos tornara-se fã de Jin, e enquanto este se dirigia para a luz do palco Asano acompanhava-o com um sentimento quase religioso.

Quando soou o aplauso ensurdecedor, Asano sentiu que estava a ter uma visão.

Para lá das portas estava um extenso campo.

Um céu lá no alto, nuvens brancas distantes. Uma terra deserta.

E nesse lugar deserto, Jin Kazama erguia-se e caminhava sozinho.

Dirigindo-se para o horizonte distante.

Por um caminho intransitável, que nunca ninguém pisara.

Onde vais? Exclamou Asano ao ver o rapaz desaparecer por entre as portas.

*

Jin Kazama parecia um pouco diferente das duas ocasiões anteriores que estivera em palco.

Não correu para o piano, como se não pudesse esperar. Antes dirigiu-se a ele com toda a firmeza e um olhar sereno.

Deus – estaria nervoso? Não seria natural, pensou Mieko a princípio.

Está a olhar para algo distante.

Os intérpretes pareciam sempre solitários em palco, mas este ainda parecia mais só.

Mas porquê? Interrogou-se Mieko.

Junto ao piano, o rapaz inclinou rapidamente a cabeça.

O aplauso cessou. A assistência susteve a respiração.

O rapaz sentou-se. Olhou para cima por um momento.

Também o público sentiu algo de diferente.

O rapaz murmurava para consigo.

Palavras de oração? Ou falaria sozinho?

Se, nesse momento, Mieko pudesse estar junto dele no palco, talvez o ouvisse falar com Hoffmann.

O rapaz sorriu.

Mieko sentia-se inquieta.

E ele começou a tocar.

*

Era provavelmente a primeira vez que Masaru ouvia uma peça de Eric Satie tocada num concurso, e duvidava que tal voltasse a acontecer.

A peça espirituosa *Je te Veux* ou *Quero-te*. Uma valsa leve, divertida. A simples melodia imediatamente transformou a sala de concertos nas ruas de Paris.

O tinir dos copos no café, a conversa da clientela.

A música de Jin era tão inteligente. Ele era tão jovem, porém a sua interpretação do chique de Satie era tão madura, tão conhecedora.

A pequena peça era o prólogo de um programa de uma hora.

Fez gradualmente um *ritardando* –

E de repente lançou-se na peça seguinte.

Uma peça famosa, *Canção da Primavera*, de *Lieder ohne Worte* ou *Canções sem Palavras* de Mendelssohn.

Que vibrante mudança de cenário.

Estavam de repente num fragrante jardim de flores.

Acetinadas flores de primavera e pássaros a cantar.

Tão belo.

Que atuação tão visual, transbordante de cor. A seguir, Brahms. O *Capriccio* em Si Menor.

Aqui o toque tornou-se mais livre, solto. Também aquela peça era curta, inteligente, cheia de melancolia, porém com um toque de humor. Complicada de tocar.

O cenário seria todo azul, não é verdade? Pensou Masaru e fechou os olhos.

Uma paisagem tingida de azul. Uma mansão junto a um lago, talvez com os seus habitantes vestidos a rigor e dançando no grande salão. Conseguia mesmo ver as mulheres na ponta dos pés.

Aquilo não era já uma atuação de concurso.

Masaru admirava o que Jin fazia, mas estava também estupefacto.

Era como se rodasse melodias, arranjando-as quando chegavam a ele. Era uma estranha forma de atuação ao vivo, com uma melodia a atrair a seguinte.

Sim, era mais uma atuação ao vivo do que um concerto ou um recital.

O Brahms terminou como se tivesse sido afastado para outra sala de concertos.

Jin baixou de novo as mãos para as teclas.

Depois o público soltou uma exclamação abafada.

De novo Erik Satie.

A sala ficou confundida, mas em grande animação.

Jin Kazama começara a tocar *Quero-te*.

Pelo seu sorriso era claro não se tratar de um acidente. Estava perfeitamente ciente de que repetia a primeira peça do seu programa.

Que se passaria ali?

Masaru estava estupefacto, mas também preocupado com Jin.

Uma atuação que não estava de acordo com o programa que ele submetera seria considerada como violação das regras? Afinal, as regras do concurso eram muito rigorosas.

E se Jin fosse desqualificado?

Como poderiam eliminar um talento como o dele?

Masaru começou a suar frio.

Jin não pensaria na aflição em que estava a pôr a assistência?

Lá em cima no palco, Jin tinha um sorriso inocente enquanto repetia com leveza a peça de Satie.

Um crime premeditado? Ou pensaria que aquilo estava dentro dos limites do concurso? Ou então...?

A segunda interpretação de Satie abrandou, antes de ele se lançar rapidamente na peça seguinte.

Debussy.

Pagodas, a peça de abertura da Suite *Estampes* ou *Prints*. A seguir ao título em japonês, que significava *Torre*, havia uma anotação com referência a pagodes.

Era evidente que Debussy tinha em mente uma imagem oriental.

O cenário mudou imediatamente.

Um quadro grande, com uma moldura da época.

Uma aldeia ao crepúsculo. A humidade asiática, pegajosa. Quase se sentia o cheiro da erva, o aroma do vento quente a soprar. Um pagode antigo.

Sentia-se a gravidade que retirava a paisagem do palco e a levava até ao público.

*

À medida que Kanade ouvia, também ela perguntava a si própria se ele não estaria a infringir as regras. Tratava-se de um concurso. Como reagiriam os membros do júri à repetição de Satie?

Ainda para mais, a segunda interpretação de Satie não fora concluída. A meio, desvaneceu-se na peça seguinte. Um *medley* era o que isto era.

Mesmo assim, a cena ondulante e aural criada por Debussy roubara-lhe o coração e levava-a para muito longe dali.

Quem quer saber de regras? Pensou Kanade por fim.

O que era admirável na música de Debussy era que, sempre que ela a ouvia, surpreendia-a a sua originalidade melódica e era sempre o mesmo pensamento que lhe ocorria: *Claude Debussy, não há dúvida de que és um génio.*

De súbito, o antigo pagode – a paisagem daquela esbatida pintura oriental – avançou rapidamente.

Sentimento – poder-se-ia chamar assim? Água, nas profundezas do coração, num lugar profundo e escuro, era agitada por uma força invisível.

A aceleração inesperada de Debussy *transportou* completamente a assistência para outra dimensão.

O dinamismo de Jin Kazama destacava-se ainda mais. Kanade sentiu-se arrepiada.

O aumento de volume do pianíssimo para o fortíssimo foi maravilhosamente conseguido. Não por exibição, mas pelo instinto de jogar com o som que acontecia antes que desse por isso.

Como se um carro de corridas tivesse súbita e silenciosamente acelerado até à velocidade máxima.

Um drama calmamente desenrolado, atingindo um movimento incrível.

A música mudou para a segunda peça em *Estampes*, *A Noite em Granada*.

A assistência foi transportada num momento para um mundo evocativo do Islão.

A palavra Granada provocava todo o tipo de associações. Ficava na Andaluzia, no sul de Espanha, uma região em que o Cristianismo e o Islão se cruzavam. O céu límpido, azul forte, era absorvido pelo aproximar do crepúsculo. Os pilares brancos, regularmente espaçados num corredor, pareciam mergulhados no brilho do pôr do sol e traziam à mente a palavra *infinito*.

O ritmo da *habanera*. Mulheres de cabelo negro asa de corvo a dançar segurando os seus leques.

Também aqui, algo se ergueu do mar da emoção que jazia nas profundezas. Um final de tarde inquieto e sem alegria.

A zona crepuscular onde surgiam as bênçãos e as maldições da vida.

Estava completamente impregnada disto.

Uma capa cor de púrpura cobriu o público quando esta luz da noite brilhou a partir do palco.

Kanade estava cravada no assento.

Algo como uma enorme parede de energia vinha do palco, pregando-a literalmente ao seu lugar.

Sentia-se ressequida e hesitava até em respirar.

Até que o cenário mudou.

A terceira peça de *Estampes*. *Jardins à Chuva*.

A temperatura baixou subitamente.

A luz púrpura que brilhara sobre a assistência dissipou-se, levando-a para a fria França.

Para um luxuriante jardim molhado da chuva da tarde.

O céu diminuiu subitamente, com rajadas de vento húmido, pingos de chuva.

O vento tornou-se mais violento, abanando as árvores, a chuva açoitando as folhas e as flores, obrigando-as a curvarem-se mais e mais.

As crianças espalhavam-se, tentando fugir da chuva, com um cão a saltar junto delas.

Oh – está a chover.

Os olhos da assistência estavam colados no palco, vendo a chuva cair no jardim.

Começaram a formar-se pequenas poças.

A água pingava dos beirais.

Na rua empedrada a chuva formara um pequeno ribeiro, um riacho cinzento que corria pelo monte abaixo.

Kanade sentiu as gotas frias salpicarem-lhe as faces.

*

Depois da vibração de Debussy, Jin Kazama mergulhou diretamente nos *Espelhos* de Ravel.

O público já estava habituado ao seu estilo.

E, o que era bastante estranho, não era desagradável.

Na mente do rapaz, *Estampas* e *Espelhos* estavam ligados. Uma associação entre o cenário?

Nathaniel Silverberg não prestara grande atenção ao facto de o rapaz ter repetido Satie. Algum dos jurados podia chamar-lhe a atenção por isso, mas tratariam do caso se tal acontecesse.

Pelo contrário, Nathaniel concentrava-se em sondar o que passava pela mente de Jin Kazama.

Reparara na abordagem única que o rapaz fizera das peças que interpretara nas suas duas anteriores prestações.

Atualmente, a tendência era concentrarem-se no compositor, os pianistas tentavam discernir as suas intenções e alinhar-se mais de perto com ele. Era uma abordagem original na qual os pianistas tentavam imaginar o tipo de imagem que o compositor tinha em mente e procurar o passado histórico e a sua fonte de inspiração pessoal.

Mas Jin era exatamente o oposto. Tentava atrair a peça mais para junto de si, o que poderia provocar a ira de profissionais e fundamentalistas.

Não, não se tratava disso. O que ele fazia era tornar a peça parte do mundo. Reproduzindo o seu próprio mundo através da peça, tornando

muito maior qualquer peça que tocasse.

Cinco cenas refletidas num espelho.

Mariposas, Pássaros Tristes, Um Barco no Mar, Alborada del Gracioso, O Vale dos Sinos.

Jin aumentava as cenas que Ravel escrevera. E as cenas que evocava eram em grande escala. Não eram meras imagens provenientes da sua mente, mas como se estivesse a pintar as cenas no palco. Levando todo o piano para a paisagem, fazendo a assistência mergulhar.

Era difícil tocar Ravel. Quem se concentrasse demasiado na técnica perdia liberdade de ação e acabava com uma visão muito curta. Jin, porém, saltava agilmente essa armadilha.

Sempre que Nathaniel ouvia Jin tocar, ficava surpreso com a técnica do rapaz. Tinha uma capacidade extraordinária, mas soava tão natural que esta nem chamava a atenção. Como se não fosse uma capacidade pela qual tivera de se esforçar, mas sim que possuísse naturalmente e por direito próprio. Essa capacidade era quase instintiva, algo que um termo mecânico como *técnica* não poderia definir.

Um rapaz verdadeiramente excêntrico.

Nathaniel estava completamente arrebatado. Inesperadamente, o rapaz fizera entrar a assistência no seu próprio espaço.

De súbito, Nathaniel deu por si numa planície que se estendia até ao horizonte.

O Maestro Hoffmann?

Não sabia como, mas Hoffmann parecia estar ali ao longe.

Qual seria a sua intenção ao ensinar aquele rapaz...

Seria aquilo?

Hoffmann pareceu sorrir.

*

A quinta peça dos *Espelhos, O Vale dos Sinos*, profundamente contemplativa, chegou ao fim e *Je te veux* de Erik Satie ouviu-se pela terceira vez.

Era evidente que, naquele momento, Jin Kazama sabia que estava intencionalmente a quebrar as regras. Aquelas repetições de Satie formavam um passeio que ligava o seu recital, permitindo que a assistência respirasse.

Mudou para um improviso de Chopin.

Aya Eiden, que se encontrava entre as pessoas de pé, teve uma estranha sensação.

Era como se estivesse lá em cima no palco com Jin, acompanhando-o.

Era como se estivesse ela própria no palco – como se fosse ela a tocar.

Não, não é isso. É como se eu estivesse no palco, ao lado do piano, a falar com ele, enquanto ele toca.

Ele olhou para ela e lançou-lhe um rápido sorriso.

Gostas do piano?

Ela assentiu. *Sim, gosto muito.*

Até que ponto?

Não sei. Gosto tanto que nem sei dizer.

A sério?

Ele lançou-lhe um sorriso irreverente e continuou com Chopin.

Como? Pensas que não digo a verdade? Aya olhou-o por um segundo.

Não sei. É porque pareces confusa.

Verdade?

Sim. Não quando estás aqui a tocar, mas quando estás fora do palco, pareces sempre confusa.

Ele conhecia-a bem, pensou ela.

Adoro o piano, disse ele.

Até que ponto? Foi a vez de Aya perguntar.

Deixa-me pensar...

Jin Kazama olhou para o espaço.

Gosto tanto que, mesmo se fosse a única pessoa no mundo e houvesse um piano num campo aberto, gostaria de tocar para sempre.

A única pessoa no mundo.

Aya olhou em volta.

Uma planície até onde a vista alcançava.

O vento soprava e os pássaros cantavam ao longe.

A luz derramava-se do céu.

Um lugar deserto, árido, porém um lugar que dava prazer.

Mesmo que não houvesse ninguém para ouvir?

Sim.

Poderias dizer que eras músico se não houvesse ninguém para te ouvir?

Não sei. Mas a música é instintiva. Mesmo que houvesse apenas um pássaro no mundo, ele continuaria a cantar. Não será o mesmo?

Creio que sim. O pássaro cantaria.

Certo?

O toque leve de Jin Kazama. Uma linha melódica que parecia improvisada por ele.

Não queres cantar? Perguntou.

Olhou de lado para Aya.

Será... que quero? Não sei.

Aya semicerrou os olhos à luz.

Quando te vejo tocar, quero cantar. Fui capaz de voltar ao palco graças a ti. Sem te ouvir, nunca teria tocado.

A sério? O rapaz encolheu os ombros.

A sério. É por isso que não sei se quero continuar a cantar ou não.

Não me parece certo. O rapaz sacudiu o corpo.

O quê?

Penso que eu e tu somos iguais. Tu apenas te vêes em mim.

Iguais?

Sim. A música é um instinto. É o mesmo para ti. É por isso que temos mesmo de cantar. Creio que também tu, se estivesses sozinha no mundo, sentar-te-ias ao piano e tocarias.

Eu?

Um vento quente soprava sem se saber de onde. Aya passou os dedos pelo cabelo.

Sim. Sem dúvida.

Não sei.

Tenho a certeza. Jin Kazama riu. *Confia em mim. No outro dia voámos juntos até à lua, não é verdade?*

Tens razão. É verdade. Aya também riu.

Por isso digo-te... confia em mim.

Se o dizes.

Sim, digo-te, por isso não podes enganar-te.

Jin esboçou um largo sorriso e continuou a tocar.

*

Aya recuperou o controlo sobre si mesma.

Jin Kazama estava lá em cima no palco.
A sua figura estremecia, parecia desfocada.
Sem saber porquê, levou a mão ao rosto e descobriu que estava a chorar.
Antes que desse conta, as lágrimas deslizavam-lhe pelas faces.
Obrigada, murmurou Aya silenciosamente.
Obrigada, Jin Kazama.
Limpou as lágrimas.

*

A última peça de Jin Kazama.

África de Saint-Saëns: *Fantasia para Piano e Orquestra*.

Originalmente um concerto para piano de dez minutos.

Fascinado por África, Saint-Saëns escrevera o tema *África* em 1889, a caminho das Ilhas Canárias, ao largo da costa ocidental do continente africano, e completou-o dois anos depois.

Com uma melodia incomparável, resultante do exotismo que, na época, os europeus sentiam em relação a África, dizia-se que a peça incorporava de facto um motivo de uma melodia folclórica tunisina.

Quem olhasse para o programa da terceira eliminatória de Jin Kazama seria atraído para um ponto em particular na coluna dos compositores onde estava escrito *Saint-Saëns/Jin Kazama*.

Por outras palavras, o próprio Jin fizera o arranjo da peça, o que seria uma estreia mundial.

Que tipo de arranjo seria esse, para fazer dela o toque final do seu recital de uma hora?

Masaru esperava, emocionado, para o descobrir.

O improvisado de Chopin terminou e, depois de uma breve pausa, Jin Kazama começou com um *tremolo* a tocar a introdução cheia de suspense, originariamente composta para violino.

O público mostrava-se tenso.

A mão esquerda, mais afastada no piano, tocava a melodia.

Acordes, pesadamente estratificados, levavam a um crescendo, o motivo repetia-se.

Aí vem, aí vem.

A emoção da expectativa de uma obra-prima.

O público ficou instantaneamente preso, a voltagem da sala aumentou. Masaru sentiu que era maravilhosa, encantadora.

Uma melodia agradável, exótica. Um frase brusca, rítmica, passada de uma mão para a outra.

Isto é fantástico, pensou. *Também quero tocar isto*.

Era a sua franca reação. Imaginava como se sentiria feliz a tocar aquela melodia e aquele ritmo.

Uma verdadeira melodia de concerto, uma peça muitíssimo interessante – com um arranjo espantosamente criativo.

Num canto da sua mente, um Masaru diferente analisava friamente o arranjo.

Geralmente, quando se adapta um concerto só para piano, juntam-se as partes orquestrais e de solo para que o todo fique o mais próximo possível da partitura original. Quando se faz o oposto e se arranja uma peça de piano para uma orquestra, desmonta-se a parte do piano e reparte-se pelas várias secções da orquestra. Composições em que, quer a versão da orquestra quer a versão solo do piano eram famosas, tais como *Quadros de uma Exposição* de Mussorgsky e *A Valsa* de Ravel, geralmente seguiam este padrão.

Mas o arranjo de Jin Kazama era qualquer coisa de diferente.

Pegara, sem dúvida, na essência do motivo orquestral, mas podia também dizer-se que tentava transformá-lo numa peça para piano que se aguentasse por si só.

O exotismo sentido por Saint-Saëns e o modo como ele evocara um ritmo africano – aquele que os seres humanos sentiam primitivamente, no seu âmago.

A alegria do ritmo.

As escalas no desenvolvimento, fluindo uma e outra vez de notas altas a baixas, trinados sofisticados e acordes mais acessíveis, juntavam-se num estilo animado que agradava a toda a gente.

Como será a sua partitura? Tentava imaginar Masaru.

Ao ver a partitura, perceber-se-ia de como o arranjo era fantástico? Ou seria preciso uma atuação ao vivo para que isso se tornasse claro?

Estaria a tocá-la consoante o arranjo que fizera? Masaru achava aquilo tudo bastante misterioso.

O arranjo era convincente – afinal era do próprio Jin e o concerto ao vivo fazia-o sobressair ainda mais – mas aquela pequena frase, o motivo a que apenas poderia chamar uma pequena chama, não se encontrava no original.

Estaria ele, por acaso, ainda a *fazer* o arranjo?

Não havia dúvida de que parecia.

*

Com uma reviravolta, Aya passou das lágrimas silenciosas a uma sensação que a fez erguer-se acima das cores vibrantes da paisagem africana.

As cores de África que Saint-Saëns deve ter sentido, os sons de África, a paisagem, tudo isso projetado em direção a ela, a partir do palco. Ela não precisava de lá ir, pois o que lá se encontrava vinha até ela. Nesse preciso momento o público transformou-se em África, como se um vento estrondoso e seco soprasse sobre a assistência.

Jin Kazama sorria.

Como que para mostrar a Aya, corria sozinho sobre uma vasta faixa de terra.

Vamos todos ficar para trás. Não, o Jin Kazama está a engolir-nos para o seu universo – não se trata de um buraco negro, mas sim de um universo de um branco puro. Vai absorver-nos a todos.

Já não era a planície brilhante, austera e deserta dos momentos anteriores, mas uma terra cheia de luz.

A melodia cintilante e o ritmo estavam envolvidos num brilho ofuscante.

Dança! Dança!

Aya abriu os braços para tentar receber o aguaceiro de luz.

Deixava que o instinto a invadisse, entregava-se ao desejo de prazer da sua alma.

Mais – mais! Quero mais luz, mais cor, mais som.

As mãos estendidas, erguidas, elevadas ao céu.

Jin Kazama, creio que sei quem és.

Aya entregou-se ao turbilhão de cores, ao aguaceiro de luz.

*

Mieko não acreditava nem nos seus ouvidos, nem nos seus olhos.

Parecia-lhe que o seu rosto estava a ser agredido pela pressão do som.

A sua pele sentia o coice, a dor.

Como seria possível aquele som incrível?

Ou será que o que sinto é produto da minha imaginação?

Sentia-se coberta de suores frios.

Aquela sensação do ritmo animado – a sensação vinda de baixo, cada vez mais dilatada.

Estaria a tocar swing?

Não – era uma peça verdadeira de Saint-Saëns.

Parecia uma peça de quatro compassos tocada num clube com música ao vivo, com o acento do contratempo quase ilimitado.

Mas... como? Como poderia ser?

O prazer impulsivo que explodia dentro dela nada tinha a ver com um concurso de piano clássico.

*

Nathaniel Silverberg sentia o mesmo.

A sensação: um calor que lhe subia das entranhas, a sensação de que o sangue das suas veias invertera a circulação. Em nome de Deus, o que *seria* aquilo?

Sentiu medo.

Assustou-se com aquele *objeto* desconhecido que governava o palco.

Aquele rapazinho, de olhos fechados, a sorrir, levava ao inferno todos os que se encontravam na sala, embora esse inferno não estivesse longe do céu. Nathaniel sentiu um arrepio descer-lhe pela espinha.

Onde vais, filho?

Nathaniel apercebeu-se de que a pergunta era mais dirigida a si próprio do que a Jin.

Maestro Hoffmann, para onde nos leva este rapaz?

Não, não é isso, exclamou outro Nathaniel.

Para onde quero ir? O que faço aqui sentado numa cadeira como membro de um júri num concurso de uma ilha do Extremo Oriente?

Nathaniel sentia-se confuso.

O que está aqui sentado é um ego cru, nu.

O que estava ali, a ouvir o piano de Jin Kazama não era um membro do painel de jurados, nem um músico, mas um pedaço inominável, não

atribuível, de puro ego.

Porque sentirei isto agora? Nunca me senti assim.

A peça de Jin Kazama avançava para a *cadenza* final.

Afinal, quantos braços tem este rapaz?

Um som massivo, como se batesse em todas as teclas ao mesmo tempo.

Isto estará mesmo na partitura?

Ou será improvisado?

Enquanto estes pensamentos lhe passavam pela cabeça, Nathaniel, os jurados e toda a assistência sentiam-se esmagados por aquela onda de som, como que empurrados para o lado, engolidos, arrastados para um e outro lado.

Vamos ser largados aqui! Gritou Nathaniel para si próprio.

Mas nesse momento, a peça terminou.

Jin Kazama ficou ali sentado, com uma expressão vazia no rosto e o piano já silencioso.

Porém, ainda todos o ouviam.

Mergulhados na *cadenza* que ainda enchia a sala.

A música também se mantinha dentro de Nathaniel.

Era um quadro estranho. A interpretação terminara, mas o pianista, o público, todos se mantinham sentados, esgotados e imóveis.

Aquilo devia ter durado cerca de trinta segundos.

De súbito, Jin Kazama reencontrou-se.

Finalmente, a assistência libertou-se do feitiço e começou a movimentar-se.

O jovem inclinou-se profundamente, mantendo a cabeça baixa durante algum tempo.

O ar estava repleto de uma admiração silenciosa.

E depois, conforme seria de prever, a sala foi açoitada como que por uma tempestade, durante cinco minutos, com gritos e aplausos que apenas poderiam ser considerados *frenéticos*.

A Ilha da Alegria

Quantas vezes estive neste lugar?

– E quantas vezes estarei aqui no futuro?

Isto é, até que ponto compreendo o que significa estar aqui?

– Eiden-san, talvez queira sentar-se? – perguntou o contrarregra. Aya estava de pé, imóvel, nos bastidores.

Sorriu, mas pareceu recusar a oferta.

Pensando entender o que a jovem dissera, o contrarregra assentiu e afastou-se silenciosamente para a sombra.

Aya voltou-se para o palco e endireitou-se.

O incrível entusiasmo provocado pela atuação de Jin persistia – tivera de bisar várias vezes. E a prestação do último pianista fora assim atrasada dez minutos.

O público estava sem energia, como se o concurso já tivesse terminado.

Aya apercebeu-se disso, mas não se importou.

Só quero ficar aqui.

Antes de ir para baixo das luzes fortes, quero ficar aqui a saborear o significado de tudo isto, a alegria, o receio.

Até agora, sempre estive aqui sem quaisquer sentimentos especiais. Simplesmente à espera da minha vez. E quando chegava o momento, saía e tocava.

Sempre sem medo. Mas também, sempre sem entusiasmo.

Apenas o considerava um lugar de espera.

Ouvira histórias e vira-o descrito em documentários. Como até as figuras principais da música clássica, maestros famosos, se sentiam nervosos enquanto esperavam nos bastidores, tremendo de medo, alguns chegando a perturbar os que os rodeavam, insistindo até ao último minuto que não queriam continuar, que não queriam tocar.

Vira-o acontecer até na escola superior de música e em outros concursos. Pessoas com o olhar parado, empalidecendo. Virando e revirando o corpo, tentando desesperadamente vencer o medo enquanto esperavam a sua vez.

Aya nunca sentira o *terror do palco*, por isso sempre o observara com objetividade, como uma cena que se representava no seu exterior. Entendia que se sentissem tensos, mas aterrorizados? Não conseguia compreender.

Ter medo, porquê? Não estão todos aqui por sua vontade? Não será por isso que aqui estão? Então porquê sentirem-se aterrorizados?

resmungou a certa altura.

Para Aya era uma simples questão, mas não podia esquecer o choque no rosto de uma amiga que a ouvira dizer aquilo. E nesse momento, compreendeu que aquilo era uma coisa que não deveria ter dito. *Há pessoas diferentes*, pensou.

Não – sou eu que sou diferente.

Mas ali, pela primeira vez, Aya sentiu temor.

E tentou repetir a palavra para consigo.

Temor.

Recordou-se de um momento, havia muito, quando começara a aprender.

Estava sentada junto a uma janela, a escutar o som da chuva.

A chuva caía no telhado de zinco, marcando um ritmo estranho e era a primeira vez que reparava *na corrida dos cavalos da chuva*. O momento em que ouvia distintamente os cavalos a galopar pelos céus fora.

No silêncio da chuva a cair, vi os cavalos a galope.

Esta é a mesma sensação que então tive.

Quando se apercebeu que o mundo rodava com princípios secretos, desconhecidos para ela, sentiu uma inquietação pelo que estava do lado de fora daquela janela, lá no alto, muito longe.

Quando se percebeu de que o mundo estava cheio de uma extraordinária beleza que ela não – talvez *ninguém* – compreendia, ficou surpreendida com a sua própria pequenez e insignificância. Mas ao mesmo tempo sentiu temor.

Então... já antes tive esta sensação. Quando ouvi pela primeira vez a música na natureza.

Pensou poder ouvir os cascos dos cavalos na chuva que caía sobre o telhado de zinco – os seus olhos abriram-se, espantados, enquanto, inquieta, olhava à sua volta.

Era a primeira vez que sentia aquelas coisas tão intensamente, como se as pudesse entender como devia. Talvez fosse aquilo a que chamavam um *despertar*?

O murmúrio das conversas do público, dos ajudantes que trabalhavam nos bastidores, a consciência de tudo aquilo, pairava em volta do seu corpo como uma admirável melodia.

Fechou os olhos.

*

Aquilo que agora experimentava era totalmente diferente do desespero que sentira durante a primeira eliminatória.

Parecia-lhe ter passado tanto tempo e, quando agora olhava para trás, sentia que fora muito ingênua. Esforçara-se por se justificar. Aya estremeceu ao lembrar-se, e a recordação fê-la corar.

No passado tomara consciência de como era fraca e insignificante, embora tivesse pensado que começava a ter alguma importância só pelo facto de ter feito vinte anos. Mas perdera-se numa onda de presunção, pensando que fazia música, que entendia a música.

Como pude ser tão estúpida! Era muito mais inteligente quando era pequena e, então, conhecia o mundo.

Nunca cresci completamente. Só via o que queria ver, só ouvia o que queria ouvir. O espelho só refletia o que atuava em meu proveito.

Nem sequer sabia ouvir música como devia ser.

Sentiu dentro de si um sabor amargo.

Afirmava orgulhosamente que a música era maravilhosa, que passaria toda a minha vida imersa nela, porém, fiz o oposto. Aproveitei-me dela, desprezei-a, impregnei-me de música banal. Fiz as pazes com ela, pensando que seria uma saída fácil. Pensando que era diferente, nem sequer desfrutei dela a sério.

Quanto mais pensava naquilo, mais sentia suores frios.

Kanade e os outros acreditavam nela, tinham insistido em que concorresse, mas a sua atitude nessa ocasião, e mais tarde, enquanto escolhiam os vestidos – fora tão vergonhosa, ingrata, descarada.

Aya soltou um pequeno suspiro.

Desprezava a sua estupidez.

E quando pensou em como Kanade e os outros nunca haviam desistido dela, apesar de toda a sua arrogância, em como tinham sido tão bons sem nunca deixarem de acreditar nela, ainda mais se sentia uma completa idiota.

E pensar que precisei de chegar ao fim da terceira eliminatória para perceber isto.

Sorriu amargamente para consigo.

Não deve ser tarde demais, pois não? – perguntou a si própria.

Escuta, seja ou não tarde demais, o facto é que ainda não fizeste nada.

A voz de Jin.

Pergunta-me depois de teres entrado em palco.

Faz sentido, pensou Aya.

Não vale a pena perguntar se a minha música é boa antes de tocar o que quer que seja.

Onde poderia estar Jin Kazama? Se o público soubesse onde ele estava, esmagavam-no, por isso talvez estivesse escondido algures.

Ou talvez, como não era seu costume dar nas vistas, andasse a passear pelo átrio, como sempre, com o seu habitual boné.

E Ma-kun?

Sentiu um aperto no peito.

Ma-kun era tão sério e sincero acerca da sua música. Em comparação, a sua atitude não poderia ser mais incorreta.

Talvez se afastasse? Talvez se sentisse incomodado. Ele queria comprometer-se seriamente e fazer da música o seu caminho, e talvez estivesse demasiado deslumbrado com Aya.

Embora mantivesse a sua promessa para com o seu professor e para com ela.

Prometes-me que tocas piano?

Recordava-se daquele rapaz magrinho a concordar com ela.

Cumpri a minha promessa para contigo e para com o nosso professor, Aa-chan.

Sou uma idiota. Nada sei, nada compreendo. Nada...

Aya soltou outro suspiro.

Estou assustada. Assustada de morte de entrar em palco. Serei capaz de tocar? Tenho ouvido? Assusta-me não saber se tenho algo que valha a pena ouvir.

Sentiu o seu corpo estremecer.

Estou assustada..., mas também eufórica, admitiu Aya.

Entusiasma-me o desconhecido. O que farei lá fora? O que conseguirei criar? Mais do que ninguém, desejo sabê-lo.

A campainha que assinalava a chegada da sua vez de entrar em palco obrigou-a a sair daquele devaneio.

Escutou o sussurro do público a partir dos bastidores.

Fazer com que a tua prestação envolva o público não é uma experiência muito comum, pois não? ouviu Masaru dizer.

Nessa altura nada sentira, mas agora o seu coração batia acelerado.

Tens razão, Ma-kun. Trata-se de uma experiência emocionante.

Apercebeu-se de que a sala de concertos estava repleta, do nível emocional que pairava sobre ela – a exaustão. A impetuosa expectativa, o sentido do dever, de ser preciso ouvir cada atuação mesmo até ao final.

O Jin Kazama conquistou o público, não é verdade? Pensou Aya. Creio que então serei um pequeno extra incluído. O que, até certo ponto, torna as coisas mais fáceis.

Respirou fundo.

A sensação de ter sido despertada nunca a abandonou, do mundo se ter alongado para todo o sempre.

Atrás dela, os elementos da produção nos bastidores estava em silêncio. Chegara o momento e também se calara o bulício do público.

– Menina Eiden, está na hora.

A seu lado, estendeu-se uma mão para abrir a porta.

Tudo brilhou.

Sem saber como, Aya mostrava o seu sorriso radiante.

Que começasse a música.

*

O público soltou uma exclamação abafada assim que lhe descortinou o rosto.

E naturalmente, Akashi Takashima fazia parte dessa assistência.

Mas que expressão seria aquela? – interrogou-se.

Ela sorria.

Não o tipo de sorriso que antes vira – forçado, para o público, mas um sorriso luminoso, estimulante.

Como o céu depois da chuva, o tipo de expressão de quem olha para o céu para ver o sol brilhar de novo.

Aya sentou-se no banco e fixou um ponto por cima do piano.

O que poderia ver?

Akashi sentiu algo amargo subir dentro de si.

Também gostava de lá ir. Queria ver o que ela está a ver.

Talvez conseguisse um fugaz vislumbre do que ela vê.

Quero continuar. Quero continuar a tocar.

Akashi gritava silenciosamente para Aya, já em palco.

A sensação que tivera em palco – o seu corpo repleto de música que depois transbordava. A sensação de se sentir completamente enriquecido, cheio de onipotência, pois por muito que a música continuasse a fluir, haveria sempre mais. Uma vez que se passasse por isso, não havia fuga possível. Não se podia evitar querer senti-lo uma e outra vez.

Quero estar ali. No mesmo lugar em que está a Aya Eiden.

Nunca quis tanto uma coisa na minha vida.

É como se sentisse um formigueiro na pele, coberta por uma membrana de chama fria.

Para mim, o concurso terminou.

Pelo menos assim pensava.

Tinha uma sensação de realização, sentia-me revigorado. Pensei que ficaria satisfeito, capaz de voltar à minha vida de todos os dias.

Mas não foi o que aconteceu.

Akashi apercebeu-se, com uma pontada de dor, como fora ingénuo.

Era apenas a exaustão que o fizera pensar isso, a letargia que sentira depois de todas as horas de preparação.

Aquilo era apenas o princípio.

Akashi tinha a certeza, com uma sensação próxima do medo.

Conteve a vontade de chorar, mas assim que ouviu Aya a tocar calmamente as primeiras notas da Balada N°1 de Chopin, os seus sentimentos há tanto tempo retidos, acabaram por se soltar.

*

Balada.

Aya folheara uma vez por acaso um dicionário de música e encontrara esta definição: uma canção de amor sentimental, interpretada num calmo andamento.

O que era exatamente a ideia que a maioria das pessoas tinha das baladas.

Incluía-se sempre uma ou duas nos álbuns. Num concerto tocavam-se a solo para proporcionar um intervalo aos outros membros da banda. Para se ser artista era preciso ter umas canções representativas para que os amantes ouvissem, bem juntinhos, perdidos um no outro.

Não era essa era a imagem das baladas?

Mas Aya calculava que no passado, o significado de *balada* era algo um pouco diferente. Algo mais parecido com uma canção folk (e aqui o termo era diferente do seu uso no Japão, onde o significado original se aproximava do *minyo*, ou música indígena) – canções que cantavam verdadeiros acontecimentos ou simples sentimentos.

As quatro baladas (ou “baladas” instrumentais) compostas por Chopin, pensava ela, situavam-se algures entre o significado mais antigo e o mais contemporâneo.

Antigamente as canções tinham sido cantadas como meio de se manterem fiéis às recordações. Eram poemas épicos cantados, em vez de registos históricos escritos. Porém, mais tarde, as canções começaram a ser mais acerca daquilo que era *sentido* do que acerca do que *tivera lugar*, e expressavam emoções mais universais.

Aya pensava que as baladas de Chopin expressavam o que era ser criança, cantar canções infantis, com o tipo de solidão próprio de um ser humano.

E esta é exatamente a solidão que agora sinto quando toco, pensou – a inevitável solidão que toda a gente sente a partir do momento em que nasce neste mundo.

As baladas de Chopin eram tão melodiosas, tão apelativas, que pareciam ter existido sempre, mas George Sand descrevera o muito que Chopin se esforçara para as compor. Aya sentia-se emocionada pelo modo como um génio como Chopin trabalhara para compor. Muitas obras que aparentavam ter saído sem qualquer esforço desde a primeira frase inspirada até à sua conclusão, envolviam uma agonia e um esforço invisíveis. Mas seria de esperar. Se o esforço que acompanhava a composição fosse evidente ao ouvinte, perderiam o seu poder.

Esta tristeza estava profundamente arreigada ao vacilante passar do tempo, um sentimento que normalmente fingimos não estar lá, a tristeza que adere à vida de todos os dias, que nos mantém tão ocupados que nem a sentimos. Mesmo que uma pessoa experimente invejáveis picos de felicidade, uma vida realizada, toda a felicidade traz consigo uma solidão inerente ao ser humano.

Aya sabia que não devia pensar tão profundamente naquilo, pois assim que o fizesse ficaria destroçada com o conhecimento da fraqueza humana.

Sempre tentara evitar esta *solidão* fundamental.

E era exatamente por isso que tinha de cantar – acerca dessa solidão, da felicidade e da infelicidade de uma vida que mais não era do que um transitório instante no tempo.

Acreditar que há centenas ou milhares de anos as pessoas deveriam ter sentido o mesmo.

Acreditar que dentro de centenas ou milhares de anos as pessoas sentirão o mesmo.

O que uma pessoa pode fazer é tão limitado, é tão curto o tempo que lhe é concedido.

Na minha vida curta e insignificante encontrei o piano, passei tanto tempo com ele, e agora há gente que me ouve tocar.

Que milagre é este? Perguntou Aya a si própria. Que milagre é este que, a cada momento, cada som chega a esta gente, que por acaso vive ao mesmo tempo que eu, que por acaso está reunida neste espaço? É assustador pensá-lo; faz-me tremer.

Neste momento sinto-me receosa, assustada, a tremer.

Porém – tão feliz a ponto de as minhas palavras não o poderem exprimir.

É tudo tão perfeito. Tão dilacerante.

Apesar de fustigada por estas complexas emoções, Aya sentia-se mais calma do que nunca. Desde o momento em que estivera à espera nos bastidores até então, mantivera a sensação de conseguir ver cada centímetro da sala – não, até *para além* das paredes da sala de concertos para ver o mundo inteiro – e sentia-se completamente serena e com a mente límpida.

Mas sentiu de súbito uma dúvida.

Seria apenas uma ocorrência momentânea? Ou uma sensação que sempre a invadia quando tocava?

Não fazia ideia.

Nem naquele momento, em que tinha uma visão nítida de tudo, fazia ideia.

Aya sabia que se encontrava em território desconhecido.

*

Também a assistência partilhava o mesmo receio e tremor.

Não tanto por partilhar a música como por partilhar o afeto dilacerante que Aya sentia para com a humanidade para além da composição.

Masaru sentou-se, de boca aberta, a olhar para ela.

Fizera-o de novo – dera um novo salto em frente. Hoje o seu rosto parecia completamente diferente do que mostrara no outro dia.

O impulso fora dado pela prestação de Jin Kazama, pensou Masaru, um pouco infeliz.

O crédito pertencia ao jovem génio.

Todas as notas em que Aya tocava iam direitas ao seu coração.

Aa-chan, és uma deusa. Nasceram-te asas.

Masaru estava meio atordado. *Ela está, diante dos meus olhos, tentando finalmente alcançar as alturas.*

Ultrapassara-o de novo. *Com que afínco terei de trabalhar para a apanhar?* Interrogou-se.

Sabia agora que ela nunca abandonaria a música. Porém, o alívio de que poderiam estar ambos no mesmo lugar foi de pouca dura, pois agora ele temia que ela partisse para qualquer lado fora do seu alcance.

A Aa-chan é admirável, pensou, e os sentimentos de orgulho chegaram uma nota mais tarde.

Sabia que, para além dele, também Kanade se sentia orgulhosa dela. Kanade que confiava no seu ouvido para a música, que sempre tivera a certeza do talento de Aya desde que esta era uma menina. Quão orgulhosa ela deve estar de tudo isso agora?

Como as ondas que recuavam, a balada chegou calmamente ao fim.

Silêncio.

Com Jin Kazama o público sabia que ele se atirava imediatamente à peça seguinte, por isso conteve os aplausos.

Mas neste caso, Aya estava de tal forma mergulhada no seu próprio mundo que não se levantou, e a assistência que também ainda não acordara do mundo dela não sentiu necessidade de aplaudir.

Deixaram-se ficar, calmamente à espera da peça seguinte.

Aya endireitou-se.

Uma mudança súbita. Uma obra elegante, deslumbrante, com uma estrutura e uma técnica atraentes. Uma das *Novelletten* de Schumann.

Que peça maravilhosa, pensou Masaru. Para a próxima também a quero tocar.

Sentiu as lágrimas nos olhos.

De onde vinham elas? Não se tratava exatamente de uma peça que fizesse chorar.

Mas a necessidade tornou-se mais forte. Sentiu o peito a palpitar.

Masaru sentia que ele e Aya tinham feito juntos uma longa viagem. Durante muito, muito tempo. Como se tivesse acabado de ler o último capítulo de um romance épico.

Aa-chan, nenhum de nós viveu ainda muito tempo, mas antes de nos voltarmos a encontrar, andámos ambos a viajar por terras longínquas, como planetas com trajetórias diferentes em volta do Sistema Solar, que mais tarde voltaram à sua órbita primitiva.

Masaru suspirou.

Ela voltou. De verdade.

Sem saber porquê a imagem dele e de Aya em crianças vinha-lhe repetidamente à mente.

Aya a puxá-lo pela mão, Aya a levá-lo a casa do Sr. Watanuki. Aya a chorar desanimada quando ele se mudara.

A expressão de surpresa dos pais quando lhes dissera que queria aprender piano.

O rosto do aluno da escola superior de música que o orientava – primeiro composto e sóbrio, mas nitidamente estupefacto quando ouvira Masaru tocar.

A primeira vez que pusera o pé num conservatório.

A sua audição para a Julliard.

O dia em que fora apresentado a Nathaniel Silverberg.

O que são todas estas recordações? Não estou prestes a morrer, pois não? Será isto que significa ver a vida a passar diante dos olhos? A ideia ajudou-o a conter as lágrimas.

Apercebeu-se sobressaltado de que não estava só, de que a maior parte do público à sua volta se esforçava também por conter as lágrimas. Havia quem já as limpasse discretamente.

Pensou que estava a chorar por causa de *Aa-chan*. Mas não. Estaria toda a gente a chorar por causa da *Novellette*?

Ao lado dele, Kanade também chorava. Estava ali, em silêncio, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces, a olhar fixamente para Aya no palco.

As emoções continuaram a aumentar, mesmo com uma peça tão alegre como aquela. Uma após outra, consumiam-nos. Perplexo por ter de admitir que guardava dentro de si uma emoção tão contida, o público assistia em silêncio. Não observava o que havia em Aya, mas o que através dela estava dentro *de cada um*.

Masaru continuou a olhar para ela. Era apenas uma jovem com um sorriso luminoso.

Então porque estamos todos a chorar, principalmente quando ela toca assim, com tanta alegria, com tanta leveza?

Viu o rosto dela depois de se terem reencontrado no concurso, a sua expressão desconfiada diante dos elevadores.

O rosto dela quando abriu os olhos e a boca e exclamou, “Ma-kun?”

O rosto dela quando se sentia ansiosa, o rosto dela quando não sabia o que fazer, o rosto dela quando o olhou, quando sorriu e baixou a guarda.

Também se lembrou do rosto surpreendido de Nathaniel Silverberg, quando foi apresentado a Aya.

Masaru percebera como Silverberg o quisera repreender, mas contivera-se. Era óbvio o que queria dizer. “Não é o momento nem o lugar para te apaixonares por uma rival! Não tens tempo para amares uma pessoa”. Mas Masaru conhecia a mulher que estava ao lado do seu professor. Era a sua ex-mulher e Masaru tinha também consciência de que ele nada diria, pois também parecia sentir qualquer coisa por ela.

Masaru observou e compreendeu o seu professor melhor do que Silverberg poderia imaginar.

Antes de que se apercebesse, Masaru dirigia-se interiormente ao professor.

Sr. Silverberg, posso perder para a Aya. De facto, ela já ultrapassou o nível de perder ou ganhar. Além disso, há outra pessoa que deve ter em conta: Jin Kazama.

Disse-me para ganhar, para conseguir o primeiro lugar – e era o que eu tinha planeado fazer. Mas se eles estiverem em competição comigo, isso não vai acontecer.

E o senhor deve pensar o mesmo, não é verdade?

Mesmo enquanto levava a cabo este monólogo, Masaru apercebia-se de que aquilo também era um meio de conter as lágrimas.

Ah... meu Deus.

Incapaz de as conter mais, limpou discretamente as faces.

Aya também não se levantou quando a *Novellette* terminou suavemente. De olhos fechados e com um sorriso a brincar-lhe nos lábios, deixou-se ficar imóvel.

A assistência fez o mesmo.

Silêncio. O mundo dela manteve-se inquebrantável.

A sério? Vais deixar que logo uma obra como uma das *Novelletten* te faça chorar tanto? – interrogou-se Masaru com amargura.

Legitimamente, a peça seguinte, a peça central do programa puxava mais às lágrimas. Tratava-se de um peso pesado: a Sonata N.º 3 para Piano, de Brahms.

Masaru sorriu ao ver Aya erguer os dedos para tocar o acorde de abertura, mas sentiu-se desconcertado pois o cenário ficava de súbito turvo.

Se vou chorar no princípio, pensou, como serei capaz de aguentar os trinta minutos restantes?

*

As composições para piano de Brahms foram escritas no princípio e no final da sua carreira de compositor.

Especialmente as peças a solo foram compostas no princípio da carreira.

Brahms escreveu a Sonata N.º3 para Piano em Fá Menor quando tinha vinte anos e foi a última sonata que escreveu.

Embora a tivesse composto tão cedo, estava cheia de elementos a que mais tarde os seus ouvintes o associavam – a seriedade do som, a atitude imponente da peça. O romantismo avassalador.

A sonata era uma forma que ele tivera de enfrentar como compositor, e pode compreender-se por que não escrevera outra. A peça era uma obra arrojada, absoluta.

Aya Eiden, agora a interpretá-la, tinha vinte anos, a mesma idade que Brahms quando a compusera.

No tempo de Brahms, os vinte anos não significavam o mesmo que significam hoje, em termos de experiência e circunstâncias. Hoje, um jovem de vinte anos pouco mais é que uma criança comparado com uma pessoa de vinte anos dos tempos em que vivera o compositor.

O que significava que, por muito que o pianista fosse um prodígio, Brahms era um compositor que nunca poderia ser verdadeiramente interpretado a menos que se tivesse atingido um certo grau de maturidade como pessoa.

Só Brahms.

Nathaniel Silverberg tinha de admitir que chegara o momento de retratar essa opinião.

A premonição chegara até ele quando Aya Eiden começara a tocar a Balada N.º 1 de Chopin.

Apercebeu-se de que a estava a ouvir, não como jurado, mas como mais um membro do público, e teve a certeza disso ao ouvi-la tocar Brahms.

O drama da ressurreição da menina genial.

Claro que estava consciente do passado da jovem.

Mas já não era assim a jovem que tinha diante de si. Mesmo enquanto não tocara teria, por certo, evoluído inconscientemente. Porém, essa evolução durante os dias daquele concurso fora extraordinária. Com cada peça, e em cada dia, sentiu que testemunhava o modo como ela confiava cada vez mais na sua própria música.

Cada nota que nascia dos seus dedos era profunda e consequente. Sentia que o seu alento atingia totalmente as peças, mas sem saber como mantinha-se uma figura anónima, permitindo que a música mantivesse a sua universalidade.

Como a música era estranha.

Lá em cima, havia um pequeno indivíduo a tocar e as notas que criava com os seus dedos estavam ali num momento e desapareciam no seguinte. No entanto, o que lá estava era quase uma definição do eterno.

O assombro de uma criatura viva, com uma vida limitada, a criar o eterno.

Através desse momento musical, fugaz e transitório, ficávamos em contacto com a eternidade.

Só os intérpretes genuínos nos faziam sentir isto.

E a pessoa diante dele era sem dúvida um.

*

Aya Eiden fechou os olhos e esperou em silêncio.

O público fez o mesmo. Não havia aplausos depois de cada peça.

E, depois, começou a tocar.

A melodia dinâmica da introdução.

Era provável que a abertura daquela peça fosse grandiosa.

Mas, de momento não havia esse perigo.

A partir da primeira nota era evidente que a sua interpretação era simplesmente verdadeira. Uma sensação de segurança e expectativa enchia a sala quando a assistência se apercebeu de que se tratava de uma pianista com quem se podiam descontrair e a quem podiam confiar tudo.

Tinha a força necessária para nos sossegar.

E fala por todos nós, pois relata modestamente a trajetória das nossas vidas.

O que queríamos que os outros soubessem. Aquilo que nunca podemos dizer. O que reprimimos enquanto vivíamos as nossas vidas de todos os dias. O que podíamos seguir, mas não conseguíamos exprimir por palavras...

Relatava tudo isto – como uma sacerdotisa *miko* num santuário xintoísta – suprimindo o seu próprio eu enquanto verdadeiramente se relacionava com tudo.

Aquela calma recitação continuava quando o segundo andamento começou.

Inúmeras vidas falavam de simplicidade.

Quando ela estava em palco, o público examinava-se a si próprio. As suas vidas até ao momento, os caminhos percorridos, tudo isto testemunhavam projetado no palco.

Havia alguns que, sem dúvida, também assistiam à vida de Aya Eiden.

Um deles era Nathaniel. Era como se estivesse a ver um filme – uma cena da prestação dela sobreposta a um documentário da sua vida.

A sua vida como uma precoce criança prodígio. O espanto. O fervor e a antecipação daqueles que a rodeavam. Dias febris, sempre na estrada.

Uma morte na família e o desânimo. Foi insultada e caluniada, sentia o mundo inteiro contra si.

Um longo silêncio.

O alívio e a confusão quando se afastou da linha da frente para viver uma vida *normal*.

Aquilo dar-lhe-ia paz de espírito? Ou sentiria, pelo contrário, um amargo desapontamento.

Estaria cansada da vida tão cedo? Esconder-se-ia dos outros?

Teria experimentado o céu e o inferno muito antes de qualquer outra pessoa, passara a desconfiar dos outros e sentir-se-ia vazia e oca?

Podia muito bem ter experimentado tudo isto.

Mas depois voltou. E mais uma vez algo começou a brotar dentro dela.

A princípio deve ter sido apenas um gotejar incerto.

Mas o fluxo transformou-se num ribeiro constante e depois numa torrente. Afastando as margens, atravessando os montes e os campos, ondulando no caminho para se tornar num rio enorme em direção ao estuário.

O terceiro andamento.

Aqui a melodia transformava-se num dramático *scherzo*. Onde se desenrola uma vida.

Havia anos que não entrava num concurso.

Devia ter-se sentido muito assustada, com todos os olhares curiosos e cínicos concentrados nela. Não podia ter uma prestação vulgar. A única coisa que lhe seria permitido seria arrasar.

Mais do que tudo, deveria ter sentido medo de si própria. Seria de facto capaz de tocar? Estaria suficientemente determinada para regressar ao palco? Porque até para o mais experiente pianista veterano o palco era ao mesmo tempo um lugar sagrado e assustador. Sabendo isso, quem se tivesse afastado durante algum tempo, para depois regressar, teria de possuir uma determinação e uma força inabaláveis que excedessem aquilo que da primeira vez tinham sido em palco.

Devia ter tido as suas dúvidas.

Quando ele a viu com Masaru sentiu alguma confusão, alguma incerteza dentro dela. Não parecia ter-se realmente apercebido de que voltara ao palco. Surpreendeu-o que ainda estivesse indecisa entre continuar ou não na atividade musical.

Mas depois encontrou-se com Masaru, que fora descoberto por ela própria e que se tornara um músico excelente.

Os sentimentos de Nathaniel eram complicados. Nessa altura ainda acreditava que Masaru conseguisse o primeiro prémio e que o facto de Aya ter aparecido como sua rival serviria para o inspirar. Mas, ao mesmo tempo, não havia dúvida de que Masaru era um dos fatores na grande evolução que vira ter lugar nela.

O choque devia ter sido inimaginável para Aya – reencontrar-se com alguém que ela sempre suplantara e a quem apresentara o piano e que agora era um músico que a ultrapassara. Se aquilo não a instigava a competir, o que o faria?

Como executante, a sensibilidade de Aya estava mais próxima da de Jin do que da de Masaru. Podia muito bem ter sido a primeira vez que conhecera alguém tão semelhante, cujo génio era igual, ou talvez superior ao seu.

Os génios são apenas influenciados por aqueles que reconhecem como seus iguais. Há coisas que apenas os génios podem compreender nos outros como eles.

Aya, tal como Nathaniel e como os outros membros do júri, teria sido afetada por Jin. Imaginava-a até mais chocada do que eles.

E por fim, começou a levar as coisas a sério.

Não. Era mais do que ter redescoberto o seu lugar.

No quarto andamento fez alguma introspeção.

Uma reflexão muito, muito profunda, uma panorâmica de tudo até então.

Conseguia agora ver o que antes não vira. Ouvir o que antes não ouvira. Estava profundamente consciente da sua pequenez, da sua estupidez, da sua imaturidade.

O seu público ali estava com a respiração suspensa. Conseguiram ver a vida dela lá em cima no palco, a vida de todos, inúmeras vidas e uma eternidade em que apenas agora podiam tocar, neste momento único no tempo.

A vida da própria Aya e a vida de cada um que a estava a ouvir. Todas as trajetórias dessas almas tinham finalmente convergido para o momento presente.

O quinto e último andamento.

A melodia a subir lentamente enquanto se dirigia para o seu clímax.

O estuário estava próximo. Para além dele esperava o mar aberto e enorme. Toda a gente sentia nos rostos uma brisa diferente de tudo o que haviam sentido.

Em breve. Muito em breve sairemos para um incrível espaço aberto.

Não haverá volta atrás. A pessoa que ontem fui já não existe.

Esperam-nos desafios incomparáveis, diferentes de tudo o que alguma vez experimentei. E uma alegria ímpar.

O eu que passarei a ser a partir de agora há de gritar um retumbante “Sim!” à minha vida.

*

Aya tocou o acorde final.

O seu tronco, ainda inclinado sobre o piano, endireitou-se subitamente quando se pôs de pé.

Como que para a imitar, a assistência saltou e gritos de aprovação abanaram a sala.

No palco, a jovem parecia surpreendida e simultaneamente vazia.

A ovação de pé não enfraqueceu, porém havia mais uma peça para ser tocada.

Aya inclinou-se várias vezes a sorrir. E depois sentou-se.

O aplauso calou-se por fim e a assistência sentou-se nos seus lugares.

Aya suspirou ao de leve.

Literalmente a peça final do longo trajeto percorrido pelo concurso.

L’isle Joyeuse ou a *Ilha Feliz*.

*

Era um fantástico golpe de sorte ter sido esta a última peça, pensou Kanade.

Aya escolhera ela própria o programa, recordou. Claro que ouvira os conselhos do pai de Kanade e dos seus professores, mas o programa que submetera era aquele que ela própria decidira.

Provavelmente, Aya não tinha consciência disso, mas aquele programa era perfeito, pois antecipava quer o caminho de volta para a sua carreira quer a sua evolução no decurso da competição.

Kanade recordava-se da expressão de Aya, aborrecida e indecisa entre participar ou não no concurso.

Ela própria deveria ter uma premonição do drama da sua ressurreição. Não seria exatamente por causa disso que hesitara em participar. Ao mesmo tempo, como artista compôs fria e estrategicamente o seu programa.

L’Isle Joyeuse começou com um trinado brilhante.

Dizia-se que Debussy compusera a peça numa viagem, ou melhor, numa fuga com uma mulher, Emma, que foi depois a sua segunda esposa, mas Kanade ouvira também dizer que ele a finalizara um ano antes dos dois terem ido de viagem.

De qualquer forma, como o título refletia, a peça era uma expressão de alegria e exaltação. Uma obra brilhante, cheia de uma sensação de euforia.

E a própria Aya, ao interpretá-la, parecia cheia de entusiasmo. Mostrava, sem dúvida, uma luz brilhante.

A alegria de fazer música. A alegria de ter público. A alegria de ter uma perfeita autoridade sobre o seu talento.

O público mais do que partilhava a euforia de Aya.

Também Kanade se sentia cheia dessa alegria.

Ela voltou.

O pensamento trouxe-lhe novas lágrimas.

Kanade sentiu-se triunfante.

Veem? Afinal eu tinha razão!

Pai, acertei em cheio.

Kanade queria levantar-se e gritar ao mundo.

Eu tinha razão! Eu ganhei!

*

Esta *Ilha Feliz* era admirável.

Mieko estava concentrada, com os olhos muito abertos.

Aya Eiden parecia notavelmente maior lá em cima e continuava a espantar os jurados.

Pensar que os podia manter num tal encantamento quando esta já era a última prestação e toda a gente estava completamente exausta.

Agora não se sabe quem será o vencedor, não é verdade?

Mieko morria de vontade de deitar uma olhadela à expressão de Nathaniel Silverberg, mas evitou olhar para ele.

Aya estava a alguma distância dos outros, ou pelo menos era o que pensavam, mas ganhara velocidade com este último esforço e saltara para a frente, pensou Mieko.

Passara muito tempo desde que vira alguém evoluir tanto em tão pouco tempo. De facto, talvez tivesse mesmo sido a primeira vez.

Aquela jovem era de facto um génio. E ser um génio era uma coisa assustadora.

Mieko conhecera vários génios nos seus tempos, mas no caso de Aya percebia-se de que se tratava de um tipo inteiramente diferente. Era-o numa proporção diferente daquilo que se colhia com Masaru ou Jin Kazama. A sensação de uma inquietante profundidade.

Os membros do júri deviam estar satisfeitos com uma tal conclusão do concurso, pensou Mieko.

Deviam sentir-se abençoados por terem pianistas tão dignos.

Surgiu-lhe de repente um pensamento. A *bomba* que Hoffmann preparara significava... significava o quê?

Sim, todos refletiam sobre isto – para onde apontava a flecha que Hoffmann lançara.

Desde os dias da audição em Paris quando o rapaz aparecera pela primeira vez.

Desde quando ela ouvira aquela interpretação incendiária.

Claro que aquele rapaz, com a carta de recomendação escrita por Hoffmann, dera nas vistas com o seu malicioso estilo de interpretação, levando ao rubro a assistência e provocando o debate entre os membros do júri.

Senti-me testada, preocupada, já sem saber se teria ouvido para a música. Senti-me enganada pela minha irritação acerca de Jin Kazama, pela avaliação que fiz dele, pelos meus sentimentos hesitantes.

Porém...

Estaria Hoffmann a apontar, como Smirnoff sugerira, para o estado de coisas na educação musical, lançando-nos um rapaz genial, pouco ortodoxo, para nos confundir?

À primeira vista, aquela parecia ser a interpretação mais provável. A reação esperada por Hoffmann seria fazer estremecer jurados famosos?

Apresento-vos a todos Jin Kazama.

É uma dádiva, literalmente.

Mais provavelmente uma dádiva do céu para todos nós.

Ouvia a voz de Hoffmann nas palavras daquela carta de recomendação.

Não é ele que é testado. Sou eu e também todos nós.

É convosco – é com todos nós – decidir se queremos ver este rapaz como um verdadeiro dom, ou uma desgraça prestes a acontecer.

Enquanto Mieko escutava *L'Isle Joyeuse*, escutava ao mesmo tempo a voz de Hoffmann.

Apresento-vos a todos Jin Kazama... apresento.

Aquilo que agora via era a resposta.

Um pianista que incorporasse uma alegria explosiva. Alguém que tivesse evoluído durante a competição e que o tivesse feito por causa dele.

Era isso mesmo.

Jin Kazama não explodira educação musical. As suas interpretações eram o catalisador que fizera florir uma verdadeira capacidade individual, não as interpretações convencionais, nem as que simplesmente se apoiassem numa técnica soberba. Era essa a bomba que Hoffmann lançara.

O resultado era aquela prestação genial que estava a ser executada naquele preciso momento.

Não me tinha apercebido, pensou Mieko.

Já recebemos todo o tipo de dádivas. Não são desgraças. O presente de Hoffmann para nós, de uma forma muito bem-vinda.

Mieko estava à beira das lágrimas. Não só porque a atuação de Aya estava a ser tão extraordinária, mas porque os últimos desejos de Hoffmann se tinham claramente tornado realidade.

Não me tinha apercebido, pensou mais uma vez.

Uma após outra, as figuras dos outros pianistas sobrepuseram-se à de Aya que espalhava alegria enquanto tocava – as execuções de Jin Kazama, de Masaru e Hoffmann, todas se sobrepunham na sua mente.

Todas elas eram uma *dádiva*.

Até que ponto poderia uma pessoa ter sorte? Alguma coisa poderia causar maior felicidade do que estar aqui sentada e a sentir-me assim?

*

A Ilha Feliz chegou ao seu clímax.

A felicidade de poder tocar, de escutar génios, a felicidade de isto nos ser entregue.

Estamos, pensou Mieko, na verdadeira *ilha da felicidade*.

Todos, sem exceção, a receberem a *dádiva* da música.

A frase final.

A subir na escala.

Depois, num único alento, a descer.

Após terminar a sonata de Brahms, Aya levantara-se inconscientemente, mas não desta vez.

Agora, com uma expressão de firme convicção, um sorriso incandescente no rosto, Aya pôs-se propositadamente de pé num salto.

Um magnífico aplauso terminou a celebração. Aplauso para os pianistas, para o público, para os membros do júri, para todos.

A batalha daquelas duas semanas chegara ao fim.

Restava apenas a seleção final.

Batalha sem Honra ou Humanidade

O ar parecia tão leve.

Entre a multidão que saía para o átrio, Masami sentia-se tão liberta que deixou escapar um suspiro.

Até a câmara que tinha entre as mãos lhe parecia leve.

Todos pareciam aliviados, pensou.

Ou aturdidos, talvez, e exaustos. Os dias tinham sido muito intensos.

Estava a acordar de um sonho. Durante duas semanas partilhara as vidas de quase cem candidatos – fora um tempo profundo, apaixonado. Sentiu-se solidária com todos eles, como se tivessem atravessados juntos uma guerra.

No entanto, o seu corpo não aguentava mais. Para ela bastavam os concursos de piano, decidiu. Porém, uma parte de si desejava atravessar de novo tudo aquilo.

Avistou um rosto familiar e chamou.

– Takashima-*kun*!

Por um segundo, Takashima pareceu alheado, depois voltou-se.

– Oh! – Fez uma pausa antes de se recompor. – Acabou por fim. Trabalhaste tanto.

– Não. Isso foste tu.

Acenaram com a cabeça um ao outro, a empatia partilhada de camaradas de armas.

– Agora é que vou começar – disse Masami. – E tenho também muita coisa para editar.

– Pois. Ainda tens a final.

Enquanto atravessavam o átrio, olharam para a multidão que saía por entre as múltiplas portas abertas.

– Parece que se vão todos embora – disse Masami.

– A maioria. O anúncio do júri ainda vai demorar algum tempo. Tenho a certeza de que alguns voltarão mais tarde. Vais ficar para o anúncio, Takashima-kun?

– Sim. A minha vez acabou há muito, mas já que fiz parte, quero mesmo saber os resultados.

– Realmente, vale a pena. Sinto-me esgotada. – Masami esticou o corpo. – Aquela última miúda... não foi incrível? Nunca tive uma experiência assim. Enquanto a ouvia, recordava todas as imagens – a minha infância, o rosto dos meus pais, a minha família...

As antigas recordações ressurgiam e uma sensação pungente, um formigueiro profundo, que lhe dava vontade de chorar.

Masami olhou de perto para Akashi, que a escutava em silêncio.

Ele manteve o olhar, com os olhos vermelhos.

– Que se passa? Disse alguma coisa que te incomodasse?

– Não! – Akashi riu e desvalorizou aquilo com um gesto da mão. Depois desviou o olhar. – Não é isso. Não é nada disso.

Mas não havia dúvida. Akashi estava a chorar.

– Que se passa? Aconteceu alguma coisa?

– Não é nada. – Akashi sorriu, mas manteve o rosto voltado.

Masami não conseguia entender. Seriam lágrimas de desgosto por não ter conseguido chegar à terceira eliminatória? Frustração reprimida que só agora vinha à superfície?

Masami refletiu, tratando de não olhar para ele.

Terei dito algo insensível? Será por eu ter elogiado a última pianista? Ou os outros pianistas?

Enquanto se dedicava ao seu trabalho, apercebia-se de que todos estavam atentos ao que eles diziam, e a própria Masami passara a ser cautelosa.

Não se apercebia de que as lágrimas de Akashi caíam por ele estar muito comovido com o que ela dizia. Nem o próprio Akashi o entendia.

Os comentários de Masami acerca de Aya Eiden tinham-no simplesmente feito feliz. O facto de alguém como Masami, que habitualmente não ouvia música clássica, partilhar as mesmas emoções enchiam-no de alegria.

Estou tão satisfeito por ter entrado no concurso, pensou. Tão satisfeito por ter aguentado tudo este ano que passou. Satisfeito por fazer parte disto.

Aqueles sentimentos surgiram todos ao mesmo tempo, e mais lágrimas começaram a cair.

Masami avistou alguém seu conhecido e foi até lá. Aliviado, Akashi continuou a limpar as lágrimas num canto do átrio.

Ninguém está a olhar para mim, pois não? Pensou esperançoso. *Mas que estou eu a fazer? A chorar com a minha idade?* Continuou a chorar furtivamente, sentindo-se um pouco ridículo, mas valorizando também a sua reacção.

Viu-a imediatamente.

Uma jovem de calças de ganga e camisola, com ar fresco, sem maquilhagem, tendo provavelmente lavado o rosto. Akashi deu por si a dirigir-se rapidamente para ela.

– Obrigada – disse.

Aya Eiden ergueu os olhos.

Seria assim tão pequenina?

Akashi foi apanhado de surpresa.

A jovem que tinha diante de si era uma menina delicada, de vinte anos, com olhos grandes. Olhos luminosos, inesquecíveis.

– Muito obrigado, Eiden-san – repetiu Akashi.

Aya olhou-o sem entender.

– Obrigado pela sua maravilhosa atuação... obrigado por ter regressado.

Uma súbita emoção surgiu nos olhos de Aya, como se por fim tivesse compreendido.

E os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Akashi deu por si a chorar mais uma vez.

Não sabia porquê. Só sabia que Aya, que ambos partilhavam emoções semelhantes e que choravam pela mesma razão.

Aya franziu o rosto. De repente, abraçou-se a Akashi e começou a soluçar.

Os seus dedos apertaram o braço dele com uma força inesperada.

Akashi sentiu brotarem as suas lágrimas.

Que situação estranha, pensaram, agarrados um ao outro, a chorar. Era estranho, mas essas lágrimas sabiam bem, eram animadoras.

Sabiam que havia gente a observá-los.

– Que se passa, *Aa-chan*? – perguntou uma voz.

Tratava-se de Masaru Carlos. Ao lado dele estava uma jovem de cabelo comprido e ambos se aproximavam.

Akashi e Aya fungaram e limparam as lágrimas, incapazes de pronunciar palavra.

Masaru e a jovem olharam para o par que chorava, mas perceberam que não havia nenhum problema em especial, que Akashi não a tinha feito chorar, que estavam simplesmente a choramingar como dois miúdos. Masaru e a jovem entreolharam-se.

Akashi e Aya olharam um para o outro, afogueados, e desataram a rir.

– Desculpa.

– Peço perdão. Não sei o que me aconteceu.

Começaram ambos a falar ao mesmo tempo, e depois calaram-se simultaneamente. Desataram a rir à gargalhada.

– As minhas desculpas – disse Akashi. – Também entrei neste concurso e sou teu fã há muito tempo. – Akashi começou a apresentar-se, mas Aya interrompeu-o

– És o Akashi Takashima. Adoro ouvir-te tocar – afirmou com olhos cintilantes.

– Tu... lembras-te do meu nome?

– Sim. E quero assistir à tua próxima atuação.

Ele estremeceu como que percorrido por um calafrio.

– Bem... então adeus.

– Tenho a certeza de que nos voltaremos a encontrar.

– Quem é ele, *Aa-chan*? São amigos? – Akashi ouviu Masaru e a jovem perguntarem quando Aya se afastou.

Akashi ficou parado no mesmo sítio.

Não há dúvida de que é um começo, pensou.

Envolveria-o uma agradável sensação.

Este concurso é o princípio. Por fim, comecei a minha carreira como músico.

*

Kanade olhou para o relógio – 8:42 da noite.

Segundo o horário original, o anúncio da final deveria acontecer logo a seguir às oito horas. Mas com tantos e fervorosos pedidos de bis, as prestações tinham-se estendido e o anúncio fora remarcado para as oito e trinta.

Aya ouvira dizer que o júri do Concurso Internacional de Piano de Yoshigae não tinha por hábito arrastar as suas conclusões e, até ali, todos os anúncios haviam sido feitos no tempo marcado.

Aya e Kanade entreolharam-se.

Tinham ido a um café perto da estação para se descontraírem, mas o tempo foi passando e, sem darem por isso, eram horas do anúncio. Voltaram os três a correr para o átrio. Aya estava já familiarizada com todos. Afastados do palco, libertados das pressões, todos os rostos refletiam o alívio e o cansaço e a sensação de libertação.

Quase todos pareciam estudantes vulgares. Todos tão jovens, diferentes de como quando se tinham apresentado em palco. Mas com os membros do júri a levarem tanto tempo, pairava sobre o átrio uma sensação de frustração e tensão.

E também uma sinistra expectativa.

Os media estavam presentes e as luzes e microfones preparados para os membros do júri, só que estes não davam sinal de si.

– Aconteceu qualquer coisa.

– Tens razão.

A cada minuto que passava aumentava a sensação de constrangimento, que os contagiava a todos.

– Julgas que estão a discutir acerca de alguma coisa?

– A discutir acerca de quê?

Uma jovem que fazia parte da produção apressava-se a subir a escada e todos os olhares confluíam sobre ela.

Estava pálida e parecia preocupada, aparentemente sem ter consciência dos olhares alheios. Atravessou o átrio para falar com outros colegas. Todos eles pareciam ter expressões sombrias.

Mas, por fim, dispersaram.

– Que se passa?

Aya e os outros tinham observado tudo de perto e, depois, alguém começou a murmurar.

– ... desqualificado.

– Dizem que houve uma desqualificação.

– O quê...?

– Porquê?

Masaru olhou para Aya e para Kanade.

Sabia que todos pensavam o mesmo.

Qualquer que fosse a volta que lhe dessem, teria de ser Jin Kazama.

O facto de não ter seguido o programa à risca e de ter repetido a peça de Erik Satie. E para mais não toda a peça, mas um excerto escolhido.

O rosto de Aya endureceu.

– Pensam mesmo que ele foi desqualificado?

Masaru ficou em silêncio, os seus olhos não negavam nem afirmavam.

Aya nem conseguia dizer o nome de Jin Kazama. Sentia que, se o fizesse, aquilo passaria a ser verdade.

Então, as desqualificações aconteciam?

Kanade sentiu uma leve irritação.

– Onde poderá ele estar agora?

Não viam o rapaz em parte alguma. Certamente não teria a mais pequena ideia de que poderia ter sido desqualificado.

Aya sentia o coração acelerado.

Não podia ser verdade. *Desqualificado?* Um rapaz que tocava de uma forma tão magnífica? Que a tinha levado de volta ao palco? *Não. Não.*

Sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés.

Masaru olhou para o rosto dela e respirou fundo.

– Muito bem – disse, e abriu as mãos. – Ainda não sabemos nada. Pode ser outra pessoa qualquer. Pode haver outra razão.

– Tal como? Lembras-te de mais alguma coisa? – Kanade parecia cética. – Todos cumpriram o tempo estabelecido e não interromperam ninguém por o ter ultrapassado. Imaginas alguma razão para ter sido outra pessoa?

Aquela pergunta parecia tão razoável que deixou Masaru em silêncio.

Nenhum deles sabia o que dizer. Desqualificado.

Viera de Paris para Yoshigae, e agora as duas semanas que passara ali de nada serviriam. Não contariam no seu currículo como experiência por ter participado num concurso. Seria como se nunca tivesse acontecido.

Aya pensou no tempo que passara com Jin, em todas as conversas que tinham tido.

A imagem do seu sorriso inocente girava-lhe na cabeça.

Aquilo não podia estar a acontecer.

Sentiu-se em pânico como nunca se sentira. Não se sentiria tão abalada se lhe tivesse acontecido a ela.

*

Por entre o clamor que os rodeava, ouviam o nome dele repetido várias vezes, como ondas que se espalhavam.

– Dizem que o Jin Kazama foi desqualificado.

– Como...? O Príncipe das Abelhas?

– Desqualificado. É o que estão a dizer.

– Porque a prestação dele não cumpriu as regras.

O inconsciente coletivo era uma coisa assustadora.

Sem se saber porquê, aquilo transformara-se num facto estabelecido e todos falavam, certos de que era verdade.

À medida que mais gente entrava no átrio, era evidente que ficava a par das novidades.

– Como?... A sério? – As pessoas soltavam exclamações abafadas. Em breve o átrio estava em alvoroço.

E, mesmo assim, não havia sinais dos membros do júri.

Os media tinham entrado e encurralavam os colaboradores para os interrogarem. Mas estes pareciam ignorar tudo, tal como toda a gente.

Já eram nove horas da noite.

As pessoas andavam pelo átrio, arrastando os pés. Notava-se o cansaço e a impaciência que pesava, sombria, sobre toda a gente.

– Mesmo assim, estão a demorar-se sem se importar connosco – resmungou Masaru.

– Uma desqualificação pode levar tanto tempo? – perguntou Kanade.

Foi então que uma pessoa apareceu no átrio, a única que os poderia esclarecer. Aya olhou nessa direção.

– Oh... – disse Aya, e Masaru e Kanade seguiram-lhe o olhar.

– É o Jin.

Jin apercebeu-se de que toda a gente estava a olhar para ele. Deteve-se abruptamente e encolheu-se.

Aya recordou-se da primeira vez que ele aparecera em palco e de como o aplauso o sobressaltara.

O rapaz olhou à volta do átrio.

*

Aya teve pena dele, pois o rapaz não fazia ideia do que se passava.

– Kazama-*kun*, vem cá – disse Kanade, puxando por ele.

O rapaz avistou o pequeno grupo e, aliviado, aproximou-se.

Mas foi seguido por todos os olhares e baixou a cabeça um pouco hesitante.

– Que se passa? Fui eliminado? – perguntou a Aya.

Aya abanou a cabeça.

– Ainda não anunciaram.

– Como? E já é tão tarde?

O rapaz olhou para o relógio na parede.

– Olha lá, onde estiveste este tempo todo? – perguntou Aya.

O rapaz pareceu confuso.

– Estive a ver trabalhar o meu professor.

– O teu professor? De piano?

– Um florista, na casa onde fiquei.

– O teu professor é florista? – Kanade pareceu apanhada de surpresa.

– Sim – anuiu Jin Kazama. – Tinha um trabalho para hoje e deixou-me ajudá-lo. Era um bocado longe do centro da cidade, por isso levei algum tempo a chegar lá e a voltar. Tinha a certeza de que já tinham feito a comunicação há muito tempo.

Aya e Kanade olharam uma para a outra espantadas.

Claro que tendo terminado as prestações, ele estava livre para fazer o que quisesse.

– Então, o que se passa? Todos pareciam... olhar para mim. – Jin olhou em volta. Nesse momento, já as pessoas tinham voltado às suas conversas.

– Parece haver um problema qualquer – arriscou Kanade, fazendo os possíveis por se mostrar calma.

– Problema?

– Dizem que uma pessoa foi desqualificada. – Kanade olhou para Masaru.

– Desqualificada? Disseste *desqualificada*?

O rapaz ergueu os olhos para Masaru, em busca de uma explicação.

– Uma vez fui desqualificado – disse Masaru rapidamente. – Toquei uma peça que não era permitida e pronto. Também podemos ser desqualificados por coisas como exceder o tempo limite.

Jin Kazama olhou para Aya, pouco convencido.

Evitando o olhar do rapaz, Aya hesitou, tentando dizer algumas palavras.

Jin parecia subitamente em choque.

Abriu muito os olhos e empalideceu visivelmente.

– Não!

A sua expressão ansiosa perturbou ainda mais Aya e os outros.

Nunca o tinham visto com aquela expressão no rosto.

Tinha os lábios trémulos.

– *Eu?*

Olhou para cada um deles, assustado.

– Fui desqualificado? É por isso que estão todos a olhar para mim?

– Ainda não sabemos – disseram Aya e Masaru ao mesmo tempo. – Parece que foi alguém desqualificado, mas não sabemos quem.

– Mas estão todos a olhar para mim. Devem pensar que sou eu, não é verdade?

O rapaz olhava em volta, desesperado, perfeitamente confuso. Olhava para o rosto de Aya com uma expressão interrogativa, como se a resposta estivesse escrita aí.

– Estou a dizer-te que não sabemos ao certo. Ninguém anunciou coisa alguma.

– Então fui desqualificado? – perguntou o rapaz sem expressão, já sem concentrar o olhar em quem quer que fosse. – Quer dizer que o meu pai já não me compra o piano.

– Como? – perguntou Aya.

Não lhe compra um piano?

Uma onda de agitação percorreu o átrio.

Os jurados tinham aparecido no andar superior.

Houve uma agitação quando as luzes se acenderam e a temperatura emocional disparou na sala.

Os membros do júri desceram firmemente a escada.

Kanade tentou ler-lhes as expressões. Pareciam todas muito plácidas.

Não parecia que tivesse havido um problema terrível. A maioria parecia bastante satisfeita.

*

Olga Slutskaya, a presidente do júri, fora a primeira a descer a escada e um elemento da produção entregou-lhe um microfone. Este ligou-se com um *pop* e o silêncio desceu sobre o átrio.

– Senhoras e senhores, agradecemos a vossa paciência.

Apesar do tempo que tinham levado, Olga parecia muito calma, exibindo o seu habitual e imponente sangue-frio.

– Tenho o prazer de anunciar os resultados da terceira eliminatória. Não foi fácil chegarmos a uma decisão, mas estamos satisfeitos com estes resultados para a final.

Continuou com os comentários habituais, recordando àqueles que não tinham sido apurados que não o deviam ver como uma avaliação negativa da sua capacidade musical ou deles próprios como indivíduos e sentirem-se desencorajados, mas continuarem a dedicar-se à música.

Como é evidente, a imprensa e os candidatos que ali esperavam, mal registaram as palavras dela.

Olga estava consciente disso. Viu como todos estavam impacientes e inquietos e parecia estar deliberadamente a iludi-los.

Com toda a elegância pôs os óculos que lhe pendiam de uma corrente ao pescoço.

– Agora, em relação a esta demora sem precedentes na avaliação... – Olga fez uma pausa. – Algo inesperado aconteceu, o que infelizmente levou à desqualificação de um pianista.

Afinal, sempre era verdade, murmuravam as pessoas. Aya sentiu Jin Kazama, a seu lado, ficar tenso.

Colocou-lhe ao de leve a mão no ombro e ele olhou-a com uma expressão melancólica.

Aya olhou-o nos olhos e assentiu como que para lhe dizer *Não deixes que isso te afete*.

– Levámos tempo a confirmar todos os factos, e depois a rever mais uma vez o caso, e pedimos as nossas sinceras desculpas pela demora.

Olga fez uma curta vénia e, a seguir, desdobrou a folha de papel que tinha na mão.

Confirmar todos os factos. Que queria *aquilo* dizer? Interrogou-se Kanade. Usar-se-iam aqueles termos quando alguém era desqualificado?

Olga respirou fundo.

– São as seguintes seis pessoas que avançaram para a final.

O átrio acalmou mais uma vez.

Todos os olhares estavam pregados nas mãos dela e o átrio cheio de um doloroso silêncio.

Aya e Jin Kazama chegaram-se mais um ao outro.

Seria imaginação sua ou Olga estava a demorar-se a ler os nomes, o que era pouco natural?

O átrio envolvera-se num silêncio estranho. Olga mantinha-se impassível, o que dava a entender que estava deliberadamente a prolongar o suspense.

– N.º 19, Kim Sujon.

Soou uma ovação. Um jovem, de rosto afogueado ergueu várias vezes o punho.

– N.º 30, Masaru Carlos Levi Anatole. – Desta vez a ovação foi ainda mais ruidosa.

Todos os olhares se voltaram para Masaru, que sorria hesitante, com uma expressão difícil de decifrar.

– N.º 41, Friedrich Doumi. – Mais aplausos.

Metade dos nomes haviam sido anunciados.

Faltavam três. Aya encostou-se mais a Jin Kazama e ele a ela.

– N.º 47, Cho Hansan. – Aplausos e gritos.

Aya sentiu-se tensa. *Lá vamos nós*. O anunciar do nome seguinte, assustava-a e não queria admiti-lo.

Os lábios de Olga moviam-se.

– N.º 81, Jin Kazama.

A multidão soltou um grito enorme – um berro ou uma ovação, era difícil de dizer, mas o rugido abanou o átrio.

Aya sentiu o espaço em seu redor abrir-se. Sentiu-se estranhamente liberta. Radiosa e viva.

Ela e Jin voltaram-se um para o outro, incrédulos. Aya ouviu a voz calma de Olga prosseguir.

– E, por fim, N.º 88, Aya Eiden.

Baixou a folha de papel que tinha na mão e espreitou a multidão.

Aya teve dificuldade em ligar o que ouvira à sua pessoa. Os aplausos continuavam a soar, o entusiasmo era inextinguível. Olga manteve-se calmamente ereta no meio de tudo aquilo.

O som e o tempo regressaram por fim.

– Conseguimos! Passámos os três! – disse Masaru em voz tensa, levantando as duas mãos com entusiasmo. Por fim, Aya sentiu uma alegria imensa brotar dentro de si.

O rosto de Jin Kazama parecia pálido e exausto.

– Conseguimos!

Aya e Jin abraçaram-se, com sorrisos bem humorados a contraírem-lhes o rosto, enquanto Masaru e Kanade apenas pareciam aliviados.

– Caramba... tanta preocupação para nada.

– Foi emoção a mais, se queres saber!

Por fim, conseguiam dizer piadas.

Aya não tinha a certeza a quem ou porquê exatamente devia estar grata, mas só lhe vieram à mente palavras de agradecimento.

Obrigada, obrigada, obrigada por terem apurado o Jin Kazama.

Depois da emoção e do choque iniciais terem acalmado, as pessoas começaram a perguntar em voz alta. “Então, afinal, quem foi desqualificado?”

Tão composta como sempre, Olga ficou em silêncio, mas, por fim, cedeu com alguma relutância às pressões e começou a falar.

– Discutimos se um outro candidato teria pontos suficientes para chegar à final, mas depois da terceira eliminatória ele sentiu-se mal e foi para casa. Esse candidato não avisou adequadamente os responsáveis e levamos algum tempo para descobrir onde estava. Por fim descobrimos que ele regressara de facto ao seu país e fora submetido a uma apendicectomia de urgência, de modo que nem poderia participar da final.

– Oh... então foi *isso*?

– E tínhamos a certeza de que era... já sabem – ouviu Aya dizer a umas pessoas que a seguir olharam para Jin Kazama.

Olga esperou que a multidão tivesse interiorizado a informação, antes de continuar.

– Parabéns àqueles que chegaram à prova final. Todos vós sois músicos extraordinários. Para aqueles que vão estar na final, desejo que tenham confiança e que deem o vosso melhor. A seguir a estas declarações, haverá um convívio com os membros do júri e insisto em que aproveitem a oportunidade. Obrigada e voltaremos a encontrar-nos na final.

*

Aya e o seu grupo começaram a descontraír-se para soltar a tensão. Masaru soltou uma gargalhada.

– Nunca me senti tão tenso na minha vida!

– A sério?

– Estou tão, *tão* feliz!

Aya e Kanade abraçaram-se.

Jin Kazama recuperara por fim o seu sorriso inocente.

– Uau, parece-me que isto me tirou anos de vida. Tenho de dizer ao meu pai.

Kanade encontrou um canto sossegado no átrio.

O telefone de Masaru tocou.

– Sim? – Masaru atendeu e fez um sinal com os olhos a Aya.

Era da organização do concurso para confirmar os horários dos ensaios com orquestra.

Os telemóveis de Jin Kazama e de Aya começaram a tocar – a chamada da organização.

É a final. Cheguei lá, pensou Aya.

Aya expressou os seus agradecimentos em silêncio.

Porém, não sabia dizer a quem.

*

No átrio, pregadas à parede, havia várias filas de fotografias.

Outra fita em forma de flor tinha já sido pregada à foto de cada candidato admitido à final.

Apenas seis tinham três fitas.

Akashi Takashima olhou para elas, com o coração cheio.

A sua fotografia tinha apenas uma, mas não o lamentava.

Jin Kazama conseguira chegar à final e ninguém poderia negar que aqueles seis o mereciam sem sombra de dúvida.

Akashi soltou um profundo suspiro.

Para ele, o concurso fora uma experiência boa e cheia de significado.

A princípio a sua atitude fora participar e terminar o desafio. Com isso planeava organizar por fim os seus sentimentos acerca da música.

Mas aquilo que conseguiu foi de facto uma sensação de coragem. Depois de escutar tantas interpretações e de ter estado ele próprio em palco, estava agora decidido a viver a sua vida como músico.

Bom, talvez agora volte, pensou.

Voltou-se e ia afastar-se quando o seu telemóvel tocou.

Quem poderia ser?

Era do gabinete principal do concurso. Um número que mantinha desde o ano anterior, mas um número que provavelmente apagaria em breve.

– Estou? – atendeu hesitante.

– Estou a falar com o Sr. Akashi Takashima? – ouviu uma voz de mulher perguntar.

– Sim, daqui fala Akashi.

– Estou a falar do gabinete do Concurso Internacional de Piano de Yoshigae. Posso perguntar-lhe onde se encontra neste momento?

Que pergunta estranha.

– Estou em Yoshigae. Estava a pensar voltar agora para Tóquio.

– Compreendo. Pensa que pode estar cá no último dia do concurso, domingo, 24? – perguntou a mulher em tom formal.

– No último dia?

Akashi estava ainda mais surpreendido. Tratava-se do segundo dia da final. Claro que pensava voltar para ouvir, mas porque estaria ela a perguntar?

– Sim, estou a pensar assistir à final.

– Muito bem. Ainda bem que me diz isso. Quer dizer que também estará cá para a cerimónia de atribuição dos prémios?

– Cerimónia da atribuição dos prémios?

– Exato, enquanto o júri decide acerca dos últimos seis candidatos à final, discutem também a quem serão atribuídos outros prémios. Como resultado dessas conversas, ao senhor foi-lhe atribuída uma Menção Honrosa, bem como o Prémio Hishinuma.

– Como? O que disse? Uma menção Honrosa e o Prémio...

– E o Prémio Hishinuma – repetiu a mulher.

Akashi fez uma pausa para interiorizar o que ouvira.

– O Prémio Hishinuma significa...

– Sim. É um prémio atribuído pelo Maestro Tadaaki Hishinuma ao pianista que mais se destacou na interpretação da sua obra *Primavera e Asura*.

– E fui... eu? – Akashi quase gritou.

– Exato. Muitos parabéns.

Pela primeira vez, sentiu que conseguia detetar um sorriso na mulher do outro lado da linha.

Com o coração acelerado, fez uma profunda vénia à mulher que não via.

Eu? Eu vou receber o Prémio Hishinuma? A sua interpretação de *Primavera e Asura* vencera a de Jin Kazama e a de Aya Eiden?

E a Menção Honrosa. Um prémio atribuído a um pianista que, embora não tivesse chagado à final, impressionara e era considerado alguém com futuro.

Akashi quase rebentava de alegria.

Agora tinha a certeza.

Conseguia ser músico.

*

– Então, e o Jin Kazama? – perguntou Mieko a Masaru.

Masaru encolheu os ombros.

– Foi à casa onde tem ficado. Disse que ainda tinha de ir ajudar o professor.

– O professor? Quem está a trabalhar agora com ele? – perguntou Miekeo.

Nathaniel, ao lado dela, apurou o ouvido ao escutar a palavra *professor*.

– Não, não é de piano – respondeu Masaru um pouco incomodado.

– Não é de piano? Então? Será talvez de solfejo? Ou composição?

Aya, ao pé dele, sorriu irónica.

– É de arranjos de flores.

– Arranjos de flores? – Miekeo e Nathaniel falaram simultaneamente.

– Um amigo do pai dele tem uma grande loja de flores e é um artista famoso de arranjos florais. Jin disse que está a aprender essa arte com ele.

– *Como?*

Encontravam-se na sala de banquetes do hotel, onde os membros do júri e os candidatos desfrutavam de uma noite de confraternização amigável. Restava apenas a final – seis pianistas, cada um tocando um concerto com uma orquestra – e todos gozavam de uma sensação de liberdade.

Pelo salão, grupos de alguns dos restantes candidatos juntavam-se a um jurado e escutavam-no deliciados.

– Oh, caramba, ele desafia todas as expetativas, não é verdade? – Nathaniel abanava a cabeça. Os jurados estavam desejosos de falar com ele, mas já se foi embora.

– Não é mesmo? – perguntou Masaru. – Estávamos todos à espera de que o Jin Kazama tivesse sido desqualificado.

– Não houve um único membro do júri que contemplasse a possibilidade de o desqualificar. Até aqueles que a princípio eram contra o rapaz passaram a ser fãs.

Masaru assentiu.

– Não te importas? Não te importas que haja um adversário bem sucedido?

Nathaniel olhou Masaru nos olhos e este soltou uma gargalhada.

– Porque haveria de me importar? Vencer sem o Jin Kazama na corrida não teria graça nenhuma.

– Ahh... que belo espírito.

Aquela prova da solidez e autoconfiança de Masaru fez com que Mieko e Nathaniel se entreolhassem e trocassem um sorriso.

– De facto é... – murmurou Aya. – É ótimo que Jin Kazama continue na corrida.

Meu Deus, pensou Mieko. *A expressão da Aya transformou-se completamente.* Há nela uma serenidade que poderia mesmo ser definida como ousada. Desaparecera a confusão que mostrara da última vez que se tinham encontrado.

Mieko olhava para ela, assombrada pela transformação.

Para um jurado, testemunhar um momento assim na vida de um jovem músico era uma alegria sem paralelo.

– Muito bem, mas não baixes a guarda – acautelou-a Mieko. – A final vai ser intensa. Estão todos em igualdade de circunstâncias e qualquer um pode ganhar.

Masaru e Aya entreolharam-se e riram.

Neste ponto, apenas os preocupava a sua interpretação individual. Competir parecia não ser importante.

Mas era verdade – o primeiro prémio estava ao alcance de todos.

Seis finalistas.

Havia uma tendência para pensar que, com a final, a avaliação principal estava terminada, e agora era apenas questão de confirmar a classificação, mas tocar com uma orquestra podia ter um grande impacto e a impressão dada pelo intérprete podia ser completamente virada do avesso. Era perfeitamente possível que mesmo com uma quantidade de interpretações maravilhosas atrás de si tudo caísse por terra.

– Estou ansiosa – disse Mieko, e lançou a Nathaniel um olhar mordaz.

Pensas que a tua estrela pode ganhar?

Nathaniel sabia perfeitamente o que significava o olhar de Mieko.

– Sim, estou à espera disso – disse Nathaniel, fazendo eco das palavras dela.

Podiam sorrir, mas não com os olhos, e sabiam-no.



Ensaaios com Orquestra

As instalações multiusos onde o Concurso Internacional de Piano de Yoshigae se realizava continha três salas de concertos.

Uma sala de dimensões médias com 1000 lugares, onde se tinham realizado as primeiras três eliminatórias.

Outra mais pequena, subterrânea, com 400 lugares.

E depois a maior sala de concertos, com 2300 lugares.

A final deveria realizar-se na maior das três.

Os concertos e a ordem de atuação eram os seguintes:

Kim Sujon (Coreia do Sul): Rachmaninoff N.º 3

Friedrich Doumi (França): Chopin N.º 1

Masaru Carlos Levi Anatole (EUA): Prokofiev N.º 3

Cho Hansan (Coreia do Sul): Rachmaninoff N.º 2

Jin Kazama (Japão): Bartók N.º 3

Aya Eiden (Japão): Prokofiev N.º 2

O maestro da Filarmónica de Shintobu para a final era Masayuki Onodera, um maestro de categoria média, de quarenta e muitos anos.

Onodera tinha muita experiência, embora acompanhar pianistas para um concurso fosse uma tarefa mais difícil do que se pudesse imaginar.

Os solistas eram amadores, e não seria bom que se dissesse que a culpa era da orquestra – que não seguira devidamente o candidato, nem trabalhara o suficiente para conseguir que ele tivesse o seu melhor desempenho. E como o concurso de Yoshigae era uma competição internacional em larga escala, a responsabilidade era especialmente onerosa.

A preparação para a final era extenuante. Havia dezenas de concertos na lista das obras elegíveis. Todas esses concertos padrão eram famosos, perfeitamente dentro do repertório de uma orquestra profissional, mas

como alguns eram mais difíceis, tinham de os rever para poderem estar preparados.

Os seis finalistas tinham, cada um, escolhido um concerto diferente, o que podia ser algo pelo qual a orquestra teria de agradecer, ou não.

Onodera já dirigira num concurso em que, dos seis finalistas, quatro tinham escolhido o *Concerto Imperador* de Beethoven, enquanto os outros dois tinham ambos tocado o Concerto N.º 1 de Chopin. O público deveria ter ficado aborrecido, e à quarta interpretação do *Concerto Imperador* também a orquestra – composta por consumados profissionais, mas também seres humanos – estava farta. Recordou-se de que manter uma orquestra motivada era uma tarefa difícil.

A seguir às quatro interpretações do concerto de Beethoven vinha o N.º 1 de Chopin que, com toda a franqueza, também era aborrecido. Podia ser uma peça famosa, que todos os pianistas desejavam tocar, mas para orquestra havia vários concertos do repertório modelo considerados enfadonhos, e um deles era o N.º 1 de Chopin. Na final de um concurso de Chopin, havia apenas a escolha entre o N.º 1 e o N.º 2, e por muito que este compositor fosse o orgulho do seu país e por muito apreciada que fosse a sua música, devia ter sido uma tortura para a orquestra. Onodera lamentava-os em segredo.

Desta vez, os seis concertos eram obras importantes, muitos deles um desafio tanto para os pianistas como para a orquestra.

Onodera já obtivera do famoso contrarregista, Sr. Takubo, informações de fundo sobre os finalistas. O que Takubo lhe dissera acerca da atitude dos candidatos nos bastidores e das observações das suas personalidades fora valiosíssimo.

Naturalmente que já verificara nos seus currículos se já tinham tocado com orquestra, e ouvira os seus desempenhos na terceira eliminatória.

*

Um concerto era um género em que a experiência significava tudo. Não se poderia compreender isto a menos que se tivesse passado pelos desafios colocados pelo desempenho com orquestra.

Quando se apresentavam em palco, ouviam os instrumentos perto, mas todos a distâncias diferentes. Ao escutar, por assim dizer, “de dentro das cordas”, a obra que se pensa conhecer parece uma composição

completamente diferente. E também o sentido de sincronização pode ser facilmente alterado.

Por duas vezes, na final de um concurso anterior, Onodera assistira à interrupção a meio de um concerto. Num dos casos, o pianista estava tão absorto no que tocava – poder-se-ia dizer que de uma forma absurda – que não ouviu a orquestra, e ficou completamente dessincronizado. Toda uma barra de compasso, mais precisamente.

No segundo caso, o pianista não confiou em que o seu nível de interpretação acompanhasse o da orquestra, e o seu volume diminuiu muito. Se o som do solista decresce, a orquestra baixa naturalmente o seu volume, para o tentar ouvir, e todo o volume baixa. Por fim, o volume ficou tão baixo que a peça não se mantinha unida e, tanto o solista como a orquestra tiveram de parar.

Porém, desta vez os ensaios tinham decorrido com suavidade e os membros da orquestra pareciam aliviados.

Os pianistas, conforme Takubo o informara, eram excepcionais e, dos seis, cinco já tinham experiência de orquestra. Depois de quatro ensaios não havia praticamente questões. Cada um deles tinha o seu próprio estilo, naturalmente, e embora muito jovens, pareciam ter maturidade, principalmente um deles, do dia anterior, Masaru Carlos Levi Anatole. A orquestra ficara completamente extasiada com ele, certa de que testemunhava o surgimento de uma nova estrela.

*

Estavam quase a terminar o intervalo.

Os membros da orquestra voltaram dois a dois ou três a três.

Tinham por fim chegado ao único pianista sem experiência de orquestra. Jin Kazama, do Japão.

Embora Onodera desejasse avidamente aquele ensaio, admitia estar um pouco ansioso. A prestação de Kazama na terceira eliminatória fora magnífica, mas preocupava-o a possibilidade de o pianista ser centrado em si próprio e pouco adequado para tocar com orquestra.

E para mais, escolhera tocar o Concerto N.º 3 de Bartók.

Com a partitura na mão, Onodera refletia sobre a melhor forma de a abordar.

Um pianista recente a tocar Bartók aumentava os obstáculos da orquestra. Havia muitas negociações a fazer entre esta e o solista e, se não se ouvissem com cuidado, as coisas podiam ficar difíceis. A questão principal com Bartók era conseguir uma sincronização correta. O compositor era famoso pelas suas extensas linhas melódicas.

Quando Onodera entrou na sala, viu o afinador ainda a trabalhar, quando já esperava ver Jin Kazama a ensaiar.

De vez em quando, o afinador lançava olhares para os lugares.

– Que tal? – perguntou.

– Bom.

Onodera olhou em volta e descobriu o rapaz sentado ao fundo da sala de concertos

Mas que...?

Surpreendido, o maestro abriu muito os olhos.

Tivera a certeza de que se tratava de um elemento da produção, mas depois percebeu tratar-se de Jin Kazama. O que estaria ali a *fazer*?

– Basicamente está bem. Mas só saberei quando a orquestra entrar. Sr. Asano, pode voltar para depois ver como soa?

– Tudo bem...

Onodera não acreditava no que via.

Takubo dissera-lhe que o rapaz tinha um ouvido excelente, mas nunca vira um pianista e um afinador comunicarem tão de perto.

O afinador avistou Onodera e inclinou-se.

– Peço perdão, mas estamos a terminar – disse.

Onodera assentiu e colocou a partitura na estante.

Os elementos da orquestra entraram e, quando já estavam todos, o afinador desceu para os lugares.

Jin Kazama avançou e saltou para o palco.

– Olá. Sou Jin Kazama. Estou ansioso por tocar com todos vós.

– Sou Onodera. Sinto o mesmo.

O chefe de orquestra também o cumprimentou e apertou-lhe a mão.

Que rapaz tão delicado, pensou Onodera.

Ingénua, nada sofisticado, transpirando algo perfeitamente natural.

– Então como fazemos? Tocamos durante todo o concerto? Podíamos destacar entradas que necessitem de um timing preciso.

Mas a todas estas sugestões, Jin Kazama limitava-se a sacudir a cabeça.

– Tenho um pedido a fazer – disse.

Os olhos enormes do rapaz fitavam-no e Onodera sentiu o coração acelerado.

– Claro

O rapaz era ousado.

– Gostaria que todos tocassem o terceiro andamento.

Onodera foi apanhado de surpresa.

– Como? Só a orquestra? E o senhor?

– Vou ouvir lá do fundo.

Jin Kazama saltou do palco e correu pela coxia até ao fundo da sala.

Onodera e o chefe de orquestra olharam um para o outro.

O que estaria a fazer? A testar o poder da orquestra? Não parecia bem.

– Muito bem... comecem por favor. – A pequena figura de Jin Kazama acenou.

Onodera esboçou um sorriso generoso, fez sinal à orquestra com a cabeça e pegou na batuta.

Os elementos da orquestra ergueram as sobrancelhas, mas prepararam os instrumentos.

O terceiro andamento do Concerto n.º 3 de Bartók.

Um *tutti* brilhante. O realce da peça que se encaminhava gloriosamente para o final.

A orquestra deu o seu máximo.

Queres ver do que somos capazes, meu filho, pois bem, vamos mostrar-te. Vamos mostrar-te o som que podemos produzir.

Um fortíssimo massivo.

Pensas que consegues fazer frente a este volume? Quando chegar a vez do solo e tivermos de baixar a potência, seremos os últimos a rir.

Onodera conseguia aperceber-se destes sentimentos na orquestra.

O terceiro andamento de quase sete minutos terminou.

Onodera voltou-se e viu Jin Kazama e o afinador a murmurarem entre si.

Era-lhe difícil acreditar que aquele rapaz era de facto um candidato.

– Obrigado...! – exclamou Jin Kazama enquanto corria de volta e saltava agilmente para o palco.

Uau – aquilo é que fora um salto.

Sem perceber como, o rapaz atravessara rapidamente a orquestra.

Onodera gostaria de saber o que estava ele a fazer quando o viu começar a separar as cadeiras, a mudar as estantes da música e a trocar o lugar dos músicos.

– Desculpe, mas importava-se de passar para aqui? – pediu até aos contrabaixistas que mudassem de lugar.

Os músicos encolhiam os ombros com um sorriso estranho.

Alguns mostravam-se até pouco agradados.

O rapaz, no entanto, parecia despreocupado.

– Mas se eu mudar de posição vou ter dificuldade em tocar – resmungou o tubista.

O rapaz deu meia-volta.

– O chão aqui está empenado. Creio que deve ter sido arranjado há uns anos, usando provavelmente contraplacado como suporte. Assim, essa parte do chão é mais pesada e a densidade é diferente. Assim, se estiverem em cima dela, o som não se projetará bem.

O tubista ergueu os olhos, com uma expressão perturbada.

O rapaz, sem que isso o afetasse, encaminhou-se para o piano e sentou-se.

– Desculpem, mas toquem mais uma vez o terceiro andamento. Sr. Asano, pode por favor verificar o equilíbrio? – pediu o rapaz ao afinador, que estava nos lugares, e depois olhou para Onodera.

Onodera assentiu e pegou na batuta conforme lhe fora pedido. Os músicos, perplexos, tomaram as suas posições.

Fez-se um momento de silêncio.

O rapaz tocou o trilo baixo de abertura.

O som foi imenso.

Os olhos dos músicos iluminaram-se. Que som forte. Voava diretamente para os nossos ouvidos, tão claro e impressionante.

Onodera girou a batuta no primeiro tempo.

Como um reflexo condicionado, a orquestra saltou em uníssono.

Engrenaram imediatamente.

Uma frase ascendente no diálogo com a secção dos sopros de madeira. Entraram os metais seguidos pelo batimento surdo dos timbales.

O solo de piano.

Um ritmo robusto, confiante. A orquestra foi arrastada como que por uma locomotiva invisível.

A peça avançava com firmeza, conduzida pelo piano.
Que som uniforme, encorpado. As cordas juntaram-se.

Não!

Onodera não podia acreditar no que ouvia.

A orquestra percorrera a peça com um volume alto, mas agora o som era muito mais alto e, puxado pelo piano de Jin Kazama, o volume continuava a aumentar.

As expressões dos músicos pareciam sérias – não, *frenéticas*, seria mais perto da verdade. Desesperados, receando que o piano de Jin Kazama os deixasse para trás.

Onodera reparou em mais uma coisa.

O equilíbrio era muito melhor do que antes.

As notas baixas encaixavam-se bem, reverberando numa camada elegante.

A voz do rapaz perpassou pela mente de Onodera.

O som não se projeta bem.

As cadeiras que mudara de posição, as estantes, os instrumentos. Ter-se-ia realmente apercebido de tudo aquilo? Com um simples ensaio completo com a orquestra?

Por fim, dirigiam-se ao clímax.

Eram mais levados a tocar do que tocavam. Como se os seus braços se movessem inconscientemente.

A secção de metais seria assim tão forte? Não lhes indicara sempre que precisavam de mais ímpeto, de que lhes faltava qualquer coisa?

Um som rico dos instrumentos de sopro. O piano não recuava, nem por um segundo.

A escala final.

Jin Kazama percorria o teclado com uma espantosa pressão acústica, como se usasse um limpa-neves.

E agora o *tutti*.

Os metais soaram e o ar estremecia, vibrava.

Que emoção.

Por um instante, Onodera esqueceu-se de si próprio.

Os sons de todas as secções da orquestra convergiam num único ponto no ar, deixando atrás de si um brilhante reflexo sonoro.

Maestro e orquestra estavam mudos de espanto – ouviram alguém bater palmas.

Onodera recompôs-se e olhou para trás – o afinador de pianos aplaudia.

– Sr. Asano, como correu? – perguntou o rapaz.

– Foi fantástico. Perfeito.

– Não deveria ser um pouco mais suave?

– Não. Está muito bem assim como está.

– A sério? Então posso pedir-vos a todos para tocarmos desde o princípio?

Jin Kazama olhou para o maestro e, por um instante, pareceu preocupado.

Os músicos olhavam-no, pálidos, como se ele fosse um animal raro.

– Hummm, passa-se alguma coisa? – perguntou Jin Kazama, mas nenhum deles respondeu.

Dias Febris

As portas de ambos os lados foram abertas de par em par e as pessoas saíram ansiosas para o átrio.

Não era exatamente a sala de dimensões médias a que se tinham habituado nas últimas duas semanas, mas a sala principal, de muito maior capacidade. Para lá chegarem tinham de subir uma larga escadaria coberta por um tapete vermelho de pelúcia.

Deveria estar a imaginar, mas parecia-lhe que as expressões e as *toilettes* das pessoas eram agora mais vibrantes.

O primeiro dia da final foi uma soirée. Lá fora estava completamente escuro.

– Estou a ver... então isto é que é uma final – disse Aya, impressionada, enquanto olhava em volta da sala de concertos.

Lá em cima no palco a orquestra rodeava o piano.

Os elementos da produção andavam por ali a aprontar as coisas e o afinador estava absorvido nos ajustamentos de última hora.

Kanade, que já assistira a inúmeros concursos, quer como pianista, quer como espetadora, acenou com a cabeça.

– *Aya-chan*, este é o teu primeiro concurso, sem contar com aqueles de nível júnior, não é verdade? As finais são assim.

– Parece uma coisa especial – murmurou Jin Kazama, sentado ao lado delas.

– Não posso acreditar que seja o vosso primeiro concurso internacional, e as vossas primeiras finais. Estão cheios de sorte, só vos digo – Kanade parecia impressionada.

– Mmm – murmurava Aya, como se procurasse as palavras adequadas para descrever aquela atmosfera especial. – É como... nem sei... nos tivéssemos preparado durante tanto tempo, sofrido tantas dificuldades para chegar ao cimo da montanha e chegássemos por fim ao último cume, completamente ofegantes e sentindo a verdadeira concretização de uma façanha. Mas a questão é que o que vem depois não é fácil. Temos de ter cuidado com os passos quando descermos. Percebem o que quero dizer?

– De que estás a falar? – perguntou Kanade.

– Entendo, entendo perfeitamente – afirmou Jin Kazama, acenando com a cabeça na direção de Aya. – Assim que chegamos lá acima parece que os nossos nervos ficam esgotados.

– Parem com isso, meninos. Só têm de aguentar mais um pouco e concentrarem-se na final.

Kanade deu uma palmada nos ombros de Aya e Jin.

Mas sabia como ambos se sentiam.

Havia muitos candidatos que, depois de terem conseguido atravessar a pressão intensa das três eliminatórias, ficavam com uma sensação de desânimo. Era difícil, até para profissionais, manterem a motivação durante aquele longo trajeto.

– Então? Onde está o *Ma-kun*?

Jin Kazama olhou em volta da sala.

– Como seria de esperar, saltou as primeiras prestações e está na sala de ensaios a fazer o aquecimento.

– O n.º 3 de Rachmaninoff é muito comprido, não é verdade?

Kanade olhou para o programa.

Rachmaninoff N.º 3, que o primeiro pianista deveria tocar durava quase cinquenta minutos.

Aya soltou uma gargalhada.

– De que te ris?

– Estava a lembrar-me do que o Ma-kun disse acerca do N.º 3 de Rachmaninoff, que é uma peça impregnada do autoconhecimento do pianista.

– Ele disse mesmo isso?

Mesmo assim, não estaria Aya demasiado descontraindo com as coisas?

– A propósito, por que escolheste o N.º 3 de Bartók? – perguntou Aya a Jin. – A escolha foi tua? Não haveria outro concerto que quisesses tocar?

Kanade quisera fazer-lhe a mesma pergunta. Com a sua técnica, Jin poderia tocar o concerto que quisesse.

– A princípio queria tocar Schumann – disse Jin.

– O Concerto em La Menor?

– E estava a pensar escrever a minha própria *cadenza* no final do primeiro andamento.

– A sério? O famoso?

– Mas o meu professor disse-me que não deveria provocar intencionalmente uma discussão.

– O Hoffmann?

– Pois.

Aya soltou outra gargalhada.

Não havia dúvida de que a virtuosidade de Jin Kazama lhe permitiria improvisar uma peça desde que o desejasse. Poderia estar escrito *Cadenza* na partitura, mas a prática aceite era tocar as *cadenzas* já existentes. Tocar a própria *cadenza*, criada pelo pianista era quase tabu.

– Também fizeste o teu próprio arranjo para *África*, não é verdade?

Kanade sabia perfeitamente o que Hoffmann quisera dizer com *provocar intencionalmente uma discussão*. Havia muita gente no mundo da música clássica que pensava que acrescentar frases próprias a uma peça era a mais completa blasfémia.

– Pois. Foi por isso que desisti de tocar Schumann e estava hesitante entre o N.º 3 de Prokofiev e o N.º 3 de Bartók.

– A sério? Então até podias ter escolhido o mesmo que o Ma-kun.

Jin Kazama fez um gesto de grande alívio, e tanto Aya como Kanade desataram a rir.

Era surpreendente saber que nem um grande talento como Jin Kazama queria duplicar Masaru. E isso apenas reforçava a noção do tremendo talento que era Masaru.

Um *génio natural e excêntrico* como Jin Kazama era o tipo fácil de entender. Masaru, também um génio, não fazia parte desse tipo. Ao falar-se com ele nesses últimos dias, via-se que era muito equilibrado. Possuía um talento superior, sem dúvida, mas também dava a sensação de ser uma pessoa *vulgar*. Mesmo que não o fosse na música, seria definitivamente excecional, pois alguém com o seu talento poderia abraçar qualquer campo.

– Humm... então o que fez decidires-te pelo Bartók? – Aya sondou Jin, cheia de curiosidade.

– Foi de facto simples. Imaginei que o N.º 3 de Prokofiev seria uma escolha popular, mas que ninguém escolheria Bartók.

– Tão simples quanto isso?

– Sim.

– Sabes, o Ma-kun disse até que és uma espécie de Bartókesco.

– Bartókesco?

– Sim, mas não sei dizer exatamente como.

Kanade percebia o que Aya tentava dizer.

As capacidades naturais de Jin Kazama, a sua inesperada mudança de ritmos, davam a sensação de que ele tinha uma afinidade com Bartók.

– Então e tu, Aya? O que te fez escolher o N.º 2 de Prokofiev? Porque não o N.º 3? – foi a vez de Jin Kazama perguntar, com uma expressão inocente.

Aya e eu temos provavelmente a mesma expressão neste momento, pensou Kanade.

Antes de Aya partir para o concurso, Kanade lembrou-se de que aquela peça fora a última que a amiga deveria ter tocado em público.

Até aí, tocara um enorme repertório.

Ela e Aya entreolharam-se e, sem uma palavra, sorriram uma para a outra.

Jin Kazama olhou alternadamente para ambas.

– É o meu... trabalho de casa, creio – disse Aya.

– Como? – perguntou Jin Kazama.

– Esta peça é o meu trabalho de casa. Já de há muito tempo.

– Oh!

– E amanhã vou finalmente poder entregá-lo. Mas levou-me bastante tempo. Não. De facto, até parece muito pouco tempo.

Os olhos de Aya pareciam procurar algo muito ao longe.

Também tenho estado à espera disto há tanto tempo. O dia em que a Aya voltasse ao palco e eu pudesse estar sentada entre a assistência para ouvir a peça que ela deveria ter tocado nessa ocasião.

Kanade pensava nas palavras de Aya, “Mas levou-me bastante tempo. Não. De facto, até parece muito pouco tempo.”

A campainha soou para assinalar o início do espetáculo.

– Muito bem, vamos verificar se o que o Ma-kun disse é verdade, isso de que o N.º 3 de Rachmaninoff mostra o ego do pianista a espalhar-se por toda a parte.

– O ego a espalhar-se? O que quer isso dizer? – perguntou Jin Kazama. Aya voltou-se para ele.

– Não sabes? O Ma-kun sabe e vive em Nova Iorque.

– Eu quase nem fui à escola.

– Nunca leste manga japonesa?

– Nem por isso.

– Digo-te depois da interpretação. Entretanto vai pensando nisso.

– Ok.

Foi então a vez de Kanade se rir.

As luzes apagaram-se e fez-se silêncio.

*

Os elementos da orquestra entraram de ambos os lados do palco ao som de um suave aplauso.

Seguiu-se a afinação.

Da assistência, Akashi Takashima via o desenrolar da cena com nostalgia.

A sua expressão sugeria uma confiança tranquila.

Houve um momento de silêncio, depois abriu-se a porta do palco e o pianista e o maestro entraram.

Era o coreano Kim Sujon, envolvido num sorriso calmo.

Durante todo o concurso vestira sempre de preto, e também hoje estava coberto de negro dos pés à cabeça.

Algumas raparigas, suas fãs, soltaram um gritinho.

O pianista olhou para a assistência. No início parecia alto, mas agora a sua presença era ainda mais imponente.

Percebo, percebo perfeitamente, disse Akashi para consigo. *Pouco a pouco vais entendendo o que fazes e onde estás.*

Era interessante como observar um solista a enfrentar a força de uma orquestra permitia que se conhecesse a sua estatura como intérprete. Não o seu tamanho físico, mas como revelava completamente a força do indivíduo. Podia ver-se agora a verdadeira seriedade como músico: a sua força, o seu fôlego.

O jovem instalou-se no banco do piano.

Ficou em silêncio por momentos, como se quisesse assegurar-se do lugar onde estava.

Depois olhou para o maestro.

Um momento de contacto visual.

Começou a tocar. Um tema simples e melódico com um toque de *páthos*.

O N.º 3 de Rachmaninoff era um dos pesos pesados. Quem quer que o tocasse precisava de uma certa amplitude e força para o dominar.

Este pianista fizera uma boa escolha. Akashi olhava para o jovem de negro.

A afinidade com uma peça era uma coisa interessante.

Akashi sentia que o seu ponto forte estava nas peças do período clássico, obras mais fascinantes como as de Mozart, mas as pessoas pareciam também gostar das suas interpretações de obras contemporâneas. Algo inconsciente dentro dele devia reagir-lhes, um qualquer elemento essencial de que ele próprio não tinha consciência.

O pianista era resistente. Devia de facto ter feito um treino completo.

Aposto que também frequentou uma academia musical na América. Akashi também tivera o sonho de estudar no estrangeiro, mas julgara não ser suficientemente bom para aguentar.

E agora sentia que não havia problema em não ter ido. Não seria perfeitamente aceitável não ir para a Europa, o *centro da música ocidental*, e, em vez disso, permitir que os músicos estudassem no seu próprio país?

Ficara a estudar no Japão e participara no concurso ainda a trabalhar a tempo inteiro, mas, mesmo assim, a sua música tivera, sem saber como, uma alta classificação. Não queria aquilo dizer que em breve teria início uma nova era? A era do músico comum.

Uma vaga noção começara a tomar forma dentro de si, agora que o concurso atingira a etapa final.

O pianista estava a meio de uma passagem altamente intensa com a orquestra a seu lado a subir como uma maré: o Rachmaninoff, semelhante a um edifício enorme e deslumbrante.

Comparado com os concertos N.ºs 1 e 2, com a estrutura perfeitamente formada da introdução, desenvolvimento e desfecho, havia lugares no N.º 3 de Rachmaninoff que davam a impressão de ser demasiado pesados. Depois da grande popularidade do N.º 2, pensou Akashi, as pessoas deviam ter exigido que ele escrevesse mais do mesmo, obras que ofereciam ao ouvinte um grande gancho musical após outro.

Akashi comparava-o com o que se passava depois de uma canção japonesa se tornar um sucesso: começavam a ser escritas mais canções na mesma linha, reciclando o anzol. No tempo de Rachmaninoff devia ter acontecido a mesma coisa. Não teria sido nada estranho se o próprio compositor tivesse querido criar uma obra tão cheia de momentos memoráveis e com uma melodia deslumbrante capaz de se transformar na peça central de um recital. Afinal, ele era um pianista muitíssimo popular em busca de conteúdos o mais apelativos possível.

Assim, quando se ouvia o Concerto N.º 3, este surgia como um mosaico, criando a impressão de uma compilação de ganchos. Era um ponto de viragem atrás do outro.

Isto significava que era necessário estar num estado de espírito extremamente sereno para o tocar. Se o músico se entusiasmasse, poderia perder o controle e a atuação transformar-se-ia numa vergonhosa confusão. Este solista em particular ultrapassava todos os obstáculos.

O seu ar misterioso e calmo controlava Rachmaninoff, preservando a sua magnificência, tudo de uma forma subtil. Por tudo isso era, sem dúvida, uma peça tremenda.

Akashi olhava fixamente enquanto o pianista exibia a sua técnica transcendente.

Recordou-se da primeira vez que vira uma partitura, uma massa de notas negras, uma infindável sucessão de acordes para ambas as mãos. Como conseguiria alguém tocar aquilo?

Aquele jovem em palco estava ali após milhares – não, dezenas de milhares – de horas passadas a praticar, e essa ideia comoveu Akashi.

Sentiu uma afinidade com ele.

Os elementos da orquestra que o acompanhava, e o maestro, tinham também passado uma estonteante quantidade de tempo desde crianças em lições de música, à espera do momento supremo.

De cortar a respiração, era a franca reação de Akashi.

Testemunhava ali, naquele preciso momento, a miraculosa junção dessa quantidade de tempo e paixão.

De repente, sentiu medo.

Que tipo de emprego era ser músico? Que tipo de vocação seria, afinal, aquela?

Vocação – era a palavra perfeita. Era de facto um chamamento, um *chamamento* vivo. Não dava para comer, não durava. Para dedicar a vida a uma coisa assim, esta teria de ser descrita como *chamamento*.

Que caminho foi este que escolhi?

Sentiu um arrepio na espinha, e teve dificuldade em respirar.

Uma estrada difícil de seguir, mas que possui uma alegria que só nela existe. Faço parte do fluir da história da música, pensou Akashi.

Mesmo que seja apenas uma gota que se afasta num instante, quero fazer parte desse fluxo.

Gritos e vivas. Que começo! Akashi apercebeu-se de que o concerto terminara.

O pianista, afogueado e com um sorriso radiante pela primeira vez, levantou-se.

Na orquestra, as cordas agitaram os arcos, mostrando o seu apreço.

Um momento depois, Akashi, com uma expressão sonhadora, juntou-se-lhes, aplaudindo vivamente.

*

O intervalo durou uns curtos quinze minutos.

Tocou uma campainha, insistindo para que o público retomasse os seus lugares.

O pianista seguinte era um jovem francês, baixo, de cabelo louro e encaracolado. Depois do anterior candidato, alto, moreno e vestido de preto, este pianista exibia uma impressão em cores pastel ao entrar em palco.

Trazia consigo um ar de leveza, totalmente diferente do solista anterior.

Escolhera o Concerto N°1 de Chopin.

De todos os concertos importantes da final, este deveria ser o mais popular.

Logo que o piano se fez ouvir, Aya pensou, *Hmm, isto é misterioso.*

Individualidade, era a palavra. Inesperadamente esquivo e subtil, porém, substancial.

Sim, maneirismos únicos. Articulação levemente invulgar.

Aquele pianista francês não era do tipo de se destacar, nunca fora alvo de especulação ou rumor. Avançara lenta, mas firmemente no caminho dos concursos internacionais, embora até então nunca tivesse dado a impressão de ter qualquer individualidade óbvia.

Porém, a partir do momento em que os seus dedos tocaram nas teclas, Aya sentiu uma extraordinária singularidade.

Os membros do júri, que escutaram centenas, milhares de pianistas, discerniriam certamente aquilo que a assistência não era capaz, uma *individualidade* de que provavelmente o próprio solista não tinha consciência.

O concerto de Chopin daquele candidato era único.

Por vezes, os pianistas alteravam drasticamente o andamento ou acrescentavam pausas à força para expressar a sua abordagem pessoal. Mas, com este pianista, as pausas e o andamento eram verdadeiramente genuínos, uma parte da sua própria e *única* voz.

Se se tocasse tal e qual estava escrito, o concerto soaria lento e talvez um pouco enfadonho.

Havia nele algumas partes em que o pianista tinha de consultar com o maestro, e não era difícil sincronizarem-se. O apoio da orquestra era um acompanhamento perfeito do piano, por isso se se prestasse simplesmente atenção aos outros músicos não se cometeriam erros.

Era por isso que os pianistas sentiam que tinham de amplificar e intensificar intencionalmente a sua interpretação, de contrário o desempenho poderia ter pouca energia e emoção. Porém, se a *intensificação* fosse demasiado deliberada, tudo acabaria por parecer impaciente e apressado.

Aya sentiu-se arrebatada pelo diálogo entre o piano e a orquestra.

Afinal, o Concerto N.º 1 de Chopin era esplêndido, era esta a sua verdadeira sensação.

Recordou-se do rosto de Akashi Takashima quando a chamara no outro dia.

Parecera-lhe tão estranha aquela empatia, a convicção e a euforia que partilhavam.

Nunca antes o experimentara – chorar com alguém que não conhecia.

Recordou-se de que também ele planeara tocar o Concerto N.º 1 de Chopin, se conseguisse chegar à final.

Oh, quem me dera ter ouvido o seu Chopin, pensou.

Imaginou a cena.

Esperem lá. A cena que ela acabara de imaginar, de Akashi Takashima a tocar, tinha de ser a premonição de um evento futuro, um momento ainda por acontecer.

Posso ouvi-lo tocar.

Aya olhou para o francês em palco.

Posso ouvir o Akashi a tocar Chopin.

Aquela era a verdadeira alegria da música clássica. Imaginar outra pessoa a tocar uma peça, como a abordaria. A alegria de ver, diante dos próprios olhos, como uma obra interpretada durante muitos anos podia ser moldada sob o toque distinto de cada intérprete.

Se Ma-kun tocasse o N.º 1 de Chopin, seria muito romântico. As raparigas desfazer-se-iam em lágrimas e apaixonar-se-iam por ele de novo.

Mas se fosse Jin Kazama a tocar, o Chopin seria astuto, mágico, *fascinante.*

E se fosse *ela*...?

Tinha passado tanto tempo desde que pensara numa coisa assim.

Se fosse eu, seria assim que tocaria. É assim que sinto esta peça – uma nostalgia invadia-a naquele momento e desestabilizava-a.

É verdade que ver Jin Kazama neste concurso, escutá-lo, estar com ele, faz com que me sinta com vontade de tocar, pensou Aya. *Quero fazer música. Tocar como ele toca. Quero que me leves de volta ao palco.*

Havia tanto tempo que não perguntava a si própria, *Como tocaria eu esta peça?*

Aya sentia-se esgotada.

Podia tocar assim. Ou talvez assim...

Por isso... é bom fazer música. É tão natural como respirar.

Todo o seu corpo se sentia leve com esta súbita introspecção.

A música tem a sua história e as suas regras, mas ao mesmo tempo precisa de renovação constante. E isso é uma coisa que devo descobrir por mim própria.

De súbito viu um cenário abrir-se diante dos seus olhos.

Como se uma brisa soprasse, vinda do palco, na sua direção.

Posso fazer isto, Posso continuar a tocar...

Nunca se sentira tão segura na sua vida.

Não se tratava de um entusiasmo súbito por algo que quisesse fazer, nem uma espécie de esperança vaga de que *Seria bom fazê-lo*. Era sim uma certeza garantida de que *aquilo aconteceria*.

Lá em cima no palco, o pianista terminava o descontraído segundo andamento, sem usar a abordagem habitual da maioria dos músicos, mas com um toque mais leve e brincalhão. Passava agora para o dinâmico terceiro andamento.

Os seus dedos voavam no teclado, coquetes, um pouco maliciosos.

Isto é fantástico! Pensou Aya, feliz.

Terminou o vigoroso *finale* e quando o pianista se pôs de pé, curvando-se perante um aplauso estrondoso, Aya tinha um sorriso de orelha a orelha igual ao dele.

*

Nos bastidores, Masaru soltou o ar longa e profundamente. E depois inspirou-o da mesma forma.

A respiração humana não era questão de inspirar e depois expirar, mas o oposto – expirar e, a seguir, inspirar.

Quando um bebé nascia para o mundo, gritava em voz alta. A primeira coisa que fazia quando saía da mãe era expirar.

E quando as pessoas morriam *soltavam o último suspiro*. Para isso tinham de inspirar no momento final.

Quando Masaru entrava nas competições de salto em altura, tentava todo o tipo de métodos respiratórios. Respiração para aumentar a força. Respiração para acalmar os nervos. Respiração para ajudar na concentração do aqui e agora.

A imagem mental de expirar, como se rastejasse num lugar fundo e escuro, passando das profundezas do corpo para as profundezas da terra. E

a imagem de respirar as incontáveis partículas de energia espalhadas pelo mundo, as cintilantes partículas de luz.

O que estou a fazer é juntar todos os fragmentos de música espalhados pelo mundo e cristalizá-los dentro de mim. A música enche o meu corpo e filtra-se através de mim, para depois sair para o mundo já como música minha. Não quer dizer que esteja a dar à luz música. Sou o intermediário através do qual a música regressa ao mundo. E um concerto era como uma sessão musical em grande escala, na qual as notas já estavam determinadas. Era exatamente por tudo estar estabelecido que a interpretação podia ser infinita.

Masaru viu os elementos da orquestra entrarem em fila.

Era o último candidato desse dia e, depois de duas prestações, a assistência sentia-se descontraída e conversava.

Fechou os olhos e sentiu aquele lugar brilhante do lado de lá das portas pesadas.

Quando a afinação da orquestra terminou, desceu sobre a sala um silêncio estranho, incomparável.

O Sr. Takubo e o maestro, a seu lado, lançaram-lhe um sorriso – calmo, encorajador.

Masaru retribuiu com um sorriso enorme.

– Chegou o momento. – Era a quarta vez que o Sr. Takubo lho dizia.

Masaru passou para a luz e na sala ecoaram os aplausos.

Masaru sentia o amor a envolvê-lo.

Durante os ensaios sentiu que *consequira a aprovação da orquestra*. Essa aprovação elevava-se agora para a convicção de que *era amado*.

Neste momento, sinto-me mais feliz que nunca.

Prokofiev, Concerto N.º 3.

A abertura tranquila pelos instrumentos de sopro. Algo começava, algo magnífico e maravilhoso. Os tímpanos marcavam um ritmo leve acompanhando as cordas, provocando a antecipação e erguendo-se num crescendo.

Depois entrou o piano.

Masaru sorria sempre neste momento.

Falara com Aya acerca disso; nesse instante, Masaru imaginava sempre o espaço intergaláctico.

O mundo da *Guerra das Estrelas*. As linhas de texto desenrolando-se na galáxia.

Frotas de Star Destroyers zumbindo pelo espaço. Todo aquele trabalho dava-lhe a sensação de flutuar.

Entre os concertos mais famosos, o N.º 3 de Prokofiev era célebre pelo seu número louco de notas. Masaru não se importava com o processo de acertar a miríade de peças do enorme puzzle de Prokofiev. Ligar as complexas linhas melódicas era uma satisfação semelhante a andar de montanha-russa.

Não havia dúvida de que Prokofiev compunha música ultra contemporânea. Nem o free jazz podia conceber melodias assim. Masaru não podia deixar de perguntar a si próprio que paisagem imaginária teria este espantoso construtor de melodias na sua cabeça quando compunha daquela forma.

Masaru achava sempre milagroso como estas estrelas musicais, estes mestres que tinham criado o género chamado música clássica, apareciam um após outro em todas as épocas, compondo tantas obras-primas ainda hoje sem rival.

A evolução humana acontecia de forma explosiva, uma onda enorme com uma variedade de coisas *originais* aparecendo ao mesmo tempo. Não gradualmente, mas todas ao mesmo tempo, no mesmo período.

O mesmo fenómeno ocorria numa certa época no mundo da música.

E o que oferecia à humanidade? Desde os tempos antigos que as pessoas e a música estavam intimamente entrelaçadas, mas com que objetivo?

Não sei.

Mesmo quando tocava assim, envolvido, imerso em som, não conhecia a razão.

Embora uma coisa fosse certa – havia uma alegria imensa, um prazer, um portento.

Um concurso, a final, receber um prémio – essas preocupações triviais tinham desaparecido completamente no espaço.

Então porquê? Porque estou a tocar?

Porque será que a música evolui assim?

Masaru sentia que continuava a evoluir.

Era estranho pensar naquelas coisas no meio de uma prestação. Estar em palco e pensar na evolução humana e na evolução da música.

Deste por ti a pensar em quê?

Os seus amigos não músicos perguntavam-lhe muitas vezes: “Em que pensas enquanto tocas num concerto?”

Parecia-lhe que pensava em todo o tipo de coisas, mas também em nada. Havia vezes em que diferentes sentimentos passavam através dele, emoções que não conseguia articular, enquanto outras vezes se encontrava, do princípio ao fim, junto a um lago calmo e silencioso.

Hoje, pensava na evolução da humanidade e da música.

Claro que parte da sua pessoa analisava também calmamente a situação. *A orquestra está hoje em grande forma, pensava. Ser o terceiro pianista no primeiro dia é o ideal para mim.*

De súbito, descobriu a resposta.

A música deve ter tido origem ao mesmo tempo que os humanos para os ajudar a evoluir tornando-se seres espirituais, diferentes das outras criaturas. E assim, evoluíram juntos – seres humanos e música.

A *espiritualidade* a que se referia não tinha o mesmo significado no Cristianismo e noutras religiões. Não queria dizer, de forma arrogante, que os seres humanos fossem os senhores de toda a criação. Desde que vivessem neste vaso que é a Terra, todas as criaturas deviam ter um valor igual.

Porém, se esses seres chamados humanos acrescentassem algo que lhes permitisse escapar ao peso de serem humanos...

E *fazer música* era a coisa mais apropriada para o permitir, não é verdade? Música, efémera, agora presente, depois desaparecida. Procurando-o com todo o entusiasmo, dedicando-lhe a vida, era semelhante à magia que separava os humanos de outras criaturas.

Sentia que isso tocava na parte mais importante da questão.

Sem que o sorriso alguma vez o abandonasse, Masaru corria em companhia da orquestra, prestes a atingir o terceiro andamento, deslumbrante e cheio de notas.

*

O vestido prateado, iluminado pela luz do roupeiro.

Aya olhou atentamente para a *toilette* que a esperava.

– Passa-se alguma coisa com o vestido? – perguntou Kanade.

Aya fechou apressadamente a porta de correr e esboçou um sorriso embaraçado.

– Estava a pensar que chegou o dia em que posso por fim vesti-lo, já me estava a aborrecer de olhar para ele.

Tinham assistido ao primeiro dia da final, jantado com Masaru e voltado para o hotel.

– Aquele Ma-kun, parece tão descontraído que me faz inveja. As suas prestações já terminaram e esta noite pode dormir bem. Tenho inveja dele.

– Mais uma vez, és a última a atuar, Aya-chan.

– Sim. Vou fechar o espetáculo.

Aya ergueu um punho no ar e Kanade ficou a olhar para ela.

O olhar dela tão cheio de afeto, pensou Aya. Tão parecido com o da minha mãe.

– Parece que foi há tanto tempo que escolhemos os vestidos. – Kanade dirigiu-se ao aparador, meteu um saquinho de chá numa caneca e juntou água quente.

– Nunca imaginei que este dia chegasse – Aya atirou-se para cima da cama.

– Nessa altura ainda não estavas segura de ti, Aya-chan. Deixaste bem claro que te sentias desmoralizada.

– É um pouco embaraçoso recordar-me – Aya coçou a cabeça.

– E agora poderemos ouvir por fim o teu Prokofiev N.º 2.

Passara tanto tempo desde o dia em que fugira do palco.

– Estou tão, mas tão feliz por teres participado no concurso. E por teres chegado à final – murmurou Kanade, parecendo suspirar.

A voz da amiga perturbou Aya. Saltou da cama, assustando Kanade.

– Estou tão, tão agradecida por teres tomado conta de mim durante tanto tempo. Fui tão estúpida, tão tonta. E pensando no teu pai, lamento também ter sido tão cretina.

Kanade pareceu surpreendida, mas depois sorriu.

– Não sabes o que eu quis dizer.

– Como?

– Quando disse que *estava tão feliz*, queria dizer que me sinto aliviada por não me ter enganado.

– Que queres dizer com isso?

– A questão é que sempre soube que tinha bom ouvido. Para ser franca, perguntava a mim mesma o que faria se não chegasses à final. Se isso tivesse acontecido ficaria a pensar, *Estarei enganada? Terei ouvido mal?*

– Oh, já percebo.

– Por isso, é por *mim*. Fiquei feliz por *mim*. – Kanade pousou a mão no peito. – Agora não me importo de te dizer isto, mas prometi a mim mesma que se chegasses à final mudaria para a viola.

– A sério?

– Sim. Pensei que, se a minha intuição fosse correta, trocaria de instrumento.

– Não fazia ideia... O teu pai sabe?

Kanade abanou a cabeça.

– Não. Ainda não lhe disse. Ele não pode decidir por mim. Tenho de ser eu. Digo-lhe depois do concurso ter acabado.

– Ainda bem que não soube antes. Teria ficado ainda mais tensa.

– Ah! Ah! Isso pensei eu.

Beberam ambas uns golinhos de chá.

– Então *Aya-chan* – perguntou Kanade –, quais são os teus planos para depois do concurso? Vais dar concertos como era teu hábito?

– Não sei – respondeu Aya, inclinando a cabeça. – Mas digo-te uma coisa. Querer fazê-lo não quer dizer que possa. Mesmo assim... ficou em silêncio por um momento. – Se houver pessoas que queiram ouvir-me tocar, toco para eles.

O rosto de Kanade iluminou-se.

– A sério?

Sorriram em silêncio uma para a outra.

Voltou para a linha da frente da música.

– Devo estar agradecida ao Jin Kazama – Aya olhou para o teto.

– Jin Kazama? Então e o *Ma-kun*?

– Também ao *Ma-kun*. A todos eles.

– O Jin Kazama vai conseguir o piano que esperava, pois chegou à final.

– Oh, é verdade! Como será o que vai comprar? Também o pode afinar, o que é ótimo.

– Talvez construa um.

Um piano Jin Kazama feito em casa. Ele parece ter jeito com as mãos.

Aya soltou uma gargalhada.

– Gostava de ir a um concerto do Jin Kazama – disse. – Fazer um concerto com ele.

– Seria fantástico. Vamos planeá-lo. Aposto que iria muita gente.

– Em Paris e em Tóquio.

Kanade olhou para o relógio.

– Devíamos ir para a cama. Está a ficar tarde.

– Tens razão. Não posso andar por aqui assim. Ainda tenho uma prova para ultrapassar.

*

O primeiro pianista do dia era um coreano, Cho Hansan, que tocara o N.º 2 de Rachmaninoff, uma peça brilhante que no Japão era considerada o pináculo dos concertos. A sua estrutura e a abertura dramática captaram a assistência desde o princípio.

Ao contrário de Kim Sujon, o pianista do dia anterior todo vestido de preto que tocara N.º 3 de Rachmaninoff, Cho Hansan tinha apenas dezoito anos e um ar muito juvenil. Porém, o seu desempenho foi nobre e majestoso. Fez uma abordagem ortodoxa, não influenciada pelas tendências.

Masaru descontraiu no fundo da sala.

Não vejo a Kanade, pensou. Talvez esteja com a Aya.

Já passara algum tempo desde a última vez que ouvira música assim, sozinho.

Podia desfrutar do desempenho dos últimos três candidatos sem se preocupar com o seu. Podia aguardar o desempenho dos amigos, Jin Kazama e Aya Eiden, com antecipado prazer.

Amigos.

Masaru sentiu-se um pouco estranho ao pensar nisso.

Conhecera Aya havia muitos anos, claro, mas os outros apenas no concurso. De contrário, provavelmente nunca os teria encontrado.

Rivals? Pois sim, mas não os sentia com tal. Eram antes amigos.

Tinham-se tornado amigos apenas por se encontrarem naquela situação de grande pressão. Mas... ser amigo não era exatamente isso?

Mais tarde poderiam seguir caminhos separados, mas ficariam sempre ligados. Por onde quer que andassem no mundo, os pensamentos deles

acompanhá-los-iam.

Tinha um palpite: *Porém, espero que a Aa-chan não siga por um caminho separado do meu. Quero tê-la sempre por perto.*

Tinha esperança de que se voltariam a ver.

Qual seria então a decisão final? Masaru voltou à realidade.

Penso que ficarei entre os três melhores. Mas não tenho a certeza de conseguir o primeiro prémio.

Porém tenho a certeza de que o Prémio do Público será meu.

Masaru refletia calmamente em tudo isto.

Durante a final, cada membro da assistência podia votar no pianista que mais o tivesse impressionado. E aquele que angariasse mais votos receberia o Prémio do Público.

Dos três candidatos de ontem, creio que de longe conseguirei o maior número de votos, mas hoje os votos podem dividir-se. Se for esse o caso, a vantagem será minha.

Quando a assistência aplaudiu, o maestro e o finalista seguinte atravessaram o palco.

Um dia gostaria de tocar esta peça.

Mas ainda não a posso tocar. Ainda não quero.

Só tocarei quando julgar que posso. Quando chegar o momento certo. Isto pelo muito que esta peça significa para mim.

A partir do momento em que foi tocado pela primeira vez, o Concerto N.º 2 de Rachmaninoff tornou-se imensamente popular.

Nesses tempos, as canções populares não estavam escritas. Hoje, um concerto era considerado *clássico*, mas nesses tempos seria inovador. O mais recente dos concertos populares. Era o tempo em que a maioria das pessoas apenas ouvia música ao vivo. Imaginem como as que ouviram esta peça ao vivo pela primeira vez teriam ficado comovidas e entusiasmadas.

Masaru pensou que quase sentia inveja. Que sorte tinham tido aqueles que haviam assistido à primeira apresentação.

Já não seria possível experimentar a alegria de ouvir ao vivo uma peça nova pela primeira vez?

Num mundo em que uma canção após outra aparecia e eram transmitidas pelo mundo fora, porque não se poderia recriar a experiência de ouvir a primeira apresentação do Concerto N.º 2 de Rachmaninoff?

Masaru não desgostava da chamada *música contemporânea*. A maior parte era dissonante, difícil de acompanhar, os intérpretes e a assistência precisavam de muita paciência. Qualquer melodia clara era desprezada e todo o valor musical ficava virado do avesso. Mesmo assim, podia tornar-se interessante se se escutasse atentamente.

Mas Masaru era de opinião que esse tipo de música atingira um beco sem saída ao desprezar erradamente a música melódica como algo que qualquer um podia fazer para agitar as emoções do ouvinte. Algo estava errado quando se tinha orgulho na falta de popularidade.

Alguém voltaria a compor uma *obra clássica*? Masaru pensava em tudo isto enquanto era envolvido pelo primeiro andamento do N.º 2 de Rachmaninoff.

Os antigos mestres eram, sem dúvida, simplesmente admiráveis. A sua existência, as peças que compunham, eram um verdadeiro milagre. As mesmas circunstâncias não voltariam a surgir. Sabia que, no presente, nesta época de infundável informação e acesso a todo o tipo de música imaginável, seria difícil ocorrer esse milagre.

Mas não estava fora de questão, nem seria impossível. Era apenas o feitiço lançado pelo preconceito e pelas ideias preconcebidas que impediam o surgimento de mais *clássicos*.

E se for esse o caso, então eu...

A ideia surgiu-lhe.

Um dia, faço-o.

Um dia tocarei a primeira apresentação do N.º 2 de Rachmaninoff para o novo século.

Assim que eu começar, outros me hão de seguir.

Não... o mundo estava sempre em sincronia. Não era só ele – deveria haver muitos outros músicos, em que ninguém reparara, a pensar no mesmo. Assim que alguém comesse, todos se lhe juntariam e apareceria um movimento definitivo. Mais uma vez, as pessoas poderiam desfrutar de um novíssimo concerto de piano. Mais uma vez, seria disso que as pessoas fariam.

Masaru perdeu-se por instantes nos seus pensamentos.

Sem saber como, viu o pianista no palco a tocar o N.º 2 de Rachmaninoff sobreposto a si próprio. O que ali estava a ser tocado era o

N.º 2 de Rachmaninoff, mas ao mesmo tempo não o era. Era uma peça futura, o futuro N.º 2 de Rachmaninoff que Masaru criaria.

Percorreu-o um arrepio, um estranho tremor. Estremeceu sob o peso da sua futura responsabilidade, dessa expectativa para o futuro e para si.

De súbito, apercebeu-se de que já tinham chegado ao terceiro andamento.

As expectativas da assistência aumentavam.

Provavelmente grande parte do público conhecia a peça. Mas, conhecendo-a, ainda mais ansiavam o seu ponto culminante. O coração de Masaru batia mais acelerado. E, como sempre, sentia-se comovido: *Que melodia emocionalmente estimulante!*

Podia ser interpretada milhares, dezenas de milhares de vezes, mas nunca se esgotava. Emocionava-nos por muitas vezes que a ouvíssemos. Atingia-nos no coração.

Segundo ele, a mais alta forma de se ser humano era a música.

Os seres humanos podiam ter aspetos sujos, repulsivos, mas, fora do sórdido pântano que era a humanidade – não; era precisamente *devido* a esse pântano caótico – desabrocharia o belo lótus da música.

Temos de deixar essa flor desabrochar para sempre, alimentá-la para que se transforme numa flor maior, mais inocente e mais bela. É assim que suportamos ser humanos. E será a nossa recompensa.

Diz-se que as sementes do lótus podem rebentar mesmo mil anos depois.

É até possível que, na nossa época, estejam enterradas sementes ainda adormecidas, sementes à espera de poderem florir...

Masaru teve a sensação de que, para onde quer que olhasse, havia flores de lótus a desabrochar.

Não tinha a certeza de que fosse verdade, mas dizia-se que se ouvia um *pup* alegre e explosivo quando as flores de lótus se abriam.

Pup, pup – sons alegres ecoando pelo mundo.

Flores cor-de-rosa, imaculadas, desabrochando em toda a parte.

Subitamente, a paisagem iluminou-se.

Todas as flores iluminariam o mundo.

A luz transformar-se-ia em pequenas esferas que se erguiam no ar.

Milhares de luzes subindo, uma após outra no céu.

Masaru estava extasiado.

Estarão por cima do palco?

Não, antes parece que estão no céu, lá muito em cima.

Bolas de luz cintilante, flutuando suavemente, batendo umas nas outras, empurrando-se, atropelando-se.

Tão brilhantes. Tão maravilhosamente brilhantes.

Masaru estava admirado.

Quando o N.º 2 de Rachmaninoff chegou ao seu clímax, as luzes juntaram-se apenas numa.

Meu Deus, é maravilhoso. Onde é isto?

Se dissesse a Aa-chan o que vira, o que diria ela?

Como? Subiste ao céu, Ma-kun? Não me digas que és cristão.

Podia ver a expressão admirada e curiosa de Aya, e sorriu. *Não, não sou crente*, respondeu Masaru a Aya, na sua imaginação.

Talvez seja mais perigoso do que pensava. Comparado com Jin Kazama e Aa-chan, pensei que fosse o mais sensato.

Masaru sentou-se ali, a sorrir para consigo e a ouvir o aplauso ensurdecedor.

*

Os elementos da produção afadigavam-se no palco, alterando a posição das cadeiras.

– É para aqui que devo ir?

– Procura a fita no chão.

O público assistia, sem perceber. As pessoas entreolhavam-se.

Mas Aya, ao fundo da sala, sabia exatamente o que aquilo significava.

A orquestra entrava na *posição de Jin Kazama*.

Já reparara como em desempenhos anteriores reposicionavam subtilmente os outros pianos, um movimento que tinha de ser feito sob a direção de Jin Kazama.

O ouvido de Jin Kazama era especial, único.

Dizia-se muitas vezes que os japoneses conseguiam ouvir barulho como se fosse música, mas o sentido de ouvido desse rapaz ultrapassava-o de longe.

Mas o que poderia estar ele a ouvir? Até que ponto se estendia o seu ouvido? E a que lhe soaria?

O ouvido dele era tão bom que a própria Aya, quando estava com ele, ficava admirada.

Recordava-se do grande choque que tivera quando o ouvira pela primeira vez na escola superior de música a tocar o Estudo N.º 1 de Chopin.

E desde aí, sempre que ele tocava, dava a Aya o pequeno empurrão de que ela necessitava. Inspirava-a. O facto de ela ali estar devia-se a ele.

Por isso estava decidida a ouvir o seu desempenho, para viver a partir desse momento como música.

Aya já mudara de roupa e envergara a sua *toilette* para tocar na final – um simples vestido prateado.

Já se tornara seu hábito vestir um casaco de malha por cima do vestido antes de ser a sua vez de tocar, e ficar a assistir no fundo da sala.

Aya sentia um formigueiro.

Precisava que Jin lhe desse mais um forte empurrão.

Aya sabia de certeza que, mais do que qualquer espetador ou jurado, mais do que qualquer pessoa na sala, era ela quem aguardava a aparição de Jin com maior ansiedade.

A pessoa que mais ganhou por estar nesta competição tenho de ser eu.

Não sei se alguma vez voltarei a partilhar um palco com ele. Ou experimentarei a sua inspiração, o encorajamento que sinto ao escutá-lo atuar antes de mim.

A ideia fê-la estremecer.

Por favor. Esta é a última coisa que peço.

Deixem-me ouvir o N.º 3 de Bartók tocado pelo Jin Kazama. E deixem-me tocar o meu Prokofiev N.º 2.

Sentia-se como se rezasse.

A campainha soou, assinalando o princípio da atuação.

A sala estava ainda em desordem quando a orquestra começou a entrar. Os elementos foram-se instalando nos seus lugares, sorrindo, descontraídos.

Ouviu-se um enorme aplauso quando o maestro e Jin Kazama chegaram ao palco.

O rosto de Jin, radiante e com um sorriso natural, brilhava levemente como se o projetor o iluminasse apenas a ele.

Este rapaz não se apercebe de que carrega a minha vida sobre os ombros.

Aya achou a ideia algo cómica e sentiu remorsos por colocar sobre ele aquela responsabilidade.

Porém, sentiu que ele tinha a noção desse peso e o aceitava com despreocupação.

Jin Kazama instalou-se no banco.

O maestro soltou os ombros, inclinou o pescoço. Bateu duas vezes com a batuta na estante.

Um silêncio íntimo e singular caiu sobre a sala.

Entrou o trilo calmo e ondulados das cordas.

A introdução silente.

A melodia de Jin Kazama. Ela soube que a claridade total daquela primeira nota era suficiente para acordar os ouvidos de toda a assistência, os seus incluídos.

*

Como o poderíamos descrever? Como uma voz límpida a cantar lá fora, numa floresta.

Jin dissera que queria tocar o N^a 3 de Prokofiev, mas como era tão popular, o processo de eliminação levou-o ao N.^o 3 de Bartók. Desde a primeira nota que ela soubera ser a escolha certa.

Com Bartók sentíamo-nos no exterior, a caminhar na natureza pura, com uma brisa caprichosa a soprar sobre nós.

Hungria, Roménia, Eslováquia. Bartók fazia também a recolha da música popular da Europa Oriental e Central e as suas melodias transportavam um sabor local nunca encontrado noutro compositor. As cores sombrias de uma floresta, os tons do vento e da água.

Juntamente com a impetuosidade de Jin Kazama, tudo aquilo evocava uma onda de som pouco habitual. Nenhum outro candidato conseguia produzir o mesmo efeito. O seu som era o som da natureza. Quando tocara *São Francisco de Assis Pregando aos Pássaros*, era impossível não sentir que os pássaros realmente pipilavam.

Em tempos primitivos, as pessoas ouviam música na natureza. O que ouviam transformava-se numa pauta musical e numa composição. Mas Jin Kazama *devolvia* a peça à natureza. Tomava a música que a assistência

ouvira aqui e entregava-a uma vez mais ao mundo. Criava esta sensação com o seu som único e a estranha impressão de improvisação que lhe conferia, mesmo quando estava tudo escrito nota por nota.

Na mente de Aya coexistia a Aya que analisava e a Aya que se entregava à música. E havia mais uma. A Aya intérprete interrogando-se sobre *como* tocaria aquilo.

Nos melhores desempenhos era incrível como, mesmo com uma peça que se conhecia bem, parecia que se estava a ouvir a peça pela primeira vez. E também espantoso como se poderia compreender perfeitamente aquilo de que a peça na verdade *tratava*.

O adágio do segundo andamento de Bartók. A introdução orquestral, descontraída, porém sóbria. Como se se espiasse um veado a percorrer lentamente o seu caminho através de um grupo de árvores numa floresta.

Erguia-se uma bruma matinal. Está algum frio e uma atmosfera misteriosa envolve o mundo.

Paira no ar uma silenciosa antecipação da madrugada.

Também Aya caminha nessa fria bruma matinal.

Já não era uma analista, espetadora ou mesmo música. Era simplesmente Aya, descontraída, caminhando pela floresta.

As gotas frias tocavam-lhe agradavelmente na pele. Os ramos secos estalavam debaixo dos seus pés.

Por entre a bruma leitosa, a luz cintilava.

Ainda estava escuro, mas o dia prometia ser de sol.

As orelhas do veado espetaram-se e o animal erguia a cabeça.

Notara que algo se aproximava ao longe.

Lá de cima um pássaro chilreava. Pipilava, a cantar. Passou batendo as asas. A bruma matinal desfazia-se lentamente e ali estava Jin Kazama ao piano.

Andante. A passo de passeio.

O corpo dele inclinava-se de um lado para o outro, como se viajasse, balançando-se numa gôndola confortável.

Olá, Aya! Achas que vou bem? Jin Kazama lançava-lhe um leve sorriso.

Nada mal. Ensaiaste bem a orquestra. De forma muito diferente dos ensaios do Ma-kun. Como conseguiste?

Deixei-os tocar sozinhos no ensaio. Depois fiz com que mudassem a posição das estantes e os metais, a tuba e o resto.

Creio que foi ótimo teres escolhido Bartók. Ninguém consegue tocar Bartók assim.

Alegre, Jin Kazama soltou uma gargalhada.

Prometi ao Professor Hoffmann, sabes?

Prometeste o quê?

Prometi levar a música para o mundo.

A sério? Estou a ver. Não admira que consigas produzir esse som magnífico.

Então consegui?

Hmm, diria que sim.

Espero bem. Mas ainda tenho um longo caminho a percorrer.

Jin Kazama inclinou ligeiramente a cabeça.

As suas pestanas cintilaram na bruma matinal.

Falei com o Sr. Hoffmann sobre como o mundo está cheio de muitos sons, porém a música está fechada numa caixa. Ele disse-me que, no passado, todo o mundo estava cheio de música.

Entendi perfeitamente. Ouviam a música da natureza e escreviam-na, mas hoje já ninguém a ouve e têm-na fechada dentro da cabeça. Pensam que isso é música.

Certo. É por isso que falámos em levar essa música fechada para o lugar de onde veio. Ele e eu não sabíamos como o fazer e tentámos todo o tipo de coisas, mas nem o Sr. Hoffmann nem eu conseguimos descobrir. Ele já cá não está, mas eu prometi continuar a tentar.

Então é essa a tua motivação.

Creio que sim. Mas não pensei muito nisso.

Parece-me bem. Desde que possas fazer um maravilhoso passeio matinal como este.

Bem sei, claro.

Jin Kazama riu-se.

Pensei que também tu pudesses acompanhar-me a libertar a música.

Eu?

Pois. Devolver a música ao mundo.

Olha, nunca tinha pensado nisso. Mas quero ajudar-te.

Obrigado.

Ok.

Aya encostou-se ao piano e pensou que tinha terminado.

É verdade. Até agora a música sempre me ofereceu coisas. Todos pensamos que a música nos deve fazer ofertas. Nunca retribuímos. Recebemos sem sequer nos sentirmos gratos. Diria que é tempo de começarmos a retribuir.

Aya olhou para o céu.

O céu luminoso. Ao longe os pássaros juntavam-se em banco e voavam.

Temos de agradecer. A este mundo cheio de música. O azul do céu tocou-lhe o coração.

Jin Kazama olhou em silêncio para Aya.

Prometes então?

Prometo.

Ainda bem. Mas tens de fazer outra promessa.

Como?

Mostra-me. Depois disto.

Depois disto?

Com o n.º 2 de Prokofiev.

Entreolharam-se por um breve instante.

Mostra-me hoje, depois de eu terminar. Prova-me que vais cumprir a tua promessa. Mostra-me que tencionas fazê-lo.

Os olhos de Jin Kazama, redondos e juvenis como os de um pequeno veado, aumentaram visivelmente, aproximando-se mais dela.

Lembra-te de que prometeste...

Aya regressou ao presente, quando começou o terceiro andamento do N.º 3 de Bartók.

Os dedos de Jin Kazama corriam pelas teclas com a sua fantástica dimensão. O mundo emocionante e dinâmico de Bartók crescia, veloz, arrebatador.

Que som que a orquestra produzia. Quase se sentia a pressão acústica de encontro ao rosto.

Aya estava surpreendida.

Mesmo com todo aquele som avassalador, o piano de Jin Kazama soava – claro, distinto. Mas o que se passaria?

O diálogo entre o piano e as cordas. Nenhum cedia um milímetro.

A assistência era arrastada, prestes a ser engolida pela atuação.

Lembra-te de que prometeste.

Os metais, a percussão, as madeiras, as cordas, o piano, Jin Kazama, Aya, a assistência, a sala de concertos, Yoshigae – tudo ressoava com a música.

Quando a música terminou e a sala se encheu com a ovação do público, na cabeça de Aya restava apenas a voz de Jin, como o toque de um sino, repetido vezes sem conta.

*

A assistência sentia um estranho misto de exaustão e realização agora que o fim estava próximo, e uma distinta sensação de fadiga depois de centenas de horas ali passadas.

O concurso terminaria por fim.

E, a partir desse momento, dar-se-ia início a algo novo.

Quantas pessoas se aperceberiam disso? Pensou Kanade vagamente.

Esperei tanto tempo por este dia, por este momento.

Não que tivesse consciência disso, porém, num canto do seu ser, sabia que um dia ele haveria de chegar.

Kanade já não se sentia tensa.

Durante o concurso, pensara que estava mais nervosa do que Aya. Sentia-se tão ansiosa precisamente porque não participava. Na verdade, sempre que Aya atuava, Kanade ficava de rastos.

Mas à medida que Aya tocava – na primeira eliminatória, na segunda e na terceira – a tensão desaparecia pouco a pouco.

Até que agora posso dizer que me sinto descontraída, pensou.

E eu que pensava que ficaria em grande sofrimento até esta última prestação – principalmente esse fadado n.º 2 de Prokofiev.

Mas nesse momento sentia-se perfeitamente tranquila.

Aguardava incondicionalmente o desempenho da amiga.

E, na verdade, aquilo devia-se a Jin Kazama.

Porque estava certa de que, se Jin Kazama tivesse uma ótima prestação, o mesmo se passaria com Aya.

Os encontros de acaso eram uma coisa estranha. Kanade não podia deixar de pensar que tinha sido o destino e um milagre a juntar de novo Aya e Masaru. E Jin Kazama.

Tinham-se encontrado os três como seria suposto. Para cada um deles o encontro era necessário e inevitável. Aquele momento nunca ocorreria se

uma pessoa fosse retirada da equação.

Já não tenho de esperar, pensou Kanade.

Recostou-se no seu lugar e esqueceu tudo.

Assim que o desempenho da Aya termine, posso levantar-me e seguir o meu próprio caminho. A recuperação da Aya também é minha. Também o encontro destes três era algo que me estava destinado. Talvez eu fizesse parte disso.

*

Aya aguardava calmamente nos bastidores.

Já não sentia a onnipotência anterior à sua atuação na terceira eliminatória.

Sentia-se agora perfeitamente calma.

Compreendeu de súbito que os dois momentos estavam ligados – este e aquele momento anos atrás em que aguardara nos bastidores para tocar o N.º 2 de Prokofiev.

Era como se o seu eu juvenil dessa época a acompanhasse.

Talvez devesse sentir-me receosa? Teria sido esse o meu trauma?

Nesse dia senti que nada havia para mim. O piano de cauda no palco mais parecia uma sepultura vazia.

Não havia música. A minha música desaparecera.

Lembro-me distintamente.

Pois sim, mas e agora?

A porta do palco estava ainda fechada e a caixa preta não era visível. A caixa de brinquedos que estava habitualmente cheia de surpresas e que, um dia, parecera tão vazia, tão só.

Aya reconstituía as suas emoções durante o concurso.

Nos bastidores da primeira eliminatória, da segunda e da terceira.

Mas em que pensava enquanto estava aqui? Quando saía para o palco, que ideia fazia eu da caixa preta?

Pensava, mas já não se recordava.

Passara tanto tempo.

Agora voltei. E pus-me a pensar que afinal perdi todos estes anos, mas que por fim me encontro no caminho que sempre deveria ter seguido. Não num atalho lateral coberto de musgo, mas numa larga estrada principal que todos descem. Larga sim, mas não se trata de uma estrada fácil de

percorrer. A competição é feroz e, muito à frente, espera-nos um campo sem trilhos. Todos têm de percorrer sozinhos esse caminho.

A porta do palco abriu-se.

A orquestra agrupava-se, absorvida no palco com uma onda de aplausos.

Ah – a música enchia o ar, enquanto o líder marcava um Lá no piano e a orquestra começava a afinar.

Aya fechou os olhos.

Calma. Silêncio.

Sentiu que todo o mundo se juntava mesmo no centro da sua testa.

– Menina Eiden, chegou o momento – avisou o contrarregista, em voz baixa. Ela detetou um sorriso algures no seu tom de voz.

– Muito bem – replicou Aya.

Sentiu um ardor erguer-se dentro dela.

Tão quente, doce e comovedor. Tão parecido com as lágrimas.

Antes que desse por isso, Aya estava no palco. Soou um aplauso ruidoso e surpreendente que a envolveu.

E então, viu a caixa preta, calmamente iluminada pelas luzes do teto.

Aya olhou-a em silêncio.

Não se tratava de uma caixa de brinquedos.

E não estava vazia.

O conteúdo está aqui. Aqui, dentro de mim.

E este lugar já está cheio de música.

Eu sei, não é verdade? Disse Aya, algures a Jin Kazama.

Não é verdade? Este mundo já está cheio de música. Não só aqui. Temos de levar a música de volta para a música.

Tenho razão, ou não?

Não houve resposta da parte de Jin Kazama.

Aya apertou a mão ao chefe de orquestra e ficou junto ao piano de cauda.

O aplauso foi tão entusiástico que parecia que a atuação já terminara.

Aya esboçou um largo sorriso, fez uma vénia bem profunda e sentou-se.

O maestro sorriu. Trocaram um levíssimo aceno de cabeça.

Muito bem, vamos fazer música.

A minha música. A nossa música.

E a batuta desceu.

Saudação de Amor

- Afinal, qual era a intenção do Maestro? – perguntou Nathaniel.
- Boa pergunta. Não faço ideia. – Mieke encolheu os ombros.
- Talvez agora não interesse.
- Nem penses. – Nathaniel olhou-a com ar de reprovação.
- Além do mais, não bastará sabermos que o Jin Kazama não foi uma desgraça, mas uma dádiva?
- Nathaniel olhou-a apanhado de surpresa.
- Uma dádiva? Estás a dizer que ele foi... uma dádiva?
- Bom, penso que sim. Afinal não foi? Não foi também uma dádiva também para o teu amado aluno?
- Nathaniel pensou melhor,
- Hmm. Creio que tens razão.
- Revigorou o concurso. E aquelas suas interpretações loucamente imprevisíveis fizeram com que as de Masaru parecessem mais majestosas comparadas com as dele.
- Suponho que sim...
- Foi como um catalisador, causando impacto nos outros candidatos. Até nela.
- Estás a falar da Aya?
- Sim.
- As participações dela foram admiráveis. – Nathaniel falava a sério.
- O N.º 2 de Prokofiev da final também. Podia perfeitamente ter ganho.
- Sim. Podes ter a certeza de que nunca imaginei chorar tanto com o N.º 2 – disse Mieke. – Estou muito satisfeita por ela ter regressado.
- Julgas que ela vai continuar a tocar?
- Ouvi-a dizer que gostaria, se tivesse pedidos. E creio que já os tem.
- Mieke imaginou a expressão no rosto fresco da jovem.
- Os encontros de acaso são uma coisa estranha. Nunca imaginei que ela e o Masaru pudessem ser amigos de infância – comentou.

– Não tens a sensação de que o Masaru está loucamente apaixonado por ela? Não lhes deveríamos dizer? Os pianistas apaixonados nunca resultam. Dizer-lhes que olhem para *nós*. – Nathaniel soltou uma gargalhada. – Francamente, agora até tenho de me preocupar com quem ele namora. Não estava à espera disso – suspirou, mas havia um toque de felicidade na sua expressão.

Estavam no bar do hotel, que em breve fecharia, pois toda a clientela já saía.

O barman limpava um copo atrás do balcão.

A cerimónia da entrega dos prémios terminara e os media tinham chegado e partido. Sem dúvida que os pianistas e os elementos da produção dormiriam bem nessa noite.

Ali sentados os dois, a beber, sentiam-se também aliviados e letárgicos. Mieko espreguiçou-se discretamente.

– Durante todos os concursos acontece-me pensar que não deveria ter aceitado um trabalho tão duro. Porém, assim que terminam, sinto... e isto pode parecer estranho... que afinal não foi uma tarefa assim tão má.

– Principalmente quando os candidatos são tão sugestivos.

Nathaniel bebeu um gole do seu whisky.

– Por outras palavras – disse, pousando o copo no balcão –, trata-se de um sonho inacabado. Um sonho em que algures haja uma música incrível que nunca tenhamos ouvido. Que o jovem que possua esse som apareça.

– Creio que o Maestro Hoffmann sentiu o mesmo.

Uma dádiva.

Apresento-vos a todos Jin Kazama.

Pois bem, Maestro, recebemos a sua dádiva.

Mieko ergueu o copo num pequeno brinde.

– Para que é isso? – perguntou Nathaniel.

– Saúde!

– A quem?

– Ao Maestro Hoffmann.

– Ah... percebo.

Ergueu o copo.

– Então que planos tens para o Masaru? – perguntou Mieko depois de um curto silêncio. – Vais fazê-lo entrar noutra concurso? Ele está pronto para tudo.

– Não sei.

Nathaniel inclinou a cabeça.

– Mesmo antes de eu lhe poder dar os parabéns, disse-me *quero continuar a estudar*. Principalmente composição.

– Composição?

– Sim, já o mencionara várias vezes. Ainda tem muito que aprender sobre a música clássica, mas diz que quer tocar obras suas.

– É ambicioso.

– Diz que tem esperança de que os pianistas de concerto possam estreiar mais obras novas.

– Hmm, olha que se trata de *uma* ideia interessante.

Imaginou imediatamente Jin Kazama a tocar, num canto da rua.

Os transeuntes paravam a ouvir, de olhos brilhantes.

Que imagem era aquela?

– Talvez seja a maneira de lutar por eles. Sei que o Jin Kazama poderia, sem sombra de dúvida, tocar peças originais. O seu arranjo de *África* de Saint-Saëns foi uma revelação.

– Exatamente. O que é ótimo nas interpretações dele é que nos fazem desejar tocarmos também as peças.

Nathaniel olhou para as suas mãos.

– Pela primeira vez em muito tempo sinto vontade de tocar piano.

Mieko olhou também para as suas mãos

– Bem sei. Também eu. – Ele fez com que eu tivesse vontade de fugir e ir à procura de um piano. Atualmente tens-te limitado a reger e a produzir, não é verdade?

– É isso mesmo. Mas ninguém pode antecipar o que esse rapaz pode fazer. Gostaria de saber como será daqui a dois anos.

– Quem será o seu professor?

– Parece que o Maestro Hoffmann selecionou algumas pessoas do Conservatório para o orientarem.

– Ficou em terceiro, de modo que vai receber o piano que tanto esperava.

Nathaniel esboçou um sorriso irónico.

– Para começar, toda a sua postura era altamente irregular.

– Para ele, o irregular é o regular. Nada mudou desde a audição em Paris.

– *Agora* vocês podem gabar-se um pouco, já que o descobriram.

Mieko soltou uma gargalhada ruidosa, como se se tivesse esquecido de como ficara zangada depois do primeiro desempenho do rapaz.

– Noto aí um pouco de orgulho a mais.

O barman levou-lhes a conta, sinal de que teriam de sair.

– Então? – murmurou Nathaniel enquanto assinava o talão. – Já pensaste?

– Hmm? – perguntou Mieko, quando se levantou.

– Tenho a certeza de que te lembras do que te perguntei no princípio – declarou com uma expressão firme no olhar.

Mieko sentiu o coração um pouco apertado.

– Estavas a falar a sério?

– Que queres dizer com isso? Claro que estava!

– Estou chocada – disse Mieko. Saíram juntos do bar. – Estou com uma pessoa, tu sabes.

– Mas isso é mesmo sério? Afinal, não é teu marido.

– É verdade.

Debatia-se com aquele sentimento. Depois de tanto tempo, havia ainda algo acerca de Nathaniel que ressoava dentro da sua alma.

– Isso seria depois de teres deslindado a confusão do teu divórcio, imagino.

– Então... posso ter alguma esperança?

Nathaniel estava visivelmente tão entusiasmado, que Mieko teve de sorrir.

– Bem, podemos-nos encontrar outra vez – sugeriu ela.

– Tenho um concerto em Tóquio no próximo mês, por isso podemos-nos ver em breve.

Este homem, só te digo... Mieko sentiu-se impaciente. Sempre a tentar definir a minha agenda e a envolver-me. Mas tinha de facto saudades dele. Inesperadamente sentiu aproximarem-se as lágrimas, mas conteve-as com firmeza.

– Mandas-me uma mensagem?

– Claro. E guardo-te um lugar no concerto.

Junto aos elevadores, Nathaniel piscou-lhe o olho.

Em silêncio, ambos observaram a mudança dos números dos andares por cima das portas dos elevadores.

E agora voltaremos os dois para as nossas vidas musicais, pensou Mieko, enquanto via os números iluminarem-se.

Voltamos para as nossas vidas. Para a nossa música.

Música

O oceano parecia calmo à luz da madrugada.

O suave bater da maré trazia consigo o ar frio. O rapaz estava à escuta, à beira-mar.

Talvez nunca mais aqui volte.

Soprou os dedos gelados com o seu hálito quente.

O inverno vinha a caminho. Sentia-o.

Nesse dia era o concerto dos finalistas e, no seguinte, partiria para Tóquio. Depois de dar lá outro concerto, teria de voltar para Paris.

Não havia vento. O oceano estava assustadoramente calmo.

Mas – escuta. Consegues ouvir?

Fechou os olhos.

Se ouvires, o mundo está cheio de música.

Não é verdade, Maestro? perguntou o rapaz.

A luz do sol derramava-se do céu. As nuvens giravam, preguiçosas.

Um enxame triangular cor-de-laranja cintilando e mudando de forma no horizonte.

O que é aquilo? Algo denso, a encher o mundo.

O rapaz abriu os olhos.

Não é isto a que chamamos música?

Refletiu durante algum tempo.

Algo cintilante aterrou aos seus pés. Uma pequena concha em espiral, de forma perfeita, como uma joia.

Segurou-a entre o polegar e o indicador e ergueu-a para o céu.

– A sequência de Fibonnaci – murmurou a sorrir.

Apeteceu-lhe de súbito soltar uma enorme gargalhada.

O mundo transborda de tanta música. Vou levá-la para fora e ajudar a encher o mundo.

Agora tenho amigos, amigos que me vão ajudar.

O rapaz abriu as mãos e respirou profundamente.

Vindo sem se saber de onde, ouviu o zumbido das abelhas. De onde seriam aquelas abelhas? De Paris? Da Alsácia? Ou de Lyon?

Oh, é verdade. O zumbido que oiço é o som da vida a ser reunida. O som da própria vida.

Tenho de voltar. Para o local onde posso ouvir esse som. Aquele som transmite-me força.

O rapaz espreguiçou-se, depois deu meia-volta.

Começou a correr a toda a pressa.

Música. Significava a arte dos deuses. Uma musa fértil.

O rapaz era ele próprio música.

Ele próprio, cada movimento seu, eram música.

A música corria.

Neste mundo admirável, a própria música correu pela calma da manhã e, como num relâmpago, desapareceu.

RESULTADOS DO SEXTO CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO DE
YOSHIGAE

Primeiro Lugar

Masaru Carlos Levi Anatole

Segundo Lugar

Aya Eiden

Terceiro Lugar

Jin Kazama

Quarto Lugar

Cho Hansam

Quinto Lugar

Kim Sujon

Sexto Lugar

Friedrich Domani

Prémio do Público

Masaru Carlos Levi Anatole

Prémio de Reconhecimento

Jennifer Chan

Akashi Takashima

Prémio Hishinuma (Prémio de Interpretação de um Compositor Japonês)

Akashi Takashima

Pequeno Glossário

Arpejos: Execução alternada das notas musicais de um acorde.

Cadenza: Passagem de uma composição em que o solista tem oportunidade de exhibir a sua técnica.

chan (Aya-chan): Sufixo mais frequentemente utilizado para crianças e meninas como forma de tratamento carinhosa, íntima e informal. Também pode ser utilizado entre um casal e amigas próximas.

Compasso: Intervalo de tempo com certo número de batidas que separa os compassos.

Enka: Estilo de música japonesa que é uma mistura de sons tradicionais com melodias ocidentais.

Fraseado: Modo de interpretar ou desenvolver uma linha melódica.

Fuga: Forma de composição em que várias vozes se imitam sucessivamente.

Glissando: Efeito da passagem rápida dos dedos por teclas ou cordas de instrumentos musicais.

Habanera: Género de música e dança cubanos.

Heian: Última divisão da história clássica japonesa, de 794 a 1185.

Jamiséen: Instrumento musical japonês com três cordas; em português, siamense.

Kaiten sushi: Sushi de esteira rolante.

Kanji: Alfabeto da língua japonesa.

kun (Akashi-kun, Takashima-kun, Ma-kun, Kazama-kun): Sufixo utilizado para designar jovens do sexo masculino ou entre amigos e irmãos como demonstração de afeto.

Marimba: Instrumento de lâminas de vidro ou metal, que se percutem com martelinhos de madeira.

Miko: No Japão antigo, mensageira dos deuses com a função de médium ou líder espiritual.

Minuete: Música de compasso ternário e andamento vagaroso.

Músico de sessão: Músicos que compõem e gravam para outros artistas.

Ouvindo absoluto: Capacidade de identificar ou recriar uma nota musical sem ter um tom de referência.

Over the Rainbow: Canção do filme musical, de 1939, O Feiticeiro de Oz.

Páthos: Qualidade ou representação artística que suscita compaixão, tristeza.

Ritardando: Alongamento gradual do andamento da execução em determinados momentos.

Romança: Composição musical de carácter sentimental.

***san* (Numa-san):** Sufixo utilizado em sinal de educação tanto para homem como para mulher.

Scherzo: Peça musical ligeira, de ritmo animado.

Sensei: Termo em japonês usado para tratar um professor ou mestre. Significa literalmente “aquele que nasceu antes”.

Shakuhachi: Flauta tradicional japonesa, tocada verticalmente.

There's No Business Like Show Business: Canção de Irving Berlin para o musical homónimo, de 1954.

Tremolo: Repetição rápida e consecutiva de uma ou duas notas.

Trilo ou trinado: Articulação rápida e alternada de duas notas musicais conjuntas.

Tutti: Parte da execução que se opõe ao solo.

You'd Be So Nice to Come Home: Canção de Cole Porter, 1943.